

Obras imortais da nossa literatura

Teixeira e Sousa

AS TARDES
DE UM
PINTOR



Editora Três

Obras imortais
da nossa literatura

28

VOLUMES PUBLICADOS:

1. Machado de Assis
HELENA/O ALIENISTA
2. Eça de Queiroz
O CRIME DO PADRE AMARO
3. Joaquim Manuel de Macedo
A MORENINHA
4. Júlio Ribeiro
A CARNE
5. Júlio Diniz
AS PUPILAS DO SENHOR REITOR
6. José de Alencar
IRACEMA/LUCÍOLA
7. Visconde Taunay
INOCÊNCIA
8. Alexandre Herculano
EURICO, O PRESBÍTERO
9. Adolfo Caminha
A NORMALISTA
10. Euclides da Cunha
OS SERTÕES I
11. Euclides da Cunha
OS SERTÕES II
12. Raul Pompéia
O ATENEU
13. Aluísio de Azevedo
CASA DE PENSÃO
14. Camilo Castelo Branco
AMOR DE PERDIÇÃO
15. Bernardo Guimarães
A ESCRAVA ISaura
16. Franklin Távora
O CABELEIRA
17. Almeida Garret
VIAGEM À MINHA TERRA
18. Manoel Antônio de Almeida
MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS
19. Domingos Olímpio
LUZIA-HOMEM
20. Manoel de Oliveira Paiva
DONA GUIDINHA DO POÇO
21. Artur Azevedo
CONTOS
22. Fialho de Almeida
O PAÍS DAS UVAS
23. Álvares de Azevedo
NOITE NA TAVERNA
24. Gonzaga Duque
MOCIDADE MORTA
25. Bruno Seabra
PAULO
26. José Gomes Apolinário Porto Alegre
O VAQUEANO
27. Rebelo da Silva
CONTOS E LENDAS

Teixeira e Sousa

*Asi fms
1973*

AS TARDES
DE UM
PINTOR
OU
As Intrigas
de um Jesuíta

HL 1551
Texto integral

AS TARDES DE UM PINTOR
foi publicado pela primeira vez em 1847

2.^a ed. 1868, Rio de Janeiro, Cruz & Companhia,
1100m bis papéis de autor por fervere, Felix

Capa: Anibal dos Santos Monteiro
Desenho: Manoel Victor

HL
869.9339
S735t
1973

1973

Esta obra foi composta nas oficinas da São Paulo Editora, SP,
e impresso nas oficinas da Gráfica Editora Primor, Rio de Janeiro, GB
para a Editora Três, São Paulo, SP, Brasil.

Editores: Domingo Alzugaray, Luis Carta, Fabrizio Fasano

Coordenação: Armando Gonçalves e Ignácio de Loyola

Distribuição para todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907, fone: 258-4848,

Rio de Janeiro, GB.



Teixeira e Sousa





A vida de Teixeira e Sousa

Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa nasceu em Cabo Frio, Província do Rio de Janeiro, a 28 de março de 1812. Era filho primogênito do comerciante português Manuel Gonçalves e da brasileira Ana Teixeira de Jesus, que viviam com os recursos suficientes para se manterem e aos cinco filhos.

Teixeira e Sousa teve uma infância alegre e feliz sob o teto paterno até os dez anos de idade. Nessa época iniciou os estudos de latim, tendo, entretanto, que abandoná-los logo no início e aprender o ofício de carpinteiro. As razões de tão brusca mudança na vida do pequeno Antônio estão bem explicadas no Dicionário de Blake: "Por ocasião de se tornar o Brasil nação independente, muitos negociantes portugueses, não querendo reconhecer a independência, se retiraram para Portugal, e então Manuel Gonçalves, que era negociante de poucos recursos, tendo de saldar de pronto suas transações comerciais com alguns daqueles, viu-se reduzido às tristes circunstâncias de mandar seus filhos aprender um ofício".

Em maio de 1825, acompanhado de seu pai, vai para o Rio de Janeiro, com o objetivo de continuar no desempenho e aperfeiçoamento de sua profissão, em que labutou por espaço de cinco anos.

Em maio de 1830, atacado de uma grave moléstia de peito, Teixeira e Sousa abandona sua profissão na corte e, seguindo os conselhos médicos, regressa à terra natal. Recomeça, então, em Cabo Frio os estudos, tendo como professor o poeta Inácio Cardoso da Silva. Nas horas de folga aproveita o tempo para ler com ardor todos os bons e maus livros que lhe caem às mãos.

Nesse mesmo ano, compõe o seu primeiro trabalho de vulto, a tragédia Cornélia, que só foi publicada dez anos depois, formando um dos números da 4.^a série do Arquivo Teatral que então se publicava, nos prelos do Jornal do Comércio.

Em 1840, Teixeira e Sousa resolve voltar para o Rio de Janeiro e começa a trabalhar na loja e tipografia de Francisco de Paula Brito que se torna seu amigo e protetor e que lhe abre as portas do seu periódico, Marmota. A loja de Paula Brito era o ponto de reunião dos intelectuais da época e lá Teixeira e Sousa teve a oportunidade de conhecer grandes nomes da literatura brasileira, inclusive Machado de Assis.

Em 1841, Teixeira e Sousa publica o primeiro volume de versos sob o título Cânticos Líricos e, no ano seguinte, vem a público o segundo volume. Dedicado à memória de seus pais o poema Três Dias de um Noivado, dado à luz em 1844.

Em 1846, contando 34 anos de idade, casa-se com d. Carolina Maria, moça pobre, mas repleta de virtudes.

Um ano depois, Teixeira e Sousa publica os primeiros seis cantos da epopéia A Independência do Brasil. "A fria aceitação que teve da parte do público e a crítica sobremaneira injusta com que foi analisado em uns artigos publicados em anônimo no Correio Mercantil do ano de 1848, que consta serem da pena de Gonçalves Dias, o levaram a abandonar, por alguns anos, a continuação, que só veio a realizá-la em 1855. Conta-se que depois da conclusão do poema, o seu autor julgando merecer alguma recompensa por haver cantado os gloriosos feitos da nossa independência, pedira ao governo um emprego mais vantajoso do que o que exercia; o pedido foi deferido, nomeando-o... guarda da alfândega!" (Félix Ferreira).

Em 1849, o marquês de Monte Alegre, então ministro dos Negócios do Império, nomeia Teixeira e Sousa professor público de instrução primária, no Engenho Velho, regendo até 1855. Nesse ano, solicita ao ministro dos Negócios da Justiça, Nabuco de Araújo, o modesto lugar de escrivão dos órfãos, em Cabo Frio, pois não se compatibilizava com o emprego de professor. O imperador d. Pedro II, a quem havia sido encaminhado um memorial, em versos, no qual Teixeira e Sousa narrava suas desditas e solici-

tava alívio de seus males, excedeu-lhe o pedido, nomeando-o para o cargo de escrivão da Primeira Vara do Juízo do Comércio do Rio de Janeiro.

A partir de então, adquirida certa estabilidade econômica, pôde Teixeira e Sousa dedicar-se com ardor às letras.

Inocência Francisco da Silva, no seu Dicionário, refere-se aos últimos anos de vida de Teixeira e Sousa: "Seus amigos o pintam como um desses caracteres estóicos, que a adversidade não pode dobrar, e que abnegam os cômodos da vida em proveito da tranqüilidade de consciência. Pontualíssimo no cumprimento das obrigações do seu cargo, prometia ainda longa duração quando, atacado de uma hepato-enterite, que a medicina não soube debelar, sucumbiu no 1.º de dezembro de 1861, aos 59 anos, deixando na penúria e orfandade a sua viúva e seis filhos, sendo necessário que seus amigos e o corpo do comércio lhes acudissem de pronto com uma subscrição". No mesmo dia da morte, foi Teixeira e Sousa sepultado no cemitério de São Francisco Xavier.



A obra de Teixeira e Sousa

A obra de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa compreende romance, poesia e teatro.

Como romancista deixou-nos: O Filho do Pescador (1843), Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta (1847), romance em três volumes que saiu no jornal Arquivo Romântico, Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes (1848-1851), em dois volumes; A Providência (1854), em cinco volumes; Maria ou A Menina Roubada, publicado por duas vezes na Marmota, a primeira de 10 de setembro de 1852 a 18 de fevereiro de 1853, a segunda de 4 de outubro de 1858 a 1860; da segunda vez tiraram-se exemplares em separado, datados de 1859 e com a indicação de 2.^a edição; As Fatalidades de Dois Jovens (1856), "recordações dos tempos coloniais".

Representam sua obra poética: Cânticos Líricos (1841-1842), em dois volumes, em que, além dos trechos que o autor classificou com a denominação especial de "cânticos", há também algumas odes e sonetos; Os Três Dias de um Noivado (1844), poema romântico dedicado à memória de seus pais, em cinco cantos, em versos hendecassílabos soltos, tendo por assunto uma lenda brasileira, é apontado como a mais perfeita obra poética de Teixeira e Sousa; A Independência do Brasil (1847-1855), poema épico

em 12 cantos, dedicado ao imperador d. Pedro II, e que por ocasião do aparecimento da primeira parte, em 1847, recebeu severas críticas por parte de Gonçalves Dias, que publicou, sob pseudônimo de Optimus Criticus, uma série de violentos artigos em um jornal do Rio de Janeiro.

Teixeira e Sousa escreveu, em verso, para o teatro duas tragédias: Cornélia (1840) e O Cavaleiro Teutônico ou A Freira de Marienburg (1855). A primeira, escrita em 1830 e publicada dez anos após na 4.^a série do Arquivo Teatral do Rio de Janeiro, foi a primeira composição de Teixeira e Sousa, no gênero. Acerca dela Bourgain assim se expressou na Minerva Brasileira: "A nova tragédia tem interesse, energia e sensibilidade, condições essenciais em obras deste gênero; a linguagem, por quanto pode julgar um estrangeiro, é portuguesa; o verso, com raras exceções, natural e cadente. Eu a considero como uma bela tentativa, um esperançoso ensaio, que mostra não o que é o seu autor, mas o que pode ser". O Cavaleiro Teutônico ou A Freira de Marienburg é uma peça em cinco atos, escrita em 1840, e que peca, segundo a opinião de alguns críticos, pelo gosto ultra-romântico que então possuía Teixeira e Sousa.

Antônio Gonçalves deixou inédito o romance Paulina e Júlia e o Canto Inaugural por Ocasião da Elevação da Estátua do Imperador D. Pedro I, que Paula Brito pretendeu editar. Dei-

xou ainda esparsos em jornais do Rio de Janeiro um bom número de poemas: (Os Gênios, do qual alguns episódios chegaram a ser publicados, anonimamente, no Guanabara; Aos Anos de uma Menina, na Minerva Brasileira; A Natureza, O Dia de Finados e A Saudade, no Parnaso Brasileiro. → 14. 6. 2. jeu de

Teixeira e Sousa foi, também, o tradutor de *Lucrécia, tragédia em cinco atos de Ronsard, publicada sem a autorização do autor, que tentava fazer algumas correções, na 5.ª série do Arquivo Teatral.*

A poesia de Teixeira e Sousa, segundo a maior parte de nossa crítica literária, é de pouca inspiração e de métrica pesada e dura. Ronald de Carvalho, na Pequena História da Literatura Brasileira, referindo-se à poesia de Teixeira e Sousa afirma: "Sua poesia é dessaborida, não tem qualidade alguma apreciável; quando se guinda às alturas do gênero épico é simplesmente risível, e quando consente baixar ao lírico torna-se trivial, insípida, sem graça nem espontaneidade. Os Cânticos Líricos, os Três Dias de um Noivado e A Independência do Brasil são livros já esquecidos, e muito justamente, porque nada há neles de bom nem de ótimo, tudo é ali medíocre, arrastado e enfático".

Como romancista, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa possui mais valor histórico do que literário. Autor lido com muito interesse em vida, graças à novidade dos assuntos estampa-

dos nos vários jornais do Rio de Janeiro, sob a forma de folhetins, Teixeira e Sousa tem o mérito de ser o primeiro escritor brasileiro a publicar um romance, iniciando o gênero entre nós. De fato, O Filho do Pescador foi publicado em 1843, um ano antes de A Moreninha de Joaquim Manuel de Macedo.

Do ponto de vista literário, os romances de Teixeira e Sousa apresentam mais defeitos que qualidades. De um modo geral, o enredo é complicado (ao gosto da época), as situações criadas são imperfeitas, há abusos de salteadores, esconderijos, subterrâneos, assassinatos, incêndios, envenenamentos etc., o estilo é descuidado e a linguagem, por vezes, incorreta. Ressalte-se, contudo, o fato de os romances conferirem importância à presença do mundo exterior. "Foi preocupação de Teixeira e Sousa, evidenciada desde o subtítulo (refere-se a O Filho do Pescador), localizar a ação no espaço do mundo objetivo do leitor, e isso lhe permitiu atender a uma das tendências mais universais do romantismo, que é a exaltação da natureza" (A Literatura no Brasil, Afrânio Coutinho).

É necessário, por justiça, acrescentar dois outros aspectos importantes na ficção de Teixeira e Sousa. Em primeiro lugar, o fato de ter sido ele o primeiro a incluir o índio como objeto de romance. Em segundo lugar, o fato de ter incluído no romance A Providência "episódios cuja ação transcorre no Oriente, o que parece

significar uma tentativa de atender a tendência bastante acentuada no romantismo europeu, o exotismo, que entre nós não vingou, apesar dessa tentativa e da de outros autores, como Alencar”
(Afrânio Coutinho).

Pesquisa do professor Carlos Alberto Iannone, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

Cronologia

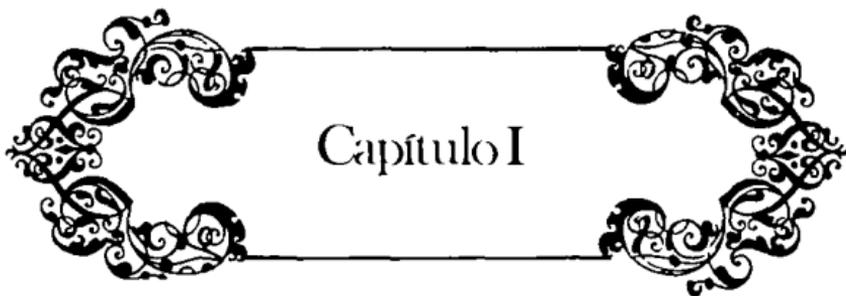
- 1812 – Nasce Antônio Gonçalves Teixeira e Susa, a 28 de março, em Cabo Frio, Rio de Janeiro. Filho de Manuel Gonçalves e de d. Ana Teixeira de Jesus.
- 1822 – Abandona os estudos e aprende o ofício de carpinteiro.
- 1825 – Em maio, vai ao Rio de Janeiro, acompanhado do pai.
- 1830 – Regressa à terra natal e recomeça os estudos com o professor Inácio Cardoso da Silva. Escreve a tragédia *Cornélia*.
- 1840 – Volta ao Rio de Janeiro. Trabalha na loja de Paula Brito e colabora na *Marmota*. Publica no *Arquivo Teatral* a tragédia *Cornélia*.
- 1841 – Publica o primeiro volume dos *Cânticos Líricos*.
- 1842 – Sai o segundo volume dos *Cânticos Líricos*.
- 1843 – *O Filho do Pescador* (romance).
- 1844 – Publica o poema *Três Dias de um Noivado*, dedicado a seus falecidos pais.
- 1846 – Casa-se com d. Carolina Maria Teixeira e Sousa.
- 1847 – Publica os primeiros seis cantos de *A Independência do Brasil* (poema) e o romance *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta*.
- 1848 – *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (romance), 1.º volume.
- 1849 – É nomeado professor público de instrução primária, no Engenho Velho.
- 1851 – *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (romance), 2.º volume.
- 1854 – *A Providência* (romance). 64.2.1.1.
- 1855 – *A Independência do Brasil*. É nomeado para o cargo de escrivão da Primeira Vara do Juízo do
P. 2.1.1.

Comércio do Rio de Janeiro. *O Cavaleiro Teutónico ou A Freira de Marienburg* (tragédia).

1856 — *As Fatalidades de Dois Jovens* (romance).

1859 — Sai, em volume, o romance *Maria ou A Menina Roubada*.

1861 — Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa morre, a 1.º de dezembro, atacado de hepato-enterite, deixando viúva e seis filhos.



Capítulo I

Como o autor soube desta história

O dia de 24 de março de 1825 foi em uma quinta-feira; e esse dia está escrito indelevelmente nos anais de minha vida! Três dias antes, eu havia deixado o meu país natal pela primeira vez: era o dia segunda-feira, 21 de março: neste dia recebi de uma irmã, que não deveria tornar a ver, o último abraço de uma verdadeira amizade, e o derradeiro ósculo fraternal! Tinha eu 13 anos incompletos, quando deixei minha família, e aqueles campos, onde brinquei os primeiros brincos de minha infância. Cheguei pois à cidade do Rio de Janeiro no dia 24; e no dia 28 do mesmo mês de março fiz os meus 13 anos. Permiti que de passagem note o quanto o mês de março me deve ser caro; cinco anos depois, desenganado de uma queixa de peito mandaram os médicos, que me trataram, retirar-me ao meu país. Embarquei-me no Rio de Janeiro no dia 21 de março, e cheguei ao meu país no dia 24 do mesmo mês!

Depois que cheguei ao Rio de Janeiro, meu pai, que me havia acompanhado, retirou-se, e eu fiquei em casa de um meu parente, e a minha residência era no morro do Castelo: ali, todos os domingos de tarde, e dias santos de guarda, eu com outros moços de minha idade, entre eles um meu patrício, íamo-nos sentar detrás da velha igreja de São Sebastião, onde brincávamos, e fazíamos diversos jogos próprios de nossas idades; algumas vezes eu me apartava de meus companheiros e, em algum lugar mais separado deles, deitava-me sobre a grama que alcatifa aquele pequeno campo, e dali devorava com minhas ávidas vistas esse imenso pedaço de

oceano, que se balouçava diante de meus olhos, e cujas ondas arfavam tão crespas, e com um respirar tão ameaçador!

Ainda nesse tempo os religiosos barbadinhos não tinham atravessado tantas, e tão encapeladas ondas de tão empinados topos, que cavando abismos, e levantando serras espumam marulhosas entre os lugares célebres pelas belezas de arte, e os lugares célebres pelas belezas da natureza, quero dizer entre a Itália e o Brasil! E portanto, as cercas da igreja de São Sebastião, isto é, da primeira igreja edificada no Rio de Janeiro, o hoje transformada em igreja de frades capuehos, não impunham entre o oceano e os olhos de quem se ia divertir ao morro do Castelo uma muralha de pedra!

Muitas vezes separado eu de meus amigos, estirado sobre a grama daquele pequeno campo, contemplando esse plano azul, que diante de meus olhos oscilava com um movimento igual e monótono, e que tão longe, lá nesse pardacento horizonte, onde a imensa distância parece semear em toda a extensão uma transparente e esbranquiçada nuvem; onde esse mesmo plano azul parecia, a meus olhos, encontrar um limite em outro espaço azul, que sobre ele se arqueava, até que a extremidade desse grande arco entravado com o extremo do imenso plano inferior oferecia uma barreira à vista; eu sentia minha alma prenhe de saudades traspasar essa cesura em que o céu e o mar mutuamente se ligavam, e ir por sobre as ondas até encontrar as praias de meu país, que eu considerava tão distantes de mim, e entretanto essa distância não excedia a 20 léguas talvez!

Havia pois dois anos que eu me achava nesta cidade, sem que tivesse perdido a minha devoção dos domingos e dias santificados, quando uma tarde de um domingo houve mais um sujeito, que casualmente se reuniu a nós: era ele um homem de boa altura, de agradável presença, e de fisionomia simpática; ele pareceu gostar de nossa conversação, e como quem dela não fazia caso se foi mansamente aproximando. Quase sempre as crianças gostam, quando estão conversando, que os velhos escutem suas conversações. Éramos nós seis meninos, de cujos era o mais velho de 18 anos, e os mais moços (éramos dois, eu e outro) de 15. Eu falava pouco por causa do meu natural acanhamento, e até falta de talento, porque se algum hoje tenho, cumpre confessá-lo, eu não tinha

muita confiança nele nesse tempo, mas em abono da verdade releva que o diga, era então espantosa a minha memória.

Falávamos nós sobre os jesuítas e aqueles que tinham mais notícias desses homens extraordinários se dividiram em duas opiniões, uma em prol deles, e outra contra: assim uns alegavam suas maldades, sua ambição, e seus futuros planos; e outros, bem que não desconhecêssem estas verdades, apresentavam seus serviços em favor do Estado; seus trabalhos e coragem na catequese dos indígenas; sua vastíssima instrução; a habilidade que os caracterizava na escolha e aproveitamento dos homens de talento, e enfim muitas outras qualidades; depois traziam a pelo suas grandiosas obras, que revelavam não só a sua sabedoria como o gosto que presidia às suas escolhas.

O homem que se havia aproximado fazia gestos de aprovar estas razões, e como satisfeito de as ouvir deitou-se também junto de nós. Era isto no mês de janeiro, no tempo em que as trovoadas são frequentes no Rio de Janeiro. Eram talvez quatro horas da tarde, e já desde as duas alguns surdos roncões de trovoadas tinham se anunciado ao longe.

Para a parte do oeste, como em pé sobre o horizonte, erguia-se até o meio do céu uma espessa muralha de cerradas nuvens de um fundo negro, cujo topo era orlado de uma branca e encrespada fimbria, da qual se diria que eram montões de escolhido e cardado algodão sobrepostos uns aos outros formando longas e revoltadas ondas. O lado que olhava para o poente refletindo os raios do candente sol, apresentava uma franja tão crespa, como a do fastígio sim, mas não tão alva porque os raios do sol lhe emprestavam um desfalecido dourado tão flavo, como ouro virgem, e apenas exumado do sepulcro em que enterrado o criara a natureza. Do lado oposto a escurecia uma pesada orla toda arrepiada de espessas ondulações, cuja cor equívoca se mesclava num só ponto com a luz e as sombras de que resultava esse pardacento, que a escurecia. No centro intumesciam-na os ventos. Lá embaixo, onde trovejavam trovões, e lampejavam raios, pesava a tempestade. A natureza ia jogar a borrasca!

Poucos momentos depois algumas refregas de vento começaram a disparar-se; os trovões tornaram-se mais amiudados e fortes, e algumas gotas de chuva grossas, e pouco

bastas, principiaram a açoitá-la terra: era forçoso o retirarmos. O homem sem dizer palavra caminhava diante de nós, e todos apressávamos os passos à medida que a chuva se ia aumentando. Quando chegamos ao largo de São Sebastião já a chuva era imensa: o homem que caminhava adiante de nós meteu a mão pelo postigo de uma rótula, e, abrindo-a, voltou-se para nós dizendo:

— Meninos, recolham-se aqui até passar a chuva.

— Sim, senhor.

Disse um de meus companheiros, e entramos.

Entramos em uma pequena casa, cuja sala, além de não ser assoalhada, nem ladrilhada, era de telha vã; todavia o chão, que era seu pavimento, estava perfeitamente liso, e inteiramente igual. Os caibros, ripas, e telhas caiados, ou pintados de branco, e as paredes tão alvas, que revelavam que esta habitação era ocupada pela pobreza e pelo asseio: uma barra, ou soco de palmo e meio, cor de café, de rente do chão guarnecia toda a sala: e daí para cima crescia até altura de quatro palmos pouco mais ou menos, uma guarnição fingindo pedra azul-celeste e branca, cujos salpicos, e bem lançadas veias dir-se-iam, estas, desenhadas por habilíssimo pincel de caprichoso artista, e aqueles, assombrados por leve e delicada esponja. Sobre esta bem fingida pedra estendia-se uma carrichosa barra pintada sobre a parede, que nada tinha que invejar às preciosas barras de papel, que hoje com tanto gosto e escolha guarnecem nossas salas: era ela assim. Uma fita de polegada de altura de uma cor bronzeada fingia um vasto plano em que se firmavam colunas de ordem dórica, que figuravam ser de mármore branco com veias de cor-de-rosa um tanto desbotada; sobre estas colunas assentavam-se vasos brancos, que fingiam ser de uma finíssima porcelana, cuja bases, orlas, da parte superior e em cada um centro destes vasos havia uma pintura diversa: em um, era um pássaro rousado sobre uma esnoga flexível toda encurvada ao peso do pássaro, em cujo bico tinha atravessada uma flor; noutro, um outro pássaro fingia picar uma fruta que começava a sazouar-se; noutro, havia um coração passado de uma seta; noutro, um cupido fingia disparar uma seta; noutro, uma serpente grimpava-se por uma árvore, em cujo cimo, na extremidade de um ramo, uma avezinha alimentava dois implumes filhi-

nhos; e outras muitas pinturas adornavam os centros destes vasos. Notava-se que estas figuras eram tomadas ao acaso, segundo vinha à caprichosa imaginação do pintor, porque entre umas e outras nenhuma inteligência, nenhuma relação havia. Com efeito, apesar deste capricho, era absolutamente forçoso atender à delicadeza do pincel e ao gosto que presidiu ao artista na escolha de tão bem acertadas cores. Todos estes vasos eram coroados por grandes ramalhetes de bem escolhidas flores, onde sobressaíam vistosos cravos e engraçadas rosas. Presos às asas desses vasos formando um seio, que descia quase até o plano, dependuravam-se vistosos festões de entrelaçadas flores, cujo meio figurava ter mais gravidade, como carregado pelo peso de uma grande rosa que ali avultava: o colorido de todas estas flores era tão vivo e tão brilhante o verniz que animava a toda a pintura; tão frescas eram todas estas cores, que dir-se-ia que naquele instante acabavam de sair das mãos do artista. O campo desta barra era de um verde cor de canas, onde muito sobressaía todo o gosto destas pinturas.

Diversos quadros representando vários bustos, e todos de diferentes tamanhos, faziam parte da decoração desta sala: entre estes quadros, que segundo o dono da casa eram vários retratos de notáveis personagens, distinguia-se um quadro de dez palmos de altura, pouco mais ou menos, e talvez seis de largo cuja moldura de meio palmo de largo se fazia notável não só pelo gosto do hábil entalhador que a fizera, como pelo brilhantismo de seu dourado. A pintura deste quadro representava uma senhora, que teria de idade de 20 a 25 anos: o retrato a representava de uma altura elegante, trajava segundo o gosto de seu tempo, isto é, do século 18. Toda a elegância, todas as perfeições de seu delicado corpo sobressaíam no meio desses adornos, que tanto assentavam e diziam nos corpos delicadamente bem feitos, onde a simples natureza apresentava todos seus mimosos contornos, sem o auxílio do ridículo artifício de numerosas saias.

Não me é possível precisar a cor do seu cabelo atenta a circunstância de ser ele apolvilhado, conforme era o gosto do tempo em que ela devia ter vivido, mas atendendo às suas feições, seu cabelo devia ser preto, e talvez muito preto; sua larga e bem feita testa revelava que a cidade de São Sebas-

'tião do Rio de Janeiro era o berço desta formosa e encantadora menina: seus olhos eram grandes e em extremo negros; não era bastante clara e nem muito corada; mas esse moreno aciganado dava-lhe uma extrema e indizível graça.

Não me pertence dizer se este precioso retrato era a fiel cópia de seu original, mas, se devo crer em um de meus companheiros, aprendiz de pintura, muito inclinado a retratista, e de um superior talento, como uma pintura, que representava uma mulher perfeita, era uma obra-prima, era um prodígio de arte!

Tudo era belo nesta criatura angélica, tudo era encantador nesta mulher celestial!

O pintor que tal retrato havia feito parece que tirou partido de todas as perfeições desta beleza divinal: e um feiticeiro sorriso com que seu delicado pincel soube animar seu retrato dava-lhe tal graça, tal magia, e ao mesmo tempo tal requebro, que impossível era ver-se o retrato sem sentir-se abalado, ou antes enamorado pelo original!

Se o autor desta pintura, superior a Apeles retratando a Campaspe, pôde executá-la sem se sentir perdidamente enamorado de seu original, uma das duas, ou ele tinha para com o sexo encantador a frieza glacial de Xenofonte, ou superior às forças da humanidade obrou um milagre!

Nós pouca atenção demos à pintura da casa e aos demais quadros: todas nossas vistas convergiram para um ponto, e esse ponto era o belo retrato da divina beleza!

Depois que saciamos nossa admiração; depois que nos desabafamos em gabos à beleza da pintura; depois que nos desfizemos em elogios a um pincel de tanto gosto; o nosso camarada, discípulo de pintor, perguntou ao dono da casa se aquela pintura era retrato de algum formosíssimo original, ou uma pintura de fantasia.

— É o fiel retrato de uma lindíssima fluminense — respondeu o dono da casa.

— Ainda vive?

— Não: bem vê que seu traje pertence muito ao século passado.

— É verdade.

— Nasceu em 1730; seu retrato foi tirado em 1755 tendo 25 anos de sua idade: morreu dois anos depois, já se vê que tendo 27 anos em 1757.

— E quem foi o retratista que a retratou?

— Meu pai, que tinha então 30 anos.

— Foi notável esta senhora?

— Eu não conheço no Brasil outra personagem mais histórica.

Eu, que na minha mocidade era em extremo inclinado a ouvir histórias interessantes, não pude conter a minha curiosidade, e, voltado para o dono da casa, lhe disse:

— E não nos fará o favor de contar-nos a história desta linda senhora?

— É muito comprida, meu menino.

— Que importa: eu a ouvirei com gosto.

— Durante que tempo?

— Durante o tempo que durar a história, ou quantas me quiser contar.

— Então, meu menino, gosta muito de ouvir histórias?

— Sou até maníaco.

— Pois eu lha contarei com uma condição.

— E qual condição?

— Que quando o senhor for homem a escreva, e a faça publicar.

— Isto é se eu souber escrever para o público.

— Tem em suas mãos remédio para saber.

— Como assim?

— Muito bem: estude pouco; leia menos e escreva muito.

Rimos todos desta sátira, bem que ignorássemos a quem feria ela; e eu continuei:

— Assim não desejo ser escritor.

— Pois se não quiser ser, fará outra coisa.

— E qual?

— Contará a alguém a história que eu lhe contarei, com a condição que eu lhe impus; a saber, que aquele a quem contar a escreverá e publicará.

— Prometo fazer para isso toda a diligência.

— Pois bem; agora é tarde, e não posso começar a história; deixaremos pois para amanhã.

— A que horas?

— Da ave-maria até as oito horas.

— Pois muito bem.

O nosso camarada aprendiz de pintura perguntou ao dono da casa quem era o autor da pintura da sala, e ele disse:

— Esses toscos garramanchos são feitos por mim.

A estas palavras olhamos para o homem com certo ar de espanto, como exprimindo a admiração que nos causavam suas palavras, sem nos lembrarmos que muitas vezes debaixo de uma ruim capa se esconde um bom bebedor.

Era o mais um título pelo qual devíamos respeitar o homem do século passado, que sabia contar histórias interessantes.

Além destes dois méritos, porque o saber contar histórias antigas, e com graça, é um mérito, e ser eminente artista o é sem dúvida, e precioso, ele era homem que gastava sempre, segundo depois notamos, um muito bom humor; era gracioso, e cheio de ditos engraçados, às vezes sentenciosos, e não poucas vezes agudos e picantes.

O mestre pintor divertiu-se pois com várias anedotas, ditos, anexins, sentenças, e algumas vezes sátiras, e cumpro fazer-lhe justiça, bem justas, bem sentenciosas e bem aplicadas.

A trovoada havia cessado, pouco tinha chovido, e a chuva estava inteiramente suspensa; o tempo estava sereno e a natureza tranqüila.

Eram sete horas e meia, pouco mais ou menos. Despedimo-nos do mestre pintor prometendo voltar no seguinte dia à hora prometida.

De fato voltamos no seguinte dia à hora marcada e o mestre pintor, fiel à sua palavra, começou a contar-nos a prometida história. Quase às oito horas, ele suspendeu sua narrativa, adiando o mais para a tarde seguinte. Sem que faltássemos à hora da reunião, no dia imediato fomos prontos em casa do pintor; este depois de muitos ditos e gracejos, disse:

— Não me lembra o ponto em que ficamos ontem...

Eu imediatamente o atalhei, lembrando-lhe o ponto em que havia ficado, com todas suas circunstâncias; ele olhou-me fixamente, e disse:

— É verdade, é isso mesmo.

Tenho para mim que o mestre pintor não se havia esquecido do ponto em que deixara sua história; e que quis por

este meio conhecer qual o grau de atenção que dávamos a uma narração, que por nós mesmos fora pedida.

Assim pois durante várias tardes íamos nós ouvir a história do pintor.

Era inquestionavelmente eu o que o ouvia com mais atenção e interesse, e apenas chegava à minha casa escrevia tudo quanto ao pintor havia ouvido.

Este manuscrito, há não pouco tempo que não existia em meu poder; felizmente, e como por um milagre, veio ter-me às mãos, depois de uma ausência de mais de dez anos; e hoje, fiel à palavra que dei ao pintor aí dou ao mundo esta história, seguindo quase o mesmo método que o pintor quando ma contou, dividindo-a nas mesmas tardes, como ele fez; por isso lhe dei o nome de *Tardes de um Pintor*, sem todavia desprezar o nome que o pintor dava à sua história que era *Intrigas de um Jesuíta*.

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, framing the title text.

Tarde I

Capítulo II

Quem era o pai da senhora original do retrato

O pintor principiou sua história do modo seguinte:

— O célebre tratado de 1703 entre Inglaterra e Portugal parecendo entabular uma aliança ofensiva e defensiva não passava na verdade de um tratado de comércio, que abria aos negociantes e especuladores da Grã-Bretanha um caminho seguro e lucrativo sobre o comércio português: e em consequência deste tratado viu-se bem depressa o mercado português inundado de mercadorias inglesas que, isentas de todas as leis proibitivas, faziam estancar, por assim dizer, a indústria portuguesa, ficando destarte inteiramente prejudicada a sábia administração do ilustre conde da Ericeira.

Paulo, tecelão português de imensos créditos, viu em breve seus tecidos cobrirem-se de pó nas prateleiras de sua fábrica, e todo seu negócio arruinado; prosperando à custa de sua fábrica, bem como à custa de todas as do reino, os tecidos ingleses. Paulo então ameaçado de fazer uma extrema ruína, não querendo fazer uma triste figura em sua pátria, vendeu ou antes queimou quanto tinha e transportou-se para o Brasil.

A mencionada aliança com a Inglaterra contra a França, fazendo com que esta não obtivesse relações vantajosas, quando começava a reinar d. João V, fez com que a França, queixosa de que Portugal rejeitasse sua aliança em proveito da Inglaterra, resolvesse oprimir os domínios portugueses por meio da guerra.

Com efeito, uma expedição de seis naus e mil homens de tropa preparou-se silenciosamente no porto de Brest, e ao

mando de Duclerc dirigiu-se para América, e em 1710 aportou, ao Rio de Janeiro.

A este tempo já Paulo se achava no Rio de Janeiro, servindo de caixeiro de uma casa bastante rica.

Todos sabem qual foi o êxito desgraçado da expedição francesa, e o como aleivosamente, e de um modo covarde, acabou o general dela.

Quando Duclerc penetrou na cidade, não deixou de causar ao povo bastante susto, e não poucas pessoas deixaram suas habitações, e se refugiaram em diversas partes do interior, e entre estes André, patrão de Paulo.

Antes de passarmos adiante, cumpre-nos fazer algumas declarações.

André era solteiro, e não tinha em sua casa mais que seus caixeiros e seus escravos: tinha ele uma chácara em Matacavalos, para onde ia dormir todas as noites, e onde passava os dias santos. Afeiçoando-se a Paulo, ia este também algumas vezes à chácara do patrão, onde com ele passava alguns dias, mas André tinha sempre o cuidado de não consentir que Paulo lá ficasse para dormir. Paulo, dotado de alguma viveza, naturalmente desconfiado, e em extremo calculista, era por demais esperto para deixar escapar esta circunstância, sem suas observações.

Por outro lado, André, negociando e forte havia muito tempo, possuindo muitas moradas de casas, e algumas não más, senhor de muitos escravos, continuamente chorava misérias; era uma dificuldade o arrancar um vintém das mãos de André: seus credores, de pequenas quantias, eram por ele trazidos à prática meses e meses. André era capaz de não comer só para não gastar; o mais era que se ele tinha dinheiro ninguém sabia onde o tinha.

Um domingo foi Paulo para a chácara de Matacavalos, e das quatro horas em diante começou a trovejar e a chover despropositadamente. A tempestade entrou pela noite, e não foi possível o voltar Paulo para a cidade sem expor-se aos rigores da tormenta; teve pois ele de dormir na chácara apesar do constrangimento do patrão, que nem dissimular o soube. Depois da ceia foi-lhe dado um quarto; e ele recolheu-se e deitou-se. Uma hora depois ouviu-se um tropel sutil; quem o causava parecia tomar a peito o não ser pressentido, o que

não era muito possível, visto que o pavimento era formado de tijolos. Paulo fingindo dormir começou a risonar. Lenta e silenciosamente abriu-se a porta do quarto, e André, trazendo na mão uma candeia de ferro, onde ardia uma grossa torcida de algodão ensopada em azeite de peixe, cujas fezes enegreciam toda a candeia, e cujo cheiro se fez logo sentir, apresentou-se no quarto: André examinou atentamente se Paulo dormia, e certificado que sim passou uma atenta revista em todo o quarto, assim como numa janela que deitava para o jardim da chácara; feito isto saiu e fechou a porta por fora.

Paulo sentiu o tropel dos passos do velho se irem alongando sutilmente, e pouco depois perderem-se de todo no espaço. Ele estava às escuras, e assim toda a casa. Envolvido neste oceano de trevas, Paulo fez imensas conjecturas a respeito das cautelas do velho. Deu tempo a que todos dormissem, e quando lhe pareceu que ninguém velava, tendo-se passado uma hora depois da retirada do patrão, levantou-se da cama e foi para a janela: *ergue duas aldrabas que a trancavam, puxa-a de manso, mas debalde, que alguma coisa além das aldrabas a trancava, e mui bem trancada.* Paulo exasperou-se com este inesperado contratempo, e, à vista desta dificuldade, seu desejo, sua curiosidade tornaram-se mais intensos e mais decididos.

Outro homem, que não fosse Paulo, teria abandonado sua empresa, mas ele, ambicioso, empreendedor, e de mais a mais resoluto, tornou-se mais decidido e mais audaz à vista desta fatal resistência.

Então tira da algibeira seu fuzil, fere fogo e acende seu cigarro; à fraca luz que deste pôde obter viu que quatro pregos trancavam, e bem trancada, a janela, que já era misteriosa. Ele então compreendeu que esta cautela era por sua causa, porque de tarde a janela esteve aberta. Lembrou-se de que durante a ceia ouviu algumas pancadas, e não teve dúvida em crer que foi quando lhe pregavam a janela.

Paulo julgou ser um muito mau gosto o dormir trancado, além do risco, pois que podia acontecer o haver um incêndio, o velho esquecer-se dele, todos se salvarem, e ele morrer torrado entre chamas sem a menor graça, além de que era uma afronta o trancá-lo daquele modo.

Nestes e noutros pensamentos passou o homem sem dormir toda a noite. Sobre a madrugada ouviu o mesmo tropel sutil,

e logo depois deu-se volta à chave, deixando-se a porta aberta, mas encostada. Paulo deu algum tempo, e passando este ergeu-se da cama; saudou a André, que nem desconfiava de que ele estivesse acordado, e que ouvisse suas idas e vindas. Pouco depois Paulo retirou-se para a cidade. Durante todo o dia o bom do Paulo não tirou da cabeça a cautela de seu patrão. "Há coisa em casa — dizia ele muita vez —, há coisa em casa seja o que for... Se fosse dinheiro... ah... se fosse dinheiro... Há coisa em casa; e custe-me o que custar é absolutamente preciso que eu averigüe isto; isto deve ser indagado, e conhecido seja como for."

Nunca o sol se demorou tanto em nosso hemisfério para Paulo, como nesse dia; para ele, seu carro de fogo estava pregado a fortes pregos no meio do céu; nunca a noite custou tanto a difundir suas trevas sobre a terra como nesta ocasião; enfim chegou a suspirada, a tão desejada noite: mas era preciso que se fizesse tarde. Que horas tão difíceis de passar! Cada uma era para ele um século! Enfim soaram nove horas, e o nosso homem se pôs na rua. Caminha para Matacavalos, e chegando à chácara de André achou-a já fechada. A casa era à beira da estrada, ou rua, e ao lado dela uma porta de grades de pau a fechava. Como entrar? E dado que entrasse, como livrar-se de três furiosos cães? É verdade que os cães o conheciam, mas conhecê-lo-iam de noite? Eis aqui novas dificuldades, que Paulo não havia calculado, e que agora se levantavam diante de sua empresa: mas Paulo não era homem para recuar diante de meia dúzia de dificuldades.

Depois de imensos cálculos, de longas conjecturas, e de muitas combinações, lembrou-se de subir pela grade, e galgar o telhado, e de lá? A fortuna ajuda os temerários e repele os tímidos: de lá a fortuna depararia com algum bom meio. Com efeito Paulo tirou seus grossos sapatos de vaqueta e suas meias de linho, guardou-os em um lugar apropriado, onde depois os achasse, e meteu mãos à obra; subiu facilmente, e depois do achar-se em cima, introduzindo os dedos dos pés por entre os pregos, que arrepavam todo o topo da porta, agudos como lancetas, e amparando-se pela parede, alcançou o telhado. Com algum risco saltou sobre ele, e eis o nosso homem em cima do telhado, tendo vencido a primeira dificuldade. Dali dirigiu-se para a parte do fundo da casa, e ale-

gremente notou que uma mangueira plantada junto da casa lançava um grande ramo sobre o telhado, e que por meio desse ramo podia alcançar o tronco desta árvore, e descer por ela. Assim foi: Paulo alcançou o ramo, e pouco depois estava entre a forquilha da mangueira, onde ela se dividia em dois grandes e tortuosos ramos. Já Paulo tinha vencido quase todas as dificuldades, restando-lhe só a dos cães... malditos cães!...

Aí estava Paulo, quando ouviu o surdo ranger de uma porta que vagarosamente se abria; e era uma porta que dava para o terreiro da chácara. Era forçoso que Paulo se ocultasse, e o fez ligeiramente subindo por um ramo da árvore, e escondendo-se. Abriu-se pois a porta, e um vulto saiu de casa, e encaminhou-se para o fundo da chácara. Paulo bem conheceu pelo andar que era André.

Quase no fundo da chácara havia uma pequena casa inteiramente quadrada, tendo cada lado de dez a 12 palmos, sendo coberta de madeira: tinha uma única porta, e três janelas, isto é, uma em cada lado. Era ali que André ia, nas tardes que estava na chácara, tomar o fresco. Nessa casinha pois entrou André. Ardia Paulo em desejo de ver o que na casinha se passava, mas os cães, os cães...

Era passada uma boa hora, e ainda o velho estava na casinha: enfim ele saiu, e meteu-se em casa.

— Inça que me levem trezentos mil diabos, hei de quebrar o encantamento de tal casinha. E estes diabos destes cães devem morrer de indigestão, ainda que para isso eu gaste uma meia dúzia de cruzados novos.

Com efeito, no domingo seguinte foi Paulo para a chácara: aí todas as vezes que se apartava de André atirava generosamente aos cães, que sôfregos devoravam, bolos de farinha amassados com gordura. Os bolos começaram a fazer seu efeito, porque estavam envenenados, e pela ave-maria nenhum cão aparecia por perto da casa. À entrada da noite retirou-se Paulo para a cidade, e às nove horas voltou para a chácara, como da vez primeira. Paulo fez o mesmo que então, e entre a forquilha da mangueira pôs-se a esperar que André sáisse. Desta vez o velho demorou-se mais, e Paulo, que entendia que o velho devia por força ir à casinhola, muito porque ele estava à sua espera, e cria que não devia perder o seu trabalho, começava a dar-se a mil diabos, e o patrão a

dez mil. Enfim o homem saiu como da primeira vez, e encaminhou-se para a casinha misteriosa, entrou-a, e pouco depois o silêncio de uma casa abandonada envolvia tudo.

Paulo desceu da mangueira, e para lá partiu precipitadamente; mas de que lhe serviu tanto trabalho? Porta e janelas estavam fechadas, ou antes trancadas e bem trancadas, e de modo que nem uma fresta, nem o buraco da fechadura deixavam que os olhos indiscretos de curioso indagar pudessem alguma coisa.

— Um raio que te parta, velho usurário, satanáas de uma figura... e hei de ir-me daqui com cara de asno! Isto só pelo diabo. H

Paulo desenganado assim que nada podia observar, deitou-se a fio comprido sobre a terra, e aplicou o ouvido para experimentar se por debaixo da porta podia alguma coisa ouvir.

Depois de estar assim algum tempo, pareceu-lhe ouvir assim um chocalhar argentino que lhe afigurou o chocalhar de dinheiro, e dinheiro em ouro.

— Hum!... — rosou ele — bem eu desconfiava.

Daí a alguns minutos ouviu o tropel do patrão, que se encaminhava para a porta, levantou-se prestes, e foi postar-se pouco distante entre alguns arbustos. André saiu, fechou a porta, experimentou se estava bem fechada, e retirou-se.

No domingo daí há oito dias, como era de esperar Paulo não faltou à chácara, e como todas as suas faculdades estavam empregadas na tal casinhola, o homem a pretexto de tomar o fresco lá estava sempre. Paulo pôs em prática tudo quanto lhe veio à mente a fim de descobrir se naquela casa havia algum esconderijo, ou algum recesso em alguma parte onde se pudesse esconder alguma coisa.

— Com trezentos diabos! — dizia Paulo — é absolutamente preciso que antes que eu perca a cabeça esta endiabrada casinha perca inteiramente sua forma, é preciso que a revolva até seus alicerces. Não ficará pedra sobre pedra, mas hei de satisfazer minha curiosidade, ou então cumpre que eu morra... Uma noite... certo que é muito pouco tempo para arruinar todas estas paredes, e arrancar este tabuado do assoalho... Se este maldito ginja deste velho usurário morresse, eu podia a meu salvo fazer minhas descobertas... mas qual... este á

diabo deste avaro tem fôlego de gato, e não morre nem a bolos de farinha amassados com gordura, como seus cães... Diabo! Que se ele comesse um bolinho... talvez que sua morte equivallesse à descoberta de um tesouro... e nas minhas mãos que bem empregado que era... oh! muito mais que nas mãos desse vil, desse infame sovina, que à custa da barriga tem ajuntado um par de mil cruzados... Ora em verdade se este dinheiro passasse às minhas mãos era bem para a humanidade! Este vil deste ridículo velho não o gasta comigo, não tem mulher, nem filhos, nem parentes pobres a quem beneficiar; o dinheiro, se o tem, oh! se o tem... tem, e muito resguardado do sol e da chuva por causa de alguma constipação; e pois ele o tem; e deve estar enterrado, e se há de ficar enterrado sem que preste a pessoa alguma, melhor é que passe às minhas mãos, que lhe saberei dar muito bom emprego. Oh! Se hei de saber, ótimo. Ah! Velho de mil diabos, somítico de satanás, tu então verás o que é bom, tu saberás como se gasta com gosto... Ora vejam como é triste o ser avaro; tirar o alheio contra a vontade de seu dono é furto para com todo mundo, exceto para com o avaro; tirar pois deste, nem é furto, e por conseguinte nem pecado porque não é furtar, é achar um tesouro. O avaro desde que enterra seu ouro tem perdido o direito de propriedade: este ouro não tem mais valor que o ouro que nunca foi desenterrado, e a terra guarda aquele como guarda este; quem pois descobre uma mina de ouro pode minerá-la, sem outro encargo que pagar o quinto, é o mesmo que eu posso fazer; descubro esta mina, minero-a, e pago o quinto aí a algum padre, para dizer algumas missas por alma deste pobre-diabo, quando o diabo o levar para os infernos.]

Era assim que discorria o bom do nosso Paulo, sem saber o meio pelo qual descobrira o tesouro que ele supunha enterrado, quando deu-se um acontecimento, funesto sem dúvida para o Rio de Janeiro, bem que terminasse de um modo propício: mas Fausto desde seu começo para com o nosso Paulo, veio pôr seu negócio a caminho, e todas as suas coisas correntes.

Foi por este tempo que chegou a expedição francesa, em que falei, governava a capitania do Rio de Janeiro Francisco de Castro Morais, o qual, avisado pelos moradores de Cabo

Frio de que se avizinhava o inimigo, mandou todavia dispor todas as coisas para receber os franceses de um modo digno de portugueses. Duclerc desembarcou no lugar chamado Guaratiba, e pôs-se em marcha contra a cidade; e Moraes, em vez de ir encontrar o inimigo, e disputar-lhe o passo, se conservou impassível em posição. Os habitantes da cidade puseram, como deviam, a esperança de sua salvação na pessoa do governador, visto que ele tinha à sua disposição guerreiros que defendessem a cidade.

Duclerc penetrou a cidade sem encontrar outra resistência que a de um corpo de estudantes, e passou em frente das tropas do governador sem que de suas fileiras se queimasse uma só escorva!

Este inqualificável, este celeberrimo procedimento animou a Duclerc de tal modo que, aproveitando-se da pusilanimidade de Moraes, dirigiu-se ao palácio do governo, e o occuparia se porventura Gregório de Castro Moraes, irmão do vil e covarde, o não defendesse, durante três horas, com denodado valor até cair mortalmente ferido! Foi então que as tropas do governador investiram sobre o general francês, que com perda já de quatrocentos homens foi, contra todo o cálculo, e imprudentemente, encerrar-se no trapiche da cidade, intimado mas sem ceder, para que depusesse as armas; mandou o governador para ali conduzir alguns barris de pólvora com o fim de fazer voar o trapiche, e com ele os restos do exército francês. Não passemos aqui em silêncio uma ação grandiosa, digna da Grécia e de Roma, e que causaria inveja aos compatriotas de Aristides e de Régulo. Falo de Francisco de Macedo Brito, que, tendo naquele lugar além de mui boas propriedades, sua mulher, seus filhos e sua mãe, se ofereceu para lançar o fogo à terrível matéria, que devia devorar suas riquezas, e com elas o que na terra de mais caro havia para ele! O patriotismo de Brito não foi mais heróico!

Enfim os franceses depuseram as armas, à vista deste horrível aparato, e entregaram-se como prisioneiros de guerra. Pouco tempo depois Duclerc foi encontrado morto em sua prisão, onde foi infame e aleivosamente assassinado.

Durante o tempo em que Gregório de Castro de Moraes defendia o palácio do governo da invasão ao inimigo, o povo, atemorizado por ver a cidade invadida pelos inimigos, entrou

a fugir por diversas partes e grande número de pessoas abandonou a cidade. Entre estas pessoas foi também o velho André.

André pois, entregando sua casa a Paulo, embarcou-se na Prainha, e se foi refugiar na ilha do Governador.

Paulo apenas se viu livre do patrão, dispôs suas coisas, munuiu-se de um machado, e preparou-se para de noite explorar a casinha de seus cuidados.

Eram onze horas da noite desse dia quando Paulo andava na casinha como louco batendo nas paredes, escutando se havia alguma loucura, com o mesmo cuidado, e atenção com que um médico perscruta o peito e as costas de um doente, que supõe afetado do pulmão.

Desenganado de que nas paredes nada havia, e nem no teto, voltou toda a sua atenção para o assoalho, mas por mais voltas que desse nada descobria porque o assoalho lhe parecia pregado e bem pregado, porque não se movia a nenhum esforço de Paulo.

Desesperado pois com isto ergue o machado contra o assoalho, e o emprega com toda a sua força dizendo:

— Ora viva, suceda o que suceder: quero antes arrepende-me por audaz que por fraco.

O machado impellido com toda a força ficou como pregado no assoalho, Paulo quis erguê-lo de novo, e empregando o maior esforço possível para arrancar o machado, em vez deste despregar-se levantou-se a tábua suspendida pelo machado!

— Hum... — murmurou ele. — Aqui há mistério...

Abaixou-se então e agarrando o machado pelo olho tratou de suspender a tábua, que se havia abalado, empregando para isto bastante jeito. A tábua se foi suspendendo em todo seu comprimento, e com ela a vizinha, e a imediata a esta, e por fim todas.

Paulo tinha os pés sobre a derradeira tábua contígua à parede, e daí se esforçando alevantou um quadro do assoalho, ou, para bem dizer, todo ele, exceto as quatro tábuas laterais, em que estavam em pé os bancos em que já falamos. E pois só estas quatro tábuas eram pregadas, e todas do centro formavam um quadro, que inteiro se suspendia, por qualquer dos lados.

É mui fácil de ajuizar qual seria a admiração, e o contentamento de Paulo, quando, tendo levantado o quadro do assoalho, não viu debaixo de seus olhos senão sacos que pareciam cheios de dinheiro!

Convém dar uma idéia disto. A casinha era toda ladrilhada de tijolos, sobre os tijolos se assentavam os barrotes, que recebiam não só as quatro tábuas laterais, que estavam pregadas, como o quadro, que se levantava: entre os barrotes é que estavam os saquinhos cheios de dinheiro.

Paulo lançou mão de um dos sacos, cortou-lhe o fio que amarrava a boca, e com indizível prazer viu que estavam cheios de moedas de ouro. Correu mais alguns sacos, e uns estavam cheios do mesmo modo e outros de prata; estes de pequenas barras de ouro, e aqueles de ouro em pó metido em um outro saco de couro.

No dia seguinte Paulo alugou uma pequena casa, e para ela, com bastante cautela e segredo, fez passar todo o tesouro do velho André.

Oito dias depois recolheu-se este para a cidade: seu primeiro cuidado foi ir à casinha ver sua querida alma, que ali havia deixado sepultada; com precipitação e alvoroço com que foi não deu fé do golpe de machado no assoalho; levantou o quadro que fechava o seu tesouro e vendo-se roubado caiu sem sentidos. Paulo, que acudiu a esse tempo, estando antes o observando de parte, tomou-o em braços, e o conduziu para casa. Foi tal a paixão que tomou André pelo roubo do seu ouro, que expirou três dias depois deixando seu caixeiro como pacífico possuidor do lucro de sua avareza e somiticaria! Paulo, senhor e possuidor de cem mil cruzados, muito dinheiro para aquele tempo, estabeleceu-se otimamente e continuou a ganhar rios de dinheiro. Fez um grande casamento em 1725 com uma viúva rica; teve um filho em 1729, que morreu pouco depois, e em 1730 teve uma filha de cujo original ali está o retrato.

1300

Capítulo III

Quem era o padre Roberto, Leôncio e Juliano

Entre os muitos estudantes que freqüentavam a Universidade de Coimbra havia três jovens distintos por seu talentos, e bem diferentes por seus costumes e caracteres.

— Juliano, de 28 anos, de idade, era bem apessoado, não feio, e sobremodo bem feito: dotado de um transcendente talento para belas-lettras, havia feito seus preparatórios brilhantemente e tinha se matriculado na Universidade de Coimbra, onde estudava direito. Juliano, bem que jovial entre seus amigos, era todavia melancólico, amigo da solidão, falava pouco, meditava muito, e quase sempre estava só, do que muito gostava: bastantemente sensível e dotado de mui notável veia poética, algumas vezes dava pasto à sua sensibilidade e aliviava sua melancolia escrevendo poesias às vezes em prosa, e às vezes em verso. Juliano não deixava de ser em algumas coisas original.

— Roberto, também dotado de algum talento e habilidade, era um gênio turbulento, intrigante e desconfiado: e não havia talvez homem algum de mais recursos, e de mais subterfúgios que Roberto. Ele tinha pois feito seus preparatórios, e destinando-o sua família para sacerdote, achava-se estudando teologia, moral etc.

— Leôncio tinha pouco talento, e era de caráter frouxo e indolente; fraco por natureza, era homem próprio para ser governado pelos outros; falto de timbres seria capaz de cometer coisas feias por sugestão de outros homens. Leôncio havia também feito seus preparatórios e estudava medicina. Leôncio e Roberto eram amigos íntimos e Juliano nem uma

relação tinha com eles, e nem podia ter, atentos os gènios dos dois e o de Juliano.

Acontecendo um dia estar Juliano com um estudante, seu amigo, e amigo também dos dois, que ali também se achavam, estes se atreveram a fazer uma pequena assuada a um lente da universidade que passava, e com quem estavam de ponta.

Queixou-se o lente deste procedimento, e tornando-se o negócio bastante sério, os quatro estudantes tiveram de abandonar a universidade: em consequência pois vieram para o Brasil os três, isto é, Juliano, Roberto e Leôncio. O primeiro, que era de boa família, veio recomendado a um tio muito rico, e estabelecido no Rio de Janeiro. Roberto, que apesar de seus grandes defeitos, não deixava de ter maneiras agradáveis e de ser muito obsequioso (o que é terrível em quase todos os falsos), obteve uma carta de um fidalgo para um jesuíta, e no Colégio da Companhia de Jesus, no Rio de Janeiro, foi então aboletado. Aí foi agradando com suas afáveis maneiras aos principais da Companhia, e tendo completado seus estudos recebeu a roupeta da ordem, e por fim tomou as últimas ordens no dito colégio. Leôncio meteu-se a curar, e por sua conta e risco matando, com todas as formalidades da arte de curar; assim ia vivendo sua vida menos má, e com foros de licenciado, forrando sua meia dúzia de patacas à custa dos pábulos.

Juliano, por seu modo sério, por seu gènio sossegado e pelo seu amor à honra, bem depressa cativou a afeição de seu tio, de quem era o menino mimoso, e de quem tinha tudo.

Foi em 1753 que Roberto chegou ao Brasil com Leôncio, 32
Juliano em 1754. Quase um ano depois foi seu tio jantar com Paulo, cuja filha, que já conhecemos, e que se chamava Clara, original, como já disse, do retrato, fazia anos; e Juliano não o pôde acompanhar, por se achar então doente. No seguinte ano porém foi Agostinho jantar com Paulo no dia de anos de Clara, e com ele foi Juliano. Uma ou duas horas antes de jantar, Juliano viu a bela filha de Paulo, e vendo-a se sentiu perdido de amor: nunca seus olhos, como ele próprio dizia, viram tão perfeita criatura. Juliano dirigindo-se para um canto da sala, onde havia uma mesa com uma escrivaninha, pediu a Paulo um pouco de papel, e sem perturbar-se com a conversação começou a escrever. 4

Entre o número dos convivas achava-se Roberto, que tinha em casa de Paulo muita confiança. Paulo era um extremo carola, e toda a sua queda era para os jesuítas, e Roberto com suas maneiras enganadoras de tal modo se havia insinuado no ânimo do velho, que além de quase governá-lo tinha em sua casa inteira liberdade.

As horas do jantar convidaram aos convidados para passarem à sala de dentro, onde uma lauta mesa os aguardava. Assentaram-se todos indistintamente, exceto as damas, que se não confundiram com os homens, assentando-se de um lado, e eles de outro. Logo que as saúdes ferveram à rainha da festa, à formosa Clara, Juliano, que ferido de amor saía pela primeira vez de seu sossego habitual, bateu as palmas e pediu vênua para recitar uns versos aos anos de Clara. Houve um profundo silêncio, e o jovem leu o seguinte:

Aos anos da encantadora Clara

S O N E T O

*Com um rir tão doce, que da boca exalas
Pagas a quem brindar bem o teu dia!
Com tanta formosura, e tal magia
Té os mais duros corações abalas!*

*Soltas celeste aroma quando falas,
Em nós difundes cândida alegria!
Teus dons têm mais poder, mais energia
Que os de Vênus, de Juno, d'Hebe e Palas!*

*Mais bela que as mais belas divindades,
Quem te verá sem palpitar de amores,
Oh, quem deixará de sentir saudades?!*

*Sejam como as estrelas teus louvores!
Como as areias tuas felicidades
Teus anos tantos, como são as flores!*

Este soneto não será um ótimo soneto, mas atenta a circunstância de ser feito quase de repente, e numa sala onde se conversava, é ele pois um muito bom soneto.

Os entendedores da matéria aplaudiram o soneto, como uma boa poesia; os que não entendiam aplaudiram por adulação a Agostinho, ou antes a Juliano como o herdeiro de uma boa fortuna, isto é, os bens de Agostinho, que não tinha herdeiros, e que idolatrava ao seu mui querido sobrinho.

Bem percebeu Juliano que seus versos tinham feito impressão em Clara. O coração da bela parecia expandir-se com a leitura do soneto: dir-se-ia que sua alma amplamente arru-bada banhava-se deleitosamente no suavíssimo bálsamo das palavras de Juliano; e com efeito a doçura e graça com que se exprimia eram para levar ao coração, inda até ao mais rebelde, a mais imperiosa convicção. Depois da leitura do soneto Clara nunca mais tirou os olhos do enamorado poeta; ele pela sua parte fazia outro tanto.

Agostinho, que na sua mocidade havia sido um espirituoso namorado e insigne empreendedor, não deixou de notar que Juliano estava apaixonado de Clara, e que esta lhe não era indiferente.

Nenhum dos convivas se apercebeu da paixão dos jovens, e se algum se apercebeu dissimulou habilmente. Roberto era o único a que tudo dava atenção, tudo observava, e nada lhe escapava; mas sempre gracejador, sempre jovial, tão bem disfarçava suas observações, que a ninguém causou descon-fianças.

Durou esta reunião até as dez ou onze horas da noite, bem que às oito Roberto se houvesse retirado. E pois despe-diram-se todos, e na despedida Juliano e Clara se entreolha-ram: Juliano suspirou apenas; Clara não fez mais que corar e abaixar os olhos; era bastante, era demais até.

No outro dia, seriam quatro para cinco horas da tarde, Clara estava só, cosendo, assentada sobre seu canapé. Roberto, com a costumada liberdade que na casa tinha, entrou, e no mesmo canapé tomou assento, dizendo em tom quase peni-tente:

- O Senhor esteja nesta casa.
- E venha em vossa companhia, meu padre — disse Clara.
- Como passastes de ontem para cá, minha filha?
- Muito bem: e V. Revma.?
- Pedindo sempre a Deus por vós, e vosso pai, para que Deus vos faça felizes, e vos dê saúde, vos conceda virtudes,

vos livre de trabalhos, e do inimigo, que vos tenta; vos dê paciência nas adversidades, e constância no serviço do Senhor, e nas boas obras, que nos levam ao céu.

— Amém, meu padre; Deus vos pague pelo cuidado que sobre nós tomais.

— Amém, amém. Somos sacerdotes do Senhor, e devemos velar pelas almas dos fiéis. E eu sobretudo velo pela vossa, como se fôsseis minha filha.

— Muito vos devo, meu padre; mas permiti que vos pergunte donde nasce essa tão grande afeição que me tendes?

— Nasce de amar-vos muito.

— V. Revma.?! Oh meu Deus! É singular...

— Esperai, esperai. Não é com esse amor profano, que cega e perde a esse mundo tão mau e tão cheio de iniquidades, que eu vos amo: amo-vos com amor puro, com um amor santo, um amor todo espiritual, que me arrebatando todo em santos êxtases me eleva a Deus, único arquétipo de vossas perfeições, único espelho em que se deve rever vossa alma, que tão bela, e tão dotada de celestes dons saiu do seio do Criador para animar sobre a terra a obra-prima, o empenho, o milagre da criação, que é o vosso mimoso corpo! E pensais vós que encantos tão divinais, que tão celestiais belezas foram dadas à terra para serem profanadas por esses iníquos pecadores conspurcados no lamaçal do vício? Pensais vós que o Deus que vos criou tão formosa, tão predileta entre todas as belezas, não vela sobre vós, e não vos destina a mais suprema de todas as venturas?... Ah! Não acrediteis! Vós sois do céu, bela Clara, e uma criatura terrena vos não pode caber em sorte! As revelações que Deus me tem mandado a vosso respeito não podem mentir; não, porque o Senhor não mente...

— Então que revelações?

— Que vós sois uma das escolhidas do céu. Clara, vós sois uma santa... uma santa... acreditai-me, uma santa...

— A presunção da salvação sem merecimentos é um pecado contra o Espírito Santo.

— Bem dizeis, sem merecimentos: e que mais merecimentos que vossas virtudes e vossos encantos? Acaso credes que o Senhor criou tantas belezas para precipitá-las nos tanques horrendos do fogo eterno! A obra de vossa salvação está começada. Deus deu-lhe o começo, e só resta que vós a concluais.

— Então, meu padre, o que convém que eu faça ?
— Pouca coisa, pouca coisa. Em primeiro lugar, que levanteis vossa alma a Deus, e esquiveis vosso coração de qualquer amor terreno e baixo que o possa manchar . . .

— E depois ?

— Estais muito disposta a isto ?

— Sem dúvida; muito disposta.

— Em segundo lugar, que vos deixeis conduzir por meus conselhos, e só por eles.

— Mas, meu padre, não basta que o digais, cumpre dar a razão por que assim devo obrar. Quanto o elevar minha alma a Deus, bem, eu o faço sempre. Quanto o esquivar um amor terreno que a manche, isso é de meu interesse e de minha honra: mas por que devo seguir vossos conselhos, e só eles ? É preciso que me comproveis com alguma razão que me convença.

— Não estais vós convencida que eu, que desde o berço vos conheço, vos hei de dirigir sempre pelo caminho do bem ?

— Não, meu padre . . . há muito pouco tempo que me conheceis . . .

— Esperai, esperai. Eu vos conheço de vista, há pouco tempo é verdade: mas antes vos conhecia.

— Que extraordinária coisa !

— Pois acreditai. Ora ouvi. Já de todos os séculos estava eu destinado para ministro do Senhor, e o Senhor em minhas santas contemplações já me mostrava parte do futuro. Foi em minhas divinas visões que algumas vezes o Senhor mostrou-me aquela, de cuja alma eu seria algum dia condutor.

— E era eu ?

— Sim, vós, sem dúvida: vós mesma.

— Que felicidade ! — disse Clara rindo. — Então, meu padre, já vejo que V. Revma. é um santo.

— Não, não sou um santo; mas um servo do Senhor, que bem que indigno, o Senhor escolheu para instrumento de alguns de seus divinos desígnios. Agora creio que estareis convencida de que só desejo o vosso bem.

— Convenho.

— Entendo e humildemente digo, que nenhum mortal sobre a terra existe que de vós seja digno; e por isso aconselho-vos que nunca tomeis estado, salvo se houver sobre a

terra um varão tão santo que de vós seja digno. Vós sois uma senhora formosíssima com quem o céu repartiu todos os dons do seu imenso tesouro. . .

— E então ficarei solteira toda a minha vida?

— E por que não?

— E por morte de meu pai quem tratará dos meus negócios? Depois, tenho ouvido que nós mulheres viemos à terra cumprir um destino, e entre nós esse destino é para umas o casamento, para outras o claustro; e então, se eu não me caso, devo logo ser freira.

— Não; não vos digo isso: mas, em todo o caso, antes ser freira que casada.

— Mas é mau o casar?

— Não digo isso: mas quero dizer que raras vezes se acerta bem. A mulher é certamente uma costela do homem, e este logo que chega à idade das paixões lança-se em busca de sua costela; encontra pois muitas, vai a provar uma e outra, nenhuma lhe serve. Que certeza tendes vós de acertardes com um bom marido? A perversão tem lavrado por toda a parte, o vício corre todos os corações e empana todas as almas; e nesta época de imoralidades e de crimes, apenas um homem bom aparece entre cem malvados; e quem vos há dito que esse homem bom vos caberá por sorte? Sois uma herdeira rica, já possuí pelo que herdastes de vossa mãe talvez uns 200 mil cruzados, ou mais, tendes de algum dia de herdar outro tanto ou mais de vosso pai; casais, talvez, com algum peralvilho, um preguiçoso, um pródigo enfim que em vez de poupar vossos bens, por vosso pai adquiridos, e com tanto trabalho e honra, os desperdiçará, e maltratando-vos, o que é mais. Conhecereis então o erro em que caístes, tarde porém; esses laços com tanto gosto e amor contraídos bem depressa se vos tornarão pesados, e até odiosos. Dois únicos meios se apresentarão para desfazê-los; a morte do marido, ou abandoná-lo: no primeiro caso um crime, e um crime horrendo! Um crime que vós deveis aceitar com todas suas conseqüências, quaisquer que elas sejam; um crime horrendo que mais tarde cairá sobre vossa cabeça, porque o Senhor vosso Deus disse: "Aquele que ferir com ferro, com o ferro será ferido!" E ninguém deve presumir que seu crime seja sempre ignorado dos homens: porque se a terra oculta e devora o corpo do assassinado, e ela revela

aos homens um dia o nome do assassino, o Senhor vê todas as ações dos homens, e um dia Ele as apreciará pesando-as na estreita balança de sua imparcial e tremenda justiça! No segundo caso é mau e desonroso a uma senhora casada deixar seu marido, seja qual for o motivo que para isso tenha; porque os juízos do mundo são sempre terríveis para com a mulher; e ser mal casada é extraordinariamente mau: e nem sei se vos diga que mais vale não ser casada, nem viúva, e nem donzela, que ser mal casada. Além de que sois uma menina discreta, tendes muito juízo, e estais com mais de 20 anos; vosso pai, bem que ainda muito forte, é presumível que morra primeiro que vós, e pode muito bem ser que quando vosso pai deixar este vale de lágrimas, e passar-se a viver uma vida eterna na mansão celeste, que vós já tendes muito mais de 25 anos, nesse caso não ficais sujeita a um tutor, e nem à mercê de seus caprichos; ficais então rica, muito rica, e senhora de vós em vossa liberdade! Liberdade, esse dom sagrado, e tão precioso que o céu com tanto cuidado legara ao homem, e de que o homem todos os dias abusa já comprometendo-o, já alargando-o, já restringindo-o por suas próprias mãos. Miséria das misérias! Somos bem desgraçados, minha filha! Além disto, ponderais as notáveis diferenças entre o estado de casada para vós, e o de solteira: solteira, não dependeis de pessoa alguma; casada, dependeis imediatamente de vosso marido; solteira, podeis mandar; casada, deveis pedir; solteira, podeis pedir satisfações; casada, deveis dá-las; solteira, enfim, podeis mandar imperiosamente; casada, sujeitar-vos-eis a pedir, e às vezes a serem recusadas as vossas súplicas; e daqui podeis bem ver as consequências dos dois estados.

— Meu padre, eu não duvido de nada disto: o que noto é que sou ainda muito moça, não tenho prática do mundo; pode meu pai morrer breve, e quem cuidará dos meus negócios?

— Um procurador hábil e honrado...

— Como? Aonde encontrá-lo?

— Procurando achar-se-á.

— Mas há pouco dissestes vós que tudo estava corrompido, que em número de cem acha-se apenas um homem de bem, o que eu acredito, e então onde hei de achar um procurador fiel e honrado?

— Apesar da corrupção há todavia ainda muita gente honrada. Duvidais de que possa ser eu vosso procurador e tratar de vossos negócios como meus?

— Oh! Deus me livre que duvide de tal.

— Pois Deus dê muitos anos de vida a vosso pai; mas se ele morrer breve tereis em mim um novo pai; vossos negócios serão meus; descansai, nada vos há de faltar, sereis feliz, e muito feliz, e vivereis tranqüila e alegre por minhas santas diligências.

O padre fez aí uma parada: nisto entrou uma escrava, e anunciou que uma pessoa vinha visitar ao senhor e à senhora.

— Manda entrar — disse Clara.

A preta escrava saiu, e logo apresentou-se Juliano: um raio de alegria lampejou nos olhos de Clara, passou e sumiu-se; mas era muito, Roberto não precisou de mais; todavia, sua habitual simulação não o traiu; seu rosto esteve sempre sereno e radiante; uma vez por outra sua vista penetrante e audaz fixava-se ora sobre os olhos de Juliano, ora sobre os de Clara, e daí ia lendo até seus corações.

Juliano bem conhecia a Roberto, e como o conhecia por demais nunca se quis dar por conhecido. Roberto fez o mesmo.

Juliano esteve quase duas horas; parece que em cada minuto dessas horas desejou um instante, um só instante em que trocasse com Clara uma palavra, mas o padre Roberto nunca os deixou.

Na despedida Clara olhou para Juliano com temor e para Roberto com firmeza.

Os dois se entreolharam apenas; Juliano empalideceu, Roberto sorriu-se!

Roberto depois da saída de Juliano nada disse a respeito dele, nem fez a Clara menor reflexão sobre esta visita: ele também retirou-se pouco depois.



Tarde II

Capítulo IV

Uma declaração de amor

Paulo, que morava na rua Direita, costumava quase todas as noites ir para a rua do Alecrim, onde, em casa de um seu amigo, ficava até as dez horas, e às vezes mais tarde, jogando a manilha, a cascarra, ou a bisca de nove, quando para qualquer dos outros não havia parceiros. Clara ficava apenas acompanhada de suas mucamas, e de uma parda já velha, que a havia amamentado: e nem Clara precisava de quem a guardasse, porque a virtude por si se guarda.

O jesuíta Roberto, que ia à casa de Paulo quase todas as tardes, lá se demorava com Clara até seis, sete, oito horas da noite, e às vezes mais.

Depois da saída de Julião e de Roberto, uma escrava de Paulo chegou-se a Clara e dando-lhe um papel dobrado disse: — Aquele moço que saiu deu-me este papel.

Clara corou, uma luta entre o amor e o pejo debateu-se em seu coração; enfim ela aceitou, abriu, e leu o seguinte:

À mais bela de todas as mulheres, a encantadora Clara

E P Í S T O L A

*Jamais vista, exemplar, pulcra beleza,
Beldade, à qual que me ouça só imploro,
Empenho sem igual da natureza!*

*Na paixão em que ardendo me devoro,
Eu me sinto morrer, ó formosura...
Se te ofendo perdoa-me... eu te adoro.*

*Um leal coração, e uma alma pura,
Encantadora ninfa, é quanto ofereço,
E um amor sempre firme, e fé segura!*

*Tão meiga, tão sensível te conheço,
Que ousa esperar de coração tão terno
Algum acolhimento, algum apreço.*

*Porém se acaso desprazer interno
Me reserva pra tua antipatia...
Antes, antes a morte, antes o inferno!*

*Minha alma, da qual és toda alegria,
A quem agrilhoou tanta heldade
Solta por compaixão, sequer um dia!*

*Manda meu coração, minha vontade,
Os quais presos lá tens e então consente
Que eu me possa matar em liberdade!...*

*Mas não; meu terno coração não mente;
Um firme amor que tens um brando peito
Me diz ao coração, me diz à mente!*

*Teus triunfos os ostenta; eu satisfeito
Meu alvêdrio exemplo até agora
Contente ao império teu vejo sujeito.*

*Vencedora de mim soberba arvora
Da vitória de amor a bela palma,
Manda ao vencido escravo; és a senhora!*

*E triunfante assim em doce calma,
Para ostentares teu império e glória,
Ata meu coração, ata minha alma
Como tropéu ao carro da vitória!*

JULIANO

A sensível Clara leu muitas vezes esta carta revendo-se nela: gostava destes versos, achava-os sonoros e harmoniosos, acreditava que neles havia belas idéias e gosto; e pois para ela a epístola de Juliano era uma perfeita composição cheia de inspirações felizes e de rasgos brilhantes. E por que não? Não dizia ele que Clara era formosa? Dizia, então estava sa-

tisfeita a fórmula de uma declaração de amor feita em regra: todas assim são; mas esta tinha em seu favor além da dupla vantagem de ser em versos, o que é muito para uma moça de imaginação, a bela qualidade de Clara não desgostar-se do autor da dita declaração. E pois Clara lia e relia com devaneamento esses versos de Juliano!

Era bem desculpável e até natural esta espécie de orgulho numa moça bela e bastante espirituosa. Enfim o momento do entusiasmo passou e a chama de reflexão veio apossar-se da alma da moça: era se deveria responder à carta de Juliano o em que ela pensava; e no caso de responder-lhe, o que lhe diria? Seu coração palpitando com força exigia a sua resposta, mas as leis da decência, o pejo...

Clara tem uma inclinação por Juliano, deseja dar-lhe uma resposta, seja qual for, o que disto a priva por ora é o pejo... Fraca barreira imposta às torrentes do coração, que amor abrasando com o ardor de um suspiro, completamente aniquila, fazendo transbordar em borbotões esse doce e venenoso licor gostosamente bebido nos olhos de alguém para quem temos, bem que simulado no róseo manto do pejo, um sorriso de malícia! Clara pois tinha já o pé na porta do templo do amor, e não tardaria a penetrar até o mais recôndito do santuário, para depor na pira dos deuses uma espontânea hóstia sacrificada à sua paixão; porque quando se ama muito, sacrifica-se ao bem-amado o próprio coração.

Enfim, Clara tomou uma resolução, decidiu-se a responder e o fazer na seguinte carta:

“Senhor,

Sou moça solteira, filha de família, e governada por meu pai, que vós bem conheceis; não quero, não quero nem desejo ser freira; não duvidarei tomar estado com algum moço digno de mim; mas em todo caso é meu pai quem deve decidir a minha sorte.

Clara.”

Eis aqui uma resposta louvável pela sua dignidade, notável pela sua precisão de suas idéias e admirável pela concisão de suas palavras! A nobreza desta resposta é digna de

honrar a uma severa que ame! Mas seria esta resposta ditada pelo coração de Clara? Estaria ela em harmonia com os sentimentos de sua alma? Não, não, que duas vezes começou dobrá-la para mandá-la a seu destino, e duas vezes recuou murmurando: "É tão pouco! Talvez que ele se ofenda com minha reserva". Enfim a austeridade da honra venceu, e dobrou a carta.

Lutas naturais em uma paixão nascente, mas de pequena duração.

Clara deu a carta à mesma escrava. Notemos que quando a escrava deu-lhe a carta disse-lhe que Juliano pedira encarecidamente uma resposta.

No outro dia Juliano passou em frente da casa de Paulo, mas antes de passar viu lá entrar o padre Roberto; Juliano passou sem tocar, talvez por isso; no tempo em que ia passando, a escrava, que tinha a carta, acenou-lhe, dando a entender que já tinha a resposta. Depois da ave-maria, na ocasião em que a mesma escrava saía, um moço chegou-se a ela, no corredor e, em nome do sr. Juliano, pediu-lhe a carta. A escrava perguntou-lhe se vinha a mandado do sr. Juliano, e sabendo que sim, deu-lha.

! Passaram-se oito dias sem que Juliano aparecesse, e nem dele houvesse notícias. A princípio Clara afligiu-se; depois foi se exasperando; por fim irritou-se contra ele. Clara pensava que o moço nada mais quis do que apalpar seu coração, fazer uma conquista de poeta, para depois, como poeta, alardear mais um triunfo, e essa idéia era para ela um tormento!

Não era porém só o orgulho de um coração de mulher que, trovejando em seu peito, e perturbando suas idéias, afligia a sensível Clara, naquela alma havia mais uma idéia, e essa idéia era grande como o mundo, e dolorosa como a da perda de um bem! E a dor era tão grande como a mesma idéia! A idéia pois era amor, e a dor era a dor do desprezo! E pois na alma de Clara já havia um mistério tão tremendo, tão vago, tão indifinível, e ao mesmo tempo tão absoluto como o mistério do primeiro pecado! Já havia um culto tão fantasiado, como o culto do Corão! E uma palavra sacramental tão confusa como a idéia de Deus! E era a vez primeira que esse mistério assombrava sua alma, que esse culto impunha-se num

silêncio, e que essa confusão desordenava suas idéias! Clara nunca havia amado, e todavia estava no quinto lustro de sua idade!

Oito dias se passaram depois de sua resposta a Juliano, e nesses oito dias nenhuma notícia soube dele. Durante todo esse tempo, o padre Roberto não deixou de vir uma só tarde. Nessas visitas o padre não cessou com suas conversações, elogiando o celibato, e abatendo o consórcio. Nós já sabemos que conversas são estas. Clara, porém, que pareceu tê-lo ouvido de boa fé, deu em uma destas tardes seus sinais de desconfiança; ela notou que o padre insistia muito em idéia de amor, e chegou até a dar a entender que amava a Clara! A donzela estremeceu e perguntou:

— Como, meu padre, pois vossa reverendíssima ama-me?!

— Sim, minha filha; pois já outro dia vos não fiz ver que vos amava, e a espécie desse amor? Amo-vos como a idéia mais perfeita do Criador. O verdadeiro amor provém de Deus, Deus é quem o inspira, e quem o revela! E é por meio desse amor que nós nos remontamos até o próprio Deus. Deus ama os anjos, como sua obra mais bela; os anjos amam aos homens, como a obra mais bela do Criador depois deles; os homens amam o belo sobre a Terra, porque o belo sobre a Terra revela uma idéia suprema do Criador; e o belo sobre a Terra assoma nos encantos de uma mulher: logo quem não ama uma mulher formosa não recebe revelações da divindade, nem é por ela inspirado! Quanto ao modo desse amor, isso é outra coisa: amo-vos, eu já vo-lo disse, com um amor que nada tem de sensual e mundano, com um amor todo espiritual, digno do Deus que mo revela, que mo inspira, e digno de vós.

Estes e outros eram os colóquios do padre quando em seus santos êxtases falava com Clara a respeito desse amor indecifrável, intrincado em tremendos e supremos mistérios, que nem Clara podia compreender e nem o mesmo padre definir! Era enfim um amor todo divino, todo místico, como deve ser o amor de um padre, de um ministro do Evangelho, de um sacerdote do Senhor enfim!

Clara, apesar de sua candura quase celeste, apesar de sua inocência quase divina, já também quase desconfiava do tão santo amor do ministro da religião: mas sua desconfiança era ainda um rasgo sublime de sua candura e de sua inocência!

Clara, julgando-se ludibriada por Juliano, e sentindo que o amava já, (do sexto dia por diante) depois de sua resposta, começou a mostrar certo fundo de tristeza, em que se notava o quer que fosse de aborrecimento e de anjo.

Numa dessas tardes em que Clara se achava menos complacente para com o padre, ou antes mais anojada, julgando displicente tudo quanto a cercava, o padre despediu-se e retirou-se perto da ave-maria. O céu estava umbroso, e a atmosfera um tanto carregada ameaçava chuva: Paulo não estava em casa, mas sim jogando, segundo seu antigo costume. Pouco depois da saída do padre Roberto, Juliano foi anunciado: Clara estremeceu ouvindo o nome de Juliano; diríeis que um intenso calafrio havia calado em todo seu corpo, fazendo-a estremeecer horrivelmente.

— Pode entrar... — disse ela com voz despeitosa.

Juliano entrou e, fazendo uma civil cortesia, disse respeitosa-

— Minha senhora...

Juliano tinha antes os olhos baixos, e nesta ocasião lançando-os sobre Clara, suspendeu-se como se fosse tocado pelo anjo exterminador!

Clara havia assombrosamente empalidecido; seus lábios e suas faces tinham embranquecido tão desmaiadamente que se julgaria ter a morte sobre ela entornado todo hálito frigidíssimo de suas geladas fauces! Clara, estática, com os olhos baixos, parecia possuída de algum demônio que a dominava! A não ser seus negros cabelos, sobrancelhas e olhos, diríeis ver nela uma primorosa estátua de um pálido mármore, com alguns traços azuis, e estes traços tão engraçadamente salientes sobre esse empalidecido fundo eram suas veias, que com seu belo azul fazia um maravilhoso contraste sobre o pálido de seu rosto.

Juliano notando essa espécie de torpor, cuja causa ignorava, trouxe apressadamente uma cadeira, onde a moça assentou-se, e por fim saiu dessa desanimação, que tanto tinha de assustadora como de feiticeira e bela!

Durante talvez meia hora houve entre os dois um inqualificável silêncio. Juliano não se atrevia a quebrá-lo, Clara gostava desse silêncio. Por fim, Juliano lhe disse de um modo triste:

— É preciso, senhora, que eu seja bem desgraçado, para que minha presença tanto vos incomodasse.

— Não, senhor — tornou-lhe Clara —, é uma vertigem que me costuma às vezes dar.

— E já está melhor?

— Nada mais sinto.

Juliano de novo ficou calado, e Clara continuou a gostar deste silêncio. Passou-se talvez outra meia hora; e nenhum dos dois parecia nem pestanejar; neste tempo começou a chover, e Juliano quis retirar-se, mas a moça, fazendo-lhe notar a chuva, pediu-lhe que a deixasse passar primeiro. Juliano assentiu, e outro silêncio foi então começado: pouco depois a chuva despregava-se dos céus em grossos borbotões; e eles estavam mudos, quedos, e impassíveis!

E talvez que eles tivessem tanto desejo de se explicar!... Talvez que tivessem tanto que dizer um ao outro!... Talvez que em suas almas borbulhonassem tantas idéias!...

Mas esse inqualificável silêncio, esse misterioso proceder, esse inexplicável enigma de seus corações, e para ele tão equivoco, quem sabe se poderia ter em seus corações uma interpretação que confrontada com seus afetos pudesse ser bem natural?

Clara, uma vez por outra, timidamente lançava sobre Juliano seus grandes olhos negros, que algumas vezes, encontrados com os do mancebo, vinham vergonhosamente ferir a terra como arrependidos do que viram; ao passo que seu rosto se mesclava de um vermelho pudico, ou irásivel! E, se não encontravam os olhos do moço, aí sobre o rosto dele ficavam embebidos como esperando um olhar, para, obtendo-o, arrependem-se uma outra vez!

Eram cerca de dez horas da noite quando a chuva começou a ir se estiando.

Clara não falava; Juliano estava mudo; a noite era escuríssima, e o silêncio seria completamente um silêncio de defuntos, se o sussurrar da chuva, caindo das goteiras dos telhados sobre as largas cantarias que lajeavam a rua Direita, não perturbasse o silêncio que a noite sói estender debaixo de seu manto. Quanto à mudez dos dois, era ela misteriosa, era mágica, e por isso inquebrantável para tudo quanto não fosse Deus e eles!

Afinal a chuva escampou-se, sem que por isso a noite se tornasse clara. Então os dois mudos ouviram na rua o temperar de uma viola, e pouco depois um brando harpejar, e de tão suave que era, bem assentava àquela hora de silêncio e de melancolia, em que a natureza estava abismada. Alguém cantando juntou a este celeste harpejo divinos trinados de angélicos cantares. Diríeis uma melodia suave, como o melodiar da frauta às margens solitárias de vagaroso ribeiro, tangida na solidão da alta noite! Sim, suave e tão suave era ela, quão cheia de saudades, quão prenhe de recordações, quão plena de esperanças!

Era pois uma melodia misturada de sons deleitosos, equívocos entre o prazer e a dor: de cuja mistura resultava para a alma um sentimento vago e inqualificável; um afeto sem expressão; uma quase bem-aventurança, que desvanecida por esses sons tão puros, tão vagos, e como celestes, ia maviosamente perder-se num fundo de melancolia, que por fim resultava dessa indefinível mistura de tão indecifráveis sentimentos, e de impenetráveis afetos!

Os dois estavam como suspensos!

A voz, pois, dizia cantando:

*Aqueles ternos sorrisos,
Que juraste serem meus,
Sobre a alma de um rival
Cáiram dos lábios teus!*

*Porque assim me matas
Com tanto rigor...
Ai... adeus pra sempre,
Adeus, meu amor.*

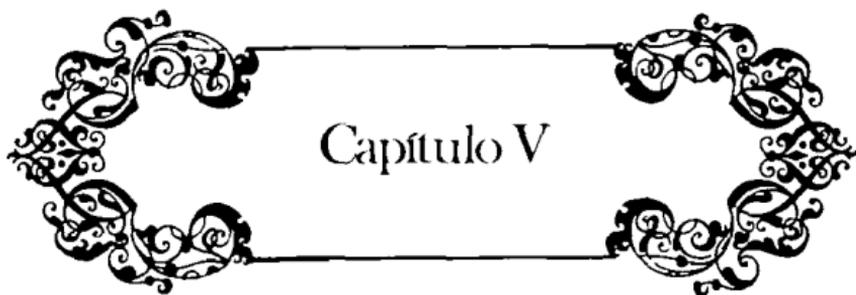
*Que fizeste... que fizeste
Dos mais solenes encantos?
Das mais sagradas promessas,
Dos juramentos mais santos?*

*Porque assim me matas.
Com tanto rigor...
Ai... adeus, ó Clara,
Adeus, meu amor.*

O enamorado trovador ainda não tinha bem fechado a derradeira copla, quando Juliano, com seu chapéu na mão, descia a escada dizendo:

— Eis a razão por que minha carta nem mereceu uma resposta... Adeus senhora, e para sempre...

Clara ouviu esse anátema, quis responder, não pôde, que a dor e a vergonha lhe supitaram a voz, e caiu sem sentidos numa cadeira.



Capítulo V

O pacto dos dois

O seguinte dia que era o sábado passou-se sem a menor ocorrência. No domingo o padre Roberto tinha que vir jantar em casa de Paulo, e antes pediu vênia a Paulo para levar em sua companhia um amigo. Com efeito à hora de costume apresentaram-se o padre Roberto e Leôncio. Leôncio era formoso, e de formoso que era bem podia servir nos empenhos de uma conquista amorosa. Quem sabe? Clara o viu com indiferença, é verdade; mas seu coração estava por demais alquebrado de desgosto; no seu estado normal, quem sabe?

Leôncio, por seu lado, nem quis oferecer a menor resistência aos encantos da moça deixando-se maniar e arrastar suavemente após de suas ternas seduções. Ao ver-se Leôncio à mesa de Paulo dir-se-ia que ele estava enamorado, e bem enamorado de Clara.

Enfim acabado o jantar, os dois hóspedes aí ficaram à entrada da noite e foi então que se despediram.

Nesse mesmo dia chegou de Lisboa, vindo para o colégio do Rio de Janeiro, o jesuíta Jerônimo, irmão mais velho de Juliano, e por isso Paulo no dia seguinte foi com Clara dar a Agostinho as boas-vindas pela chegada de seu sobrinho, e a Juliano, como irmão do recém-chegado. Nessa visita souberam Paulo e sua filha que Juliano estava para retirar-se para a Índia, ou Angola, lutando contra a vontade de seu tio, que em vão lhe pedia que ficasse com ele.

Agostinho suspeitava de algum desgosto de Juliano, mas, sem compreender que desgosto seria, matava-se não só para

descobri-lo, como também por apaziguar seu sobrinho, mas de balde.

A esse respeito, pois, conversaram Agostinho e Paulo diante de Clara, que tudo compreendendo bem via que era ela inocente causa dos desgostos do moço.

Entretanto Clara, que não queria a partida dele de nenhum modo, julgou melhor explicar tudo a seu pai, e ao velho tio de Juliano, e com efeito o fez com sua costumada ingenuidade.

Nesse ínterim chegou Juliano, que estava fora, e dando com Paulo e Clara ficou como para não viver; contudo, para satisfazer as leis da civilidade e da decência tomou assento. Os três interlocutores continuaram a conversação: e Juliano ouvindo que era ele o motivo da conversa começou a prestar algum interesse. Agostinho voltado para Juliano lhe disse:

— É a teu respeito mesmo que falamos, Juliano.

— Então — disse ele — permitam que me retire.

— Não; é mister que ouças. A sra. Clara conta-nos aqui uma história, e pelo que vejo o motivo de teus desgostos é a mesma senhora.

— Não, meu tio, nenhum desgosto tenho.

— Não dizes a verdade.

Clara continuou a história, e pela sua relação vieram no conhecimento que alguém havia se intrometido, e usurpou a carta, e tanto mais que Juliano confessou que por ninguém a mandara buscar.

Ora, por umas coisas se deduzem outras; havia pois algum intrigante que pretendia desviar Juliano, e esse alguém era sem dúvida o trovador noturno, que tão apaixonado cantara debaixo dos balcões das janelas de Clara.

A vista de tudo isto Juliano confessou a seu tio sua paixão por Clara, e Paulo e Agostinho depois de alguns preliminares entabularam o tratado de casamento de Juliano e Clara.

Enquanto estas coisas se tratavam entre Agostinho e Paulo sobre Juliano e Clara, outras não menos importantes tinham lugar entre o padre Roberto e Leôncio.

Três dias passados depois que eles jantaram em casa de Paulo, notou o padre que Leôncio lhe não falava na moça, o que o maravilhava, visto que Leôncio lhe pareceu muito afeiçoado dela. Homem calculista, conhecedor do mundo,

- julgou que devia sondar o coração de Leôncio, e, sem saber o que se passava entre Paulo e Agostinho, disse ele a Leôncio:
- Ainda nada me disseste sobre a filha do Paulo, Leôncio.
 - Ah! Sim! Ainda não tive tempo.
 - E que tal?
 - Não é feia.
 - É um ótimo casamento.
 - Sim?
 - O pai é muito rico.
 - Hein?... Muito rico?
 - Riquíssimo. Há ali para melhor de 400 mil cruzados.
 - Oh, homem! Tão formosa e tão rica!
 - É como te digo.
 - Gostei muito dela... se o pai ma desse.
 - Alto lá, sr. Leôncio.
 - E por quê?
 - Porque eu me oporia a isso.
 - Mas por quê?
 - Porque...
 - Sim, por quê?
 - Isto é um segredo de alta consideração.
 - Deveras tens tu segredos para mim?
 - Vejo que não tenho razão: mas há coisas às vezes...
 - Como quiseses: mas creio que comigo não deverias ser assim tão discreto.
 - Enfim não te quero ofender com uma reserva tão positiva; mas pondera bem o alcance de um tal segredo.
 - Sabes que sou discreto.
 - Eu amo a Clara.
 - Bom. E ela?
 - Corresponde-me.
 - E então hás de te casar com ela?
 - Não: mas não quero que se case com pessoa alguma.
 - E essa grande fortuna?
 - Que tenho eu com essa grande fortuna? Importo-me com ela porque a amo e não com seu ouro.
 - Mas... eu sei... Essa fortuna...
 - Que tem essa fortuna?
 - Podia, e até devia parar em hábeis mãos, que dela fizessem um bom e suficiente emprego.

- Sim; porém isso para mim é secundário.
- Mas podias tu arranjar-me aquele casamento...
- Mas quando te eu digo que não quero que ela case?
- Podíamos fazer um muito bom arranjo.
- E como?
- O pai não pode dar-lhe sua legítima toda?
- Sem dúvida.
- Pois aí está. Tu te podias incumbir de assim persuadir ao velho. Casado eu logo no dia seguinte faria uma viagem, e dentro em pouco punha-me fora do Rio de Janeiro: nomeava-te por meu procurador nesta cidade, onde ficarias a teu gosto, visto tu te não importares com o dinheiro. Que dizes?
- Tudo isso se pode arranjar uma vez que tu o queiras.
- Eu quero, homem.
- Mas não basta querereres.
- Pois então o que é mais preciso?
- Muito.
- Pois fala, homem.
- Em primeiro lugar, tu sabes que eu sou um homem...
- Capaz de tudo.
- Estimo que tu o saibas. E meus projetos devem ser vingados, ainda que mil diabos se levantassem contra eles, se porventura diabos houvesse...
- Adiante, adiante.
- Bom. Eu disparei as coisas de modo que tu cases, e recebas logo o que te pertence.
- Bom.
- Sabes que eu governo o ginja do velho? 35
- Prossegue.
- No mesmo dia do casamento irás com tua noiva para tua casa.
- Anda por diante.
- Logo que chegares em casa com ela deves ter um doente de suma importância.
- Já o tenho: continua.
- Escuso dizer-te que eu devo estar em tua casa nessa ocasião.
- Tens razão.
- E que já a este tempo deves estar pronto para partires para a Europa.

- Isto é a primeira coisa. Continua.
- Não voltarás de ver teu doente senão de manhã.
- Se voltar.
- Nesse dia participarás tua viagem a tua mulher...
- É claro.
- Indicar-me-ás como teu procurador.
- Em tudo, e por tudo.
- E nesse mesmo dia...
- E nesse mesmo dia, se possível for, partirei para a

Europa.

- De modo que em tua mulher não tocarás nem com um dedo.

- Nem junto dela chegarei: descansa.

- Assim, a ti todo seu ouro...

- E a ti ela toda.

- Tu me compreendes. E aquele que faltar à menor cláusula do pacto?

- Condenação eterna - disse Leôncio, e o padre, sorrindo-se sarcasticamente, disse de um modo quase satânico:

- Qual condenação eterna?... Não acredito nessas asneiras. O pacto está solenemente celebrado; é um pacto bilateral, cujas condições são iguais para qualquer dos dois contratantes; e aquele que faltar à menor das condições será vítima do punhal vingativo do outro que não for fedifrago. Aceitas?

- Aceito.

- Toca.

E os dois tocaram suas mãos apertando-as; e o padre Roberto, apertando a mão a Leôncio fitou sobre ele seus grandes olhos capazes de fascinar até a um demônio, querendo com suas vistas perscrutadoras ler até no recesso mais íntimo da alma de Leôncio, e disse depois:

- Marido de Clara, a ti seu ouro; e a mim seus encantos... Compreendes?

- Muito.

- Agora ouve o que há.

- Juliano, esse nosso ex-colega, não pôde ver Clara senão com os olhos de amor, por felicidade sua no dia dos anos de Clara, a cujo jantar assistiu, eu estava meio arrufado com ela: nessa ocasião esse pábulo teve o arrojo de fazer, e repetir um mau soneto aos anos dela, e ela gostou do soneto; por

que entre mulheres para uma poesia ser boa basta que fale em amor, que diga que é formosa, que tenha consoantes, e nada mais. Ora, Juliano escreveu a Clara, e esta carta eu não a pude obter; não obstante consegui a resposta que ela lhe mandou...

— E que tal?

— Dizia-lhe que estava pronta para casar com ele...

— Isto é o diabo.

— Isso fica por minha conta: não te aflijas, que esse casamento só terá lugar quando eu não for mais o padre Roberto. Dias depois ele lá foi uma noite; e o meu pequeno Ligeiro, que está sempre pronto para o meu serviço, cantou embaixo de suas janelas uma certa cantiga, que muito desorientou ao candidato. Enfim ele há de desenganar-se porque eu o tomo à minha conta.

— Eu também posso fazer alguma coisa, padre.

— Bem sei; mas não é preciso. Bem vêes que Juliano não está doente, e que quando adoeça tu não o tratarás.

— Entretanto, padre, conta comigo.

— O dito, dito...

— Desejo muito ser rico.

— Tu o serás.

Leôncio saiu a ver seus doentes; e o padre dirigiu-se para casa de Paulo.

Paulo, que não tinha segredos para com o padre Roberto, apenas este chegou, participou-lhe o que estava contratado a respeito do casamento de Juliano com Clara. Facilmente se ajuíza do espanto e aflição em que ficaria o padre ouvindo uma notícia que não só destruía seus futuros planos, como nulificava as intrigas de que já tinha lançado mão.

Não obstante, o padre recebeu esta notícia do casamento de Clara de um modo tão prazenteiro, mostrou até tanto prazer, que Clara, a quem ele pregava todos os dias que se não casasse, maravilhou-se por demais.

Era no mês de dezembro, quando o sol do Rio de Janeiro vibrando perpendicularmente seus raios sobre o teto dessa cidade, deixava esse solo como abrasado, fumegando quase um ar abrasador, contra o qual o habitante desse aceso torrão nenhum refrigério tem porque a fraca e suave brisa que constantemente ali suspira das dez horas da manhã até a noite,

abafada e empecida pelas grossas colinas que bordam toda a cidade, não consente que um ar mais fresco se encane pelas ruas, onde se morre de calor, sem o menor refrigério. Isto acontecia há quase um século, em 1754; isto acontece hoje, em 1847, apesar de no curto espaço de um século, menos alguns anos, tantas mudanças se haver feito no país tanto naturais, como políticas.

Possuía Paulo uma bela quinta para as partes de São Cristóvão, onde costumava por estes tempos ir passar mais em liberdade, e por isso mais livre dos calores da cidade, e por esta razão na força do calor, isto é, em dezembro, janeiro e fevereiro costumava estar com sua filha em sua bela quinta, que era em verdade um delicioso lugar, muito aprazível, mui bem plantado e cultivado com imenso gosto.

Paulo, pois, segundo era de seu costume, fez sua mudança para sua quinta, e lá se deixou ficar com sua filha. Lá, ia quase todas as tardes o padre Roberto conversar com Clara, e é de notar que, em todas as suas conversações, o padre se absteve sempre de falar em Juliano, e muito menos no casamento. Juliano também lá ia algumas tardes, e só voltava das nove horas por diante.

Entretanto os preparativos do casamento se iam fazendo, a bel-prazer dos noivos.



Tarde III

Capítulo VI

O Campo dos Ciganos

Esta cidade chamada o Rio de Janeiro assenta sobre a aba ocidental da baía de Niterói, hoje tão populosa, tão comercial, tão vasta, e que como um império da América meridional ameaça de, dentro em pouco, ser um colosso americano, crescendo sem descontinuar a olhos vistos, há um século que nem a sombra do que é hoje então era. O bairro da Misericórdia, como então se chamava, era a principal cidade: e daí até a Prainha, e das praias de D. Manuel, do Peixe, e de Brás de Pina, hoje dos Mineiros, até um tanto acima da rua da Vala, é o que era a principal parte da cidade: tudo mais eram casas salteadas aqui e ali; edifícios que começavam a aparecer, e uma nascente cidade que principiava a sair do nada, estendendo-se por entre as gargantas das colinas, aproveitando algumas pequenas elevações já entre um, já entre outro pântano de águas lamacentas e paludosas de que todo o terreno estava coberto, e de cerrado mangue, cujos fugitivos restos ainda hoje vemos bordando o Aterrado da cidade nova.

A bela praça, chamada hoje da Constituição, era naquele tempo o Campo dos Ciganos, e não passava de um pequeno campo irregular, pantanoso, cheio de árvores, onde algumas pequenas e rasteiras casas rareavam flanqueando o campo, que mais tarde deveria ser uma formosa e bela praça espaçosa. Daí, seguia-se por um lado e a sair ao grande campo, que hoje chamamos da Aclamação, a rua dos Ciganos, que outra coisa não era além de uma larga estrada entre algumas pequenas casas, cujas janelas eram guarnecidas de esteiras, ou rótulas de taquara, em lugar das vidraças de hoje e das venezianas; e

essas pequenas e irregulares palhoças pareciam mais capoeiras de aves que habitações humanas.

Tanto o Campo dos Ciganos como a rua não tinham estes nomes porque fossem dados arbitrariamente; não, que nesse bairro nascente da cidade, e coberto de toda a sorte de imundícias, é onde se havia estabelecido uma multidão de ciganos dados a toda sorte de vícios, e de maus costumes; e à proporção que a edificação e a civilização avançavam pela cidade adentro, estes ciganos recuavam e se iam embrenhando, como se fossem antípodas da civilidade e bons costumes. Ainda hoje os vemos habitando a beira do Aterrado, ladeira do Saco etc.

Ora, como este bairro-cidade era o menos freqüentado e o mais deserto, principalmente de noite, era também ali, onde se homiziavam soldados desertores, marinheiros, que abandonavam a marinha real, escravos fugidos a seus senhores, os evadidos de prisões, degredados que haviam acabado seu degredo, e enfim toda a sorte de bandidos, que se uniam com os ciganos para roubarem, matarem etc.

Muitas pessoas rancorosas que tinham alguma vingança a exercer, ou que para seus planos de ambição julgavam que sobre a terra havia alguém de mais, dirigiam-se à tasca da rua dos Ciganos certos de que encontravam ali um braço que não tremia, e um punhal que não dobrava; e mediante a ridícula quantia de uma meia dúzia de dobras o êxito era seguro.

No canto do Campo dos Ciganos e rua do mesmo nome havia uma pequena casa com uma única porta. Um ensebado e enegrecido mostrador corria uma parede a outra, tendo no centro uma abertura, que dava passagem apenas para um homem, sendo esta passagem guarnecida por uma pequena cancela de toscos sarrafos. Sobre o mostrador, encostado a uma das paredes, havia um engradamento em forma de um semicírculo também tosco, dentro desta espécie de gaiola estava cerca de uma dúzia de sujas garrafas, um prato todo gretado, e sobre o prato dois copos já rachados. No meio da casa havia uma pipa e três barris tudo tão imundo como as garrafas do mostrador: sobre esta pipa e barris estava um como estrado onde se achavam duas ou três mantas de ressequida e cinzenta carne seca, e uma manta de um amarelento e rançoso toicinho! Duas ordens de prateleiras guarneciam

toda a casa, e sobre estas prateleiras estavam alguns frascos vazios, quatro garrações, e umas oito ou dez garrafas, tudo coberto de teias de aranhas, e de imundícias de ratos e baratas; destas prateleiras pendiam duas réstias de alhos e uma de cebolas, e estas pela maior parte podres. Fora do mostrador e junto da porta estava num permanente fogão uma grande caldeira de folha de flandres em que se cozinhava e recozinhava, numa imensa caldeirada d'água, uma pequena porção de mate, ou café, cujo uso então começava, e doutro lado do fogão duas frigideiras, em uma se frigiã pequenas iscas de fígados e na outra sardinhas ou postas de espada, ou de outro qualquer peixe, tudo isto tão imundo e tão enjoativo como toda a casa, e seus fregueses. Bem no meio da prateleira do fundo, defronte da porta da rua em um nicho muito sujo, e coberto de fuligem estavam duas pequenas e grosseiras imagens, uma de Santa Virgem da Conceição, e outra de Santo Antônio de Lisboa, ambas tão enfumaçadas e enegrecidas como toda a casa. Sobre o mostrador, do lado oposto da grade das garrafas, uma caixinha das almas com seu competente painel estava exposta à devoção dos fregueses que quisessem concorrer com sua bendita esmola, para sufrágio das almas do purgatório. Sobre o mostrador, junto da pequena porta da cancela, dois grandes pratos de louça da Bahia estavam cheios, um de sardinhas fritas e postas de outros peixes, e outro de pedações de fígado frito igualmente, e apovilhados de moscas e outros insetos. Do meio da casa, de uma corda pendente de um caibro, toda gordurosa e coberta de moscas, pendia um velho, nauseabundo, ensebado e ferrugento candeeiro, que pelo feitio parecia ser de folha-de-flandres, entretanto não se pode bem determinar a matéria deste candeeiro, atenta a cor enegrecida que a fumaça da luz, e as imundícias das moscas lhe haviam dado!

Na época em que aconteceram as coisas que relacionamos tal se achava a afamada tasca da rua dos Ciganos, onde era o ponto de reunião dos boêmios do Rio de Janeiro, desertores do exército e armada, escravos fugidos, bandidos, criminosos, meirinhos, malsins e toda casta de gente sem costumes, sem moral e sem lei!

Em 1752 tinham chegado ao Rio de Janeiro como marujos de um navio vindo de Lisboa dois espanhóis que, tendo rece-

bido suas soldadas, despediram-se do barco em que tinham vindo, e no bairro dos Ciganos começaram de fazer sua residência: eram também ciganos.

Estes dois ciganos espanhóis tinham começado sua vida de escândalos sendo *barateros* nos mercados de Sevilha. Os espanhóis chamam *barateros* a certos vadios, gatunos ambulantes, sem eira nem beira, e que sem officio ou emprego algum andam vagamundeando pelos mercados com um sórdido baralho de cartas que alugam a quem queira jogar mediante a recompensa de alguns poucos *marevidis*: e é tal a inveja e ambição destes larápios, que disputam entre si quem alugará seu baralho de cartas; e estas disputas terminam sempre por um duelo de facas, em que ambos ficam às vezes bem ou mal feridos, e às vezes algum morto!

Os dois espanhóis em questão, graças a exímia habilidade, passaram bem depressa a serem irmãos da sociedade Garduna.

Com o título de Confraria da Garduna existiu por muito tempo em Espanha uma temível e célebre sociedade, cuja principal missão era de exercer alheias vinganças distribuindo punhaladas, sovas de pau e assassinatos por conta de quem bem lhe pagava. Os sócios desta confraria eram pela maior parte salteadores de primeira plana, e bandidos de toda qualidade.

Esta confraria compunha-se de um grão-mestre, que quase sempre morava na corte, onde era talvez um alto funcionário: este distribuía suas ordens aos vários capatazes das províncias, que as executavam com tal presteza e habilidade, que nada ficava a desejar ao grão-mestre da ordem. Quanto ao pessoal da Garduna, numeroso era ele, e dividido em várias classes: a primeira era a dos *guapos*, que eram no geral grandes jogadores de faca, espadachins temíveis, assassinos de profissão, consumados salteadores, resolutos até a temeridade, valentes e corajosos até as mais árduas iniciações egípcias. Na gíria da confraria eram eles chamados *punteadores*, ou distribuidores de estocadas. Seguiam-se os *floreadores* e *escaramuçadores*; estes rapazes, espertos vadios, pervertidos muito na flor dos anos, e pela maior parte bandidos que se haviam evadido das galés de Sevilha, Málaga etc., eram *irmãos postulantes*. Depois havia os *foles*, e davam-lhes este nome porque seu emprego era soprar ao ouvido do mestre da ordem o que sabiam

das famílias, onde hipocritamente se introduziam; e por isso os foles eram pela maior parte velhos beatos, que estavam quase sempre com rosários nas mãos metidos nas igrejas, exceto o tempo em que estavam juntos do mestre da Garduna, de serviço, ou ao lado do Grande Inquisidor de Sevilha, porque quase sempre acumulavam ao emprego de foles da Garduna o de familiar do Santo Offício. Havia além destes as *coberteiras*, que eram mulheres já idosas, que tinham quase as mesmas occupaões que os foles; e um grande número de rapazes de 14 a 18 anos chamados *chivatos*; estes eram noviços da ordem. Era mister ser chamado *chivato* ao menos um ano, para merecer a honra de trabalhar na qualidade de *postulante*. O *postulante*, que por suas façanhas e gentilezas havia bem merecido da sociedade, no fim de dois anos de serviços passava a ser *guapo*, que depois de grão-mestre e mestre era a mais alta dignidade que a ordem conferia. A Confraria da Garduna, além destas pessoas, tinha um grande número de *serenas*.

As *serenas*, quase todas mulheres jovens e belas, eram encarregadas de atraírem a lugares ermos as pessoas sobre quem a Garduna tinha de descarregar seus golpes. Alguns autores referem que, além deste imenso pessoal, deveria se juntar imensos frades, inquisidores, altos funcionários, clérigos, cônegos, outros que eram outros tantos instrumentos ou protetores da Garduna; e então pode-se ajuizar de uma sociedade que devastou a Espanha durante uns quatro séculos.

Esta sociedade foi estabelecida no começo do quinto século, e não foi inteiramente destruída senão em 1821 pelos caçadores de montanha.

Com estes dados, e dizendo nós que os dois espanhóis recém-chegados ao Rio de Janeiro haviam sido *guapos* da Garduna, podemos fazer uma idéia muito aproximada de seus caracteres; e pois eles se estabeleceram entre os ciganos no Rio de Janeiro.

Uma noite, cerca de nove horas, um vulto, embuçado no seu capote atravessando lentamente o campo de Sant'Ana, entrou pela rua dos Ciganos, e quase defronte da tasca, que há pouco descrevemos, um sujeito de estatura regular, moreno, com barbas crescidas, mal vestido, atravessou-se diante do robuçado dizendo:

— Meu cavalheiro, dais-me uma esmola pelo amor de Deus?...

O cavalheiro parou e contemplou o pobre.

A fraca luz que da tasca se projetava sobre a rua, o nosso rebuçado pôde a seu gosto ver as feições do pobre, que tão devotadamente esmolava e disse-lhe:

— Como, meu irmão! Sois ainda tão moço... por que não vos empregais?

— Ah! Senhor, bem me emprego, bem faço pela vida, mas não sei que maldição me acompanha: Deus não abençoa meu trabalho e o que ganho nunca me chega: sou casado, tenho oito filhos, e o mais velho tem apenas 11 anos: além disto sustento minha velha mãe e duas irmãs, e esta pobre mãe a quem carrego, no momento em que vos falo, está entrevada numa cama, onde ainda hoje não comeu, nem eu sei o que lhe hei de dar... Quereis ver?

— Tenho pressa, meu amigo.

— A nossa casa é esta.

E dizendo isto, o homem meteu a mão por dentro de uma pequena meia-porta de um sórdido casebre, e levantando a taramela fê-la abrir. Entraram.

O rebuçado era Juliano; e o dono da casa um cigano.

Com efeito, Juliano viu nesta casa, composta de uma pequena sala, um quarto e uma cozinha, um vasto estrado muito baixo estendido no meio da sala, onde dormiam a bom dormir oito crianças de diversos tamanhos. Três moças cujas idades pareciam ser de pouca diferença entre si estavam assentadas duas sobre uma ponta ou toro de pau que servia de banco e outra sobre o mesmo estrado. Uma coberta, ou antes um andrajo, tão esfarrapado e tão sujo era, cobria as crianças, e estava sujo de tal modo que difícil seria ou talvez impossível determinar sua cor primitiva. No quarto, sobre um velho catre, envolvida em um lençol também em extremo sujo, gemia uma velha cuja magreza denotava que não muito longe desta nauseabunda morada negrejava com terríveis gestos o funesto anjo da morte. O cigano, cujo nome era Justo, voltando-se para Juliano, disse:

— Pode haver maior miséria, meu cavalheiro?

— Tende paciência, meu amigo. Aqui tendes o que vos posso dar agora, e Deus vos console.

Dizendo isto Juliano deu ao dono da casa uma meia dúzia de moedas; de três patacas, de selos de pataca, de meia dita; perfazendo tudo dez patacas.

O cigano quis prostrar-se aos pés do benfeitor, quis beijar-lhe a mão, mas o modesto jovem sem esperar foi se retirando e dizendo:

— Eu vos darei alguma coisa sempre que puder — e retirou-se.

Apenas Juliano saiu, levantou-se a velha de seu quarto saindo para fora muito contente e perguntando:

— Então, então!

A esta pergunta levantaram-se também os meninos fazendo uma aflitiva matinada.

— A minha parte, irmão?

Bradou uma das moças.

Todavia Justo deu-lhe umas três moedas pequenas e ela saiu levantando três crianças. Enfim a família de Justo era composta dele, sua mulher, cinco filhos e sua mãe boa, perfeita, porque nada sofria. Quanto às duas moças uma era sua irmã, mas casada e que morava vizinha dele; a outra era irmã do cunhado, e os três meninos eram seus sobrinhos.

Enquanto esta burlesca cena tinha lugar em casa de Justo outra não menos interessante acontecia junto da taberna da rua dos Ciganos.

A tasca estava apinhada de vadios e malfeitores, e entre eles os dois guapos espanhóis. Um frade jesuíta passou e postou-se a pouca distância. Justo saiu de sua casa na mesma ocasião e viu o padre. Justo entrou na taverna. Um rapaz pouco depois entrou também na taverna e disse para um dos guapos:

— D. Estêvão de las Cruzes, ali vos querem falar.

— Hablar comigo!?(¹)

(1) Este espanhol e seu companheiro recém-chegados falavam uma linguagem bárbara que, não sendo bem espanhola nem portuguesa, era uma mistura de ambas.

— Certamente.

— E quien?

— Não sei.

D. Estêvão de las Cruzes saiu da tasca e encaminhou-se para a quina da rua; aí vendo o frade, disse:

— Boa noite, d. Estêvão de las Cruzes.

— Soi às ordens do senhor reverendo.

— Sei que sois um bravo, amigo.

— Buena noche, senhor.

— Para quem prestar.

— E eu preciso de vosso préstimo, d. Estêvão.

— És bueno.

— Conheceis vós um certo moço que aqui passa todas as noites?

— Que desce del campo?

— Exatamente.

— Com los vestidos pretos?

— O mesmo.

— Tene bela figura ele, hombre.

— Sem dúvida.

— Su nombre?

— Juliano.

— E agora?

— É mister que morra.

— Muera.

— Mas isto não sofre demora.

— Bueno.

— Amanhã ele deve passar por aqu

— Pueis muera amanhã.

— Ele é bravo.

— Que importa, hombre?

— Pois bem.

— E por conta de quem muere?

— Por conta como?

— São los jesuítas que lo mandam matar, ou vós?

— Nada; é negócio da religião.

— És bueno.

— Aqui tendes, d. Estêvão de las Cruzes: isto é de vosso trabalho; quanto à gratificação, contai com ela.

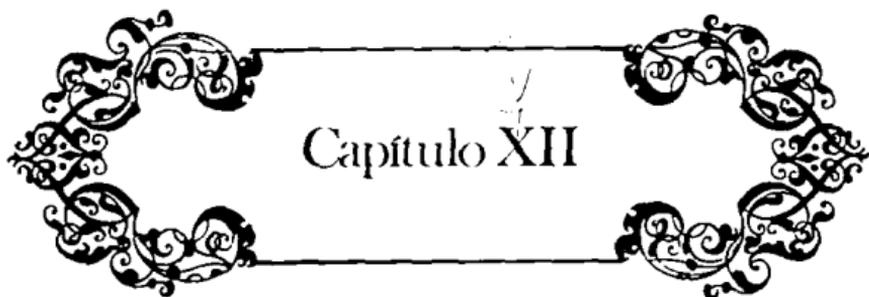
— Sereis servido.

— Adeus, d. Estêvão.

— Buena noche, padre mio.

O padre partiu, e d. Estêvão, à claridade da luz da tasca, despejou a bolsa em uma mão e contou vinte peças de 6\$400. D. Estêvão partiu. Um vulto todo de negro levantou-se do chão, onde, estirado a fio comprido, rente com a parede, estivera sem que fosse visto dos dois interlocutores.

O padre era Roberto.



Capítulo XII

Como d. Estêvão de las Cruzes cumpriu sua palavra

Eram quase nove horas da noite quando Juliano, tendo deixado a casa de Paulo, e a amável companhia da bela Clara, atravessava vagarosamente o Campo de Sant'Ana: quase no meio do Campo um vulto que estava deitado ergueu-se com presteza, e desembainhando uma comprida faca disse a Juliano:

— Defendei-vos.

O espadachim não tinha ainda bem firmado a última sílaba, quando outro vulto, que igualmente se levantou do chão, tendo também uma comprida faca, e dando costas a Juliano, frente a frente com o primeiro campeão, dizia:

— É comigo.

— Ó lá — disse o atacante — traz usted guarda-costas?

Era este d. Estêvão de las Cruzes, que vinha prestar o serviço, cuja paga já tinha previamente recebido.

Juliano havia desembainhado sua espada e em ar de defesa esperava intrepidamente o bote do ex-garduno. Aquele que em favor de Juliano havia concorrido, empurrando-o suavemente, lhe disse:

— Fazei-me a graça, meu cavalheiro; retirai-vos ou testemunhai de longe este combate. em nenhum caso porém vos mistureis com os combatentes: este negócio é meu e todo meu.

E sem ouvir mais resposta investiu com o espanhol, que como mestre do jogo da faca recebeu o bote do adversário; e pois os dois faquistas travaram uma luta de morte, em que se cutilavam desapidadamente.

Durou algum tempo este perigoso duelo sem que se pudesse notar vantagem em algum dos combatentes; mas uma

faca atirada pelo defensor de Juliano cutilou de tal modo a mão direita do agressor, que a faca caiu-lhe aos pés, e ele teve de assinar-se vencido; na ocasião porém de saltar-lhe a faca disse:

— És um guelpe de mestre! Solamente dom Justo.

— O mesmo. E agora que estás vencido quero que me acompanhes até minha casa.

— Pueis, caminemos.

Dito isto os três personagens começaram a caminhar silenciosamente: acabaram de atravessar o campo, entraram pela rua dos Ciganos, e, quase defronte da tasca, o vencedor meteu a mão por entre uma meia-porta, abriu-a, e convidou os dois para que entrassem. Logo que entraram admirou-se Juliano de ver o sujeito a quem tinha feito a esmola das moedas. Com efeito, o defensor de Juliano era o cigano Justo, o que o leitor já conhece.

Aí Justo voltou-se para o espanhol e disse:

— D. Estêvão de las Cruzes, o senhor Juliano é meu benfeitor, tendes ouvido?

— E que tene esto, hombre?

— Eu não quero que ele morra.

— No és possible.

— Por quê?

— Porque tengo recebido la esportula para o matar.

— Pois ide ao colégio dos jesuítas e restituí o dinheiro que recebestes; procedei como quiserdes, contanto que eu não quero que o senhor Juliano morra. Eu não quero.

— Hombre, quem lhe hai dicho estas coisas?

— Seja quem for, d. Estêvão... eu não quero que ele morra.

— Então — disse Juliano — quem me manda assassinar são os jesuítas?

— És um hombre que me hai pagado.

— É um frade jesuíta — disse Justo. Em seguida descreveu as feições do padre Roberto e contou tudo quanto sabia a respeito do assassinato de Juliano. O vulto que se havia levantado do chão e de rente da parede quando Roberto encontrava a d. Estêvão o assassinato de Juliano era Justo.

— Pueis bem — disse o espanhol —, és verdade tudo quanto d. Justo diz; vós deveis morrer, porque la religião de Jesus paga vuestra muerte.

Assistiam já a esta alteração o cunhado de Justo e um seu irmão. Juliano pediu um pouco de papel e tinta e, não havendo em casa, um dos personagens foi buscar à tasca; apenas chegou o papel e tinta, Juliano pediu a Justo que escrevesse o que ele de boa mente fez: Juliano ditou, e ele escreveu. Justo pois escreveu tudo quanto ouviu ao padre quando encomendava a morte de Juliano, as respostas do espanhol, a declaração de que o assassinio era mandado fazer pelos jesuítas; todo o acontecimento do duelo; e tudo isto Justo assinou com juramento dos Santos Evangelhos, e seu cunhado e o irmão deste como testemunhas também juradas aos Santos Evangelhos.

Justo quis também que d. Estêvão assinasse, ao que ele não se quis prestar; mas, vencido pelas questões e pedidos de todos, conveio em assinar declarando ter-se-lhe encomendado o assassinio em questão, contanto que o deixasse livre para que ele perpetrasse o assassinio logo que pudesse, visto haver recebido dinheiro e comprometido a sua palavra. Juliano nenhuma dúvida disso teve, e o espanhol assinou.

Juliano se retirou tendo compensado a Justo assaz generosamente.

O espanhol ficou em casa de Justo alguns momentos, e durante este tempo Justo não deixou de questionar a d. Estêvão para que desistisse do assassinato de Juliano; mas o espanhol, dizendo que havia recebido dinheiro, afirmava que não podia desistir.

— Pois bem — disse Justo —, fazei o que quizerdes, na certeza de que eu não quero que Juliano morra... ouvistes bem? Eu não quero que Juliano morra.

Isto dizia o cigano dando um tom imperioso às suas palavras, e buscando bem firmar cada uma de per si; e contemplando com certo ar desdenhoso ao altivo espanhol, cuja ridicula probidade não podia sofrer o ter recebido o dinheiro adiantado por um serviço, e comer o dinheiro sem prestá-lo.

Cumprir notar de passagem que, para um garduno receber a paga adiantada de qualquer serviço, como um assassinato, uma punhalada, um espancamento etc., e comer o dinheiro

sem dar conta da comissão, era uma infâmia indelével em sua vida de aventureiro ou de confrade da Garduna!

É isto ter íntima consciência do crime, e ter no crime uma ridícula, ou antes funesta proibidade, que sem ela com qualquer arranjo podia o crime deixar de existir. Enfim o espanhol saiu.

No outro dia, seriam nove horas da manhã, um homem procurava o padre Roberto na sua cela do colégio da Companhia de Jesus. Era d. Estêvão de las Cruzes, que apenas entrou disse-lhe o padre:

— Já sei que me vindes encomendar uma missa, não é assim, d. Estêvão de las Cruzes?

— No, no es esto.

— Então vejamos.

— És a restituir el dinero, padre mio.

— Como?

— Como no puedo prestar el servicio que me hai encomendado, restituo el dinero.

— Que dizeis, d. Estêvão?!

— Que no puedo cumprir lo prometido.

— E quem vos proíbe?

— Quien lo puede.

— Mas ao menos contai-me o que succedeu.

D. Estêvão de las Cruzes contou ao padre tudo quanto lhe havia acontecido, sem todavia falar na declaração escrita em casa de Justo, e que tinha também assinado. Enfim ele acabou dando a entender que receava que a faca de Justo vingasse a morte de Juliano.

Quando o espanhol acabou esta história, o padre, transportado de ira, exclamou como fora de si:

— D. Estêvão de las Cruzes, sois um covarde...

O espanhol contemplou o padre com arrogância espanhola e disse-lhe:

— Si vós me tivesses hablado assim fora deste convento... por sataná... lo juro pelas barbas del padre mio, que seria capaz de vos rasgar meio pelo meio entre mis manos e jogar cada um pedaço longe uma légua...

— Não vos aflijais, d. Estêvão, desculpai-me; bem vedes que tenho motivo de agoniar-me.

— Puez que se aflija vuestra reverência pero que me no ofienda.

— Está bom, d. Estêvão, nesse caso inculcai-me algum amigo vosso.

— Puez buscai a d. Garcia de las Mercedes.

— Onde ?

— Na tasca de los gitanos.

— Bem, d. Estêvão, visto a boa diligência que fizestes em servir-me, inda que fostes infeliz, todavia levei para vós metade desse dinheiro.

— No, mil gracias, senhor reverendo.

— Aceitai, d. Estêvão.

— No, no puedo aceitar lo que no ganhei.

E dizendo isto, tendo deitado o dinheiro sobre a mesa, retirou-se o espanhol muito senhor de si, e sem voltar olhos para trás.

Roberto ficou só; assentado sobre a borda de sua cama meditava seriamente sobre o contratempo que lhe acabava de sobrevir; seus olhos grandes, negros e penetrantes estavam firmemente fixados sobre um ponto do pavimento, enquanto suas espessas e largas sobranceiras tomavam diversas posições, já se arqueando mais, já se contraindo e já se estendendo; da mesma maneira as rugas de sua vasta testa tomavam várias atitudes. Dir-se-ia que um turbilhão de dolorosas idéias apertavam terrivelmente sua cabeça, vindo depois lampear com uma luz sinistra sobre seus grandes olhos !

Sua fronte era pois uma vasta e cheia página do grande livro do seu interior, onde sem nenhum custo se podia ler os tormentos de sua alma na desordem de suas paixões ! Sua alma naufragava num imenso pélagos de encontradas tempestades.

Clara, essa mulher angélica, esse tipo divino de beleza terrestre, esse anjo que ele idolatrava como um muçulmano ao seu alcorão, essa criatura celeste que em sua escaldada imaginação era mais formosa que a ninfa da aurora entornando no céu torrentes de luzes e de flores, e em quem atribuía tudo quando de ideal há de mais encantador e de mais supremo, vestida de todos esses atrativos, como uma suave e brilhante ilusão passava diante de seus olhos, adornada do véu, do ramo e da grinalda nupcial, morrendo entretanto para ele nesse momento em que palavras sacramentais a entregavam para sempre a um rival feliz ! E esse rival... oh ! Esse rival

gozando a mais bela de todas as mulheres, fruía ao mesmo tempo as doçuras da mais cabal vingança. Era horrível!

Então a roupeta da ordem era uma grossa e vasta lâmina de ferro inflamado, que não só o abrasava como até o esmagava sob seu insofrível peso!

Debaixo destes pensamentos amargos suas forças quase o desamparavam totalmente! Roberto não comia havia mais de 24 horas; ele estava enfraquecido já por falta de alimentos, já pelas vigílias, e já pelos excessos; uma espécie de síncope se apoderou dele. Imagens vagas, incertas e indefiníveis passaram rapidamente por sua imaginação. As idéias de sua infância, como por último esforço da educação, ali passaram em tropel pela cabeça desorientada do ateu, depondo pela última vez um frio e trêmulo beijo de despedida sobre aquela sede onde tanto tempo havia existido, e de onde as havia arrojado uma filosofia falaz, superficial e ignorante!

Como as fugitivas e informes imagens que percorrem a mente do febril, ele sentiu passarem por sua cabeça, ou antes, deslizarem-se por diante de sua alma, um turbilhão sinistro de temerosas e funestas lavas! Clara, desgrenhada, iracunda, como uma fúria, com um gesto infernal, escoou-se diante dele, encarando-o com um sorriso satânico, sarcástico, como um rir do inferno! Lágrimas, sangue, gemidos, agonias, prazeres, gargalhadas, esperanças, desesperações, assassinos, assassinados, crimes, virtudes etc., tudo aí se misturava, tudo aí se confundia, e, após de um fugitivo instante em que tudo havia brilhado, como o relâmpago, tudo desaparecia, como o raio, dando lugar a outras novas visões, que, não menos hediondas, não menos aterradoras, vinham por sua vez fazer a Roberto trejeitos infernais, e desesperados esgares!

Nesta dolorosa extravagância de idéias Roberto como que sentiu arrebatarse aos ares entre possantes e retorcidas garras de gigantesca águia; e suas penetrantes garras, rasgando suas doloridas vísceras, e despedaçando seu tão ferido coração, levaram a dor da morte até o mais íntimo, e o mais sensível de sua alma!

Então no meio desse espaço imenso a que o havia arrebatado o terrível pássaro de sua visão, ele viu anjos belos, porém tremendos, como o anjo do apocalipse! De repente seu corpo solta-se dentre as ferinas garras da valente águia, e, me-

dindo de alto a baixo essa amplidão de átomos, baqueia no meio de uma noite eterna!

Abismo incomensurável, informe e sem fundo, era incompreensível, indecifrável, sem nome, e sem idéia! Hórrido alvoroço de infernal gritaria, medonho alarido de magoados gemidos, tristonho motim de sentidas lamentações, algazarra tremenda de pavorosas blasfêmias, eis a diabólica harmonia da música infernal que despedaçava seus tímpanos e, não obstante, ele não via nesse tanque de horrorosa noite nenhum ser vivo, e se acreditava só, e tão solitário como o derradeiro pensamento do condenado!

Do fundo deste medonho êxtase ele caiu numa espécie de torpor lânguido e adormeceu!

É pois verdade! O criminoso apesar de seus remorsos dorme; mas, enquanto o justo tranqüilo dorme, a bom dormir, o sono do sossego, o criminoso dorme o sono do crime!

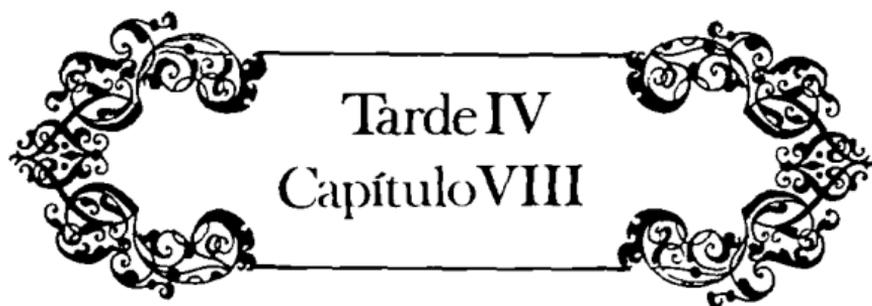
O sono reparou as forças do mau, e ele depois de quatro horas de um detestável repouso voltou à vida e aos crimes; então lembrou-se de suas visões e as acreditou um sonho!

Vãs imagens da fantasia — dizia ele consigo mesmo —, frutos petrificados de uma supersticiosa educação! Assaz tenho estudado a matéria, e não me assustais! Nada antes de nascer, nada depois de morrer, eis o que é o homem! A vida é um tecido de sofrimentos: a suprema bem-aventurança é o gozo de tudo que o mundo tem de bom. O meio é indiferente, o fim é ser feliz! Detestável máxima! Hoje infelizmente muito adotada quando se trata de adquirir fortuna.

A desgraça e a felicidade são obras do homem: nem providência nem fatalidade rege o mundo; nenhuma delas preside o destino do homem sobre a terra; a natureza deu ao homem a inteligência para por meio dela o homem se felicitar; quem mais inteligência tem, e melhores meios souber pôr em prática, esse será mais feliz. É mister que morra um homem, cem mil, para felicidade de outrem? Este está no seu direito, pode, deve até imolá-los!

Juliano... ele o quis... Desde que se intrometeu em minhas pretensões, desde que ele se colocou entre mim e Clara, a desgraça negrejou sobre ele. A sentença de morte, que a natureza no dia de seu nascimento lavrou contra ele, me foi então entregue para executá-la sem demora. Há pois para

Juliano um homem demais sobre a terra, e esse homem é Roberto! Há para Roberto um homem demais sobre a terra, e esse homem chama-se Juliano! A terra é um espaço pequeno, e em demasia leve para conter, para sustentar o peso de dois rivais! Dois rivais não podem respirar o mesmo ar sem que esse ar envenene a um deles! E pois eu e Juliano temos o mesmo grau de inteligência, a natureza é igual para todos; que ponha em prática os meios de sua inteligência e mate; o rival que não mata deve morrer. O único lugar em que um rival está seguro, e bem seguro, o único lugar donde ele não atenta contra o rival, e donde não cobiça os encantos do bem-amado é o fundo da sepultura. Ela está aberta e um dos dois deve ser sepultado!



Tarde IV

Capítulo VIII

Como o padre Roberto procurou
a d. Garcia de las Mercedes

Poucas horas depois entrou na cela do padre Roberto um jovem, que não teria mais de 20 anos, nem menos de 18; é este o Ligeiro de quem já temos notícias dadas pelo padre Roberto conversando com Leôncio. O Ligeiro era um destes gênios que se introduzem por toda a parte, segundo diz o rifão: “como piolhos por costuras”. Era ele também cigano, conhecia todo o mundo, e como tinha entrada em muitas casas de famílias, dava-se por isso ao emprego de levar e trazer. Quando Ligeiro entrou, disse-lhe Roberto:

— Sejas bem-vindo, que vieste muito a tempo.

— Tanto melhor.

— Preciso muito de ti.

— Pois aqui estou.

— Conheces...

— A quem é que eu não conheço?

— A este hás de tu conhecer sem dúvida.

— Sem dúvida. De quem se trata?

— De d. Garcia.

— De las Mercedes?

— O mesmo. Já o sabias?

— Estou sabendo agora.

— Então conheces?

— Ora vejam... d. Garcia de las Mercedes... pois quem é que não conhece a d. Garcia de las Mercedes? Ora essa é boa; vejo-o quase todos os dias. D. Garcia... pois não hei

de conhecer. Sr. padre, ficai certo e bem certo de que conheço a todo mundo.

— Ora bem.

— Então o que se pretende desse bravo?

— É ele bravo?

— Bravo como um leão.

— Tanto melhor.

— É valente, como as armas.

— Muito bem, muito bem.

— E agora?

— Agora...

— Sim: o que é que pretende de d. Garcia de las Mercedes?

— Quero falar-lhe.

— Pois falar-lhe-eis.

— Onde?

— Na venda da rua dos Ciganos.

— Quando?

— Hoje mesmo.

— De noite?

— Ou à hora que quizerdes.

— Tu o previnirás.

— Preveni-lo-ei. A hora?

— Antes das oito, depois do escurecer.

— Depois do escurecer.

— Sem falta.

— Eu não falto ao que prometo.

— D. Garcia é honrado?

— Honrado, como um fidalgo rico.

— Então é cavalheiro?

— Cavalheiro como um espanhol.

— Pois vai preveni-lo. Escuso dizer-te... que é segredo...

— Isto já se sabe...

O jovem ia retirando-se, quando o padre o chamou dizendo-lhe:

— Sabes que mais, meu Ligeiro?

— Que mais?

— Nunca precisei tanto de teus serviços como agora.

— Muito estimo, meu padre; e aqui estou.

— Trata-se porém de mais alguma coisa.

- E de que se trata ?
 - Tenho-me lembrado de tomar um criado a meu serviço...
 - É boa lembrança.
 - Mas quero um rapaz hábil, diligente, dedicado, fiel, e sobretudo discreto.
 - Hábil, diligente, dedicado, fiel, e sobretudo discreto !...
 - Já sei que duvidas de que o aches ?
 - Quem sabe...
 - Pois eu conheço um.
 - Um hábil, diligente, dedicado, fiel, e sobretudo discreto ?
 - Sim, conheço.
 - Talvez.
 - Queres dizer que conheço um milagre.
 - Talvez.
 - E tu não o conheces ?
 - E é este unicamente o sujeito que não conheço nesta cidade do Rio de Janeiro.
 - Pois conheço eu.
 - E quem é ?
 - És tu, meu Ligeiro.
 - Eu ? !
 - Sim, tu.
 - Deus lhe pague tanta bondade.
 - Queres tu pois ficar a meu serviço ?...
- Ligeiro ficou calado, e o padre prosseguiu:
- Serás o meu criado grave, ou antes amigo, e confidente particular; guardarás tudo quanto for meu; serás meu comprador; terás almoço, jantar e ceia; casa, roupa lavada e engomada; e vestuário.
 - Só ?
 - E um salário.
 - De quanto ?
 - Dar-te-ei, para teus divertimentos, 4 mil-réis por mês.
 - Se mais não valem meus serviços é uma boa paga.
 - Achas pouco ?
 - Ele... muito não é.
 - Conheço; mas não é suficiente ?
 - Parece-me que não.

— Olha que tens a vantagem de seres meu comprador; e o ir às compras é uma fortuna excelente.

— Bem o sei; é até um potosi; mas isso é quando se é comprador de uma casa rica. ✓

— Pois arranjar-te-ei a freguesia de mais alguns padres, e que são bons gastadores.

— Bom. O negócio vai tomando melhor face.

— Tens 4 mil-réis que eu te dou diretamente; do mesmo meu dinheiro tu poderás arranjar de um modo menos direto aí uns 2 mil-réis; aí tens portanto 6 mil-réis; confiscarás aos outros padres teus fregueses, e por meio de tua boa cortesia, aí os teus 8 mil-réis são 14; os teus honestos biscates dão de 6 mil-réis para cima; ora cumpre confessar que ter almoço, jantar e ceia, vestuário, roupa lavada, engomada e casa, e 20 mil-réis pouco mais ou menos é uma ótima coisa; é um ducado, que dizes tu, hein?

— Pois muito bem, meu padre, seja assim: de hoje em diante estou às vossas ordens. De quando começo a ganhar?

— De hoje, se assim o queres.

— Pois de hoje.

— O dito, dito.

— E diabos levem aquele que não cumprir sua palavra.

— Diabos levem.

Disse o padre com um sorriso sarcástico.

— Vai pois prevenir a d. Garcia. Não te esqueças de dizer-lhe que é um alto segredo.

— Já se sabe. Até logo.

— Aqui te espero.

O Ligeiro saiu, e não voltou senão de tarde, e anunciou então ao padre que d. Garcia de las Mercedes o esperava na venda da rua dos Ciganos.

Ainda no relógio do colégio dos jesuítas não haviam soado oito horas, quando um vulto rebuçado seguido de outro atravessava o Campo dos Ciganos. O vulto de capote chegando ao canto da rua dos Ciganos parou, o companheiro que o seguia caminhou até a venda, onde pouco se demorou, saindo acompanhado de um sujeito alto, corpulento e muscular; estes dois se encaminharam para o canto onde o outro parecia esperá-los. Com efeito aí pararam os dois, e um deles disse ao companheiro:

— É este o senhor que vos quer falar, d. Garcia de las Mercedes.

— Pues bueno, e seia bien venido.

— Agradecido, d. Garcia de las Mercedes — respondeu o que o esperava, que já sabemos que era o padre Roberto.

— D. Garcia — continuou ele —, sei que sois bravo e honrado; e sendo assim preciso de vosso préstimo.

— Pagando-me bem. . .

— Pagar-vos-ei mais generosamente do que pensais.

— E vós serés bien servido.

— Preciso de vosso braço.

— Mio brazo, señor, sirve a quin bien paga.

— Sou assaz generoso.

— Tanto mejor. De que se trata ?

— Da vida de um homem.

— Darle no puedo, tirarle, bueno.

— É justamente o que quero.

— Pues puede hablar.

— Há uma chácara em São Cristóvão, ao lado do Manguê, pertencente a um rico comissário chamado Paulo.

— Yo sé.

— Conheceis a este homem ?

— Mucho.

— Sabeis onde é esta chácara ?

— Mucho.

— Costuma ir a ela quase todas as noites um moço de nome Juliano.

— És bueno; o protetor de d. Justo.

— Então vós o conheceis ?

— Conozco.

— Então já me compreendeis ?

— No, por Dios.

— Como ? Não compreendeis que se trata de nada menos que o mandar para o céu ?

— Y d. Justo ?

— Que ? Pois tendes medo de d. Justo ?

— Viva Dios, padre mio, que un guapo espanhol no co-
nozce medo... és que soi amigo de d. Justo.

— Nesse caso vejo que Juliano tinha razão quando dizia
que não temia a nenhum de vós outros, e que a todos juntos
daria combate.

— Ah ! Que gran picaro que és ele ! Viva Dios ! Que si
ele mo discesse yo lo faria em puestas...

— Pois eu afirmo que ele o disse, e que de nenhum de
vós fazia conta.

— És bueno: quanto me daga pela amizade de d. Justo ?

— Dez dobras.

— No és mucho.

— Pois darei 12.

— És pouco mais.

— Quereis 16, d. Garcia ?

— Vós perdereis uno bueno amigo por tão vil precio,
hombre ?

— Então quanto quereis, d. Garcia ? Dizei-o.

— Dizei o mais que dareis-me.

— Vinte dobras, amigo.

— Guardai vuestro dinero, que no me agrada.

— Achais pouco ?

— Hombre, una palabra.

— Falai.

— Dais-me 30 ?

— É muito dinheiro.

— Pues buscai outro.

Roberto ficou algum tempo pensativo e meditabundo; rápidas idéias correram por sua cabeça; tratava-se nada menos de um rival, cuja vida era pesada e esse rival devia morrer custasse sua morte o que custasse. Clara adornada de todos os seus mágicos encantos aí compareceu, e se Juliano vivesse, se a desposasse, estava ela para ele perdida: morto Juliano, Clara o choraria um mês, lembrar-se-ia dele três, e então Leôncio, com sua bela figura, com seu lindo rosto, com sua reputação de licenciado apresentado por ele, Roberto, e por ele dirigido, o que era o mais, ensinar-se-ia no espirito da moça, o mais em bem se arranjaría. Uma mulher jovem e bela não pode por

muito tempo chorar sobre as cartas de seu finado amante, ou sobre o viúvo leito de seu defunto marido. Os ossos dispersos e coberto da terra de um sepulcro são um bem fraco rival comparados a um jovem belo, animado, cheio de seiva da vida, de amor de futuros, e de esperança. E não há aí constância de viúva que resista muito a uma tentação bela, apaixonada, sedutora!

Tais seriam os pensamentos de Roberto quando d. Garcia de las Mercedes lhe disse em tom forte, e decidido:

— Entonees, que decidis?

— Tende paciência, d. Garcia de las Mercedes — respondeu-lhe o padre —, estou fazendo minhas combinações.

— Bueno: fazei-as.

— Isto deve ser à custa de Leôncio que o dinheiro é para ele — murmurou o frade —, e nesse caso não devo hesitar mais. E voltando-se para o espanhol disse:

— Pois vá feito, d. Garcia...

— Trinta dobras... hein? — perguntou o espanhol com um semblante alegre e radiante.

— Trinta dobras; mas eu não vinha disposto para tanto.

— E então?

— Quando pretendeis cumprir o trato?

— Quando lo quizerdes.

— Amanhã.

— Amanhã.

— Pois amanhã de tarde eu vos mandarei o prometido por Ligeiro.

— Yo lo aguardarei.

— Ligeiro? — chamou Roberto. Ligeiro acudiu.

— Eis aqui o Ligeiro pronto e leste — disse ele.

— Amanhã — prosseguiu o padre — de tarde virei trazer a d. Garcia de las Mercedes uma encomenda que eu lhe mandarei.

— Ficai tranqüilo, d. Garcia; receberéis de minhas mãos o que o sr. reverendo vos mandar.

— És bueno.

— Então, d. Garcia, nada mais tenho que dizer-vos

— Nada.

— D. Garcia de las Mercedes — disse Ligeiro —, em que lugar quereis que eu vos espere?

— Aqui, hombre.

— Pois seja aqui. A que horas?

— Pierto de la noche.

— Está dito. Perto da noite.

— E quanto a nós, d. Garcia de las Mercedes — disse o padre —, estamos contratados.

— Ficai tranqüilo.

— A vós 30 dobras.

— E a vuestra reverência um inimigo de menos.

— Bem. Ao depois de amanhã.

— Depues de la mañana, pierto de las dez horas de la noche... vós bien me entendeis... E viva Dios, padre mio.

— Até depois de amanhã — disse Roberto apertando a mão do guapo.

— Até amanhã — disse Ligeiro.

O espanhol ficou contemplando por alguns momentos os dois personagens que se retiravam, e no voltar-lhes as costas murmurou:

— Trinta dobras!... e un hombre debe morir: pues que muera... e viva Dios, d. Justo!



Tarde V

Capítulo IX

Como d. Garcia de las Mercedes esperou
a Juliano para assassiná-lo

Uma légua distante do largo do Paço, para parte do centro está o sítio denominado São Cristóvão. Uma capela com esta invocação, e que consta existir já de antes do ano de 1627, dá nome àquele lugar, não o mais belo, nem o mais aprazível dos subúrbios do Rio de Janeiro, mas nem por isso falto de encantos, nem minguido de belezas.

Esta capela estava então situada sobre a praia com a frente para o mar e costas para o campo de São Cristóvão. Entre a cidade e este subúrbio, e desde o morro do Barro Vermelho e seus immediatos, até o morro de São Diogo e outros adjacentes, se estendia uma espaçosa várzea, semeada de mangues, que interrompidos por breves espaços vicejavam sobre um terreno todo lodoso, e quase todo alagado. Nas enchentes das marés o mar, empurrando suas águas que banham a praia Formosa, vinham estas, depois de vingarem o lugar chamado Bica dos Marinheiros, inundar essa várzea coberta de mangues. Era então intransitável. As mãos dos homens ainda não tinham assentado uma cômoda estrada sobre as águas desse salgado paul, argamaçando terra, e pequenos calhaus ao modo por que vemos hoje. A estrada, que da cidade se dirigia a São Cristóvão era a mesma que da cidade levava ao Engenho Velho, que então pertencia aos padres da Companhia de Jesus; e essa estrada é a que ainda vemos hoje, que da rua do Conde da Cidade Nova vai pelo Barro Vermelho, beirando, naquele tempo, a grande várzea, passando por Mata Porcos, e seguindo para o Engenho Velho.

De Mata Porcos formando um ângulo reto com a estrada do Engenho Velho partia a estrada que se dirigia para São Cristóvão.

Não como hoje completamente bordada de belas e graciosas chácaras, todavia nesse tempo já essas estradas estavam aformoseadas em algumas partes com algumas, que bem que não tivessem majestosas e elegantes casas de vivendas, tinham com efeito boas. A arte começava a dar mais graças e brilhantismos à tosca natureza, e o gosto, presidido pela escolha, principiava a desenvolver-se do meio de uma nascente e vacilante civilização. Não é que arbustos, árvores e flores exóticas viessem importadas de estranhos climas aumentar os indivíduos de espécie vegetal na terra de Santa Cruz; não, que de sobra tem ela vegetais gigantes, graciosos arbustos e mimosas flores; de sobra, que os pode exportar a ponto de causar pasmo e inveja nos países onde o reino vegetal é um mesquinho pigmeu à vista das gigantescas produções, que a natureza faz aparecer nas terra dos Andes e do Amazonas!

Não muito distante do ângulo da estrada de São Cristóvão passando por Mata Porcos, e seguindo para o Engenho Velho e de Mata Porcos, de que há pouco falei, estava a chácara de Paulo. Era ela em um terreno quase todo cultivado e plantado, coberto de árvores frutíferas, como as laranjeiras, limoeiros, limeiras, videiras, romeiras etc., imensa hortaliça, e no meio dessas majestosas ondas de verdura, donde se dependuravam em vistosas e ondeantes sanefas as flexíveis latadas de maracujá, que graciosamente ondulavam à bafagem branda de suave brisa, sobressaíam por sua singular forma, oscilando sobre as asas da viração da tarde, ou do terrestre da manhã, os enamorados e orgulhosos leques da palmeira do deserto, ou coqueiro dos primitivos habitantes da terra dos guaranis e dos tupinambás!

Em um dos lugares da chácara, junto da casa de vivenda notava-se um reduto formado de reunidos postes, cujo âmbito estava completamente plantado de engraçadas flores: era o jardim de Clara.

A disposição das ruas deste pequeno vergel, a maneira da plantação, a limpeza e cuidado que todo este asilo de flora revelava, indicavam mais que ali reinava, como soberano agosto, mimoso pensamento de donzela, porque tempo sobrava ao

jardineiro, quem quer que ele fosse, para com tanto gosto, amor e pachorra presidir a mimosa educação de entes tão belos, tão mimosos, e que tantos cuidados reclamam, quero dizer, educação das flores! Era pois este o jardim de Clara: e sensível e meiga devia ser ela, que tanto se apaixonava por seres que deviam ser reputados mais como ideais do que como reais. O coração insensível não ama as flores porque as flores nada têm de realidades! Órgãos, cores e perfumes de um dia constituem o amor de um instante, a sedução do entusiasmo, para caírem no esquecimento e na indiferença eterna!

Todas as tardes quando o sol se embebia por trás do fio da montanha, e a sombra desta se projetava frescamente sobre a grama do prado, a formosa rainha destes deliciosos lugares, deixando sua costura, dirigia-se ao seu pequeno mas feiticcio horto. Ali enquanto a macia brisa da tarde agitava brandamente seus engraçados vestidos, ou oscilava travessa um cacho de seus negros cabelos ela conversava com suas mimosas e inocentes flores, que agradecidas, balouçando-se no bafejar da viração, respondiam-lhe com sua grata e suave fragrância! Então ela ou varria uma rua do seu belo vergel ou mudava uma flor, ou colhia outra; e destarte sempre este belo lugar de seus carinhosos cuidados lhe dava algum trabalho: doce porém e querido era ele. Tais eram os entretenimentos da virgem em sua chácara.

Mas quando ela estava na cidade? Na estação que não era a dos calores? Então estes trabalhos eram só aos domingos e dias santos.

Algumas vezes o padre Roberto a achava ocupada nestes inocentes misteres e, tão hábil como velhaco, tomava por gosto o ajudá-la nestes belos divertimentos. Se acontecia que Juliano então chegasse o manhoso padre o saudava cortês, e placidamente e com gesto verdadeiramente hipócrita continuava a ajudar a Clara, isto porém aconteceu poucas vezes.

Juliano de sua parte fingindo-se tão palaciano como ele, ou antes tão jesuíta, saudava-o do mesmo modo, e às vezes até conversavam. Juliano nada havia dito a Clara, nem a seu pai a respeito da tentativa do padre para assassiná-lo. Tinham-se passado alguns dias depois do contrato do casamento, quando d. Estevão de las Cruzes tentou assassiná-lo. Depois desta tentativa os dois só se encontraram uma vez em

casa de Paulo, isto é, no dia seguinte que foi o mesmo em que sua morte foi de novo encomendada e paga a d. Garcia de las Mercedes. Nesse dia o padre se retirou antes do sol posto. Juliano ficou só com Clara em seu jardim.

Bem no meio desse delicioso vergel havia uma bela e majestosa mangueira. Dir-se-ia que ou quando se fez o jardim, já ela ali existindo, tomaram-se dimensões, de modo que ficasse bem no meio do vergel, ou que feito este, a mangueira fora ali plantada.

À vista desse belo gigante do reino vegetal se acreditaria que mão cuidadosa e providente havia presidido sua nascença, seu crescimento, e seu desenvolvimento.

Seu tronco que da terra até sua ramificação teria quando muito dez ou doze palmos, era direito, igual, e até regular; sua cortiça ainda nova não era muito áspera. De sua ramificação partiam três grossos ramos quase iguais e suavemente anfractuosos, e depois de uma elevação de uns quinze palmos, abriam-se em vários ramos e imensos esgalhos amplamente cobertos da verdura bela, rica e pomposa de sua espessa folhagem! Essa folhagem formando uma cúpula arredondada de igual que era parecia que a férrea tesoura do jardineiro havia agorentado os galhos que quisessem exceder aos demais, para conservar a todos na mesma altura regulando o abobadado da folhagem; e resultando desse boleamento uma vista graciosa, e ao mesmo tempo melancólica. Era belo de vê-la.

Junto da primeira ramificação desta bela árvore havia um ramo fino e pequeno, que teria um palmo de comprido e duas polegadas de diâmetro: estava ele cortado. Pensar-se-ia que era um novo ramo que a mangueira produziu ali, e antes de muito engrossar e crescer fora cortado; e pois este ramo, cujo crescimento fora malogrado pelo ferro do hortelão servia ali como de mão de cabide ou, vulgarmente, estaca. Pendentes dela estavam algumas rodas de junco cujas extremidades, atadas sobre si mesmas, formavam um perfeito círculo: algumas grinaldas murchas e ressecadas, e uma murcha, mas cujas flores ainda se conheciam; eram vinte ao todo, a saber, dezessete rodas de junco, duas grinaldas ressecadas e uma murcha; mas todas as rodas haviam sido grinaldas. Esta mangueira era a querida de Clara: suas rosas, seus cravos, seus jasmims, seus malmequeres, suas saudades, suspiros etc., não lhe mereciam

mais cuidados, nem mais desvelos! E por que essa respeitosa dedicação tão fantasiada que passava até a um culto? Clara no-lo dirá!

Quase todas as tardes quando o sol quebrava o excesso de seus ardores, Clara tomava sua costura, e ia costurar à sombra de sua querida; dali a moça, uma vez por outra, contemplava a mangueira com um gesto que indicava o quer que fosse de sentimental e de melancólico, qual se houvesse nos seios de sua alma um sentimento profundo. O gesto de Clara era então misterioso, e esse sentimento era um misticismo solene, vago e intraduzível! Era um suspiro do coração, mas que não soava! Um hino da alma a um objeto querido, mas sem palavras!

Na tarde em que um homem da morte, comprado por um homem de Deus, devia esperar Juliano para assassiná-lo, o padre Roberto esteve em casa de Paulo, aí encontrou-se com Juliano, e saiu mais cedo que de costume era; Juliano ficou no jardim junto de sua querida; pouco depois o noivo de Clara começou a passear pela horta vendo as flores plantadas e mudadas pelas mimosas mãos de sua bela: neste tempo o moço notou esse gesto melancólico de Clara contemplando, quase estática, a bela mangueira. Juliano notou-o e extasiou-se diante desse mistério profundo; Clara volveu a si logo depois, ou antes a seu noivo, e vendo que a contemplava, corou, abaixou sua cabeça, e continuou a coser: o amante aproximou-se.

Um homem menos discreto que Juliano perguntaria à sua bela a razão desse gesto melancólico, o motivo desse sentimento misterioso; mas o jovem, tomado de um respeito sublime, parou junto da mangueira e da virgem, e apenas, silencioso, lançou seus olhos contemplativos sobre esse complexo de tronco, de ramos, galhos e folhagem; nessa contemplação o jovem notou nessa reunião de rodas de junco, duas coroas secas e uma murcha; então ele disse:

— Pelo que vejo todas rodas de junco deveriam ser outrora outras tantas grinaldas?

— Sem dúvida — disse Clara.

— Feitas por vossas mimosas mãos, e por elas aqui colocadas.

Clara arrancou aqui um sorriso, e duas ligeiras e incertas lágrimas umedeceram seus olhos. Juliano estremeceu! Um

calafrio de medo fez tiritar sua alma! Uma idéia rodou em sua cabeça: era horrível! Horrível como a idéia da infâmia! E assim horrível desceu a seu peito, e apertou sua alma! Sua alma gemeu, e esse gemido foi surdo como o gemer da agonia do moribundo! Ninguém ouviu esse gemido, ninguém senão Deus, e ele, que o gemeu! Também ele pensou que ninguém tinha visto seu rápido estremecer, e pensou embalde que Clara o percebeu. O sofrer dos amantes é comum, porque ele se comunica por um magnetismo, que é da essência do amor!

Clara disse pois:

— Nem todas foram feitas por mim, uma boa parte delas são obra de minha mãe.

— Dela! . . . que solene culto tem pois recebido esta bela árvore de vossa mãe, e de vós!

— Meu pai plantou aí, há mais de vinte anos, um caroço de manga, que germinou e arrebentou bem depressa; por uma coincidência bem notável, o dia em que este caroço apresentou seu primeiro grelo à flor da terra foi o dia do meu nascimento; meu pai reparou nisso e disse-o a minha mãe; desde então minha mãe dedicou à tenra árvore, que começava a crescer, uma veneração fanática, e no dia em que eu fiz o primeiro ano de nascida, minha mãe teceu uma grinalda e atou-a junto do débil tronco da pequenina planta; e assim todos os anos: quando eu tive uso de razão todas estas coisas me foram explicadas por minha mãe; a mangueira cresceu, e eu tomei sobre mim a devoção de minha mãe. Quando aquele pequeno ramo começou a nascer antes que engrossasse muito eu o fiz cortar e formando dele uma espécie de estaca mudei para ela as grinaldas, e todos os anos no dia do meu natal teço uma grinalda, que vai fazer companhia às outras: se porém acontece que esteja eu na cidade no dia em que faço anos, lá mesmo teço minha grinalda, e no seguinte dia santo trago-a e a deponho junto das outras. Enfim, eu não posso olhar para esta árvore sem um sentimento de amor, de veneração e de saudade, que passa até a um culto. Esta árvore pois me recorda sempre de minha mãe e de meus belos e inocentes dias da infância!

Clara enxugou duas lágrimas. Ela havia contado esta pequena história, em um tom patético, e ao mesmo tempo sublime; seu rosto tinha tomado uma expressão augusta de um

sentimento religioso. Dir-se-ia que era uma virgem do Senhor, que em hora de recolhimento e meditação, prostrada diante da imagem do homem Deus falava ao esposo do céu! Juliano, esse jovem cuja cabeça compreendia por demais e cujo coração sentia demasiado, isto é, esse jovem que tinha cabeça e coração de poeta, em pé, com os braços cruzados diante dela, contemplava em respeitoso silêncio, na mais encantadora de todas as mulheres, no melhor de todos os corações, o mais supremo sentimento de um sacrossanto amor de filha! Estátuas, eles ficaram mudos um defronte do outro!

Era quase a derradeira hora da tarde. O sol, tendo vergado sua carreira por trás dos montes, deixava o vale atufado de sombras. A calma tinha minorado um tanto de sua estiva intensidade abrasadora. O vento da tarde em suaves bafagens trazia gradualmente a fresquidão da noite; e essas mesmas bafagens filtrando-se com brando ciciar por entre a espessura das folhagens traziam molemente aos ouvidos dos dois um sussurrar ligeiro tão voluptuoso, quão melancólico. O céu estava claro e sereno; o perfume das flores mesclava-se docemente com as imperceptíveis ondas da brisa; e ao murmúrio das folhas agitadas pelo brando vento juntavam os lindos passarinhos o gorjear saudoso de seus inocentes amores! Era pois a derradeira hora da tarde, hora de recolhimento, de meditação, e de melancolia; hora em que a natureza franqueia seus mistérios ao poeta e lhe impõe seu majestoso culto!

Nessa hora de inspirações, a alma do jovem Juliano, recolhida em si mesma, ou antes em contato com Deus por meio desses sublimes espíritos intermediários entre Deus e o homem, bebia essas divinas inspirações, que dos seios da divindade tombam em borbotões nos seios da alma humana, e que esta tão devaneada em supremos gozos melancolicamente exala em cânticos de amor, e em hinos de gratidão! A alma do jovem poeta pois estava prenhe de inspirações, e ele começou a exalá-las assim:

— “Eis a hora de meditação e de melancolia! O sol transpondo o topo das serras declina sua carreira para as regiões das sombras; e as sombras condutoras dos frescores da noite se debruçam no prado!

Eis a hora em que a flor do vale, abrindo seu seio recolhe em seu cálix o orvalho da noite com que se refrigera; e o

favônio encolhendo suas enamoradas busca um repouso no pistilo das flores!

E a flor suave e melancolicamente embalando-se no estremecer da brisa, derrama sobre os campos o perfume da natureza, que nas asas dos anjos se remonta até o trono do Deus das gerações. E o pássaro do prado mistura, com o incenso dos campos, os hinos da natureza, que se remontam até o escabelo do sólio do antigo dos dias!

Eis a hora de meditação, a derradeira hora do dia! O sol, escoando-se lentamente por entre a garganta das montanhas, desliza furtivamente no prado tímido beijo de saudoso adeus. E o canário, cantando e saltitando no vale, recolhe em seu ligeiro bico a loura semente da grama que viceja!

Eis a hora de meditação, a derradeira hora do dia! O pegureiro percorrendo pela encosta do monte reúne seu ruminante rebanho, e o conduz ao redil fabricado pelas mãos labutadoras de seus velhos avós.

E a virgem dos campos trinando suas inocentes canções leva suas queridas e mansas ovelhas a beberem da fresca e suave torrente, que murmurosa se despenha em ondas das pontas dos rochedos.

Eis a derradeira hora do dia! E como é melancólica e solene essa hora de tantas recordações e de tão augustas saudades!

A mais bela de todas as virgens gozando docemente a fresquidão suave do zéfiro da tarde, assenta-se debaixo da mangueira plantada pelas mãos de seu velho pai, e cultivada pelas de sua carinhosa mãe, e que o anjo do Senhor levou para Deus! Aí, com um religioso respeito, ela contempla as grinaldas tecidas por mãos de sua mãe, e que sua mãe pendurou no tronco da árvore americana, grinaldas consagradas a seus anos, e que marcam sua idade!

E as flores das grinaldas murcharam, como murcham os dias da existência; e a árvore da América cresce e vigora medrando de beleza e de verdura!

E os instantes formarão a cadeia das horas; e as horas formarão a cadeia dos dias; e os dias formarão a cadeia dos meses; e os meses formarão a cadeia dos anos; e os anos a cadeia dos séculos! E esta bela mangueira testemunhará a passagem de alguns!

Miséria do gênero humano! As mãos que cultivaram a essa formosa árvore estão reduzidas ao nada no sepulcro! E as mãos que a plantaram em breve serão pasto dos vermes da morte; e ela dura, e ela floresce, e algumas gerações passarão até o dia de seu aniquilamento!

Dezessete vezes a primavera tem esmaltado a folhagem da mangueira com flores, que tão esperançosas desabrocham no seio de tão propícia natureza! E dezessete vezes o outono tem feito dobrar seus ramos ao peso de seus doces e saborosos frutos! A natureza dezessete vezes fecundou a árvore que nasceu quando a virgem, /c que com ela tem crescido!

E o seio da virgem não foi fecundado por amor; e ela é pura como a avezinha, que ainda não implumou suas asas, e seu seio é puro como a neve do arminho, e sua alma é pura como cristal!

E todavia eu te amo, oh tu que tens um coração tão puro como os meus pensamentos!

Sim, eu te amo, como amas a memória suprema de tua mãe; como amas a lembrança de teus dias de infância; porque eu te amo, como tu amas a tua mangueira!"

O poeta susteve aqui o curso da torrente de inspirações que borbutava de sua alma.

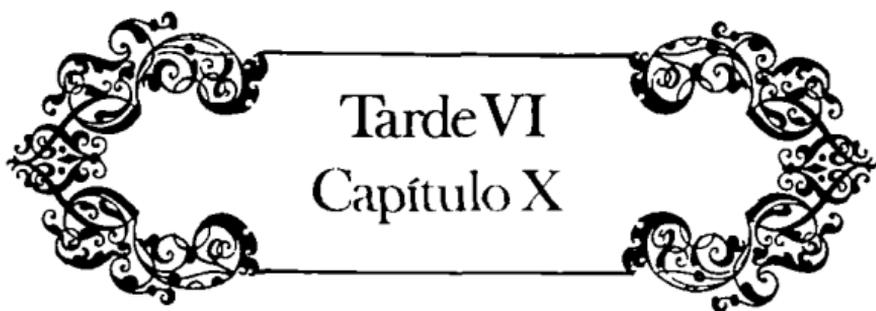
Então, reparando em Clara, notou que sua querida estava queda, estática, e com os olhos fixos nele. A alma da moça estava afogada em melancolia, e ela estava triste, pálida e bela: dois fios de lágrimas corriam por sobre o marfim de seu belo rosto!

Juliano aproximou-se respeitosamente e, pegando-lhe na mão, essa mimosa mão tão alva como o jasmim da manhã, a levou aos lábios com ligeiro estremecimento de amor.

— Clara!

Seus lábios estremeceram o nome de sua querida, e ela balbuciou:

— Eu vos amo!...



Tarde VI

Capítulo X

Continuação do mesmo capítulo

Suponde que é noite, e que estamos em uma bela casa de campo. Uma vasta sala está completamente mobiliada de um canapé pintado de cor cinzenta, com frisos encarnados, e os espelhos do encosto adornados de pinturas que representam vasos de flores; o mesmo são as cadeiras. De um lado uma banca de jacarandá, segundo o gosto do tempo, está encostada à parede: sobre ela há um pequeno oratório. Junto do canapé há uma mesa que lhe chamavam de campanha: sobre ela num grande castiçal de folha-de-flandres envernizado de preto arde uma vela de cera. De um lado da mesa um mancebo lê um dos volumes das *Décadas de Barros*. De frente um ancião, recostado sobre a mesa, presta à leitura a mais interessante atenção. No canapé uma jovem e bela senhora dá igual atenção à leitura do mancebo, e entretanto entretém-se bordando um branco lenço de mui fina cambraia. Ao lado desta moça um lindo cãozinho não muito grande, não muito pequeno, meio felpudo, branco, entremelhado de malhas cor de rapé, deitado sobre o mesmo canapé, olhando às vezes para o mancebo, às vezes para a moça e para o ancião, parece prestar também respeitosa atenção aos sons que ouvia.

Era esta a casa do campo de Paulo; os três personagens vós bem sabeis quem são.

Eram nove horas da noite; o mancebo se despediu; e deixou a companhia; ele seguiu seu caminho para a cidade, só, e por uma estrada, então, pouco frequentada.

A lua cheia, grimpendo-se sobre seu horizonte, espalhando nos céus sua melancólica claridade, deixava cair em cheio

sobre a baía de Niterói um raio de seu brilhantismo, debaixo de cujos fulgores bríncavam, a favor da brisa da noite, argentadas ondas, que em doce arfar vinham morrer na praia, formando amplamente murmurosa fímbria de prata, que largamente se debruçava em ruidosa queda sobre um branco leito de polida areia.

Ralas e brancas nuvens que vagarosas se roçavam pelas montanhas, à suave bafagem de brando vento, precipitando-se no vale, deixavam patentes com toda sua horrorosa sublimidade os calvos rochedos que enegreciam os topos das montanhas.

Um raio brilhante do astro da noite deitando-se com todo o seu fulgor sobre as serras prateava com sublime graça suas íngremes encostas, vestindo ao mesmo tempo a estéril nudez dos rochedos das sumidades de um clarão incerto, triste, e até horroroso. Os cumes das serras vistos da baixa eram medonhos de contemplar-se!

As irregularidades dos rochedos, apresentando essa harmoniosa desigualdade da natureza, que os tornava mais altos, mais baixos, mais recuados e mais salientes, a despeito da lua cheia, faziam que uns se mostrassem duvidosamente esclarecidos por essa incerta luz, enquanto outros, embebidos nas sombras dos companheiros da frente, negrejavam quase inteiros no fundo dessas mesmas sombras.

Assim escuros ou pardacentos coroando em renque os cimos das serranias, diríeis ser uma caterva de demônios, que silenciosos meditavam sobre uma grande empresa contra o gênero humano! Ou que era um enxame de feiticeiros que, congregados, aí presidiam o nascer da lua cheia de um sábado, para com seus sortilégios e encantamentos prepararem um grande e misterioso amuleto! Ou que eram malfazejos duendes que do fio das montanhas espreitavam o passar do passageiro com silenciosa malignidade, para dessas alturas se arremessarem ao prado sobre o pacífico viajante! Metia pois medo.

A lua cheia, este astro que magicamente infiltra em nossa alma tão ternas, tão melancólicas, tão apaixonadas, e até tão dolorosas sensações; esse astro das recordações, do amor e das saudades, começava a majestosamente discorrer no meio da amplidão dos céus, ladeada sublimemente de algumas pálidas estrelas, que se não haviam atufado completa-

mente no oceano do clarão, que grave e melancólico ostenta em sua corte o belo astro da noite!

O azul dos céus era puro, o ar estava sereno e o mole soprar de amortecida brisa, que rareava brandamente as ondas da verdura, produzindo um sussurro feiticeiro no balouçar da ramagem, dava a esta suave noite um não sei quê de sublime e de misterioso!

Juliano, pois, embuçado em seu capote, armado com um jogo de pistolas, caminhava para a cidade; sem incidente algum chegou ao ângulo da estrada do Engenho Velho e São Cristóvão. Nesse tempo, grandes árvores de desmesurados corpos ostentando todo o luxo da primitiva natureza americana desdobravam nos ares suas frondosas copas, cujos ramos entrelaçando-se reciprocamente formavam uma abóbada de folhagem, impenetrável quase aos raios do sol. A lua não podia filtrar seus raios por entre o espesso desses entrelaçados ramos; e pois, depois da queda das sombras, aí esperavam trevas, fosse ou não de luar a noite!

Todavia, um pouco adiante, a passagem de um raio, dias antes caído, havia decepado os frondentes ramos de um ipê secular, e tendo essa falha deixado uma aberta na abóbada vegetal, por ela encanava a lua furtivo raio de pálido clarão, o qual baldava o horror das sombras só nesse lugar: e esse raio de lua caíndo obliquamente da copa as árvores vinha quebrar-se de encontro à corpulência, como se fosse antediluviana, de um venerando jequitibá, sobre cujo enorme tronco talvez que dez séculos tivessem deixado seus horrorosos vestígios!

Era nesse lugar que trilhava Juliano, quando repentinamente ouviu perto um medonho tinir de cadeias! Pára, olha para todos os lados e nada vê, e todavia o som que tinha ferido seus ouvidos lhe parecia partido de poucos passos diante dele! Ao mesmo tempo quase uma horrível inflamação brilha diante de seus olhos! Ele vê erguer-se da terra uma massa de fogo que brilha e morre, com a mesma rapidez com que brilha e morre o relâmpago! Após uma coluna de fumo impregnada de um cheiro de enxofre se eleva rapidamente do mesmo lugar. O tinir das cadeias, o brilhar das chamas passaram, e a noite recobrou o seu império de mu-

dez e de sombras ! Juliano em pé e estático olhava em torno de si, e seus olhos nada viam !

Então a outro som produzido pelas cadeias começa a erguer-se da terra, no mesmo lugar onde brilharam as chamas, um vulto pequeno, cuja forma fora impossível determinar, atenta a espessidão das trevas: não se via mais que dois grandes olhos, se assim se pode chamar a dois orifícios cheios de fogo, e uma enorme boca sempre inflamada, que a favor dessa claridade viva e deslumbrante deixava ver duas ordens medonhas de grandes e esverdeados dentes !

Este fantasma informe e medonho foi gradualmente se elevando, e uma vez por outra fazendo retinir o som de suas cadeias. Juliano pasmo diante deste fenómeno extraordinário, estava aterrado, mas não podia resolver-se a fugir. Era medonho de ver-se !

O mancebo compreendeu bem que esse som abafado, como de pedaços de ferro batidos de encontro a outros pedaços, era produzido pelo fantasma medonho que diante de si crescia, como uma coluna de fumo, que dos tições apagados de fogueira se eleva, porque, quanto mais se remontava o monstro, se remontava igualmente o som do tinir, que parecia partido de seu peito ou de sua cabeça !

O fantasma crescia sem alevantar da terra a sua base ! Diríeis que era um corpo elástico que tendo uma extremidade na terra, puxado por qualquer maneira pela outra extremidade, se ia distendendo pouco a pouco até o ponto onde o queriam puxar. O vagar com que este grande e informe corpo se elevava era tal, que só ao cabo de cinco minutos é que seus olhos chamejantes começaram a perder-se por entre o espesso da folhagem, de onde algumas vezes, rareando as folhas, inda mandavam seu brilhantismo ao chão !

Já o fantasma tinha a cabeça entre a ramagem, quando Juliano ouviu um tropel, como de quem corria: longe lhe pareceu e que se aproximava; não se enganou; pouco depois um vulto todo de preto apareceu na estrada correndo para Juliano; este não parecia fantasma: era um homem, nenhuma dúvida havia; o mancebo prepara sua pistola e espera. O vulto, sem dirigir-se para Juliano, sem fazer até caso dele, dirige-se para a árvore em cuja ramagem tocava a cabeça do fantasma, e começa a subir por ela acima com tal rapidez,

que mais parecia um demônio que um homem. Ao vê-lo cuidar-se-ia que era um macaco que se galgava pelo tronco de uma árvore! Juliano julgou ouvir alguns sons que lhe pareceram humanos, e logo uma pequena pancada, mas em cheio, como o bater de pedra de arma de fogo, quando é desarmada! Seguiu-se a isto um tremor rápido, que agitava toda a árvore, e isto de tal sorte que o sussurrar dos ramos assim movidos parecia o agitar-se de uma floresta espancada pelo vento da tempestade.

Antes deste tremor da árvore, quando Juliano cuidou ouvir sons que lhe pareceram humanos, o tremendo fantasma de olhos e de boca de fogo que diante de si tinha, contraindo-se sobre si mesmo, tão rápido como o cair de um corpo, que no espaço vê-se abandonado, veio redondamente à terra, quase sem produzir som algum! Digo quase sem produzir som algum porque o leve e surdo baque que produziu sua queda não estava em relação com a enorme massa que Juliano tinha diante de si, que, bem que não fosse grossa, todavia tinha mais de 50 palmos de altura do chão, onde estava sua base, até sua inflamada cabeça.

O som que produziu esta queda também foi um tanto extraordinário: por exemplo, como o som que produz um corpo oco, de matéria tão leve, que não pesasse nem uma libra, o qual estivesse cheio de pedaços de ferro e de folhas-de-flandres!

Quando principiou o estremecimento da árvore, começou também a arder o fantasma!

Cumprе advertir que quando este caiu, Juliano não viu sobre o chão senão um corpo sem forma alguma, e por isso impossível de determinar; e pois essa massa informe começou a arder, lançando de si um insuportável cheiro de queimado!

Ainda continuava o tremor da árvore, quando Juliano viu um vulto todo de negro que apressadamente descia pela árvore abaixo, e chegando ao lugar onde o tronco se dividia em ramos, atirou-se à terra com um salto de onça, e apenas apanhou-se em terra, soltou-se a correr para o lado oposto ao em que estava Juliano. Um instante depois outro vulto vestido também de negro salta de igual modo também de cima da árvore, e, logo que firmou pé em terra, lançou-se correndo

para a mesma parte para onde corra o primeiro. O tropel do que primeiramente corria confundia-se com o deste último, e um momento passado perderam-se ambos no espaço da distância!

Juliano ficou só, rodeado dessa solidão medonha, tendo diante de si as fracas chamas que ardiam das relíquias do fantasma!

Pouco depois um vulto vestido também de negro despona na estrada e caminha direito ao mancebo: este não se dirige para a árvore; não, que vem caminhando para Juliano; Juliano com sua pistola engatilhada, vendo que o vulto marcha para ele, lhe diz intrepidamente:

— Pare, senão morre...

— Não vos assusteis, meu bravo cavalheiro.

— Mas pare... senão disparo...

— Não me conheceis?

Juliano refletiu um pouco e disse:

— Lembro-me de ter ouvido esta fala, mas não me lembro onde...

— Vede se vos lembrais?

— Não.

— Quão depressa me esqueceste!

— Vossa fala me não é estranha, mas afianço-vos que, quem quer que sejais, nenhuma lembrança tenho de vós neste momento.

— Pois eu vos não esqueci, porque me não esqueço de quem uma vez me faz bem.

— Mas quem sois vós?... Não respondeis? Vossa hesitação me causa desconfiança, e juro-vos que, se não dizeis quem sois, atiro-vos.

— Sou vosso amigo Justo.

— É verdade; conheço vossa fala: mas por que tanto mistério? Por que não dissestes logo vosso nome?

— Porque queria ver se me conhecíeis.

— Como? No fundo destas sombras, neste lugar, a estas horas! Bem vedes que era quase impossível!

— De onde vindes, senhor Juliano?

— De onde vinha aquela noite em que me quiseram assassinar...

— Como hoje...

— Como? Hoje também me queriam assassinar?
— Quem tem inimigos poderosos, como vós, faz em andar assim tão baldo de cautelas... vindes para a cidade?

— Sem dúvida.

— Pois vamos, quero acompanhar-vos.

— Como? Supondes que tenha medo de ir?

— Bem sei que não tendes: mas ides para a cidade, eu também vou; não há outro caminho para nós ambos senão este; e eis a razão por que vos acompanho. Bem sei que não tendes medo porque quem não fugiu diante deste fantasma não poderá fugir diante de dois homens. Com efeito sou pobre, e quase vivo de esmolos; se vos desprezais ir eu convosco, deixar-me-ei ficar mais atrás.

— Vós me ofendeis, senhor Justo.

— Se o fiz foi inconsideradamente, e perdoai-me.

— Vamos, pois.

— Vamos.

Os dois, assim conversando, seguiram para a cidade, e conversando dizia Juliano:

— Como sabeis que me queriam assassinar?

— Entre os ciganos eu sei quase tudo.

— E era o mesmo d. Estêvão de las Cruzes que pretendia matar-me?

— Não; mas seu companheiro d. Garcia de las Mercedes.

— O mandador era o mesmo?

— O mesmíssimo.

— Que malvado! Contai-me pois isto... E deste fantasma que vi, e de que falastes há pouco, sabeis alguma coisa?

— Tudo, e tudo vos contarei.

Assim vinham conversando os dois: subiram a ponta do monte, que nesse tempo não estava ainda escavado e que chamamos Barro Vermelho, e antes de descerem a baixa, ouviram um tiro... pararam, olharam um para o outro e Juliano disse:

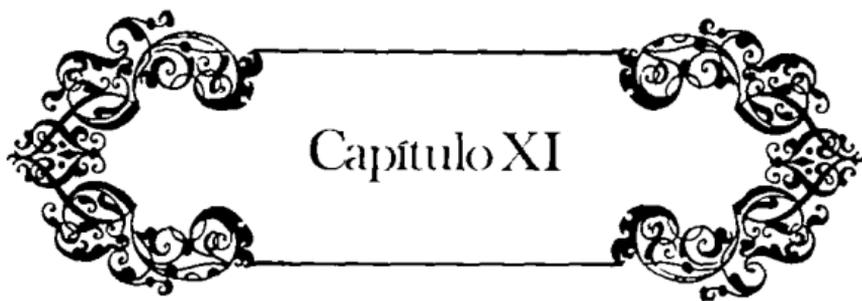
— Que será isto?

— Um tiro a estas horas!... — disse Justo. — Seja o que for, caminhemos.

— Caminhemos.

Disse Juliano e continuaram seu caminho. Desceram pois à baixa em que se edifica agora a casa de correção, onde, por já não haver grandes árvores, a claridade da lua esclarecia o chão com ampla e brilhante luz: aí viram eles um corpo de homem lançado por terra, no meio de um lago de sangue! Justo afirma-se sobre o corpo; o luar era claríssimo, e à claridade do luar conhece o corpo, e exclama com surpresa:

- É d. Garcia de las Mercedes!
- O que me queria assassinar?!
- O mesmo.



Capítulo XI

Explicações do capítulo antecedente

Antes das explicações que vou dar convém dizer alguma coisa a respeito de Justo. Não há aí pessoa alguma que não julgue que as diligências de Justo fossem o fruto de uma gratidão nobre para com Juliano, e por isso de uma dedicação augusta: nada porém menos exato. Justo era cigano, e em nada desmentia o caráter e costumes de sua raça vagabunda, interesseira e desamorosa.

Devemos confessar todavia que Justo tinha maneiras polidas, conseqüência de uma educação mais bem diligenciada do que a do comum dos ciganos.

Justo era filho de um rico cigano, que durante muito tempo foi negociante de escravos. Nesse comércio Fernando, que este era seu nome, ganhou somas imensas de mil cruzados. Por um cálculo de um verdadeiro ladrão Fernando não duvidava fiar sua fazenda ainda a gente pobre, contanto que a pessoa que fiava tivesse um sitiozinho e algumas benfeitorias: o malvado não exigia juros de seu dinheiro quando fiava; o que fazia era que vendia fiado com prazos; por exemplo: um escravo que valia oito dobras vendia por 12, 14 etc. Quando digo que o escravo valia oito dobras, quero dizer que o preço pelo qual ele o vendia por dinheiro à vista, já ganhando muito, era oito dobras: assim vê-se que além do principal e lucro provável de um escravo o esperto cigano ainda ganhava 50% em quatro anos: o comprador, porém, no cabo dos quatro anos, ou devia ficar pagando juros do dinheiro, se não pagava o escravo, ou dar bens à penhora; era o que sempre acontecia; e o infame negociante, no fim dos

quatro anos, ou recebia 12 ou 14 dobras, pelo que valia apenas oito, ou sete, ou outra qualquer coisa para inteirar-se! Acontecia muitas vezes que o prazo ainda era menos dos quatro anos!

Um dia passou por uma pequena mas bonitinha situação o tal Fernando, trazendo consigo uma boa partida de escravos, e para beber água entrou em casa do dono da situação; era este um pobre homem casado com uma boa senhora, e carregada de filhos dos quais o mais velho não tinha mais de 12 anos: e ele não tinha mais que um escravo.

Fernando, depois que descansou um pouco, e que bebeu água, disse ao dono da casa:

— Então, meu amigo, por que me não comprais um escravo? Tenho bonitas peças.

— Bem vejo, mas não posso — disse o dono da casa.

— E por quê?

— Porque não tenho dinheiro.

— É o mesmo; eu vos fio.

— Mas vós fiáis-me por um ano, ou dois, e no fim do tempo não terei dinheiro.

— Não: posso fiar-vos por mais tempo.

— Então que tempo podeis esperar-me?

— Que tempo quereis vós?

— Esperais quatro anos? — perguntou o homem em tom de gracejo!

— E por que não? Espero.

— Pois então quero.

— Qual é o mais barato que trazeis?

— Este.

O cigano dizendo isto mostrou-lhe um preto já não rapaz, com a pele sobre os ossos, doente, e que já nem caminhar podia.

— Este! — disse o dono da casa.

— E que tem este?

— Não chega amanhã.

— Vós é que estais com isso. É uma das ricas peças que aqui tenho. Já enjeitei por este negro dez dobras...

— Dez dobras?!

— E dinheiro à vista.

— Assim tão doente ?

— Qual doente ?... Está magro e cansado de andar; descansado há de engordar, e isto há de ficar um negro bonito e vistoso; comprai e vereis.

— É muito caro...

— É muito barato. Olhai, vinde cá; vede este negro de perto, vede... que olho, que bons ossos tem ele; isto engordando fica um gigante; quereis vós ver... João — bradou ele para o preto —, guzo sai...

O preto desfalecidamente estendeu os braços e, em tom fraco e arrastado disse: "guzo sai."

— Hein ? — disse o cigano para o dono da casa — olhai lá... isto é uma rica peça... Tomara vós que eu vos dê este negro por 12 dobras...

— Doze dobras !...

— É um ovo por um real, meu amigo; e, se eu vos der por isso não digais nada a ninguém.

— Deus me livre de dar 12 dobras por isto.

— Mas se eu rejeitei dez dobras à vista ! Bem sabeis que dez dobras à vista é melhor que 12 que hão de vir só depois de quatro anos.

— Ora, isso é o mesmo, porque vós sempre haveis de receber no fim dos quatro anos.

— E se vós morrerdes ?

— E não fica minha situação e outro escravo ?

— Pois bem; passemos o papel pelas 12 dobras e quatro anos. Venha papel e tinta...

— Não, senhor, não, senhor. Doze dobras não dou.

— Oh, homem de Deus, pois achais caro este negro por 12 dobras ?

— Acho muito caro.

— Pois bem. Eu quero só ver quanto é que vós me dais por esta bonita peça; a melhor que eu aqui trago.

— Tomáreis vós achar quem dê dez dobras por ele.

— Mas se eu vos disse que já enjeitei dez dobras.

— Ora, a pessoa que vos ofereceu dez dobras era cega.

— Nada, vê muito bem, e por ver bem é que ofereceu dez dobras; porque entende muito de escravos.

— Dez dobras por este negro !... Deus me livre.

— Deus vos livre dos velhacos; mas vós estais pensando que eu vos digo isto porque tenha empenho de vender o negro?

— Não, senhor, não digo isto.

— Podeis acreditar-me, porque eu não minto: e, se quereis ver eu volto, e vou dá-lo à mesma pessoa pelas dez dobras?... Andai, homem, ficai com o escravo pelas 12 dobras, e comprais muito bem. Andai, passemos o papel.

— Mas há de ser por quatro anos.

— Por quatro anos; eu tenho uma palavra só.

Dito isto, passou-se o papel pelas 12 dobras por quatro anos, no fim de cujo tempo devia o comprador embolsar o vendedor, ou ficar pagando um prêmio do dinheiro. Feito isto retirou-se o cigano, deixando um fardo, que daria talvez de graça a quem o quisesse sepultar.

Ao outro dia veio à casa do comprador um seu compadre, o qual era um cirurgião que morava vizinho. Este, apenas viu o escravo, perguntou se lho haviam dado.

— Não, senhor; custou-me 12 dobras para pagar daqui há quatro anos.

— Que dizeis, homem, vós estais doido?

— Por quê?

— Vós quereis desgraçar vossa mulher e filhos, homem?

— Mas por quê?

— Pois vós não vedes que este negro está doente, levado do diabo, e que não dura nem oito dias?

— Estou perdido.

— Ide. Já, ide ver se encontrais esse diabo e vede se desfazeis esse negócio.

— Parto já.

Com efeito, o pobre homem selou um cavalo e partiu: achou o cigano a oito léguas de distância e dirigindo-se a ele lhe disse:

— Eu vinha ver se vós quereis desmanchar o negócio que fizemos do preto.

— Ah! vedes que eu fiquei lesado — disse-lhe o cigano —, e vindes ver se eu desmancho o negócio... Doeu-vos a consciência, hein?

— Não, senhor; eu é que fico lesado...

— O quê? O quê? Pois comprais um ovo por dez réis de mel coado e dizeis que ficais lesado?

— Sim, senhor, o preto está para morrer e não dura oito dias; e por isto eu quero desmanchar o negócio.

— Homem, vós estais doido!... Quem vos disse isso?

— Foi meu compadre, o senhor licenciado meu vizinho.

— Vosso compadre é um tolo, homem! Vosso compadre não sabe o que diz...

— Pois, senhor, eu quero desmanchar o negócio.

— Homem, ide para casa, tratai o escravo, daí-lhe de comer, que o escravo não tem nada.

— Mas eu não quero mais o preto.

— Isso não é possível... o negócio está feito.

— Mas vós não dissetes que tínheis quem vos desse dez dobras!

— Disse.

— Pois dissei-me quem vos dava que eu quero vender o negro.

— O meu dinheiro são 12 dobras.

— Não importa; eu dou duas dobras de minha algibeira; perco duas dobras; paciência; antes perder duas do que 12.

— Homem, eu já me não lembro quem me dava as dez dobras; era aí um lavrador que encontrei no caminho.

— Mas por que vós não tendes pena de mim? Não vedes que sou pobre carregado de filhos? Ora, desmanchai o negócio... por que quereis que eu perca 12 dobras?

— Ora, meu amigo, o negócio está feito... Demais, o que são 12 dobras? E em quatro anos? Ide, ide para vossa casa, trabalhai, ajuntai 12 dobras e no fim dos quatro anos eu lá vou.

— Oh! Senhor! Isso é uma crueldade... 12 dobras por um defunto!...

— Oh! homem de seiscentos diabos... deixai-me com São Pedro... Vós sereis cego? Não vistes o negro? O negócio está feito e adeus: o que está feito está feito. E deixai-me.

E dizendo isto o insolente cigano voltou costas ao pobre, que ficou para não viver.

Chegado que foi à sua casa, contou ao compadre o que se havia passado: ele não tinha dinheiro para sustentar uma demanda, e força era o resignar-se; com efeito resignou-se.

No fim de quinze dias morreu o preto; e o pobre começou a tirar de sua mulher e filhos três dobras em cada ano para perfazer, ao cabo de quatro, 12 dobras, que devia dar a um ladrão, que lhe deixara um cadáver para sepultar, e ainda com volta de 12 dobras.

Passados quatro anos, resolveu-se Fernando a mudar de vida, e passou de negociante de escravos a lavrador. Caiu sobre seus devedores, aniquilando a quase todos, como o vento da tempestade destruindo as louras sementes da seara do lavrador. Uns ficaram sem escravos, outros sem situações; e alguns, reduzidos a completa miséria! E às lágrimas, às suplicas, às maldições e às pragas, o maldito dos pobres respondia com risos sarcásticos, ou antes risadas de demônio!

Chegou à moradia daquele a quem tinha vendido um cadáver por 12 dobras e vendo-o, disse:

— Eis-me aqui, amigo.

— Sim, que são passados quatro anos — disse o lavrador.

— Logo devo receber o meu dinheiro...

— Ele está pronto.

— Bravo. Já vejo que sois homem de bem... E o preto?

— Morreu quinze dias depois que o comprei.

— Não tenho culpa disso.

Maria, mulher do lavrador, que se achava presente, disse:

— Mas visto o preto ter morrido, vós podíeis nos fazer alguma esmola...

— Esmolas!... tomara eu quem mas faça.

O lavrador, que já a este tempo estava com o dinheiro na mão para o dar, fitando os olhos no céu, disse em tom profético e misterioso:

— Quando estas 12 dobras e outras muitas 12 assim ganharem desaparecido, se baterdes à minha porta pedindo-me uma esmola, Deus me dará o que vos dar.

Fernando soltou uma estrondosa risada e Maria disse:

— Vossos filhos não se gozarão deste dinheiro...

— Já estou muito costumado a ouvir pragas, e quanto mais as ouço mais engordo, mais saúde tenho, e mais dinheiro ajunto.

Em má hora Maria pronunciou a sua praga! Em má hora o lavrador amaldiçoou as riquezas do mau. Os anjos

escutaram essa praga e essa maldição! Algum sacerdote do Senhor nessa hora tremenda sacrificava ao Eterno Padre a hóstia imaculada!

O anjo da guarda do perverso, cansado de desviar-lhe pragas, e de arredar-lhe maldições, não pôde desviar-lhe aquela, nem arredar-lhe esta! E o mau partiu cheio, e bem cheio de seu próprio orgulho!

Desgraçou famílias, oprimiu órfãos, perseguiu viúvas; e em paz foi comer os frutos de seus roubos! Comprou uma grande fazenda, e como esta era litigiosa barateada lhe foi. Bem depressa suas manadas cobriram os pastos de sua grande situação: este gado, arrombando as cercas das roças de seus vizinhos comiam e calcavam debaixo de seus pés as plantações ou antes os suores do pobre; e ai daquele que murmurava, porque ele era poderoso na terra! Mais de cem escravos lavravam suas terras. Os campos de sua fazenda estavam cobertos de ervas e de árvores frutíferas; suas sementeiras eram abundantes, e seus celeiros estavam pejados de grãos! Mas o pobre que à sua porta batia esmolando daí saía com fome e seus tetos nunca abrigaram a miséria, e nem o fogo de seu lar aqueceu ao resfriado passageiro! A impiedade guardava sua porta, porque o vício imperava em sua casa!

À maneira dos potentados da terra, ele habitava um quase palácio de rei! Como os régulos da meia-idade tinha uma corte de apaniguados seus, tão libertinos, tão malfazejos como ele! Como os magnatas das cortes as orgias de seus saraus prolongados pela noite chegavam ao despontar da aurora! O vinho imperava sobre os ânimos; a crápula era a rainha da festa, porque a decência não entrava em sua casa.

No terceiro ano de suas glórias a peste assolou seus gados e a seca torrou seus campos: a peste dizimou também seus escravos e morreram mais de 50.

No quarto ano morreram mais de 30 escravos! Os credores por sua vez também caíram sobre ele, como a matilha de cães sobre o veado por eles acossado, e já desfalecido! Ele ficou sem um único escravo! Os legítimos proprietários da fazenda expulsaram-no dela, e a tomaram, e ele ficou pobre, só com seu filho Justo, que não se gozou do fruto de seus roubos.

Aqueles que o viram tão soberbo em sua prosperidade passavam por ele com uma espécie de horror e diziam: "Ali vai o castigado de Deus!"

Os lavradores medrosos de sua presença não lhe deram de comer: todos fugiam dele, todos fora um! Este era aquele a quem oito anos antes o maldito vendera um cádaver por 12 dobras!

Justo, filho de Fernando, tinha tido alguma educação; seu pai morreu na miséria e no ódio de todos, o filho do mau ficou vivendo pobre. No Rio de Janeiro reuniu-se aos ciganos, onde vivia como eles vivem.

Disse eu que não era o efeito de uma gratidão quem fazia Justo tão devotado à pessoa de Juliano. Devo pois dar a razão de meu dito.

Justo era um cigano de tato fino, interesseiro, polido, e sabia sob sua polidez disfarçar seu interesse. Justo era traquejado no tato da vida, conhecia o homem de bem e compreendia o homem vil. Conhecia bem onde havia que disfarçar e o como o devia. Justo pois era nascido para ministro de Estado!

Nós já sabemos o como ele apanhou de Juliano uma avultada esmola; e deparando-lhe o acaso uma ocasião de salvar-lhe a vida, Justo com suas boas qualidades devia muito aproveitar-se desta vantagem. Ele queria ter a proteção de Juliano para ter uma bolsa às suas ordens. Quem sabe? Se algum malvado desse a Justo umas 40 ou 50 dobras para assassinar Juliano, talvez que este já não vivesse.

Entretanto, outro motivo havia que excitava o ódio de Justo contra os dois gardunos chegados da Andaluzia. Justo era tido e havido pelo cigano mais valente, mais forte, e mais hábil em qualquer jogo das armas; com a chegada dos dois gitanos ele perdeu um pouco de sua reputação, porque se dizia que qualquer dos dois era mais homem do que Justo; ele levantou seu ressentimento contra os dois, e ele queria provar a todo o custo que sua reputação de bem não fora ganha só por seus olhos belos. Justo só desejava uma ocasião em que pudesse provar com presteza, forças e valor com qualquer dos dois gardunos; e deparando-lha o acaso Justo a aproveitou com indizível ansia.

Sabemos que Ligeiro, de ordem do padre Roberto, devia levar a d. Garcia de las Mercedes as 30 dobras, prêmio do assassinato que devia perpetrar na pessoa de Juliano. E com efeito Ligeiro recebeu do padre o dinheiro, e foi procurar o assassino assalariado.

Quando Ligeiro teve em sua mão 60 meias dobras, muito louras, muito luzentes, e muito bonitas, não pôde resistir à áurea tentação de se fazer senhor deste pequeno tesouro. Ligeiro deu mil voltas ao seu entendimento, formou mil projetos, que anulou por outros mil mais novos; combinou mil combinações, ruminou mil idéias; a si mesmo propôs mil meios, rejeitou mil; discutiu mil planos; e em todos arriscado lhe parecia o achado: não obstante ele se podia resolver a dar as 30 dobras ao matador. Enfim depois de disctir mais outras mil propostas assentou numa. Firme em sua resolução foi ter com d. Garcia de las Mercedes; este, mal que o viu, lhe disse:

— Trazeis-me vós 30 dobras, hombre ?

— Daqui a pouco vo-las trarei. Mas me lembro de uma coisa, d. Garcia.

— Y que cosa ?

— Que vós só não podeis cumprir a missão de que vos encarregastes.

— Y por que estais vós temblando, hombre ?

— Mas não sabeis vós que Justo anda sempre com Juliano ?

— És cierto ? D. Justo !

— Então por que vos hei de eu enganar em um negócio que me pertence ? Não é por Juliano que eu receio: mas com Justo... bem vedes que são dois contra um, e entendo que é preciso arredar a Justo custe o que custar. Que dizeis ?

— Ciertamente. Y como entoncez ?

— Bem. Sabeis que Justo tão valente é para um ou dois homens como covarde para fantasma do outro mundo.

— Bien lo se.

— Bem. Nesse caso arranjaremos um fantasma diante do qual Justo fugirá.

— Tambien fugirá Juliano.

— Juro-vos que não. Ele não crê em aparições extraordinárias.

- Y de que maneira lo fareis vós?
- Bem. Quereis que das vossas 30 drobras tire dinheiro para arranjar um fantasma?
- Quanto?
- Pouco: uma ridicularia.
- Pues bueno.
- Pois eu volto pela ave-maria.
- Pues sea.

Com effeito, Ligeiro partiu a arranjar o seu fantasma. Comprados os preparativos, arranjou-o deste modo: tomou uma cabaça, abriu-a pela parte superior, introduzindo-lhe uma fina tábua de alto a baixo, dividiu o vão da cabaça em dois; num rasgou dois olhos e abriu uma enorme boca e com casca de melancia fingiu os dentes. Neste espaço havia um lugar adaptado para pôr uma luz. Noutra espaço introduziu alguns pregos e pedaços de folhas-de-flandres, que, atados todos à extremidade de uma corda, que por um furo saindo fora do vão da cabaça, era levada a outra extremidade onde se quisesse: agitada esta corda, os pregos e pedaços de folhas batidos uns contra os outros, e de encontro às paredes interiores da cabaça produziam assim um som argentino, oco e ao mesmo tempo medonho! Ligeiro comprou umas 12 varas de pano branco e tomando uma extremidade delas a prendeu à parte inferior da cabaça, isto é, à parte fina dela; a cabaça devia estar presa a uma corda pela qual a seu tempo devia o fantasma ser puxado.

Esta ridícula comédia devia ser representada deste modo.

No caminho de São Cristóvão, que já conhecemos, devia Ligeiro escolher um ponto, que por mais deserto e mais escuro durante a noite, fosse idôneo à sua fantasmagoria. Aí havia uma árvore bastante alta; embaixo dela cavou Ligeiro uma pequena cava. Dentro da cabaça, da parte dos olhos e boca, por uma luz que, filtrando-se unicamente por entre os olhos e boca, feitos na cabaça, e não aparecendo mais feições algumas neste composto, além dos dois grandes e abrasados olhos, e uma enorme boca também abrasada, devia de produzir um effeito maravilhoso e terrível! Dobrou pois o manhoso Ligeiro todo o pano branco, que formava o corpo de seu fantasma dentro da cava feita embaixo da árvore, e collocou a cabaça ou antes cabeça do fantasma sobre as dobras

do pano, e as duas cordas, tanto a que devia suspender o fantasma, como a que devia, agitar os pregos e pedaços de folhas-de-flandres, foram levadas para cima da árvore. Embaixo da árvore onde o caminho fazia uma curvatura, a seu tempo espalhou Ligeiro uma porção de pólvora, levando um rastilho para muito além da curva do caminho: de modo que a pessoa que deitasse fogo não fosse vista de quem estivesse na estrada aquém da curvatura. Ligeiro devia ficar embaixo e, logo que Juliano aparecesse, incendiar a pólvora; e d. Garcia de cima da árvore devia içar o fantasma e agitar os pedaços de folha e pregos. Assim contava-se com a fugida de Justo vendo o fantasma, e d. Garcia descendo logo da árvore podia ser senhor de Juliano, talvez meio assombrado da vista do fantasma.

Parece que uma crítica vê bem que para uma coisa tão pequena não era preciso tanto aparato, mas balda é da humanidade avultar e dar valor àquilo que de si nada vale, e pelo contrário acanhar e desfazer ao que vale alguma coisa: é isto natural, porque quanto mais leve é a matéria mais se eleva, e quanto mais pesada mais desce: assim é que o pó se remonta nas asas dos ventos até as nuvens! E o ouro se oculta nas entranhas da terra: além disso Ligeiro lá tinha suas razões para tanto aparato. Tratado pois isto com d. Garcia de las Mercedes, vai Ligeiro ter-se com Justo e lhe diz:

— Ó Justo, sabes que mais?

— Que mais? — tornou-lhe Justo.

— O sr. Juliano morre hoje...

— E és tu que o matas?

— Santo nome! Eu não, que não sou disso.

— Então quem é?

— Ora adivinha.

— D. Estêvão de las Cruzes?

— Nada.

— Então quem?

— D. Garcia de las Mercedes.

— Que covarde! Já o venci no jogo da faca.

— E ele conta que tu virás hoje de São Cristóvão com o sr. Juliano.

— E assim mesmo se atreve a acometê-lo?

X
— Sim; mas disse ele que sabe que tu teus muito medo de almas do outro mundo; e para te fazer fugir e ficar o sr. Juliano com ele, ideou um fantasma com olhos e boca de fogo, e com este fantasma vai esperar ao sr. Juliano e a ti, um pouco para lá do Pau Grande.

— Estimo muito saber disto.

— Ah! Bem sabes que sou teu amigo. E desejo que dês uma esfrega nestes dois espanhóis, que se dizem tão valentes.

— Valentes eles! Rompantes de espanhol, entradas de leão e saídas de sendeiro. Mas conta-me como é esse fantasma arranjado.

Ligeiro contou minuciosamente a Justo o como se devia operar a tal fantasmagoria: mas teve sempre o cuidado de nunca tocar em sua pessoa; de modo que pela sua narração ele era estranho a toda aquela trama.

Depois que Justo tudo ouviu, e que de tudo ficou senhor, disse:

— Pois bem, à noite eu e d. Garcia nos encontraremos. Adeus.

— Adeus. Pensa bem; e obra melhor.

— Não tenhas susto.

— Adeus.

À hora em que Juliano devia passar, d. Garcia em cima da árvore com as cordas do fantasma ocupava seu posto. Ligeiro, que acreditava que Justo acompanharia a Juliano metido no mato, junto do rastilho da pólvora, com um tição pronto ocupava igualmente o seu. Juliano apareceu e a fantasmagoria teve lugar. Ligeiro observava de longe, e como a espessura do lugar, apesar da lua, lhe não permitia o distinguir bem os objetos, supunha que Justo estava com Juliano divertindo-se com o fantasma de d. Garcia, que sem dúvida já não era mistério para Juliano. O travesso rapaz com estes pensamentos saboreava o logro pregado ao espanhol quando ouviu um tropel como de quem corria; abaixou-se e viu passar por ele Justo, que se dirigia para a árvore. Ligeiro entendeu então que Justo não vinha com Juliano, mas sim que vinha em seu socorro, vindo das partes da cidade. Agora Ligeiro mais orientado não perde coisa alguma do que se passa.

Justo pois galga-se pela árvore acima com admirável presteza; d. Garcia cuidando, que era Ligeiro, diz:

— És Ligeiro ?

— Não — respondeu-lhe Justo —, sou Justo, e venho quebrar-te na cara a cabeça do teu fantasma.

Mal tinha Justo proferido estas palavras quando o espanhol, pondo-lhe uma pistola aos peitos, faz a pederneira estalar sobre o fuzil ! Algum anjo ou algum demônio apagou as faíscas expelidas da pederneira ! A arma negou fogo ! A morte oculta dentro deste férreo tubo nenhum movimento fez !

Então d. Garcia abandonou as cordas do fantasma e este veio redondamente à terra: a luz que se ocultava na cabeça do fantasma incendeia a cabaça, e pouco depois o fogo comunica-se ao pano e arde todo o fantasma. Entretanto d. Garcia, conhecendo o perigo em que estava diante da faca de Justo, busca salvar-se saltando de uns para outros ramos; e Justo o perseguiu sempre, até que d. Garcia saltou da árvore abaixo para escapar-se, fugindo para o lado da cidade. Justo saltou atrás dele, perseguindo-o sempre.

Eis aqui as explicações a respeito do fantasma, e as que deu Justo a Juliano. No fim delas perguntou Juliano:

— E quem matou a d. Garcia ?

— Não viemos nós juntos ?

— Sim.

— E quem matou a d. Garcia ?



Tarde VII

Capítulo XII

Uma resolução

Era quase meia-noite quando Juliano entrou em sua casa, ou antes em casa de seu tio: aí, começando a pensar sobre sua vida, horrível lhe pareceu sua crítica posição. Cercado de inimigos que lhe andavam sempre no encalço, inimigos tão pérfidos, tão astuciosos quanto covardes, bem via ele que só por um milagre lhes poderia escapar!

O viandante, que em meio de estrada é traiçoeiramente ferido, cai moribundo ao golpe da perfídia, mas não vê a covarde destra que empunha o punhal do sicário ou o arcabuz do assassino; então a valentia e a coragem de nada servem. Juliano abismado nestes e noutros dolorosos pensamentos passava em seu quarto ora a longos, ora a moderados passos. Assentava-se às vezes e escrevia. Assim esteve todo o resto da noite.

Os galos em suas atalaias, cuidadosos vigias da aurora, para que jamais ela os surpreendá, e ninguém seja outra vez tomado de repente nas redes de um ciumento, quadruplicavam seus vigilantes cantares, porque a estrela da manhã, brilhante como uma luz de Deus, bela como um pensamento seu, grimpando-se majestosa pelo alto dos céus, fechava a luzida marcha, cobrindo soberanamente as inumeráveis legiões de rutilantes mundos!

O mancebo assentado à sua mesa escrevia. Parecia que todas as suas faculdades estavam embebidas nos pensamentos que ora rolavam em sua alma, e sua alma estava pejada das mais graves e mais dolorosas meditações!

Suas faces estavam mais animadas que de costume, pareciam assim duas rosas da manhã, um tanto desmaiadas pela frieza do orvalho da noite. Seus olhos cintilavam um brilho místico, tal como nos pinta a fábula o brilho misterioso dos olhos da sacerdotisa de Apolo, quando em Delfos, assentada na trípode divina, inspirada pelo pítico nume, borbotava pela boca torrentes de oráculos do deus que a presidia! Seus gestos tinham uma expressão de uma vontade de ferro, e ao mesmo tempo de assombro, com esse gesto infável dos primeiros mártires do cristianismo, em presença dos tiranos e dos mártírios! Entretanto nesse gesto sublime se traduzia essa tremenda impassibilidade de César dizendo ao barqueiro: "César vai contigo", ou de Átila a outro barqueiro: "Para onde quiseres!" Dava gosto vê-lo, causava ao mesmo tempo temor, porque estava belo e terrível, como o anjo do Senhor expulsando do paraíso da terra os nossos primeiros pais depois de seu pecado!

É assim que nessas sagradas horas de uma inspiração suprema, por um milagre desconhecido à natureza humana, a matéria quase se espiritualiza toda, adquirindo uma força divina, e o espírito em comércio com a divindade goza nessas divinas inspirações quase que das faculdades angélicas! Deus deu isto aos grandes poetas!

E pois ele escreveu e depois leu isto:

"Oh! Como te amo eu, e como tu és formosa, ó minha amada! A cor dos teus cabelos, tão negros como o manto da tempestade da noite, derramou em meu coração o luto da dor!

Porque te amo, como o pintor a seu mais belo quadro, e te desejo feliz como Deus queria ao primeiro homem! Porque o ímpio pretende enlutar a tua felicidade!

E os teus cabelos, que se dependuram sobre teus seios, são como os chorões, que se dependuram sobre um lago de cristal! E por que não serás tu feliz?

Logo, a aurora vai purpurear o céu: e como é ela formosa no céu de tua terra!

Então tu disputarás ao astro da madrugada o fulgor de seu brilhantismo, e o sol virá beber em teus olhos essa torrente de luz com que abrasas meu coração!

E a palidez de teu rosto é bela como a mais linda expressão da beleza! Quem dera a aurora o poder trocar o

carmim de suas faces com o marfim de teu rosto, porque o teu rosto pálido é em verdade feiticeiro!

Por duas vezes tenho escutado o fúnebre ruído da morte batendo junto de mim suas negras asas, e mostrando-me da ribanceira do sepulcro as portas da eternidade!

Mas os dias do ímpio estão estreitamente contados, e minha hora ainda não souo porque meu anjo não veio ainda chamar-me!

Em minha terra eu não tinha inimigos... mas em minha terra tu não me amavas! E eu sou feliz quando tu me dizes: 'Eu te amo'. Porque o som do teu amor é suave como o suspirar da brisa e é doce como o mel das colmeias da minha terra, e é formoso como tu mesma!

O mel da minha terra é doce como serão teus castos beijos de esposa! Lá também doura e purpureia o céu uma aurora quase tão bela como tu! E lá também cai um dilúculo bafejado do soprar do zéfiro e embalsamado pela fragrância das flores!

E como é belo o crepúsculo da tarde na primavera de minha terra! A minha terra tem frutos tão preciosos... oh! e quem me dera agora lá...

Mas que fora eu na minha terra sem ti? A tua terra tem tudo quanto há de mais belo, porque tu resumes em ti mesma tudo o que de mais belo tem em si a criação!

E por que não serás tu feliz, tu que és a obra mais perfeita do Criador, ó minha amada?

Glória seja àquele que te há formado tão bela, como um belíssimo pensamento seu!

Muitas vezes eu penso em ti como o cego pensa na luz e eu te desejo como o sitibundo deseja uma fonte!

Muitas vezes tu me tens dito: 'Eu te amo'. Esta linguagem que causa inveja aos anjos não devia ser ouvida por um mortal; mas tu me tens dito, e então me considero um anjo! E o riso que teu amor faz nascer em minha alma estremece deliciosamente sobre meus lábios; porque tu és bela como um anjo do céu!

Mas o ímpio que te deseja perder não conhece de ti senão o belo de teu rosto, porque ele não tem coração... e ele será maldito.

O ímpio, pois, não conhece mais que vis deleites da carne, como o bruto que vive para comer. O libidinoso é a imagem de Belial e de Asmodes sobre a terra; e como tal ele será julgado!

O ímpio foi colocado numa concha da balança da divina justiça, tu na outra: o equilíbrio desapareceu, porque a concha em que estavas desceu contigo.

E a sentença foi lavrada, e seu nome foi riscado do livro da vida, porque seus dias estavam contados, e seus dias estavam cheios!

Ai dele!... porque é maldito de Deus!

O Senhor reina de todas os séculos, e por todos os séculos assentado no monte da eternidade!

E lá bem embaixo, nas entranhas do velho caos, a idosa noite rodeada de eternas sombras envolverá um dia os ímpios da terra, que nulos suplicarão às montanhas para que os escondam da irosa face do Senhor, no meio do conflito do grande dia!

E tu reinarás por toda a eternidade, ó meu Deus, sobre o santo monte de tua glória, no meio de teus santos!"

Durante o tempo em que o jovem escrevia seu cântico, o galo havia amudado seus vigilantes cantares. Uma fresca aragem, que suavemente soprava estremeccendo nos ares, denunciava que o anjo da aurora prestes a percorrer os caminhos do céu começava a respirar nas portas de ouro do azulado do Oriente. Soberbos festões de rosas, pomposas sanefas de ouro, curiquecidas bambinelas de púrpuras erguiam-se do mais fundo do horizonte remontando-se para o mais alto dos céus! A natureza estava bela, porque o céu estava sereno, nítido e azul! Era uma aurora de primavera digna do céu americano, na Terra de Santa Cruz!

O anjo da luz assentado sobre seu globo de fogo guiava majestosamente seu carro de ouro, que rompia soberbamente o pavilhão azul dos céus, que cobre a fábrica maravilhosa trabalhada em seis milagrossos dias.

As flores, começando de abrir seus belos matizados e odorosos cálices, balouçavam-se nos hálitos enamoradores dos zéfiros que, preguiçosos, molemente principiavam a desdobrar suas frescas e risonhas asas perfumadas pelo bálsamo das

flores! E alados habitadores dos floridos prados, sacudindo suas umedecidas asas, retiniam nos campos a feiticeira alvorada de seus amorosos trinados, com que encantavam uma suave madrugada.

Era dia!

O limbo do sol já brilhando no meio de uma torrente de luz escoava furtivamente um débil raio por entre uma junctura da janela do quarto de Juliano, a qual juntara o comprimir-se da madeira, ainda um tanto verde, pela ação do mesmo sol, que sobre ela vibrava seus raios, havia feito; e esse raio claro como a fonte de onde se derivava, ia serenamente estampar sua claridade sobre a brancura de uma parede em que brilhante debruçava!

Juliano percebeu a claridade do rei dos planetas e disse: — Agora ele.

E como assim falasse, tomou papel, dobrou-o em forma de carta, e depois de um breve espaço e um sério meditar, começou a escrever; escreveu, depois leu; era pois isto o que ele havia escrito:

“Reverendo senhor padre Roberto.

Cinco horas da manhã do dia 4 de janeiro de 1756.

Não há neste mundo mais que dois títulos, dois caminhos, duas reputações; a saber, a virtude e o vício! Tudo o mais são quimeras, pomposas palavras, belas idealidades; e enfim frágil palha que se abrasa ao fogo intenso do archote da razão, e que voa pelo espaço, depois de consumida na terra, solta em fugitivo e vago fumo, que eternamente se perde, deixando de si apenas um montão de cinzas, que os sopros dos ventos dispersam!

Não é para sempre que nos foi dada a vida, nem nesta morada vivemos senão de empréstimo!

Melhor que a vida, é a honra e é a glória!... É-nos proibido tirarmos a vida a nós próprios; também o é tirarmo-la a nossos inimigos: sacerdote do Senhor, vós o sabeis melhor que eu. Deus o proíbe expressamente no quinto preceito, quando no abrasado cume do terrível monte deu os seus dez preceitos ao condutor do seu povo, gravados nas tábuas de pedra! Sacerdote do Senhor, vós o sabeis melhor que eu!

Entretanto, é natural no homem o direito de existência. A natureza prescreveu ao homem a conservação de sua vida, seja à custa do que for! E é por isso que sacrificar nossa existência por alguém é o maior, o mais nobre e o mais supremo de todos os sacrifícios! Virtude augusta superior a todo esforço humano, que rara sobre a terra aparece.

Universal este princípio, imutável, e até necessário, porque é insinuado pelo próprio Criador, estou firmemente certo de que não duvidais dele nem um só instante: e à vista de vossas crenças religiosas, em face de vossos princípios de moral, e combinando vossos sistemas filosóficos, não vos assenta o duvidar deles, porque tudo isto bem vos cabe!

E pois, sendo este o invariável princípio de vossas ações, que faríeis se soubésseis que um malvado, um ímpio, um ateu, um homem sem fé, um covarde, um tudo quanto há de mau vos urdia, com a mais infame cavilação, bem pagas ciladas para vos arrancar a vida? Fugiríeis talvez à ocasião... Ministro de um Deus de humildade, de paz, e de amor; ministro de um Deus que condenou a vingança; de um Deus que, ferido numa face, ofereceu a outra a seus inimigos; ministro de um Deus que do alto da cruz bradava a seu eterno pai que perdoasse aos seus algozes; vós sem dúvida perdoaríeis ao vosso inimigo que vos quisesse arrancar a vida, fugindo ao precipício; e tanta é vossa virtude que uma tal humildade, uma tal moderação aconselharíeis do confessorário, e pregaríeis do púlpito!...

Não duvido. Mas eu, que não sou sacerdote do eterno, eu, que não tenho essa caridade eminentemente evangélica, que faço? Sigo o rifão ordinário que do vulgo tão querido se tem feito; isto é, desejo arrancar do's olhos, a quem me quer arrancar um!

Acho indigno de vós que tão caro pagueis minha morte a um d. Estêvão de las Cruzes, ou a d. Garcia de las Mercedes: vós podeis poupar vosso dinheiro, e ser mesmo o ministro de vossa grande justiça: isto bem vos diz, e vós o deveis fazer.

A minha morte foi por vós encarregada a dois assassinos, cada um por sua vez, e cujas diligências têm sido malogradas; e, como assim se tem feito, estou resolvido a acabar com isto!

Ambos nós temos que defender coisas que para nós são sagradas; por mim, a vida, que me quereis acabar; por vós, vós o sabeis; seja o que for, mas é coisa cujo gozo minha vida vos impede!

Ora, pois.

Lembro-me de que no tempo em que freqüentáveis a Universidade de Coimbra éreis um dos muitos que afluíeis à casa do velho Malhão, célebre jogador de armas, que muitos discípulos tinha, e dos quais vós éreis um; e segundo me diziam tínheis talento para armas, e força, e ânimo, e destreza vos não faleciam!

Ora, bem!

Sendo assim, vós deveis defender vosso direito, qualquer que seja, com uma espada ou a arma que melhor julgardes em vosso alto saber; a mim me cabe o mesmo e, para que nosso duelo tenha mais solenidade, levareis por testemunha a quem muito bem quizerdes: outro tanto me compete, e nisto deveis convir.

Ora, se eu morrer no combate, ficais pacífico senhor e possuidor do que cobiçais; se vós, a minha vida fica isenta de perigo quanto a vós.

No caso de eu ser vencido, e me quizerdes poupar a minha vida, estou pronto a abandonar tudo às vossas pretensões, quaisquer que sejam, ou a entregar-me à vossa discreção; se eu vencer, terei sobre vós igual direito. Como desafiado, pertence-vos a escolha das armas.

Cumpre-me advertir-vos desde já que vos não deixo arbítrio algum na escolha de aceitardes ou rejeitardes este duelo; porque eu vos declaro muito solenemente que o haveis de aceitar por força e haveis de aceitar porque eu o quero!

Tendes todavia um arbítrio, e é aceitardes o desafio ou a morte, porque como vós também conheço algum cigano, ou garduno, ou bandido qualquer, que mediante umas 30 dobras ou mais, vos pode despedir da Companhia de Jesus para a companhia de satanás. Para vós é indiferente uma ou outra, porque não acreditais em alguma destas duas entidades!

Resta-me dizer-vos que espero vossa resposta, dizendo unicamente a arma que escolheis. O lugar do duelo é no morro do Castelo, detrás da igreja de São Sebastião, às nove horas

da noite sem falta... sem falta... Lá, e a essa hora, se encontrarão nossas armas.

Escuso dizer-vos que sei que sois um traidor, e que na ocasião do duelo sois capaz de alguma traição; e até para isso irei muito bem prevenido.

Não assino esta carta, porque vós bem sabeis quem vo-la dirige.

Resta-me advertir-vos que sendo vós tão traidor como sois, não aceitareis o duelo e que buscareis sempre traças de me assassinar, mas eu vos declaro que fiz a um amigo todas essas revelações, e que eu poderei ser assassinado, porque ninguém livrar-se pode de uma traição, mas que minha morte, vós bem me conheceis... será vingada, e imediatamente seguida da vossa; porque minha vingança está muito bem encomendada.

Vossa resposta sobre a escolha das armas espero até o meio-dia”.



Capítulo XIII

Como o padre Roberto respondeu a carta de Juliano

Durante toda a noite do acontecimento do fantasma e morte de d. Garcia de las Mercedes, Ligeiro não apareceu a Justo e nem ao padre Roberto. No dia seguinte, logo pela manhã, muito cedo, Ligeiro bateu na porta da cela do padre.

— Quem bate? — perguntou ele com voz ainda sonolenta.

— Só eu, Ligeiro.

Roberto não havia dormido toda a noite. Atribulada ela lhe havia sido. Sua cabeça estava escandescida e pejada de mil idéias funestas, que a todos os instantes despedaçavam sua alma! Muitas vezes o ateu quis conciliar o sono, mas era embalde, que o crime velava em sua alma! Um rival morto e um marido infame deixando-lhe um e outro livre o campo de sua concupiscência, de sua intemperança e de seus crimes; uma mulher formosa como um anjo; bela, bela como a natureza; bonita como o azul dos céus; inocente como a rola do vale; pura como a flor do prado; suave como a aragem da manhã; e consoladora como a estrela da tarde estavam contínuo diante dos olhos de sua alma criminosa como um demônio!

O ardor sensual que devorava a alma deste infame apóstata era mil vezes superior às luzes de sua razão; nem ele tratava de combater, e nem lhe era já possível um tal combate.

Roberto viu pela primeira vez os encantos de Clara, e não pôde vê-los sem uma tal ou qual comoção. Estes encantos fizeram uma brecha em sua alma; a inocência da moça a aprofundou; e a pretensão de Juliano fez o resto!

Mas que há de comum entre a pomba e o açor? Em que se parece o lobo com a ovelha? Que semelhança há entre a cobra e a rã?

Que simpatia pois existe do homem criminoso para com a inocência? Oh! Muita! O açor busca a pomba para tragá-la; o lobo a ovelha para devorá-la; a cobra a rã para engoli-la; e o criminoso a inocência para destruí-la.

Roberto havia visto Clara, ele se tinha deixado impressionar suavemente dos seus encantos e a princípio, longe de combater sua paixão nascente, deu-lhe mais pasto em suas continuadas visitas e gostosas conversações com a inocente menina! A inocência de Clara aumentou o ardor incasto de Roberto e ele sentiu-se completamente enamorado dela! Então conheceu sua imprudência e sucumbiu quase debaixo do peso enorme da roupeta da Companhia: era tarde porém. Mas se os cânones lhe proibiam ter uma legítima mulher, pensaria talvez ele, suas astúcias, seu descaramento e seus crimes lhe facultavam o ter uma manceba, embora saltasse ele por cima de toda a decência, de toda a razão e de toda a honra. E que importavam coisas que não passavam em sua imaginação de nomes vãos, nulos de toda a realidade? Ele assim o pensava e assim o praticava, o que era mais!

Fossem pois quais fossem os meios de possuir Clara, que sua imaginação lhe apresentasse, por muito violentos que fossem, ele os aceitaria, contanto que os fins correspondessem à sua cobiça.

Era nestes pensamentos que o padre tinha passado toda a noite em claro, e só pela manhã começou a dormir, e foi quando Ligeiro bateu à porta de sua cela; conhecendo ser Ligeiro correu ele com alvoroço e foi abrir a porta.

Ao entrar o esperto cigano, disse-lhe o padre alegremente:

— Já sei que me vens encomendar uma missa de corpo presente, não é assim?

— Uma missa de corpo presente!... Por quem?

— Essa pergunta não parece do esperto Ligeiro.

— Nem a de vossa reverência parece de um jesuíta.

— Por quê?

— E por que a minha pergunta não parece de Ligeiro?

— Porque sabes que alguém havia de morrer esta noite.

— E vossa reverência, como jesuíta sábio e experimentado, devia saber que nem tudo sai segundo a medida do nosso desejo.

— Temo de acreditar o que prevejo de tuas palavras.

— E eu temo de acreditar o que acabo de ouvir.

— O quê?

— Que vossa reverência tem temor.

— Não; não tenho temor, receio que Juliano viva por estas horas.

— E dado que assim seja...

— E dado que assim seja, vens restituir 30 dobras, não é assim? Mas de que me serve isso? Consola-me porventura esse dinheiro? No fim de tudo meu inimigo vive e os meus negócios não vão bem.

— E eu não sei por que vossa reverência se julga tão feliz em tudo, que quer que seus planos nunca abortem...

— Entretanto as nossas medidas haviam sido muito bem tomadas.

— Não tão bem tomadas que privassem Juliano da vida...

— Eis o que receavas dizer-me há tanto tempo. Pelo que vejo sois todos uns covardes.

— Sim; o ponto está em se saber morrer por vossa causa; e as 30 dobras não darem mais a vida.

— Não te entendo. Enfim, procurarei quem melhor me sirva. As 30 dobras?

— D. Garcia de las Mercedes as recebeu.

— E onde está d. Garcia de las Mercedes?

— Se eu pudesse ouvir os seus últimos momentos, é bem de presumir que então me pedisse para dizer a vossa reverência que lhe dissesse uma missa por alma...

— Como! D. Garcia de las Mercedes é morto?

— Desde essa noite até hoje.

O padre enfiou, e durante um ou dois minutos ficou em um duvidoso silêncio. Suas faces tomaram uma cor mais viva; sua larga testa encrespou-se consideravelmente, como a vítrea superfície de um lago logo que começa a correr sobre ele o sopro picante do vento da tempestade; seus olhos cintilavam com brilhantismo sinistro, como os do faminto leão no seu medonho erguer-se contra a presa que de longe percebe! O

ódio, a ira e a vingança estavam pintados sobre seu rosto! Diríeis que era um demônio, cujo funesto plano contra algum justo havia sido burlado pela paciência e caridade cristã! Metia medo o contemplá-lo!

E ele então disse:

— Eu creio, Ligeiro, que estás gracejando...

— E eu creio que perdi um amigo... E que amigo! Só eu conhecia as altas qualidades de d. Garcia de las Mercedes... Eu me arrependo do fundo do coração de o ter comprometido e empenhado em vossa vingança; mas Deus é testemunha que não por querer-lhe mal... — E nisto levantando os olhos para os céus, arrasados de lágrimas, exclamou: — Garcia... Ó! Garcia, perdoa-me... Não foi por querer-te mal que te guiei à morte: eu o não previa, tu bem o sabes... Conduzi-te a ganhar alguns vinténs... Ah! Malditos eles sejam...

— Mas conta-me isso. Como morreu d. Garcia?

Ligeiro contou tudo ao padre Roberto do modo que o leitor já sabe, e continuou:

— Justo o persegui e creio que o alcançou, para lá do Barro Vermelho, e aí suponho que o matou. Eu nada sei senão que, vindo depois de todos, o encontrei morto e banhado no seu próprio sangue!

O padre Roberto, depois de breve silêncio, disse:

— E as 30 dobras?

— Dei-as a d. Garcia de las Mercedes, que Deus haja.

Roberto ficou em silêncio; grande era a tempestade de seu coração; infinitos eram seus tormentos; e sua alma vingativa, sua sensualidade e sua ambição reclamavam altamente por uma reparação, qualquer que fosse! Roberto não era homem que recuasse diante de uma meia dúzia de embaraços, e fértil em astúcias achava em seu fundo recurso às suas perdas, consolação às penas, e meios para fazer progredir seus planos. No meio dessa curta meditação seus olhos se fixaram num ponto, como se nesse ponto houvesse um objeto que atraísse toda a sua atenção: as sobranças se contraíram compreensivamente, três grossas pregas reflexivas se prolongaram de entre suas sobranças até o alto de sua testa. Então, um amargo e irônico sorriso ondulou ligeira-

mente seus lábios, como o sorriso funesto de uma idéia sombria, e disse:

— Pois bem: o destino quer que ele viva, cumpra-se a lei do destino... Destino!... é isto alguma inteligência à qual estejam submetidas as ações do homem? É alguma lei eterna, imutável e universal que governe a seu bel-prazer e dirija, segundo seus caprichos, as relações do homem sobre a Terra? Deus ou Providência, destino ou acaso, nada são mais que palavras ocas, despidas de idéia alguma real, nulas de interpretação filosófica. A natureza é tudo! Eternas, imutáveis e universais só são suas leis! O destino é unicamente inteligência do homem, suas relações com outro homem, seus meios e sua animosidade! Pois bem: viva Juliano; viva, que já agora não quero a sua morte.

E como assim falasse, ouviu bater à porta; abriu-a, e um pajem entregou uma carta para o reverendo sr. padre Roberto; o pajem disse e retirou-se. Ligeiro saiu também na mesma ocasião.

Voltemos a Juliano.

Tendo este enviado ao padre Roberto a sua carta, antes cartel de desafio circunstanciado, escreveu mais duas cartas, uma para Clara e outra para seu tio: esta concebida assim:

“Senhor.

S. C., oito horas da manhã do dia 4 de janeiro de 1756.

Duas vezes tenho escapado à morte, que me tem procurado um perigoso inimigo, assalariando para ela desalmados assassinos! De homem para homem, não temendo eu seus ferros e ameaças, resolvi medir-me com ele corpo a corpo! Esta noite terá lugar nosso duelo, porque creio que o meu inimigo aceitou meu desafio. Se pois eu não voltar até amanhã pelas oito horas do dia, sucumbi no combate. Eu lhe suplico, meu tio, que me não amaldiçoe por isso, que antes se condoa de meus destinos, e me perdoe, a honra não me sugeriu outro meio.

Entretanto, aceite, meu tio, os protestos de amizade, de gratidão e de obediência de

Seu sobrinho respeitoso,
JULIANO”.

A outra para Clara era concebida nestes termos:

“Senhora.

Anjo ou mulher; divindade ou demônio; sonho ou ilusão; engano ou verdade; céu ou inferno! O que és tu? Para mim anjo, divindade, sonho encantador, ilusão bela, engano feliz, verdade celeste, céu verdadeiro! Tu és para mim um composto verdadeiramente místico! Tu mesma não te comprehendes, e eu te amo como se pode amar a Terra, e também não te compreendo! Mulher ou divindade, um pensamento sublime de Deus! Mulher ou divindade, tu és a mais formosa idéia do amor! Mulher ou divindade, tu és suave como a brisa da manhã; risonha como a aurora da primavera; doce como a ambrosia dos anjos; brilhante como a estrela da tarde; plácida como a lua cheia da bonançosa noite; majestosa como o sol do meio-dia; formosa como um anjo do céu; bela como a primeira mulher; querida como a liberdade; e enfim misteriosa como os fantasmas da meia-noite!

E por que não és tu feliz? Pobre inocente! Entretanto que tu ris, que tu brincas e que tu folgas, a mentira te ilude, a traição te espreita, e a maldade lança os planos de tua desgraça! Pobre inocente! Simples rola; teme, teme que o famiento a çor se dispõe a assaltar-te de um bote!

Entretanto que é preciso um crime para que sejas feliz! Cruel necessidade!

O tempo passa, e veloz se despenha ele! Como a mina prenhe de combustíveis, voa o tempo pejado de horríveis fatalidades e de crimes; assim irá marcar um instante funesto, cujo bago, que se derribará da ampulheta do tempo, dará o sinal tremendo de uma queda; e esse bago será como o fogo lançado à mina, porque com a queda deste bago o crime deve estrondear. Está lançado o terrível dado da sorte, e um homem deverá morrer; deverá, e, se ele não morrer, tu não serás feliz, e nunca mais poderás vê-lo!

Entretanto é preciso que tu sejas feliz, e o deves ser!

Perante Deus, perante ti e perante o mundo, é absolutamente preciso que descarregue eu minha consciência; todavia pouco te direi, mas este pouco será de sobra para ti; pouco,

é verdade, mas é o quanto te basta; pouco, é verdade, mas tua inteligência e teu talento suprirão o resto, e então ficarás sabendo o quanto te convém saber...

Clara... encantadora Clara... mulher tão formosa e tão bela... mulher tão digna de uma felicidade suprema... Clara, tão bela, tão formosa, quão inocente, quão pura e quão virtuosa!... Clara, acautela-te... Tu tens um inimigo... Oh! funesto como a peste; perigoso como o vício; e terrível como um demônio! Porque é hipócrita como a serpente que enganou a primeira mulher! Teme-o, teme-o! Oh! teme-o, e teme-o muitas vezes!

Sacrificada a tua felicidade, tenho feito voto de destruir este infernal dragão! Os dias de um de nós estão contados, e estreitamente contados. Hoje nossas armas serão inteiramente medidas, e um de nós deve acabar. Se até amanhã pelas oito ou nove horas do dia me não vires, fui vítima. Nesse caso nada tenho que te pedir, lembra-te só do teu inimigo, e bem me vingará iludindo seus planos. Mas espero em Deus sair-me bem; porque estarás comigo enquanto eu pelejar, e quem está contigo está com Deus!

Se não tenho mais de ver-te, ora por mim e dá uma lágrima à minha memória, como do homem que mais te amou sobre a Terra!

JULIANO”.

O jovem Juliano depois que dobrou estas duas cartas lacrou-as e chamando um escravo que particularmente o servia disse-lhe que aquelas duas cartas ficariam em sua gaveta, que acharia aberta; que no outro dia de manhã, se ele não tivesse voltado até oito horas, as tirasse e entregasse uma a seu tio, e outra a Clara.

Feito isto, tomou um pedaço de cetim, fez dele um pequeno saco, e coseu dentro dele algumas cartas que de Clara recebera; depois de assim acondicionadas amarrou o saquinho com a carta a ela dirigida, e disse ao mesmo escravo que aquele embrulho também pertencia a Clara. Depois passou uma revista em todos os seus papéis, queimou uma grande parte deles; e tomando suas poesias, assim em prosa como em

verso, as emaçou todas. Estava ele ainda neste exercício quando outro escravo entregou-lhe uma carta; abriu e leu o seguinte:

“Senhor.

Colégio da Companhia de Jesus, dez horas da manhã do dia 4 de janeiro de 1756.

Não há neste mundo mais que dois títulos, bem o disses-tes, dois caminhos, duas reputações; a saber, a virtude e o vício! Tudo o mais são quimeras, pomposas frases, belas idealidades; e enfim frágil palha que se abrasa ao fogo intenso do archote da razão, e que voa pelo espaço, depois de consumida na terra, solta em fugitivo e vago fumo, que eternamente se perde, deixando de si apenas um montão de cinzas que os sopros dos ventos dispersam!

Eis aqui o primeiro e sublime trecho de vossa carta! E com quanta eloquência assim falastes!

Sei bem que passageira é em nós a vida, e que ompres-tado nos é este vale de lágrimas! Melhor, muito melhor que a vida é a honra e é a glória! Dizeis bem; sim, que a virtude é tudo, e sem ela nada somos!

É-nos proibido tirar a vida a nós próprios: certamente é um dos pecados que bradam ao céu. Também o é tirarmola a nossos inimigos: sim, e o Senhor o disse: ‘Aquele que ferir com o ferro pelo ferro será ferido’.

Sacerdote do Senhor, eu o sei tanto como vós; e aqui me permitireis um pouco de orgulho, eu o sei; e nem soffro que outrem me ensine sobre meus deveres: perdoai-me esta franqueza.

É incontestável o direito que tem cada um sobre sua vida; eu o reconheço: entretanto se eu soubesse que alguém me procurava para assassinar-me, longe de me prevenir mandando-o assassinar, eu me entregaria a Deus, e Deus julgando entre mim e meu inimigo faria o melhor dele e de mim!

Creio firmemente que ignorais quais sejam minhas crenças religiosas, meus princípios de moral e meu sistema filosófico; mas seja qual for a idéia que de mim façais, eu vos declaro solenemente que a minha crença é a católica roma-

na, essa crença ensinada por um Deus de paz e de amor, que, ferido numa face, apresentou a outra a seus inimigos, e que, cravado na cruz, patíbulo de suas dores, de suas afrontas, de sua paixão e morte, bradava do alto dela a seu eterno pai que perdoasse aos seus algozes! Os meus princípios de moral são os princípios da moral evangélica; nem tenho outro sistema filosófico que não seja conforme a religião católica romana. Se não estais por isso, conquanto me calunieis, eu vos perdôo, porque nosso divino mestre também foi cruelmente caluniado e todavia perdoou aos seus inimigos!

Em demasia sou por vós tratado com dureza quando me chamais malvado, ímpio, ateu, homem sem fé, covarde, e tudo quanto há de mau! Disto só sinto os impropérios de malvado, ímpio, ateu, homem sem fé: covarde se é no sentido de não ser eu um bravo, tendes razão, sou fraco, nem outra coisa diz no caráter sagrado de que me acho revestido; homem de Deus, devo orar pelos que morrem e pelos que matam, sem jamais enxovalhar minhas mãos com sangue humano! Tudo quanto há de mau eu o sou porque sou o mais indigno ministro do Senhor, o mais ínfimo servo dos servos!

Juliano, que falais vós de paga, de mortes, de d. Estêvão de las Cruzes, de d. Garcia de las Mercedes, de ministro de justiça? Que é isto? Que significam esses assassinos de que falais? Oh, meu Deus, que confusão! Tenho a cabeça inteiramente perdida.

Dizeis que ambos nós temos coisas sagradas que defender; sem dúvida: mas vós a vida, que eu quero vos roubar. . . eu, Juliano, roubar a vossa vida? Oh meu Deus! Vós sois testemunha de minha inocência! Roubar eu vossa vida! E por quê? Que me fizestes vós? Até quando alguma coisa me fizésseis, levantaria eu mão armada contra vós? Vós, meu patrício, meu colega, de quem eu nunca tive a menor queixa?

Fomos ambos estudantes na Universidade de Coimbra; lá, não fui vosso amigo, é bem verdade, nunca Deus nos deparou ocasião para isso, mas nunca fomos inimigos, ao que me lembro! Donde vem pois querer-vos eu roubar a vida? É incompreensível!

Todavia a vossa carta me encheu de receios pela vossa vida, ou vossa saúde; sim, porque, ou uma exaltação mental

vos faz olhar-me como vosso inimigo, ou realmente algum malvado deseja a nossa desgraça! Pensando seriamente nisto, sou forçado a suspeitar que algum inimigo vosso tem pretendido assassinar-vos, e servindo-se de meu nome! Oh, meu Deus! Há neste mundo tanta gente má, que pode muito ser!

Juliano, meu filho — perdoai-me; se a idade me não dá direito de dar-vos este título, o meu sagrado ministério me dá —, meu filho, entrai em vós a meu respeito; abri os olhos de vossa alma, e vede-me como todos me vêem. Fugi do demônio que vos tenta, fugi, que isto é uma horrível tentação.

Hoje mesmo, depois que li vossa carta, prostrei-me devotamente diante de Deus e roguei-lhe por vós com todo o fervor; pedindo-lhe que vos esclareça a razão e que vos livre desse inimigo que vos persegue e me compromete! Eu vos conjuro em nome de Deus que vos acauteleis, e que acrediteis que eu não sou vosso inimigo.

Depois de ter seriamente pensado sobre este caso, lembrei-me de que ambos nós freqüentamos uma casa, na qual estais vós para casar; quem sabe se algum pretendente de Clara, invejoso de vossa dita e raivoso contra vós por serdes seu futuro esposo, intenta assassinar-vos, e, como sabe que eu vou a essa casa constantemente, serve-se de meu nome para de um só golpe ferir a duas pessoas que detesta?! Isto merece um sério exame, e vós vos deveis dar a ele acuradamente.

Enfim, o tempo e a verdade vos mostrarão vossos inimigos, e vós me pedireis perdão por me haverdes ofendido tão cruel e dolorosamente; e eu, contente de vos ver livre e a mim salvo de tamanha calúnia, vos abraçarei.

Não obstante o vosso ódio podeis dispor do padre Roberto”.



Tarde VIII

Capítulo XIV

Do mais que se seguiu a isto

A primeira vez que Juliano se achou com Clara, depois do seu encontro com d. Estêvão de las Cruzes, perguntou-lhe com summa delicadeza quais as conversas do padre Roberto; a ingénua moça tudo lhe contou fielmente, e vendo Juliano que os entretenimentos do padre com Clara tendiam sempre a desviá-la do consórcio, veio a inferir que o padre nutria grande plano a respeito da moça, e concluiu portanto que era por causa dela que Roberto o tinha mandado assassinar.

Estas considerações foram as que produziram a carta que Juliano mandou ao padre. Se seu procedimento foi ou não censurável dispensai meus leitores de o dizer aqui: mas seja dito de passagem que o duelo, em uma nação civilizada, polida, bem governada, onde as leis são bem mantidas, e iguais para todos; numa nação enfim bem policiada, parece desnecessário; mas numa nação onde as leis são letra morta, onde a sua proteção é só para os ricos, onde o pobre ofendido não acha desagravo nos tribunais, e é forçoso recorrer à força de seu braço; onde o pobre que se pleiteia em favor da sua honra, num tribunal como o do júri, é escarnecido, mais vilipendiado do que fora pelo agressor; onde um adúltero, tendo enchido de luto, de desonra, de infâmia, e de miséria a uma família, tem um simples degredo, e de pouco tempo; onde os grandes representantes do povo, e os primeiros funcionários da nação nem uma responsabilidade têm, porque para eles a responsabilidade da lei é uma linha sem expressão; onde os juizes venais, e empregados infames, delapidadores, e prevaricadores ficam impunes; onde aqueles que roubam

os cofres públicos são absolvidos; onde o assassino que possui um par de braças de terras e umas centenas de escravos não encontra punição nas leis nem barreira a seus crimes; onde o demérito, a ignorância, a estupidez obtêm graças, pensões e ótimos empregos; onde, de tempos a tempos, aparece uma bacanal de imoralidades, uma orgia de infâmias, a prostituição da honra, a profanação de todos os direitos, e todas as coisas, a inversão total da ordem social, o patíbulo da lei, a arena em que gladiadores do crime esmagam tudo quanto de mais respeitável existe, enfim, o grande sacrilégio em que vemos despedaçado o código das leis, no santuário do Deus vivo; numa nação assim, digo, o duelo é uma necessidade! Oxalá que ele houvesse com leis que o regulassem, que então o magnata, o rico, o potentado enfim, que tem à sua vida um indizível amor, melhor saberia respeitar os bens, a honra, e o direito do pobre!

Quando pois virdes uma nação assim, antes de descerdes aos costumes do povo, remontai-vos à moralidade de seus grandes e às crenças de seu governantes.

Passemos adiante.

Vimos pois o que deu origem à carta de Juliano, e tivemos, há pouco, debaixo de nossos olhos, a resposta do padre Roberto.

Juliano leu muitas vezes esta carta; pareceria ditada pela verdade, e escrita pela sinceridade de uma alma pura e inocente. Mil vezes perguntou ele a si mesmo se dormia, ou se estava com efeito acordado; se era um sonho o que com ele se passava, ou se era uma realidade. Seria aquilo um fingimento do padre para mais cabalmente zombar dele; ou seria verdade! Haveria porventura algum malvado que o quisesse assassinar, e para o fazer mais a seu salvo envolvia nesse crime o nome do padre Roberto?

Estes e muitos outros eram os pensamentos do jovem Juliano, e quase que se arrependia de ter sido por demais crédulo, culpando o padre a respeito do seu assassinio, tão sincera sua carta lhe parecia. Fosse o que fosse o certo é que o duelo já não podia ter lugar; e a maneira por que o padre respondeu parecia antes uma justificação que uma escusa. Enfim Juliano assentou de pedra e cal que devia dar

X de mão ao duelo, e vigiar sobre as ações do padre. Então por sua vez pôs-lhe um rapazinho ao socairo para lhe dar conta dos passos do reverendo: este o que pôde colher foi que Ligeiro era o criado particular do padre Roberto, e que quase sempre estava com ele; que o padre ia muitas vezes à casa do licenciado Leôncio e este muitas vezes ao colégio. Juliano fez toda a diligência para conhecer Ligeiro, e conseguiu-o.

Os meus leitores bem vêem que as duas cartas que Juliano escrevera quando mandou desafiar a Roberto, uma para seu tio, e outra para Clara, ficaram de nenhum efeito, e por isso ele inutilizou-as.

Na tarde do mesmo dia em que o padre recebeu a carta de Juliano foi ao colégio o licenciado Leôncio. Roberto contou-lhe o sucedido, e terminou dizendo:

— E perdi assim 30 dobras, sem o menor proveito, tendo antes perdido dez!

— Que importa isso, homem? Deixa, que de tudo serás indenizado; livremo-nos do homem; e deixa o mais.

— E na verdade, tu me deves indenizar destes prejuízos.

— Descansa.

— Mas não está aqui tudo.

— Então o que falta?

— Vê.

— O que é isto?

— Lê esta carta.

E dizendo isto apresentou a Leôncio a carta de Juliano, ou antes cartel de desafio. Leôncio, depois de ter lido duas vezes a carta, perguntou ansioso:

— O que fizeste, padre?

— Não aceitei o desafio...

— És um fraco.

— E tu, um tolo...

— Eu aceito-o no teu lugar.

— És mesmo um tolo, e muito tolo.

— Inda em cima de querer eu desafrontar na honra me chamas de tolo, padre?

— Torno a dizer-te que és um tolo.

— E por que sou eu um tolo?

— Não vês que o salteador que joga a dinheiro é tolo?
— No entanto fica o pábulo deste Juliano pensando que é alguma coisa neste mundo!

— E que tem isto?

— Eu me bateria com ele...

— E, matando-o, ficavas criminoso.

— Mas tinha punido um insolente.

— Arriscando-te a morrer, ou a ficar perdido!

— Mas ele ficava castigado.

— E não é melhor castigá-lo sem correr risco?

— Como quiseses.

— Digo-te ainda mais: já não quero que ele morra.

— E então?

— Quero que sejas marido de Clara mesmo a seus olhos.

— Creio que estás um tanto atrasado a respeito de Clara e de Juliano.

— E tu muito adiantado, não é assim?

— Pelo menos sei que ele é amado de Clara.

— Não importa. O amor de uma mulher é uma hidra de sete cabeças; que quando são decepadas não renascem. As mulheres novas amam um só homem, e amam muito enquanto não começam a amar outro, e como a variedade é a mais bela qualidade da mulher, não há nenhuma que não goste de se mostrar bela.

— Creio que com tuas teorias vais deitar o negócio a perder.

— Pois deixa-o por minha conta.

— Deixo-o, mas...

— Mas, o quê?

— Nada... Enfim... faze o que quiseses.

— Respondo pelo resultado. Descansa.

— É necessário que faça eu alguma coisa?

— Sim, /.

— O quê?

— Amanhã Paulo vem para a cidade com sua filha. É preciso visitá-los.

— Estou pronto.

— A nossa visita deve ser depois de amanhã.

— Será quando quiseses.

— Entretanto deverás estar em casa ao depois de amanhã às cinco horas da tarde.

— Estarei.

— Creio que tens bastante roupa onde se possa escolher alguma.

— E para quê?

— Convém que neste negócio tu faças tudo quanto eu exigir e determinar; tudo sem a menor reflexão...

— Mas como o negócio me diz respeito, eis o motivo por que pergunto alguma coisa, e a desejo saber.

— Pois basta que saibas que conheço bem o terreno que piso, e que sei otimamente o que faço.

— Bem.

— E pois o pai e a filha vêm amanhã da chácara para a cidade, e ao depois de amanhã devemos ir visitá-los. Fica ciente disto.

— Estou ciente. Até amanhã.

— Até amanhã.

Retirando-se o licenciado Leôncio, o padre Roberto ficou ruminando seu plano.

No seguinte dia veio Paulo para a cidade, com sua filha, e nesse mesmo dia o padre lá foi ter, mas como de passagem, pouco demorou-se, e, instando Paulo para que ficasse mais algum tempo, o padre escusou-se, dizendo que a ocasião não era própria para visitas, visto terem chegado há pouco, e estarem ainda em arranjos de casa; que voltaria no seguinte dia; e então pediu licença tanto a Paulo como a sua filha para no outro dia serem visitados pelo licenciado Leôncio.

Paulo e Clara portaram-se nessa ocasião com todas as etiquetas do costume; Roberto retirou-se.

Ao outro dia, era quase ave-maria, estava o padre em casa de Leôncio, quando Ligeiro chegando-se a eles muito apressado disse:

— Juliano está em casa de Paulo.

— Bem — respondeu o padre. — Vamos, Leôncio.

— Vamos — disse o licenciado e os três saíram.

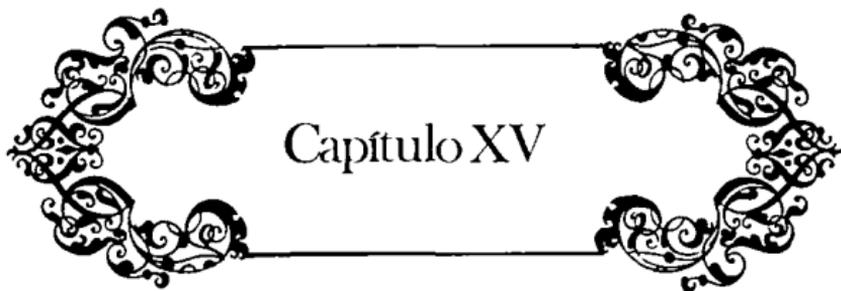
Pouco tempo depois, o padre Roberto e Leôncio conversavam em casa de Paulo; aí estava Juliano, que pouco se demorou depois da chegada dos dois. Em quarto de hora

passado sobre a saída de Juliano, saiu também Leôncio; apenas chegou ao portal, um sujeito que parecia esperá-lo muito de propósito, assaltando-o de um terrível bote, feriu-o com uma faca! O ferido cai, gritando:

— Aqui-del-rei, que o sr. Juliano mata-me... O sr. Juliano mata-me... O sobrinho do sr. Agostinho!...

Era ainda cedo, passava muita gente pela rua, estavam abertas todas as casas de negócios: e pois as pessoas que passavam acudiram ao ferido, e assim muitos caixeiros e amos que tendo afluido conduziram o licenciado para sua casa. O padre acudiu e o acompanhou também. E as pessoas que acudiram vendo fugir o agressor diziam ser Juliano.

Da casa de Paulo foram ouvidos os gritos de Leôncio; Paulo e sua filha ouviram muito bem tudo e até chegaram à janela. Eu deixo aos meus leitores o ajuizar do desgosto de Paulo, e da aflição de Clara!



Capítulo XV

O processo

A casa de Agostinho, tio de Juliano, era tão perto da de Paulo, que nem dez minutos se gastaria de uma a outra. Quando Juliano saiu da casa de Paulo dirigiu-se para a de seu tio, onde morava, como o leitor sabe. O que porém é extraordinário é que, quando aconteceu o assassinato de Leôncio, já Juliano estava em casa!

Eram nove horas quando, ceando Juliano com seu tio, o comandante de uma escuta a que fazia o serviço de polícia, entrando em casa de Paulo, prendeu a Juliano de ordem do ouvidor da comarca e o levou à cadeia, onde, mediante algumas patacas, ficou da sala livre.

Agostinho, à vista do fato, ficou quase louco; saiu àquela mesma hora e, sabendo na rua que o motivo da prisão de seu sobrinho era o haver ferido com uma faca o licenciado Leôncio, pouco faltou para brigar com quem lhe dizia semelhante coisa. Em primeiro lugar achava seu Juliano incapaz de uma tal indignidade; e, em segundo, ele sabia que seu sobrinho estava em casa à hora do assassinato.

Bem que todos soubessem que Agostinho era um homem de bem, todavia não lhe davam crédito, acreditando ser o sobrinho o agressor, e que ele o defendia, como seu tio, e o mais é que o mesmo Paulo não tomava a defesa de Juliano, dizendo que ele havia saído de sua casa; que pouco depois saíra o licenciado; que no momento deste sair fora ferido, e gritara que quem o matava era Juliano, sobrinho do sr. Agostinho; que ouvindo estes gritos ele, Paulo, chegara à janela;

e que o agressor que fugia era Juliano. Clara não fazia mais que chorar.

Agostinho compreendeu, pela linguagem de Paulo, que o negócio era muito sério, porque Paulo, a quem cumpria defender Juliano, como se futuro genro, o abandonava; e no que mais perigava a causa de Juliano era em que Paulo nem ódio, nem interesse mostrava, e parecia falar só por amor da verdade. Todavia, esta convicção de Paulo contra Juliano abalou-se fortemente à vista das razões de Agostinho.

— Dizeis vós, sr. Paulo — dizia Agostinho —, que meu sobrinho estava em vossa casa: bem. Que entraram os senhores licenciado e o padre Roberto, e que meu sobrinho saiu; que pouco depois saiu o licenciado e que, ao vingar o portal de vossa casa, fora ferido, e que nesse momento gritara que Juliano, meu sobrinho, o matava; que chegando à janela viste o agressor que fugia, e que este era Juliano; entretanto as razões que dais para ser ele são: primeira, que o conhecestes pelo traje; segunda, porque o licenciado gritou que Juliano era quem o matava!

Notemos primeiro que entre Juliano e o licenciado não nos consta que houvesse desavença alguma, e o mesmo Leônicio o confirma. Se alguma desavença houvesse porém, e Juliano quisesse fazer alguma ao licenciado, certo não o faria ao sair ele de vossa casa, tendo antes estado nela o mesmo Juliano. O licenciado é homem que anda até tarde, sem companhia, e em horas mortas poderia qualquer inimigo seu fazer-lhe alguma. Dizeis vós que Juliano estava de calção preto, colete branco, e casaca cor de vinho, e que o agressor assim estava; mas notai que esse fato é muito ordinário e qualquer o tem. No fim de tudo deveis notar que qualquer nódoa que porventura manche a reputação de Juliano recai igualmente sobre vossa família; porque Juliano estava para ser vosso filho.

Eram estas e outras razões as que alegava Agostinho; e Paulo, parecendo sentir o peso delas, já dizia que julgava a Juliano incapaz de um tal feito.

Não era Paulo um homem de educação fina, que pudesse apreciar estas delicadezas de honras de família, nem tirar

de seu próprio fundo razoáveis argumentos, para por meio deles, em um complicado negócio, acertar com o melhor, mas tinha ao menos a boa qualidade de o seguir quando lho mostravam.

O processo principiou enfim e seguiu seus trâmites. Leôncio era parte, e também a justiça, visto ser o ferimento feito de noite.

Os meus leitores bem viram quais foram as dolorosas cenas passadas em casa de Agostinho e de Paulo, logo depois do ferimento. Bem diferente era a que se passava em casa de Leôncio, entre este, o padre Roberto, e Ligeiro.

O ferimento de Leôncio era em um braço, e leve por demais. Os três personagens retirados ao lugar mais reservado da casa, em um sótão, esgotavam velhas garrafas de generoso vinho do Porto com algumas rodas de paio, e nacos de presunto; a festa era entre poucos, mas alegre, era uma completa bacanal, com todos os ritos de uma orgia! Ligeiro, o rei da festa, era o general vencedor, que recebia os aplausos, no dia do triunfo!

— Ligeiro — dizia o padre —, és um herói, um bravo, um homem insigne! Vales o quanto pesas!

— Sim, senhor, sim, senhor... — dizia Ligeiro — hoje sou um bravo, um homem insigne; valho o quanto peso e serei tudo porque me saí bem de uma empresa... por Deus, que se me saísse mal seria um covarde, uma peste, e um diabo; que diz, meu padre, não é assim?

— Ó Ligeiro, não digas tal.

— Anda lá, velhaco — dizia o licenciado —, anda lá, que tiveste a minha vida em tuas mãos. Por minha fé, que sangras muito melhor que qualquer cirurgião do hospital de S. José; tens a mão sutilmente delicada. Deixa estar, meu velhaquete, que te hei de recompensar melhor do que tu pensas.

— Sim, senhor; como esses velhacões desses ricos costumam, que enquanto precisam do nosso préstimo nos dão beijos e abraços; mas, apenas se acham servidos, dão-nos pontapés, e põem-nos no meio da rua.

— Não digas isso, Ligeiro — dizia o padre —, de agora em diante tua vida e tua felicidade ficam por nossa conta.

Com estes e outros dizeres se entretinham as três personagens, até que esquentados pelo vinho se recolheram e dormiram até o seguinte dia.

Sabem já nossos leitores que o processo de Juliano está começado; entretanto, forçado ele por seu tio, tirou carta de seguro, porque Juliano o não queria fazer, dizendo que isso só cabia aos criminosos.

Agostinho, por seu modo polido, e delicado, por favores que a muita gente fazia, riquezas etc., era, na colônia portuguesa da América, a personagem mais notável, e mais saliente depois do vice-rei; era um desses imensos colossos, cujas dimensões não é possível abranger-se de um só lance de olhos; ou antes era como o generoso leão, cujas iras se não afrontam impunemente! E já por amor ao sobrinho e já por capricho seria capaz de sacrificar toda a sua fortuna! Entretanto Agostinho conhecia bem os caracteres de Roberto, e de Leôncio; e Juliano teve cuidado de revelar a seu tio, e ao padre Jerônimo, seu irmão, todo o atentado do padre Roberto, mostrando-lhes a declaração de d. Estêvão de las Cruzes, o qual fora obrigado a fazer pelas ameaças de Justo em casa deste, como já sabe o leitor. Cumpre advertir que Juliano rogou a seu tio e a seu irmão o maior segredo possível a este respeito, para poder, mais tarde, perder de uma vez ao padre Roberto. Sobre Leôncio, porém, Juliano disse ingenuamente que nada sabia.

— Seja qual for, ele tem algum plano a respeito de Clara — concluiu o padre.

Seguindo-se o processo, juraram as testemunhas que viram Juliano entrar em casa de Paulo, e declararam como ia ele vestido; que pouco depois entrou o jesuíta Roberto, e o licenciado Leôncio, e que Juliano saíra, encaminhando-se para o lado do largo do Palácio; mas que pouco depois voltara ele, ou outro que com ele se parecia, vestido do mesmo modo, e que parara à porta de Paulo; ao sair o licenciado, este sujeito lançou-se a ele, e o feriu; foi então que o licenciado gritou que Juliano, sobrinho de Agostinho, o matava! Algumas testemunhas acrescentavam que o agressor muito de propósito não quis matar o ofendido. Todas estas testemunhas foram contestes. Parecia, entretanto, que o juiz e o escrivão estavam

ao lado de Juliano, porque apertavam muito as testemunhas, e declaravam sempre estas que não juravam que o agressor fosse Juliano, mas que era um homem vestido como ele; e por último diziam que Juliano era incapaz de um tal feito. Todavia isto era bastante para perder um homem naquele tempo: enfim o negócio era complicado, Leôncio acusava Juliano com todo o encarniçamento. Pela parte da justiça o negócio iria bem, mas o licenciado não queria ceder.

Era então governador o muito conhecido Gomes Freire de Andrade, que foi depois conde de Bobadella; amigo íntimo de Agostinho, afeiçoado a Juliano, e pouco inclinado aos jesuítas, começou a tomar parte no negócio: mas, querendo fazer as coisas com jeito, falou a Leôncio para desistir do processo; depois de muitas recusas, e considerações, propôs Leôncio que desistiria saindo Juliano do Rio de Janeiro. Juliano não deixava de ter essa vontade, e acreditou que, casado com Clara, a legítima que tinha de receber por parte de mãe de sua mulher lhe era suficiente para estabelecer-se noutra qualquer parte do Brasil.

Assim pois, quando Gomes Freire propôs a Agostinho a saída de Juliano do Rio de Janeiro, achou da parte deste honrado velho uma opposição formal, dizendo ele que isso era um triunfo para seus inimigos; mas ele veio a consentir, uma vez que fosse casado com Clara; porque sendo ela causa de tudo, como pensava Juliano, era um completo triunfo.

Firme neste propósito foi Juliano falar com Paulo. Este pediu-lhe que voltasse no outro dia, para dar-lhe a resposta.

Por este tempo era a cidade do Rio de Janeiro uma espécie de trem de guerra, era tudo preparativos bélicos para uma pequena expedição para Missões, que segundo as ordens da corte seria comandada pelo mesmo Gomes Freire de Andrade.

Tendo sido elevado ao trono português o rei d. José, em 1750, foi solenemente firmado um tratado de limites entre Portugal e Espanha, em consequência do qual deviam ficar distintos os limites do Brasil, e os domínios espanhóis na América Meridional.

As duas cortes pois enviaram comissários que por partes das coroas de Portugal e Espanha, partes contratantes, deveriam demarcar e assentar os limites das duas nações, mas foi

impossível a estes comissários o fazerem, porque, seduzidos, e aconselhados pelos jesuítas, os indígenas de Missões se lhe opuseram com um troço de 3 mil homens!

À vista disso os dois governos viram-se obrigados a enviar tropas para reduzir os rebeldes por meio da força!

Eram pois para esta pequena campanha os preparativos bélicos que no Rio de Janeiro se faziam.

No mesmo dia em que Juliano falou com Paulo, e ficou este de dar-lhe resposta sobre a decisão do casamento dele, Juliano, com Clara, lá foi à casa de Paulo o padre Roberto, e Paulo lhe propôs o caso. Roberto disse-lhe:

— Meu amigo, eu sei que Juliano até aqui tem sido um bom moço, mas os maus não o foram sempre, eles são bons até certo tempo, e pouco a pouco se vão corrompendo. Ninguém se faz mau de repente, diz um célebre poeta latino. Entretanto por não fazer juízos temerários eu nada quero aventurar sobre o ferimento do meu amigo Leôncio; não digo que fosse Juliano, nem que não, o tempo nos mostrará. O que vos posso dizer é que, apesar de toda a proteção dada a Juliano, este está perdido, se o licenciado não quiser desistir do processo. Ora, Leôncio é por demais generoso com ele, isso é claro, e claro a toda luz. E o que é que Leôncio exige? A sua saída do Rio de Janeiro por algum tempo. Vós não quereis dar, assim o creio, vossa filha a um homem manchado de um assassinio: pode Juliano não estar, mas cumpre justificar-se; além de que vossa filha não vos é pesada, e nem vós tendes pressa de lhe dar marido, e nem ela está nas circunstâncias de receber a qualquer como tal. Juliano ama-a e quer ser seu marido; pode sê-lo; mas convém que se mostre digno de Clara; a sorte lhe depara agora com um meio propício de se cobrir de glória e fazer esquecer esta impressão, que o ferimento de Leôncio, atribuído a Juliano, causou nos ânimos. O governador, segundo se diz, o estima, ele que se assinala, que se lave da mancha posta em sua reputação; e quando vier, se voltar digno de Clara, e de vós, far-se-á então o que for melhor, e mais justo.

Por mim, eu declaro francamente, se Clara fora minha filha, nas presentes circunstâncias eu a não daria a Juliano,

ainda que fosse verdadeiro o Eldorado, e fosse ele seu proprietário.

— Também eu estou desse ânimo.

— E o deveis estar, se porventura quereis pura e sem mancha a vossa reputação, e a de vossa filha.

— Julgais então que devo propor isso?

— Eu assim o entendo.

— Pois assim se fará.

Pouco tempo depois Juliano entrou, tendo já saído o padre Roberto.

Paulo com muitos subterfúgios, com muita civilidade, lhe fez ver que não duvidava cumprir sua palavra, a respeito do casamento de Clara, mas que ele bem via que o ferimento de Leôncio tinha causado alguma impressão; e que assim julgava melhor espaçar o casamento, porque então esta impressão estaria mais amortecida, se não morta de todo.

Então Paulo lhe propôs a ida para Missões com o pequeno exército, que ora se preparava.

Bem compreendeu Juliano que este escrúpulo o ofendia muito; mas ele sabia assaz que ninguém está obrigado a acreditar na pureza dos outros. De mais, o ferimento de Leôncio havia sido acompanhado de circunstâncias tais, que ele se via forçado a perdoar aqueles que o supunham autor desse ferimento. Assim, Juliano não viu nos escrúpulos de Paulo senão a delicadeza extrema de um pai honrado. E pois Juliano concordou em partir para Missões, com a condição de, logo que voltasse, concluir-se o casamento. Assim pois trataram os dois.

Agostinho, a quem isto pareceu um triunfo dos inimigos de seu sobrinho, custou em consentir em tal; mas à instância do mesmo Juliano deu consentimento.

Gomes Freire ouviu com prazer a resolução de Juliano, e, querendo dar uma prova pública do apreço em que o tinha, o empregou no quartel-general. Juliano aprontou-se para seguir seu novo destino.

Antes de sua partida foi despedir-se de Clara, e teve o prazer de acertar em ir em um dia em que Clara se achava só. Aí teve a ventura de ouvir da boca de sua amada que ela nunca acreditou que ele fosse o autor do ferimento de

Leôncio. Terna foi esta despedida, foi sentimental e cheia de emoções. Clara jurou-lhe uma e muitas vezes que lhe seria sempre constante, e fiel à sua palavra; que enquanto ele fosse vivo seu coração não pertenceria a outrem: e então o conjurou de voltar o mais breve possível, e trazer-lhe o mesmo coração amante, terno e fiel!

Depois de mil protestos de amor, de mil juramentos de fidelidade, depois de repetidos abraços e de muitas lágrimas, separaram-se estes dois amantes deixando um no outro suas esperanças, seus futuros e metade de sua alma!

Juliano, ao despedir-se, deixou entre mãos de Clara um papel, e apartaram-se estas duas almas, que Deus parecia ter feito uma para outra, tão boas, tão puras, tão amantes eram elas, e tão cônscias de suas afeições.

A expedição estava pronta, e Juliano ia partir com ela!

Contente estava Leôncio, e ufano o padre Roberto pelo seu triunfo! O soberbo contendor ia desaparecer, o campo lhes ficava livre, e o triunfo fácil.

Tudo estava pronto, chegou o dia e Gomes Freire de Andrade, seguido de mil homens, conduzindo dez peças, partiu para Missões.

Juliano, lançando um saudoso olhar para a habitação de sua querida e exalando do fundo de sua alma um suspiro de dor e de sentimento, partiu com a expedição que devia bater os índios rebeldes nos campos de Missões.



Tarde IX

Capítulo XVI

Do mais que se seguiu

Como essas belas nuvens de púrpura, e de ouro com que a apavonada aurora esmalta o azul dos céus; como o estremecer saudoso, e mago da suave aragem da manhã; como o suspirar voluptuoso, e enamorado da fresca brisa da tarde; como os mágicos encantos das fragrantas e coloridas flores; como os sons melodiosos de harmônicos, e quase celestiais cantares; como as bem-aventuradas imagens, e supremos gostos dos sonhos dos desgraçados; como os risos inocentes da infância; assim os encantados dias de uma juventude inocente passam! Passam, e talvez para mais não voltarem! Passam, e não deixam após de si mais que suas terníssimas saudades, as dolorosas e aflitivas lembranças do feliz tempo em que partiram, que são essas robustas imagens desses passados prazeres, gozados tão felizes em tempos tão bem-aventurados; imagens robustas tão íntima e tão dolorosamente gravadas no fundo do coração; e que em todos os instantes assoberbam a imaginação, fazendo vergar a alma debaixo de seu angustioso pêsadume penalizando-a pelas saudades do passado, afligindo-a pelas amarguras do presente, e atormentando-a pelas incertezas do futuro!

Onde existe hoje essa inocente Clara, bela como o belo jasmim da noite, meio pálida, e meio morena, como uma estátua de marfim que durante algum tempo se viu exposta aos sóis ardentes de janeiro, e às frias chuvas de junho? Onde estão essas belas tranças de seu negro cabelo; que ela com tanto afã, que ela com tanto gosto toucava todas as tardes,

estudando sempre uma maneira nova para encantar mais, e mais ao seu querido Juliano? Onde estão esses grandes olhos negros, que com tanto brilho luziam em seu rosto, como luz no céu a bela estrela da tarde? Onde existem hoje esses animadores sorrisos, que de sua boca, formato de uma rosa meio aberta, pendiam com tanta graça estremecendo a flor de seus róseos lábios, e se esfregando voluptuosos por sobre a bem feita ponta de sua barba, ou se escondendo nas covas, que eles mesmos abriam em suas brancas faces, ou se escondendo saudosos pelo ligeiro vinco, que eles mesmos abriam em sua barba? Onde estão esses deliciosos quadros de futuros prazeres, que na sua alma tão enamorada, e tão perdida de amor traçava tão apaixonada quando sua devaneada fantasia se entregava inquieta às idealidades de seu terno amor? Onde existem estes sonhos de aurora, dourados como ela, e tão cheios de amor, de encantos, e de esperanças como aquela mesma que tão suavemente os sonhava? Que é feito dessa beleza de flor? Que é feito desse amor de rola? Que é feito dessa esperança de virgem?

A beleza se esvaeceu como a beleza da flor! O amor geme saudoso, como o amor da vida rola! Ah! resta a esperança! A esperança só resta, essa terna e saudosa esperança de virgem, que tem seu coração no meio dos combates, onde entre o fúnebre e terrível aparato da morte peleja o eleito de seu amante coração!

E pois a filha de Paulo não é já aquela encantadora Clara tão cheia de vida, de prazeres, e de beleza!

Agora só, no meio de suas escravas, dos balcões de suas janelas, seus olhos já não brilham sobre a rua! Estranha a tudo quanto se volve em torno de si, ela não toma parte em prazer algum! Ou não vive ou vive com uma única idéia, e para um único objeto, essa idéia é amor, esse objeto é Juliano. Passavam-se assim dois e três dias, sem que a bela moça curasse de seu cabelo; destarte emagreceu, e seu rosto cobriu-se de uma palidez mortal.

Apesar da negação de Clara, o padre Roberto ia vê-la muitas vezes; notemos que Clara nada sabia a respeito de seus atentados para com Juliano. Juliano só havia revelado isto a seu tio, e a seu irmão.

Um mês pouco mais ou menos depois da partida de Juliano, Roberto achando-se com Paulo falou-lhe nestes termos:

— Meu amigo, visto que Juliano partiu, e que estamos livres de sua presença, quero falar-vos, e permiti-me que o faça com minha costumada franqueza.

— Fale, padre; eu me ofenderia se não fosses franco comigo: bem sabeis o quanto sou vosso amigo.

— É a respeito deste casamento de Clara com Juliano.

— Desejo muito ouvir-vos.

— Há não pouco tempo que somos amigos, e há não pouco tempo que me recebeis familiarmente em nossa casa, por uma força de simpatia, ou de excessiva bondade vossa, vós me tendes comunicado todos os vossos segredos, vossos negócios etc.; e segundo penso, posso lisonjear-me de que até o presente não tendes tido reserva alguma para comigo; e, sempre que tendes pedido meus conselhos, tenho sido franco, leal e verdadeiro amigo para convosco: tenho pois vos aconselhado sempre segundo melhor me dita a minha inteira consciência; será assim?

— Sem dúvida, do que vos sou muito devedor.

— Nada me deveis, que vós mereceis tudo.

— Falemos pois sobre Clara.

— Sim, falemos. Pergunto-vos pois se estais resolvido a dá-la a Juliano.

— Eu não deixo de estar comprometido, e não sei o que deva fazer.

— Entendo que nenhum comprometimento tendes.

— Nenhum comprometimento?

— Sim, desde o ferimento de Leôncio esse comprometimento desapareceu. Ninguém está obrigado a ligar-se por nenhum título com uma pessoa manchada, seja qual for essa mancha. E a honra aconselha ou antes obriga a anularmos um contrato, em consequência do qual nos devíamos ligar em parentesco com um homem, que depois a voz pública apregoa como assassino, embora ele esteja inocente, porque, se uma meia dúzia de pessoas bem intencionadas acreditam nessa inocência, a maior parte das pessoas não acredita, por isso que somos todos mais inclinados a crer antes no mal que no bem.

— Isso é verdade!

— Entretanto, seja dito de passagem, e aqui entre nós, que ninguém nos ouve — bem sabeis que não desejo manchar a reputação de pessoa alguma — eu também acreditava na inocência de Juliano antes de sua partida: também eu o defendia muito e o julgava incapaz de tal atentado: mas depois de sua ida, não.

— Não?!

— Não; e certamente não. Se Juliano estivesse inocente, não se sujeitaria a uma pena que não tinha merecido. Quando lhe propusestes a viagem para as Missões, se ele estivesse inocente no assassinio de Leôncio se oporia com todas as suas forças, teimaria por provar sua inocência, e faria todo o possível por se mostrar livre de uma tão feia imputação e digno de vós, e de vossa filha: mas ao contrário aceitou essa espécie de degredo que lhe impusestes. E por que lhe impusestes vós esse quase degredo? Por causa do assassinio de Leôncio; se sua alma estivesse tão pura, como inculcava; se ele estivesse inocente, expeliria de si essa idéia indigna, de um degredo que ele não havia merecido. Seu coração generoso, puro e inocente encher-se-ia de uma nobre indignação! Sua virtude rejeitaria até a mesma mão de Clara, contanto que sua reputação ficasse ilesa! Ele sacrificaria tudo à sua honra e à sua virtude! Ao contrário, não repeliu de si uma idéia indigna, e aceitou seu degredo, como expiação de sua culpa. Que mais prova de seu crime?

— Padre, padre, vós tendes toda a razão! Juliano é culpado! Sim, foi ele quem correu aos gritos do licenciado; foi ele, e nós bem o vimos.

— Deus me perdoe... mas...

— Mas é preciso dissuadir Clara de um tal casamento.

— Assim o entendo.

— E como?

— Dizendo-lhe o que sabeis.

— Não seria melhor falar-lhe vós e tomar a vosso cargo o convencê-la?

— Contanto que sejais vós o primeiro em falar-lhe.

— Eu a mando chamar.

Durante esta conversação, a sensível e saudosa Clara recolhida em seu quarto lia o papel, que em sua despedida

Juliano lhe havia deixado! Nesse papel continham quatorze linhas, e em cada linha onze sílabas; e cada uma dessas linhas exprimia muito dolorosamente uma idéia triste, e lutuosa, e todas essas idéias não representavam mais que uma idéia de desesperação, de dor, e de saudade!

Porventura se alegra vosso coração em uma noite em que não brilha na abóbada celeste uma só estrela? Simpatizais acaso com um dia brusco, em que o sol não fere vossas vistas? Um prado despojado de galas é talvez a expressão do luto da natureza! A cidade assolada pela peste é o adorno do túmulo, uma nau no meio de uma tormenta é a imagem da fraqueza humana! Um jardim sem flores é um cemitério de mortos vegetais! Um belo mancebo sem amores é o retrato do egoísmo, ou de dor! E o que viúva geme na selva é a cópia do amor aniquilado pela foice da morte!

Quereis ainda imagens de tristeza? Entrai na casa de família onde não haja crianças, ausente a variedade, nem os contrastes da vida; a esperança não habita debaixo desse teto, nem os sorrisos da infância aliviam os pesadumes dos cuidados que nem os desgostos vizinhos do túmulo da idade decrépita!

Praticai com um homem sem amigos, seu olhar oblíquo, suas palavras estudadas, todos os seus movimentos receosos, porque a desconfiança lhe rói o coração, como o abutre de Ticio!

E se um homem se comparasse a todos esses aspectos? Vós o julgareis desesperado!

Era pois um soneto, que Juliano havia deixado para a amada, belo unicamente pelas suas idéias. Ei-lo:

SONETO

*Como a noite sem astros tenebrosa;
Como sem sol um dia sem fulgores;
Como o prado já murcho, sem verdores;
Como em peste cidade lutuosa;*

*Como nau em tormenta desastrosa;
Como jardim plantado, mas sem flores;
Como gentil mancebo sem amores;
Como viúva rola, e tão saudosa;*

*Qual casa de família sem crianças;
Qual peito que não tem uma amizade;
Tal eu, meu doce bem, nestas mudanças,*

*Vou sofrer na mais triste soledade
A duvidosa vida d'esperanças,
A dolorosa morte da saudade!*

Clara trazia este papel sempre consigo, não para lê-lo, porque pela continuação de o ler já sabia de cor; mas para ter o triste gosto de estar contemplando estas letras traçadas tão tristemente por mão para ela adorável! Ela achava um não sei que de alívio, e até de consolação em olhar muito aqueles traços, saudosa do mortal a quem ela tão ternamente amava!

Assim estava a triste moça ocupada, quando chegou o recado de seu pai, que à sua presença a chamava.

Enquanto o portador foi chamar a filha de Paulo este continuou a conversar com o padre Roberto que prosseguiu assim:

— Ora, eu conheço, meu amigo, que estais avançado em anos, e que Clara está em idade de tomar estado; e que casada ela com um moço digno de vós, e dela, repousando o futuro de vossa filha sobre ombros capazes de o sustentar, é claro que o chegar da vossa morte será mais tranqüilo, porque deixais seguro o que mais amais sobre a terra.

— Ah! Mas há muito moço capaz: só Juliano não é gente.

— É verdade: mas entendo que vós não deveis descuidar de lhe dar marido. Apesar de dizerdes que há muitos moços, permiti que vos diga, há; mas que mereçam Clara é o que é dificultoso; porque enfim, meu amigo, grande é a corrupção do nosso tempo; são todos uns perdidos, uns extravagantes, e uns perdulários e afinal o que tendes adquirido e ajuntado com tanto custo virá um pródigo deitar fora. Aconselho-vos pois que lhe deis um marido que saiba o que custa ganhar: não digo um comissário, um negociante, pois bem vedes que uma quebra é coisa fácil; não falo também em algum rico fazendeiro, porque além da dependência dos tempos, uma epidemia pode-o arruinar muito; mas um homem

que não dependa nem de caprichos dos homens, e nem dos do tempo.

— Ora, padre, quero confessar-vos uma coisa.

— O quê?

— Que antes de estar justo o casamento de Clara com Juliano, se o sr. licenciado Leôncio ma pedisse, eu a dava.

— E por quê?

— Porque além de simpatizar com ele, creio que é muito bom moço; gosto muito dele, e até por ser vosso amigo. Estou certo de que não quereríeis um amigo indigno de vós.

— Disso podeis estar certo. Conheço Leôncio desde pequeno, foi meu colega; cursamos ambos a Universidade de Coimbra, e posso afiançar-vos que é um homem sem senão; muito polido, mui bem criado, moço de toda probidade, e de virtudes; verdadeiro amigo, bom cidadão, e bom filho. Atrevo-me a jurar que feliz será aquela que o tiver por marido. Entretanto consenti que vos diga que não tenho desejo de o ver casado.

— E por quê?

— Porque nenhum amigo sincero deseja ver seu amigo casado.

— Mas quando se casa bem...

— Não há no consórcio bem que compense a perda da liberdade. Todavia, pois que eu conheço Clara, se Leôncio me consultasse a tal respeito não o dissuadiria disso. Suponho porém que ele não aceitaria um tal partido sem alguma dificuldade.

— Por quê?

— Porque está muito bem, tem muita habilidade, e ganha muito dinheiro.

— Contudo talvez aceite.

— Talvez.

Neste tempo entrou Clara; seu pai a chamou para junto de si, e a fez sentar-se a seu lado.

— Minha filha — disse Paulo —, eu creio que tu comprehendes bem que desde que Juliano se resolveu a acompanhar o governador para Missões, o teu casamento com ele tornou-se impossível.

— Impossível! — disse a moça — Por que, meu pai?

— Porque tu não quererás casar-te, nem eu o consinto, com um homem manchado de um assassinio.

— Juliano manchado de um assassinio! Não, meu pai, ele não.

— Entretanto todo o mundo acredita que foi ele quem quis assassinar o licenciado Leôncio.

— Todo mundo não, meu pai; vós não o acreditais, e nem eu.

— Eu o acredito.

— É porque não sois seu amigo.

— Mas fui.

— Se o fôsseis, meu pai, não acreditaríeis dele uma ação tão feia. Eu não acredito.

— E por que não acreditas?

— Porque o amo! E para o acreditar tão vil seria preciso que nunca o tivesse amado.

— E qual foi a razão que eu tive para impor-lhe esse degredo? Não foi o assassinio de Leôncio? Certamente. Ora, se ele estivesse inocente repeliria uma tal idéia; mas bem ao contrário ele aceitou esse degredo como expiação de seu crime.

— Não, meu pai; para uma tal consequência seria preciso que dissesse a Juliano: “Vós estais convencido de tal crime, e para o expiardes deveis vos degradardes por tanto tempo; durante o vosso degredo é preciso que por vossas belas ações e por proezas cheias de valor vos laveis da nódoa com que vos manchastes! Ide pois, lavai-vos dessa mancha; voltaí; e, se voltardes coberto de glória tendo vossas belas ações feito esquecer vossa culpa, a mão de Clara será vossa”. Tendo-se dito isto, se Juliano se resignasse, certamente a vossa consequência seria justa; mas, bem ao contrário, o que se disse a Juliano foi: “As pessoas sensatas não acreditam que vós vos tenhais manchado com um assassinio; mas entretanto essa notícia causou em muitos ânimos não pouca impressão; e para a destruir convém que viajeis por algum tempo; a sorte vos depara uma propícia ocasião alistando-vos no exército que parte para Missões; quando voltardes já ninguém se lembrará do acontecimento de Leôncio, e então a mão de Clara será vossa”. Eis o que se disse, meu pai; e eis o que Juliano aceitou. Mudar agora de linguagem, envenenar sua ida, para daí tirar uma consequência odiosa contra Juliano, é uma

traição, uma perfídia, e enfim uma coisa indigna de vós, sempre tão honrado, e sempre tão generoso!

— É verdade que eu quando lhe propus sua ida para fora do Rio de Janeiro lhe disse que era para destruir a impressão causada no ânimo público isso lhe disse eu para não o ofender; mas estava e estou convencido de que o assassino de Leôncio foi ele.

— Mas, senhor, eu sou vossa filha, e ponho todo empenho em obedecer-vos; não me casarei senão com quem for do vosso gosto; se pensáveis assim, se acreditáveis que Juliano era o assassino do sr. licenciado Leôncio, acho que melhor era que lhe falásseis com franqueza, que lhe dissésseis vosso modo de sentir e que me dissésseis que absolutamente não convínheis em tal casamento; então Juliano ficaria dissuadido, e não se exporia aos perigos de uma batalha para contentar-vos; e eu bem que sentisse, e sentisse muito, já teria sofrido esse golpe; ou teria morrido de dor, e estaria livre de uma existência que me pesa, ou consolada me teria resignado à minha sorte, mas vejo que segunda vez comprometestes a vossa palavra, e sendo vós tão honrado como sois quereis faltar.

— Todavia, Clara, nunca te vi despachada como hoje!

— A linguagem da verdade, e da razão, meu pai, não carecem de muitos estudos.

— Pois eu desejava propor-te um arranjo pelo qual me parece que melhoravas muito!

— Podeis dizer, senhor.

— Nas circunstâncias em que param as coisas tu não deves casar — nem eu consentir — com Juliano. Entretanto estou velho, e tu em estado de te casares: propunha-te pois o aceites a mão do licenciado Leôncio: cumpre porém dizer-te que ele não te pediu em casamento; mas eu tenho essa vontade, e estou que ele não recusará.

— Então, meu pai, o casamento de Juliano comingo é absolutamente impossível?

— No pé em que se acham as coisas muito impossível.

— Por que enfim foi ele o assassino de Leôncio?

— Assim o penso.

— Perdoai-me se tomo a ousadia — disse o padre Roberto — de meter-me onde não sou chamado. Parece-me, meu amigo, que sois um tanto injusto quando asseverais que foi Juliano o

assassino de Leôncio; não, não vamos tão longe; vós o não podeis jurar, e misto não há mais que uma bem fundada presunção; podia ser ele, mas podia não ser. É bem verdade que todos os dados depõem contra ele, e para que se mostrasse justificado carecia de uma prova cabal na qual mostrasse a sua inocência a todas as luzes: enfim uma prova tão clara, como o sol do meio-dia: é o que não houve. E parece até que Juliano não a poderia dar.

Quanto a vós, minha filha, tendes toda razão em sentirdes a perda daquele que amáveis. Maldito seja o coração de amante, que perdendo o objeto de seu amor se não ressentente, e lastima: isto mesmo prova a vossa virtude. Se até hoje eu vos estimava, de hoje em diante muito mais vos estimo: sois uma mulher em tudo apreciável! Deus vos fade bem.

Acho muito natural que não acrediteis que fosse Juliano o assassino de Leôncio, e, se vós o acreditásseis, certo o não amáveis. São estas as prerrogativas do amor! Seus milagres fazem que vejamos sempre bem o objeto do nosso amor!

Quero conceder-vos que não fosse Juliano o assassino de Leôncio; quero até acreditar convosco que ele esteja inocente nesse negócio: mas neste mundo, minha filha, nós não fazemos o que queremos, mas sim o que podemos, e devemos. Desde que vivemos em sociedade temos direitos que exigir, e deveres que cumprir: e quantas vezes esses deveres se não opõem a nossos gostos, nossos interesses etc.? E entretanto é preciso sujeitar-nos para vivermos com honra, porque uma vez perdida a honra nada somos! Ora dado isto, qual é a presunção geral a respeito do assassinio de Leôncio? Suponde que há no Rio de Janeiro 20 mil pessoas, destas só mil acreditam na inocência de Juliano, enquanto 19 mil apregoam que foi ele o assassino de Leôncio! Casais vós com Juliano; para vós, para vosso pai, para os amigos, e parentes de Juliano, para mim, e até para mais algumas pessoas casais com um jovem bom, puro, e digno de vós; e para os mais? Casais com um assassino! Além da infâmia, que tem de recair sobre vosso nome, que triste será o legado de vossos filhos! Infelizmente, vosso pai, vós, Juliano, e seus parentes são em demasia conhecidos não só no Rio de Janeiro, como em Lisboa. Todo mundo saberá de vosso casamento, e o nome de vosso marido. "Ali vai — dirão quando passardes com ele — ali

vai a filha de Paulo com o assassino do licenciado Leôncio! É aquele o Juliano, que em uma noite, de caso pensado esperou a um homem que nunca o ofendeu, para o assassinar! E aquela destra assim mesmo ensangüentada apertou junto do altar a destra pura de uma inocente virgem!"

E quando alguém não conhecer a algum de vossos filhos, e perguntar a outrem: "Quem é este jovem?" Responderão: "É um dos filhos de Juliano, o assassino do licenciado Leôncio!"

Não vos envergonha isso? Mas direis vós: É uma injustiça do mundo! É verdade, é uma injustiça do mundo; mas que lhe havemos nós fazer? Podemos emendar o mundo? Não: e mau como ele é, devemos nos sujeitar a todos os seus caprichos! Este é o meu entender; e perdoai-me se não falei à vossa vontade; mas como vos estimo, por isso digo o que sinto.

— Agora, minha filha, que dizes a isto?

— Que vós ficareis contente de mim, meu pai, e eu de vós.

— Então que resolves?

— Que abandono a mão de Juliano.

— Que melhor coisa poderias fazer, minha filha! Nada que tão bem te diga!

— Não seja por minha causa manchada a minha família! Abandono a mão de Juliano, e com ela o mundo, e todos os seus encantos.

— O mundo, e seus encantos! — exclamou Roberto.

— O mundo, e seus encantos — repetiu Clara, com um acento frio, e ao mesmo tempo doloroso.

— Eu não te entendo — disse Paulo.

— Digo, senhor, que abandono a mão do Juliano, mas que as portas de um convento se deverão fechar sobre mim!

— Não; não posso consentir.

— Senhor, exististes de mim o sacrifício de toda a minha afeição, o sacrifício de meu futuro, de minhas esperanças, do meu sossego, de minha vontade, e finalmente de minha própria vida; porque vos sacrificando eu meu amor, sacrifico-vos tudo quanto em mim há de sentimento, e de vida!

Tudo fiz, tudo sacrifiquei, tudo... e para mim não reservei mais que o resto inútil de uma existência aflita! Os suspiros de minha alma! E as saudades de meu coração! E

os pedaços destroçados de um futuro doloroso afogados em lágrimas entre as paredes de um claustro!... E isto mesmo vós, meu pai, não quereis consentir?! Então por que me deixais esse resto de existência? Tirai-ma, vós ma destes...

— Clara, minha filha, tu não sabes o quanto te amo eu! E hei de te ver sepultada viva entre as paredes de um claustro? Não; nunca, não é possível.

— E no entanto é preciso, meu pai!... Morta para Juliano, eu devo morrer para o mundo!

— Mas não te ofereço eu em troca de Juliano um jovem digno de ti, e mais formoso, e mais belo que Juliano?

— Em troca, meu pai? O objeto que se ama fica acima de tudo quanto há no mundo; não sofre comparação com coisa alguma; como pois falais em troca? Quem troca o que possui pelo que não tem é porque está convencido de que o que possui não é bom, e o que vai haver é melhor: não estando convencido disto, como trocar?... Leôncio é mais formoso que Juliano, é mais belo, é verdade, e eu bem o conheço; mas não é por ser formoso, nem belo que um homem é amado! Trocar Juliano, por Deus! Perco um esposo mortal, ganho um esposo divino! Esta é a única troca que pode ser em meu favor: nem vós, meu pai, vos podereis com razão vos opor a ela.

— Pois eu me oponho a que cases com Juliano e a que entres para um convento.

— A que case com Juliano, sim, meu pai; mas a que entre para o convento, não. Para isso não preciso mais que alguns centos de mil-réis para minha dotação, e para isso me sobra a legítima de minha mãe. Quanto mais que esta sempre foi minha vontade. O amor de Juliano me fez mudar de voto; mas uma vez que sou forçada a abandoná-lo, volto à minha primeira vocação. Quero pois um convento.

— Clara — disse o padre —, tendes pensado bem sobre essa resolução?

— Muito.

— Creio que não.

— Estais enganado.

— A vossa resolução é filha do vosso pesar, por isso menos pensada, e menos prudente. Mas mais velho que vós, mais experiente, e mais conhecedor das coisas, posso, e devo

até aconselhar-vos. A amizade, que me liga a vosso pai, a estima que vos tenho, o meu sagrado mistério, meus conhecimentos e experiência dão-me direito de aconselhar-vos e dirigir-vos.

Se tivésseis uma vocação para o claustro firme, inabalável desde a infância, bem, não buscaria eu dissuadir-vos dela, e antes vos aconselharia que a seguisseis; mas tanto não tínheis vós essa vocação que querieis casar; e esse voto só aparece em vós quando estais ameaçada de perderdes o homem a quem amais: e pois vossa vocação é filha do vosso despeito, e de vossa dor; e no estado em que se acha vosso coração longe de ser o claustro antídoto contra o vosso amor, é antes uma nova matéria que o deve animar mais! A solidão, minha filha, o claustro é só propício para almas livres; são as almas isentas que ali encontram sossego na vida, prazer no retiro das coisas do mundo, e felicidade na contemplação das coisas do céu! Para uma alma livre, no claustro, suas esperanças estão cheias, e seu futuro completo. Como nada se espera do mundo, nada se teme! E como nada se perdeu, nada se sente! Então não se levando do mundo idéias de amor, recordações ternas, pensamentos enamorados, sentimentos dolorosos: não há pesares de o haver encontrado tão mau, onde o haver deixado tão bom! Não há pois ressentimento de suas penas! Não há pois saudades de seus prazeres. Assim, são as horas doces, os dias tranquilos, as noites sossegadas, e a vida verdadeiramente suave e verdadeiramente amena!

Não é assim uma alma, que amou, que perdeu o bem que amava, e que despeitosa se recolhe ao claustro!

Árduos deveres da penitente e macerada vida monástica tomam um peso de ferro, que esmaga a alma, que não tinha por eles uma íntima e bem firmada simpatia! A tesoura da sagrada tonsura faz cair por terra essas tranças que com tanto gosto eram alinhadas! O esquite da morte vos receberá viva; e o fúnebre pano dos defuntos, que erguerá entre vós e o mundo uma muralha de ferro, que nada poderá destruir, descera sobre vós tão pesado como um lençol de chumbo; e tão frio como uma laje de gelo! Sentireis o frio do túmulo traspasar vossos ossos até o íntimo das medulas; e a dor da morte, quando as orações dos finados anunciarem o enterramento de vossa vida, espremerá vosso coração com tanta força

que à ação desse aperto extremo arrebentar-se-á espremido de vosso coração um doloroso gemido, que simbolizará vossa morte para o mundo, a morte de todos os vossos parentes, e de todos os vossos prazeres; ou antes o começo de uma existência de ferro, triste, como a noite; muda como o túmulo; aborrecida, como a miséria; e amargurosa, como a morte.

Sairá então de vossos lábios um voto, um juramento tão tremendo que nem vosso pensamento poderá perjurar sem crime! Correrão daí por diante tardios, melancólicos, e aborrecidos dias, pejados de recordações saudosas pelo passado! Cheios de angústias e tristezas do presente, e prenhes de dolorosas incertezas de um lacrimoso futuro!

Desta sorte as horas que se deviam passar na mais santa contemplação, e em devotas orações são abafadas pelos suspiros da alma, e afogadas pelas lágrimas do coração!

As lembranças, e saudades do amante que se perdeu é um sacrilégio, porque é um atentado contra o esposo celeste! E como a inocência, a paz, e a tranqüilidade não habitam na alma, a fantasia lhe finge horrores! O dia é cheio de pensamentos tristes, funestos, e horrorosos! A noite é assombrada de fantasmas medonhos, e o sono perturbado de pesadelos de ferro, e de sonhos aflitos! Então os deveres se tornam pesados, incômodos, e até intoleráveis, porque a vida se tem tomado funesta, aborrecida, e insofrível! Agora vem a lembrança da precipitação do voto, da falta da prudência, e logo o arrependimento!... Mas é tarde... é tarde, que o juramento está escrito no céu! Os votos da cláusula não se anulam, eternos, não sofrem alteração, nem mudança! Então se olha para a morte, como a derradeira esperança; como o único alívio; como o último refúgio! E quando se encara a morte como o extremo remédio dos males, a vida não pode ser pior!

E vosso pai, de quem sois todo orgulho, de quem sois a glória, a vida, e a esperança? Ele, que não tem outra filha, ele de quem sois tudo, quereis matá-lo, Clara? Se lhe fugis e por um capricho, quem numa enfermidade lhe apresentará a taça do remédio, e a xícara do caldo? Se morrer, quem lhe fechará as pálpebras? Quem chorará sobre ele? Quem no sétimo dia de sua morte lançará água benta sobre sua sepultura? Quem, se vós o abandonais? Vós, que o deveis fazer? E não temeis que ele na derradeira hora de sua vida, não vos

vendo, e sentindo, no fundo do coração, a vossa falta, vos lance do leito da morte a maldição tremenda de um pai justamente irritado dizendo: "Filha ingrata..."

Roberto ia continuar sua arenga quando Clara transportada lançou-se aos braços de seu pai exclamando:

— Meu pai... meu pai!...

— Queres abandonar-me, minha filha — disse Paulo soluçando.

— Não, meu pai, não. Não caso com Juliano; não caso também com pessoa alguma. Desisto da pretensão de entrar para o convento; quero ficar solteira pois, e sempre com meu pai.

— E o licenciado Leôncio não é tão bom moço?

— Embora.

— Casa-te com ele, Clara.

— Enquanto viver Juliano, não, meu pai.

— Se Juliano fosse morto?

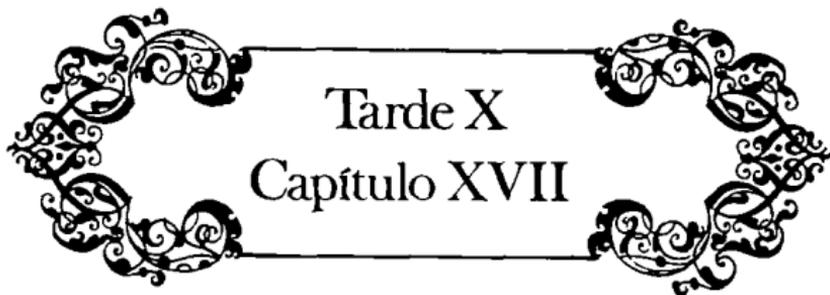
— Talvez.

— Mas...

— Não tendes razão — disse o padre Roberto —, não tendes razão, meu amigo. Ela vos fez todas as vontades, fazei-lhe vós também essa. Pouco é o que ela pede: não se quer casar enquanto Juliano for vivo: acho isso natural, e até bonito.

— Seja pois feita a tua vontade — disse Paulo.

Clara retirou-se. Pouco depois o padre Roberto fez o mesmo.



Tarde X

Capítulo XVII

Do que assentaram fazer Roberto e Leôncio

O padre Roberto apenas saiu da casa de Paulo partiu para a de Leôncio, o qual não estava em casa. O padre o aguardou, o licenciado pouco se fez esperar. Logo que Leôncio chegou lhe disse o Roberto:

- Os nossos negócios estão melhores do que eu esperava.
- Então como?

Roberto contou tudo quanto se havia passado entre Paulo e Clara.

— Neste caso — disse Leôncio quando o padre concluiu a sua narração — torna-se absolutamente precisa a morte de Juliano.

- Absolutamente precisa.
- E como?
- É preciso, de qualquer maneira.
- Ele está tão longe.
- Embora: do longe se faz perto.
- Está o diabo.
- Meu amigo, quem quer a moça anda com o pé, move com a bolsa. É um antigo rifão nosso.
- Se o Ligeiro fosse capaz disso!
- É de quem me lembrei.
- E será ele capaz? Terá ânimo para tanto?
- Ânimo tem ele? É um tanto estouvado, é verdade.
- Mas nós não temos a quem cometer esta importante comissão senão a ele.
- Ou esperarmos que Juliano venha.

— Mas não me contaste que o diabo desse tio vela sobre os dias de Juliano como um anjo?

— Por isso mesmo seria melhor que a empresa fosse lá executada.

— Sou de parecer que incumbamos o negócio a Ligeiro.

— Também eu assim o penso.

— Quanto lhe deveremos dar?

— Eu creio que para ida e vinda, bastarão uns 200 mil réis.

— Se ele for, e vier, e se se sair bem da empresa, o diabo é que lhe demos mil cruzados e meio ou dois?

— Isso é verdade. Onde estará ele agora?

— Sem dúvida no colégio.

— Queres que o mande chamar?

— Manda-o.

Leôncio chamou um seu escravo, e mandou-o ao colégio dos jesuítas chamar a Ligeiro. O escravo partiu a toda a pressa. Pouco depois voltou seguido de Ligeiro.

— Ligeiro, és um ótimo rapaz — disse Leôncio ao vê-lo.

— Sim, senhor — disse-lhe Ligeiro —, agradeço. Já sei que precisais de mim: podeis dizer o que quereis.

— Ligeiro, és um guapo, um brioso, e um valente rapaz: mas ainda não estás aclamado pelo primeiro bravo.

— É verdade, mas depois que vos eu prestar um grande serviço que ora exigis de mim, serei aclamado pelo primeiro bravo.

— Sim, mas sabes tu que esse serviço te deve meter na algibeira assim umas 30 dobras?

— É pouco.

— Pouco! Ó velhaco! . . . Se tu ainda não sabes o que é . . .

— Seja o que for, é pouco.

— Pois não te dei, outro dia, por uma leve brincadeira quatro dobras?

— E, se não lha fiz muito melhor é porque o sr. licenciado não quis: mas se estais arrependido ainda estamos em tempo.

— Estás hoje de muito bom humor, velhaco.

— Como sempre. Mas vamos; para que é que se dão 30 dobras?

— Ora, para o que há de ser? Para uma de tuas ligeiras tratadas.

— Há risco?

— Pouco.

— Nenhum — disse o padre Roberto — de dançares com uma corda ao pescoço pendurado da força.

— Sim! E por 30 dobras, apenas, sr. licenciado?

— Ó toleirão — disse Leôncio —, morrer enforcado, ou antes de afogadinho é a melhor morte que pode haver.

— Ah! Então aquele sujeito que foi enforcado outro dia, que caiu vivo, e foi apadrinhado pela bandeira da Misericórdia éreis vós, sr. licenciado?

— Eu! Oh atrevido!...

— E então como sabeis que morrer enforcado é a melhor morte que há sem terdes morrido?

— Não vês que sou médico, tolo? E que sei conhecer todas as mortes?

— Ah! Eu supunha que os médicos só matavam com remédios. Com que os srs. licenciados também empregam o laço! Irra!

Durante este diálogo o padre Roberto ria-se como um louco: Leôncio achava graça nas agudezas de Ligeiro, e ia puxando por ele.

— Então estás me insultando, não é assim? Perguntou-lhe sorrindo.

— Deus me livre de tal! Eu já respeitava muito os srs. licenciados no tempo dos remédios, e do ferro, quanto mais agora no tempo do laço.

— Mas dize-me. Supõe que eras tu colhido em alguma de tuas tratadas, e que te dependuravam: pois o que era melhor, estares tu penando numa cama, entre misérias, atuando enfermeiros, médicos, cirurgiões, barbeiros, padres, e o diabo, ou morreres como um passarinho, aí em dez, ou 20 segundos?

— Ah! Cá por mim não é a dúvida: porque por mim tanto me faz morrer assim, como assado, com tanto que não vão atrás de meus despojos os urubus da humanidade...

— Quem são os urubus da humanidade?

— Médicos de vossa qualidade, padres como nosso reverendo Roberto, barbeiros péssimos, enfermeiros mercenários,

que tanto se importam com os doentes, como com os defuntos etc. etc.

— E então, não está mangando conosco esse biltre!

— Também não é por meus parentes que me hei de pesar, se morrer eu enforcado; mas é por vós e pelo sr. padre Roberto... Qual não será então vossa vergonha! Que se dirá quando souberem que vós outros éreis meus amigos!... Bem vedes que não vos quero envergonhar, visto me terdes honrado com a vossa confiança.

— És um patife, Ligeiro.

— Vamos ao negócio das 30 dobras.

— Sim, vamos. Deves saber que preciso do teu ânimo, e de teu braço.

— É preciso de muito, e por muito pouco dinheiro. Mas vamos, de que se trata?

— De Juliano.

— Ui!... Pois lá mesmo em Missões?

— Lá mesmo em Missões é preciso que morra.

— Morra embora; mas diabos levem a quem o matar lá por 30 dobras...

— Como?

— Sois surdo, senhor?

— Pois achas pouco 30 dobras?

— Ora fico-vos obrigado! Deus dê saúde a quem deu 30 dobras a d. Garcia de las Mercedes para o matar aqui mesmo no Rio de Janeiro: essas 30 dobras, bem que ele as recebeu, nem por isso o livraram da faca de Justo. E à vista julgai se devo eu ir daqui a Missões fazer proezas por 30 dobras.

— Mas ouve: eu não quero meter-te em tal perigo, não serás tu quem ferirás a Juliano...

— Ah! Vai alguém comigo para isso.

— Não; mas tu por lá comprarás alguém.

— Bravo! Bravo, sr. licenciado...

— Pois quê?!

— Hei de eu sair daqui com 30 dobras; gastar talvez dez na ida; expor-me aos riscos da viagem, e lá aos perigos do crime; hei de lá dar talvez outras dez dobras; por último chegar aqui sem meus réis, e com mais um crime! Ó sr. licenciado, onde está o seu espelho?

- Para que queres tu o espelho?
- Desconfio que tenho algum T na testa e quero certificar-me.
- Pois bem; deixemos de gracejos: falemos sério.
- Falemos.
- Já sabes que serviço quero eu de ti?
- Já, sim, senhor.
- Pois então calcula lá quanto deves receber por isso.
- Dez dobras para ida; e não é muito...
- Anda por diante; se me não agradar tem mais quem nos queira ganhar o dinheiro, e quem nos sirva bem.
- Então por que me mandaste chamar?
- É porque já és freguês. Mas anda, continua, com teu cálculo. Dez dobras para ida...
- Dez dobras para ida; dez para comprar a um matador; e dez para voltar. Ora aí estão as 30 dobras. Agora em meu benefício o quê?
- Pois sim, vê quanto queres; dize lá.
- Outras 30 dobras...
- Ligeiro, estás doido — disse o licenciado soltando grande risada.
- Estou doido, hein!
- Completamente doido.
- Às vossas ordens, sr. licenciado...
- Vem cá, ouve...
- Como! Pois não tendes medo de um doido em vossa casa!
- Mas, Ligeiro, isso é muito dinheiro.
- Juro-vos que estou arrependido de vos pedir tão pouco.
- Pois não te arrependas, porque não te dou esse dinheiro.
- Pois bem: há muito quem queira ganhar dinheiro, e quem sirva bem...
- E há. Tu bem o sabes.
- Pois mandai chamar a um desses, sr. licenciado. Não tenho empenho algum de ganhar vosso dinheiro.
- Mas eu desejo antes meter esse dinheiro em tua algibeira do que na de outrem.
- Muito agradecido por tanta bondade.
- Olha que estou te falando sério...

— E eu muito sério vos respondo. *нехорошо, не надо.*

— Então não queres?

— Por menos de 60 dobras não.

— Então não temos feito nada. Padre, que dizes?

— Que se Ligeiro se compromete a dar conta da comissão, que é árdua, da qual tu o queres encarregar, pode se lhe dar as 60 dobras, que ele pede — disse o padre.

— Oh! Essa é boa! — replicou Ligeiro — nunca faltei àquilo que trato. Deixai-me, que o desempenho da empresa fica por minha conta.

— E o pagamento como? — disse Leôncio.

— Bem sabeis, sr. licenciado, que nestes negócios se costuma a pagar adiantado.

— Oh! Isso não.

— Não! Como não?

— Não. E se tu morreres antes de lá chegares não perco eu 60 dobras, assim sem mais nem mais? *1*

— Meu senhor, quem se dispõe a amar, dispõe-se a padecer.

— Nada; não é possível. Ainda as 30 dobras para as despesas, vá; mas as 30 da gratificação não é possível.

— Nesse caso não fazemos nada.

— Ligeiro, não tens razão — disse o padre.

— Não tenho razão?

— Não.

— E por quê?

— O licenciado já te disse. Se morreres antes do fim da viagem há de ele perder 60 dobras sem proveito algum?

— E indo eu, feito o serviço que o sr. licenciado exige de mim, com que título hei de exigir dele as 30 dobras que me ficar devendo?

— Com o título de sua probidade afiançada por mim.

— Em verdade são duas suficientes cautelas; mas se morrer o sr. licenciado? Se morreres vós? tudo isto pode ser, e nada mais natural.

— É verdade: mas tudo isso pode arranjar-se sem risco do licenciado, e sem detrimento teu.

— Como?

— Assim. Para despesas de viagem, e o mais que occorre, recebes tu 30 dobras; o licenciado te passará um crédito de

outras 30, das quais serás embolsado logo que voltes. Deste modo o licenciado não corre o risco de perder 60 dobras; nem tu o de veres o teu suor perdido, e o teu trabalho sem recompensa.

— Que dizes agora, Ligeiro? — disse Leôncio.

— Enfim — tornou Ligeiro — seja assim. Quando é preciso partir?

— Hoje mesmo, se possível for.

— Não; mas partirei amanhã, se receber bem as 30 para poder arranjar-me.

— Podes receber neste momento — disse Roberto. — Não é assim, licenciado? Não pode ele receber já?

— Neste mesmo momento.

— Leôncio dizendo isto entrou em seu quarto, onde demorou-se uns cinco minutos, ou mais; e saiu trazendo um saquinho, que despejado sobre a mesa contou à vista dos presentes 60 peças; depois, recolheu-as no mesmo saquinho, atou-o e, dando-o a Ligeiro, disse:

— Aqui tens as 30 dobras.

— Sim, senhor; agora falta o crédito, não assim?

— Sem dúvida: vais recebê-lo já.

Leôncio assentou-se e depois de ter escrito no papel deu-o ao padre Roberto, que o leu, e o subscreveu e passando-o às mãos de Ligeiro, leu este o seguinte:

“Devo o que pagarei, ao sr. Rafael Ligeiro a quantia de 30 dobras procedida de um empréstimo, que em moeda corrente do reino de Portugal fez o mesmo senhor; e por isto comprometo-me fazer-lhe boa a dita quantia, pela qual obrigo minha pessoa, e bens havidos, e por haver até seu total empenho: *não nodendo todavia este passar a outra mão, ele perderá sua valia.* E por me ser pedido este, o faço por mim escrito e assinado.

Rio de Janeiro. 1756
.....”

Abaixo seguia-se isto:

Eu, abaixo assinado, me responsabilizo pela garantia, como fiador, e principal pagador.

Rio de Janeiro, era supra.

?
i”
ut

O pintor, que nos contava esta história, aqui acrescentou que este documento estivera na mão de seu pai, e que muita gente do Rio de Janeiro o viu, mostrado por um religioso franciscano que o houve de um moribundo que fora ferido de um tiro, e a quem ouvira de confissão *in articulo mortis*. Acrescentava pois o pintor, que seu pai dizia que uma coisa se fazia notável neste crédito, e era o não aparecer a data em que foi passado, e nem os nomes do devedor, e do fiador. No lugar da data lia-se: como se vê acima "Rio de Janeiro"; seguia-se um espaço, que o campo estava sem letras, mas meio amarelado, e adiante: "1756". Nos lugares das assinaturas do devedor, e fiador, onde se vêem as linhas de pontos acontecia o mesmo.

-- Entretanto o moribundo dizia que quando recebeu o dito crédito, a data, e os nomes estavam claros como tudo mais.

Ligeiro, tendo recebido este crédito, e as 30 dobras, se dispôs a partir, o que efetivamente fez no seguinte dia logo pela manhã.



Capítulo XVIII

O campo de batalha

Gomes Freire de Andrade tinha partido para Missões, como sabemos, à frente de mil homens, e tendo dez peças. Não muito longe da foz do Casiquey reuniu-se a Gomes Freire o conde de Valderios, governador então de Buenos Aires, à frente de uma coluna de 1500 homens.

Este pequeno exército luso-hispano adiantou sua marcha contra o inimigo, e junto da foz do Casiquey assentou seu campo para daí mandar descobrir o campo contrário. Não foi porém preciso isto, que os bandidos rebeldes pouparam aos dois generais este trabalho demandando eles mesmos o campo dos exércitos.

Os dois generais mandados pelos dois governos, vendo que os indígenas, em número de 12 mil, desciam sobre eles, tomaram posições vantajosas e esperaram, como sabedores da arte da guerra, o encontro dos batalhões bisonhos dos filhos do deserto. Aí pois pernoitou o exército luso-hispano.

Antes de darmos conta do êxito da batalha, falemos alguma coisa sobre estas Missões.

Em 1631 os missionários da Companhia de Jesus começaram a pregar a religião da Cruz aos índios guarani, tape, e charrua; e ao mesmo tempo que os traziam ao grêmio do Evangelho, os iam civilizando, e reunindo-os em uma espécie de casas para isto preparadas. Os índios do sexo masculino eram por natureza indolentes, e bem que amigos de novidade, eram contudo baldos de todo talento inventivo; as mulheres, como sabemos, além de lascivas, eram incontinentes.

Os jesuítas, que como todos sabem, traduziram em seu favor todas as circunstâncias, que lhes eram ou podiam ser vantajosas, converteram em seu proveito as disposições naturais dos indígenas, tanto de um, como de outro sexo. Instruindo-os na religião cristã, tiveram todo cuidado de os não contrariar em suas inclinações, e seus hábitos: eram os índios inclinados à música, ensinaram-lhes a tanger alguns instrumentos, e a cantar; e alimentaram sempre paixão belicosa, que tão natural lhes era. Como amavam a música, o tambor quase sempre se ouvia; dançavam ao som dele, e ao som dele trabalhavam. Nos dias de festas, e quando havia enterros eram os índios reunidos, com cujo ajuntamento davam os padres um ar de grave solenidade a estes atos religiosos.

As Missões constavam de aldeias, e cada aldeia tinha uma igreja assaz decente, e com proporções para 2 mil pessoas, ou mais, tendo a um lado um cemitério, e ao outro, um edifício, no qual se alojavam os padres e onde havia salas para escolas, e oficinas para diversos atos. Sobre os fundos notava-se um vasto jardim, e pomar; e sobre a frente uma grande praça, formada dos três lados, por uma galeria simetricamente dividida em repartimentos de quatro braços de frente sobre 24 de fundo, e telhados todos. Pertencia um quarto a uma família, ali ficava sua cozinha, e sobre macas, ou redes, que se suspendiam durante o dia, eram suas camas. Os homens eram empregados em amanhar as terras, o que faziam quase nus, reservando seu fato para os domingos e dias festivos; as mulheres fiavam continuamente. Entretanto trabalhavam alternativamente para eles e para a companhia, sendo uma semana para cada um; e em compensação tinha cada um três rações de carne por semana para cada pessoa da família, uma porção de mate, e algumas varas de pano de algodão grosso. Os homens que não se empregavam na lavoura eram artistas. Logo que acordavam iam uns para roças, e outros para oficinas. Os meninos eram tirados aos pais na idade de cinco, ou seis anos, e postos numa escola onde aprendiam a rezar sob a direção de dois índios idosos; as meninas eram guardadas por duas velhas. As mulheres que fiavam tinham por tarefa diária dez onças de algodão, que deviam descaroçar, ou serem severamente castigadas.

Vinte anos depois deste estabelecimento, o padre Montoya mandou-lhes ensinar o manejo das armas; e dando-lhes um regulamento militar, prevenindo assim alguma sedição entre eles. E todos os domingos de tarde faziam exercício com armas de fogo, e setas, ao toque de tambores.

Aí eram amestrados em toda a sorte de evoluções militares, e em toda qualidade de manobras concernentes à arte da guerra. Findo este exercício, depositavam as armas em armazéns para isto feitos, e ali ficavam até o novo exercício do seguinte domingo. Os padres não se descuidavam de premiar aqueles que bem se tinham havido nas evoluções e manobras.

Ora, que todos estes ensaios bélicos tinham seus motivos, fossem eles quais fossem, bem o comprova o procedimento dos padres; porque quando seus índios estavam já instruídos na arte da guerra, viu-se o padre Mateus Sanches a frente de seus tape e guarani, sem que para isso tivesse um só motivo justificável, e guerrear aos charrua, com ânimo de os exterminar: ou é que eles tencionavam conquistar as tribos independentes para começarem assim o seu poder, ou queriam dar aos seus índios um ensaio mais formal de uma guerra séria e perigosa!

Não se passou muito tempo sem que o padre Álvaro fosse pelejar contra os paulistas, comandados então estes pelo mestre de campo Manuel de Campos. Descuido! Enfim, desenvolvendo pouco a pouco seus extraordinários planos os padres desceram das Missões contra os espanhóis, e portugueses, no combate que vamos traçar.

O governo dos jesuítas era um governo teocrático. O geral nomeava em Roma os provinciais, os quais eram nas suas Províncias outros tantos vice-reis. O idioma guarani era o que estava em voga, bem que se falassem também outros muitos. Não havia código civil, nem penal, os missionários infligiam o castigo que lhes parecia, e se raramente eram injustos, quase sempre eram rigorosos, e por vezes o próprio criminoso se vinha acusar. As pequenas faltas eram castigadas com orações, jejuns e cárcere: os crimes com açoites até seguir-se a morte, se acaso era muito grave.

Os provinciais tinham o governo de todos os diversos ramos de economia política, deixando aos missionários o enfado das coisas miúdas. Recebiam os sinais de vassalagem dos

chefes das tribos e dos principais delas; e em nome da Sociedade de Jesus, se metiam de posse, e administravam fazendas imensas, onde se criava um sem-número de gado vacum, cavalari e muar, que vendiam nas aldeias, e nas Províncias pertencentes à Espanha e faziam grandes plantações de algodoeiros, de tabaco e colhiam toda a espécie de grãos: o açúcar que faziam, bem como os demais produtos, especialmente o do mate, eram vendidos nas diversas Províncias do Brasil, e tirado o que era mister para o consumo, o excedente avaliava-se em 1 milhão de duros espanhóis, e com tudo as despesas da companhia apenas chegavam à décima parte desta quantia. Em 1731 tinham as Missões 30 aldeias, ou antes 30 fazendas, onde 100 indivíduos trabalhavam em proveito da companhia.

Assim se acha escrito na dedução cronológica, porém não sabemos se devemos dar inteiro crédito a tudo quanto nela se contém; talvez o verdadeiro crime dos jesuítas fosse a grande influência que tinham adquirido, e a extinção desta ordem procedesse das mesmas causas que foram ocasião da ruína dos templários, e que se lhes possa aplicar com razão o *vae victis!* Como quer seja, o judicioso autor dos *Anais da Província de S. Pedro*, Rio Grande °, de acordo com o autor dos *Anais da Província da Bahia* °°, faz elogios aos primeiros missionários que civilizaram um sem-número de povos bárbaros, e realizaram o plano de Platão, e censura gravemente a imensa ambição dos que lhe sucederam. Quando os portugueses tomaram em 1801 posse do vasto país de Missões, achava-se a população reduzida a 30 mil índios, que continuaram a viver em sociedade, como haviam feito antecedentemente, em sete principais aldeias; eram governados por seus chefes, e julgados pelos corregedores, e outros ministros portugueses. Cada aldeia era administrada por uma Câmara ou cabido, nomeado pela Câmara antecedente, somente por um ano. O cacique, maioral dos índios, tinha o comando da força armada; mas a indolência natural dos índios que os entregou em breve

° *Anais da Província de S. Pedro* pelo visconde de S. Leopoldo — Paris, 1839 — 1.º vol. 8.

°° *Anais da Província da Bahia* por Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva — Bahia 1838 — 56 — 8.º 5 vol.

aos braços da miséria, à licença dos costumes, e à incontinência das mulheres foi causa de mil divisões entre eles; o ciúme, e rivalidade entre as autoridades civis, e eclesiásticas, as extorções de uns, as vinganças de outros, foram que meteram em desesperação os índios, e fizeram que se libertassem de um cativo aparente, para viverem a seu sabor; porém pouco afeitos a uma vida livre, se bem que laboriosa, entregaram-se a todos os excessos da intemperança, e acabaram por succumbir. Assim, que um alistamento feito em 1814 nas Sete Missões, não ofereceu mais que uma população de 7951 indivíduos repartidos pelas aldeias reunidas de Sto. Angelo, S. Francisco de Borja, S. João Batista, S. Lourenço, S. Luís, S. Miguel e S. Nicolau.

Tal é a notícia que sobre as Missões encontramos no moderníssimo *Dicionário Geográfico Histórico* do Império do Brasil*.

Sigamos nossa história.

Os dois generais acamparam-se pois na vasta coroa de uma espaçosa colina majestosamente assentada sobre o fundo de um estreito vale que por sua estreiteza não dava que os indígenas estendessem seus batalhões. Nessa posição a retaguarda dos dois exércitos ligados não podia ser com facilidade cortada.

Uma longa fila de colinas desiguais em suas alturas fechava este pequeno vale. Ao longe algumas serras empinavam seus topos. Lá embaixo passava o Casiquey por detrás do campo luso-hispano; e pouco adiante depunha suas águas no seio daquele a quem pagava tributo, e rendia homenagem.

Pelas dez horas da manhã do dia que era véspera do da batalha acampou aí o exército luso-hispano, e gastou todo resto do dia a observar o inimigo por meio de alguns espias: descansou também aí o resto desse dia e quase toda noite.

Na manhã seguinte os cumes das colinas opostas defronte do campo dos exércitos ligados amanheceram cobertos de homens armados. O sol, um tanto erguido sobre seu horizonte, espalhava sobre os cimos destes pequenos montes, que tor-

* *Dicionário Geográfico Histórico* etc., de J. C. B. Milliet Saint Adolpho, traduzido do manuscrito por Caetano Lopes de Moura. — Paris, 1845, 8.º 2 vols.

neavam o vale uma luz viva, agradável, e brilhante. O dia estava claro, o céu puro e a natureza bela!

Não deveria ser assim, porque era em dia de mortes e de ruínas.

Os topos das colinas ocupados pelos dois exércitos inimigos pareciam cobertos por uma desmaiada chama, e que a cada movimento seu despedia ligeiros raios que tremulavam, e se desvaneciam logo. Era a luz do sol que refletida nas armas dos guerreiros representava um tal fenômeno.

O exército indígena começou a vergar sua marcha do alto das colinas para o vale, onde começou a formar-se em ordem de batalha, quando os exércitos ligados já estavam no vale, até porque suas forças nem chegavam a um quarto do exército dos filhos das cabanas! Estes estavam armados de espingardas, mas destes eram poucos, de arco e setas, clavas, maças, lanças, zagaías, espada, chuços etc. Os espingardeiros e sagitários formavam a vanguarda, e retaguarda: no centro estavam os armados de lanças, espadas, chuços etc., reservados para o acometimento da arma branca.

O exército luso-hispano não deixou os indígenas se estenderem em todo vale, porque quando baixavam das colinas, principiou a jogar sobre eles a sua artilharia; os filhos das palmeiras fizeram o mesmo e os dois exércitos inimigos continuaram a tomar posições no vale debaixo de um vivo e mortífero fogo. Os inimigos mal chegaram à distância de um tiro de espingarda, do exército luso-hispano rompeu sobre eles uma tremenda descarga de mosquetaria: os indígenas responderam com outra seguida imediatamente de uma nuvem de setas.

Logo no começo da batalha os dois generais, o português e o espanhol, destacaram do exército duas pequenas divisões, que rodeando por trás das colinas, deviam subi-las e postar-se em seus cumes, onde o vale era mais apertado, para daí oprimirem os índios pela direita e pela esquerda, e cortar-lhes até a retaguarda, no caso que preciso fosse. Quando os dois generais viram que estas duas divisões estavam nos pontos dados, fingindo fraquearem começaram a recuar, e atrair o inimigo para aquele ponto.

Os índios, fiados em seu avultado número em nada disso pensavam. Vendo eles recuar os inimigos supuseram fraqueza,

o que era estratagemas, e foram avançando. Os soldados lusos e hispanos, que já tinham chegado aos cumes das colinas, aluíram, e levantaram de suas camas imensas grandes pedras, que cobriam os topos destas colinas, e as deixaram à mão. Quando os indígenas chegaram a esse lugar, onde o vale assaz estreito era, os espanhóis e portugueses fizeram rolar sobre eles uma enorme chuva destas grossas pedras. Medonho foi o fragor destas pesadas moles rolando pela encosta dos montes! Horrível foi o estrago causado no campo inimigo! E o vale e as colinas estremeceram debaixo do estrondo que faziam estes imensos corpos ao tempo que se deitavam numa nova cama. Os filhos do deserto empalideceram; e vendo uma descarga de mosquetaria partida das colinas da direita, e da esquerda, cair sobre eles após de uma chuva de pedras enormes começaram a recuar cheios de susto, e de medo! A cavalaria portuguesa e espanhola caíram sobre eles.

Gomes Freire, que não tinha consentido que Juliano entrasse em fogo, viu-se forçado a conceder que ele fizesse parte dos assaltantes de arma branca. O corpo dos espingardeiros índios metido em quadrados ainda fez pé contra a cavalaria; mas esta, investindo com os outros armados só de lanças, espadas etc. entrou por eles fazendo horríveis estragos! Juliano parecia um leão faminto, salvo de um fosso, ou fugido de uma gaiola, no meio de um rebanho! Já ninguém se opunha à sua raiva matadora. Os indígenas eram instrumentos dos jesuítas, o jovem com seus golpes bem mostrava que no fundo de seu coração havia ódio e ressentimento contra eles! Por último, investindo contra um grupo, que em roda da bandeira disputava aos portugueses e espanhóis, denodadamente ainda o vencimento da batalha! Mas era debalde, que Juliano, abrindo caminho por entre eles com sua tremenda espada, e atropelando-os debaixo dos pés do seu cavalo, apoderou-se desta bandeira, já em poder do inimigo, lançando morto por terra aquele, que a sustentava! O desânimo lavrou nos filhos das selvas! E o terror, que deles se apoderou foi tal, que nem encará-lo ousavam! Então o moço, à frente de alguns cavaleiros investe contra o quadrado; o terror voou diante de Juliano, e debaixo de seus olhos de fogo recuam os soldados espavoridos, e rompe-se o quadrado! A confusão lavra no exército do deserto, e a vitória desce sobre o campo.

As armas luso-hispanas venceram as armas dos soldados dos padres da Companhia de Jesus !

Os tape abandonaram o campo do combate, e medrosos se ocultaram nas brenhas, deixando o campo juncado de cadáveres, de munições de guerra, e três peças, e imensos feridos, entre as mãos dos vencedores !

Era pouco depois do meio-dia quando a vitória se decidiu pelos exércitos aliados. Os vencedores recolheram todos os despojos dos vencidos, e Juliano admirado e aplaudido de todos recebeu os embolsos desta vitória, tendo pelejado numa batalha em que combateram 2500 portuguezes e espanhóis contra 12 mil indígenas !



Tarde XI

Capítulo XIX

Como Ligeiro cumpriu o que prometeu
a Roberto e a Leôncio

O exército vencedor demorou-se três dias no campo da batalha descansando das fadigas da peleja, e entre festas e regozijos solenizando o triunfo alcançado sobre os indígenas. Contudo, nem os generais, nem os soldados olhavam para seu triunfo como coisa muito extraordinária, pois que eles conheciam bem a falta de disciplina de seus inimigos.

Ninguém desconhece o valor português, e até espanhol, mas neste combate havia 2500 homens para 12 mil, de modo que se fossem 3 mil para 12, era um homem para três; e é muito certo que *nem Hércules contra dois quanto mais contra três!* Dado pois que seja nos portugueses, e espanhóis um valor excessivo, se os indígenas fossem só 6 mil, mas bem armados, bom disciplinados, aguerridos, e veteranos, ou o exército aliado não venceria, ou cara lhe custaria sua vitória; mas os índios eram mal armados, bisonhos, pouco destros; e seus capitães sem perícia, faltos de tática e não sabedores, nem conhecedores dos estratagemas militares; e o número não supre estas faltas!

Deixemos agora o exército aliado envolto em seus prazeres no campo da vitória, e voltemos nossas vistas sobre Ligeiro. Este emissário da morte, comprado por Leôncio, como sabemos, saiu do Rio de Janeiro embarcado em um navio de cabotagem, que para o Rio Grande do Sul fazia viagem; com próspero vento chegou o navio ao Rio Grande em poucos dias e Ligeiro apenas pôs pé em terra se dispôs a partir para Missões.

— Ao governador.

— E como havemos nós de deixar os nossos negócios já, partirmos daqui para Missões, onde se acha o governador?

— Pois mandai alguma pessoa.

— Quem há de ir?... Quem há de ir dentre nós?

Ninguém se moveu. Tudo ficou em silêncio. Estavam pois todos irresolutos.

— Pois bem — disse Ligeiro com ares de generoso —, visto que nenhum de vós se resolve a deixar seus negócios, e perder alguns dias em favor de todos, quero eu fazer-vos esse serviço...

— Vós?!

— Sim, eu mesmo, de que vos admirais?

— De que, sem conhecer-nos...

— Eu vos explico. Desejo que ninguém pague esta taxa, e que os padres da Companhia fiquem com o seu conselho sem préstimo; eu lhes tenho tanto ódio, de tal sorte os aborreço, que lhes desejo beber o sangue. Demais, sou correio, venho expedido do Rio de Janeiro, e levo cartas e outros papéis para o governo: ora como vou para Missões, que me custa tomar conta de vossa petição, e dá-la ao governador? Ele tem de despachá-la: e descansai que o despacho há de vos ser favorável...

— Muito bem... muito bem...

— Precisais vós de alguma coisa?

— Dizei...

— Eu? De quê? De nada. Não levo dinheiro, nem coisas de valia, mas levo uma ordem para se me dar tudo quanto eu precisar, e até de me fazer acompanhar por quem eu quiser: ora, como nada tenho precisado, nada tenho exigido; também não tenho chamado pessoa alguma para acompanhar-me por não julgar isso preciso: os caminhos são de paz...

— Pois estais certo disso?

— Estou mais que certo.

— E quem nos há de trazer a petição despachada?

— Eu mesmo.

— Pois vós voltais?

— Sem dúvida. Logo que o governador receber os papéis que levo tem de aviar-me, e como volto por aqui trarei a vossa petição despachada. Contudo creio que vos não acharei aqui.

— Não importa, darei ao dono da casa.

— Muito bem. No entanto fazei a petição.

— Quem escreve?

— Eu tenho má letra — dizia um.

— Eu não sei ler — dizia outro.

— Eu não sei notar — replicava este.

— E nem eu — respondeu aquele.

— Não seria melhor que vós mesmo a fizésseis? — disse o dono da casa.

— Farei.

Ligeiro tomou papel, dobrou-o, como quem era mestre na matéria, e começou a escrever; escreveu, encheu quase as quatro páginas do papel, e depois leu a petição. Requeria pois ele para que os moradores daquele lugar não pagassem a taxa por injusta: alegava muito na petição; alegava, como um letrado; e citava leis como um juiz. Depois falava contra os jesuítas, como um paulista daquele tempo: enfim, o improvisado rábula encheu de admiração ao auditório, que o cobria de bênçãos. Feita a leitura da petição que foi julgada excelente, assinaram todos. Ligeiro dobrou-a e meteu-a em sua algibeira. Então um dos tropeiros lhe perguntou:

— E estes papéis que vão para o governador de onde vêm?

— De Lisboa.

— E a que respeito são?

— Não se sabe de certo... mas pela boca pequena...

— Podeis dizer: nós somos de segredo.

— Pois eu vos digo... mas muito segredo...

— Não tendes receio.

— Podeis falar.

— Pois eu vos digo. O rei ficou agastado contra os padres da Companhia por causa de terem eles levantado os índios

contra os engenheiros que vinham marcar as nossas terras, e as de Espanha; e se, aqui entre nós que ninguém nos ouve, e é verdade, que o rei manda ordem ao governador para prender todos os padres da Companhia, e remetê-los para Lisboa...

- Muito bem feito.
- Que bom rei!
- Abençoado seja ele.
- Deus lhe dê saúde...
- Mas não faleis coisa alguma a esse respeito.
- Oh! Não tendes dúvida.
- Precisaes vós de alguma coisa para vossa viagem?
- Não, já vo-lo disse.
- Nem de quem vos acompanhe?
- Não; não é preciso.

Pouco tempo depois desfez-se a companhia, e diversas personagens que aqui se achavam procuraram camas e repouso até o dia seguinte.

Eu creio bem que os leitores dão com o motivo dessa gaiatada de Ligeiro. Mas como nem todos o penetram sem dúvida, julgamos dever nosso explicá-lo. Ligeiro era extremamente ambicioso, mas era muito valente. Vendo-se na tasca com 30 dobras, que para ele e para muitos daquele tempo era muito dinheiro, achando-se cercado de homens que não conhecia, os tais tropeiros e negociantes de animais, teve seus receios: fértil em intrigas, improvisou as mentiras, que ouvimos, com o fim de insinuar-se nos interesses destes homens, o que efetivamente conseguiu. Além de que, dado até que entre estes homens houvesse algum malvado, pararia respeitoso e até tímido diante de um correio que ia ao governador.

Pela madrugada levantaram-se os tropeiros, chamaram seus animais, e puseram-se a caminho. Ligeiro dispôs-se a partir mais tarde. Mandou dar de comer aos seus animais, isto é, o burro de carga e um cavalo que aí lhe deram, com uns usados arreios, que ele quis comprar, mas o dono não quis por isto coisa alguma, apesar das suas manhosas insistências para que o tal dono recebesse o dinheiro.

Estava Ligeiro quase no fim do seu almoço, quando entra um homem alto, meio gordo, caboclo, e bastante queimado, vestido de camisa, e calça de algodão grosso, coberto por andrajoso ponche, e com um grande chapéu de palha na cabeça.

Este novo personagem era feio, mal encarado, e de aspecto repugnante: trazia nos pés um bom par de chilenas, um cinto com um jogo de pistolas, uma comprida faca, e uma espingarda. Ligeiro não se agradou muito do recém-chegado, que foi sentar-se, sem-cerimônias, a seu lado.

— Ora, isto só pelo diabo.

— Então o que tendes, camarada? — disse o dono da casa acercando-se do novo freguês.

— Morreu-me o animal em caminho e estou a pé.

— E donde vens, e para onde vais?

— Não sei donde venho nem para onde vou.

— Essa é boa!

— Montei no meu burro sem destino, a ver se pelo caminho encontrava alguma tropa para eu ser o peão dela; ou algum mascate que precisasse de um companheiro.

— Homem, aconselho-te que vás para Missões com esse moço que aí está; lá talvez acheis que fazer.

— E quem é esse moço?

O dono da casa explicou ao nosso peão quem era o designado. Já se vê que era o correio, que conduzia cartas e outros papéis para o governador. Em seguida contou-lhe as novidades a respeito da nova taxa: deu-lhe notícia da petição, e como o moço do correio se havia encarregado dela.

O nosso peão, como era de esperar, tomou logo o partido dos tropeiros, e ofereceu-se a Ligeiro para o acompanhar.

Ligeiro, que não deixava de precisar de um camarada, ros-nou talvez lá consigo: "Pode ser que seja este o homem de que eu preciso". Convém explicar aqui a intenção dele.

Ligeiro, fiado em que no exército ninguém o conhecia, e nem o mesmo Juliano, no que se enganava, pretendia tomar por lá a seu serviço algum homem capaz para seus fins, e enquanto ele pelo exército vendia cigarros, fumo em folhas,

tabaco etc., o seu companheiro deveria efetuar o assassínio na pessoa de Juliano. Por isso ele não duvidou em aceitar a companhia do peão. Em uma ocasião que teve, tomou à parte o dono da casa, e pediu-lhe algumas informações sobre o peão; e segundo elas não havia melhor homem que o tal amansador de burros. Com efeito Ligeiro tomou-o a seu serviço, e quanto ao salário prometeu não o descontentar. Ligeiro era velhaquete; o peão esperto; qual deles lograria o outro? Como Ligeiro desejava fazer esta viagem em pouco tempo e seu companheiro não podia ir a pé, comprou Ligeiro um animal para o peão e partiu com ele para Missões.

Sem incidente algum notável chegaram ao lugar de seu destino, e Ligeiro, segundo seu plano, começou a fazer seu negócio com os soldados, e lá fez ele camaradagem com um, e dele soube quanto quis. Ligeiro teve cuidado de dizer a todos que se chamava Albino, e que era filho de S. Paulo. Tendo disposto enfim tudo para seu crime, no segundo dia em que o exército descansava, depois da vitória, (como já sabemos, pois que ele lá chegara no primeiro dia depois da batalha, veio Ligeiro ter com seu companheiro, com ar que revelava muita fúria, e muita indignação, e sentando-se no chão, como um homem que se abandona a uma intensa dor, exclamou:

— Com trezentos diabos!

— Então que foi, meu amo? — perguntou-lhe o companheiro.

— Um atrevido que me fez uma desfeita...

— Deveras?!...

— Se eu tivesse lá uma pistola...

— Mas o que não se faz em dia de Santa Lurdes se faz no outro dia.

— Aquele atrevido...

— Quereis vós dar-lhe uma lição?

— Quem me dera.

— Pois me amostre o homem, que eu vos prometo que ele não há de fazer outra.

— Eu tinha um meio de o fazer vir aqui.

— Então ?

— Esperai, melhor é selarmos primeiro os nossos cavalos.

— Pois selemos.

— Mas o burro das canastras ?

— Deixai que também há de ir.

Dito isto, os dois selaram seus cavalos, puseram o burro de cargas pronto, e, por conselho do peão, dirigiram-se para um lugar onde a estrada desembocava no campo. Aí disse o peão a Ligeiro:

— Trazei-me aqui o homem; deixai-me com ele, e segui por esta estrada, tocando sempre o burro de cargas adiante. Um pouco mais para lá há dois caminhos, deixai o da direita e tomai pelo da esquerda, que lá eu vos hei de encontrar.

É preciso advertir que o peão tinha visto na canastra de Ligeiro mais de 40 meias dobras.

Ligeiro saiu, entrou pelo abarracamento, onde os soldados jogavam, brincavam etc.; andou, girou até que se encontrou com o soldado com quem tinha feito camaradagem; vendo-o, perguntou-lhe se se poderia falar com Juliano. O soldado respondeu-lhe que talvez.

— Pois dissei-lhe — acrescentou ele — que uma pessoa, vinda de propósito do Rio de Janeiro para falar-lhe, tem muito que lhe dizer da parte da sra. Clara, filha do sr. Paulo. Olhai, eu o espero naquele lugar. — E mostrou o lugar onde o companheiro o esperava. — Mas vede que isto é segredo muito grande. . .

— Não tenhais dúvida: eu o trago aqui.

Enquanto o soldado foi, disse Ligeiro ao outro:

— Eles não de nos perseguir.

— Não importa — respondeu o companheiro —, os cavalos deles não correm nada.

— Mas notai, que como eu dizia que era do Rio Grande, é de supor que eles, se nos seguirem, vão para esse lado.

— Pois iremos nós para o outro.

Os dois ficaram esperando por sua vítima. Algum tempo depois dois vultos se encaminharam para o lugar onde estava

Ligeiro e seu camarada. O que vinha detrás disse para o que seguia adiante de modo que Ligeiro e o outro ouviram.

— Ali está.

— Pois vai-te embora — respondeu o que vinha adiante.

— É ele! — disse Ligeiro para seu camarada.

— Pois segui pelo caminho que vos disse — rosnou-lhe o peão.

Com efeito era Juliano. Ligeiro seguia seu caminho. A noite estava escuríssima. O peão com a pistola engatilhada só esperava que sua vítima se aproximasse, estando pronto, e montado em seu burro.

O soldado que tinha ido chamar Juliano, talvez com o fim de o tornar a acompanhar, voltou só alguns passos, e ficou esperando. No lugar em que este ficou o peão não o via.

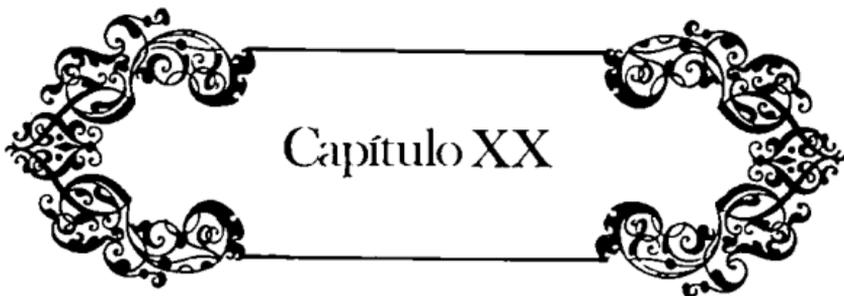
Juliano aproximava-se dizendo:

— Aqui estou, meu...

Ao mesmo tempo o pérfido dispara sua pistola sobre ele, e, vendo-o cair, deita a fugir. Juliano grita:

— Ai que me matam!

Ligeiro, do lugar em que estava, ouviu o eco do tiro e o grito do mancebo.



Capítulo XX

Do mais que se segue

Como um homem não muito acostumado a andar a cavalo, Ligeiro corria como lhe era possível, tocando diante de si o burro carregado com as canastras. Muita vontade teria ele de que o companheiro não mais o achasse, ou ao menos que fosse preso antes de encontrá-lo. Pensava, de si para si, que os soldados do exército o perseguiriam, pois que no exército deveria saber-se que ele era o autor da morte de Juliano, atenta a circunstância de haver ele mandado chamar o mancebo por aquele camarada com quem teria feito conhecimento. “Felizmente”, dizia ele consigo, “não sou conhecido por pessoa alguma do exército.” Entretanto, se não fosse a lembrança de ser perseguido, seguiria pelo caminho da direita, deixaria o camarada ir-se pelo da esquerda. Se porém o velhaco do Ligeiro quisesse pregar essa peça ao companheiro, não lhe seria muito possível, porque no momento em que chegava ele ao dito caminho, chegou também o companheiro, e ambos prosseguiram.

Depois de terem corrido por mais de um quarto de hora, chegaram defronte de uma casa, cuja frente revelava ser ela uma taberna de caminho ou estalagem. O peão encaminhou-se para ali, e dando volta para ir pelo fundo da casa, meteu à boca dois dedos e soltou um longo e fino assobio, e, diga-se de passagem, um tanto particular. Abriu-se logo uma janela, e apareceu um sujeito. Apenas este se fez ver, o companheiro de Ligeiro lhe disse:

— Compadre, manda arrumar estes animais e escuta!

Dito isto, chegou à janela, falou com o dono da casa, e este saindo tomou conta dos animais, que, desarreados, os levou para um pasto. Guardou os arreios e as canastras, com que Ligeiro não ficou muito satisfeito: e apenas isto acabado, o peão tomou a Ligeiro, e seguindo com ele para o mato, lhe ia dizendo:

— Meu amigo, os soldados do exército hão de vir atrás de nós, e vendo esta casa hão de corrê-la e por isso devemos nós estar no mato, bem escondidos.

— E o tal sujeito ficou morto? — perguntou Ligeiro.

— Morto, e bem morto. Porém calemo-nos.

Ligeiro, disfarçando o medo de que estava cortado, fazendo das tripas coração, foi-se entranhando pelo mato, até que, arredado da casa algumas braças, pararam junto de uma árvore alta e grossa, cuja subida era fácil, pois a facilitavam alguns ramos que ela lançava desde o tronco até a sua grande forquilha, e daí para cima. Chegando nesse lugar disse o peão a Ligeiro:

— Subamos nesta árvore; e dela vejamos o que se passa.

Com efeito subiram, e apenas se acomodaram entre os ramos da árvore, ouviram um estrepitoso trote de cavalos um tanto longe: progressivamente se foi avizinando este trotar de animais. Enfim, o tropel era o efeito de mais de 40 cavaleiros, que, à rédea solta, corriam pela estrada. Encaminharam-se para a casa, e a puseram em cerco; o que feito, um deles bateu à porta. O dono perguntou quem batia, responderam-lhe que abrisse a porta da parte de el-rei. O dono da casa sem hesitar um momento abriu a porta. Os cavaleiros eram uma escolta comandada por um oficial; este entrou e disse:

— Estarão em vossa casa dois homens, há pouco chegados?

— Não, senhor.

— Nem vistes se passaram por aqui?

— Também não vi, não, senhor.

— Tende paciência, haveis de deixar passar uma revista em vossa casa.

— Ela aí está.

Dito isto, o oficial deu suas ordens e dez soldados precipitaram-se no interior da casa, e começaram a perlustrá-la minuciosamente. Não houve lugar, por mais recôndito, nem mais reservado, que não fosse visto! O quarto em que dormia a mulher do dono da casa, outro onde dormiam duas moças núbeis, filhas do mesmo, tudo foi visto, e tudo profanado por olhos que viram o que não deviam ver sem grave afronta da moral e da decência!

Desenganados de que nada achavam, saíram dos quartos, e participaram ao seu comandante o resultado da diligência.

O oficial, deixando aí quatro soldados com suas ordens, partiu imediatamente com os outros. Estes que ficaram tomaram um quarto, puseram nele o que era seu, arranjaram seus cavalos, e afinal deixaram-se ficar muito a seu gosto.

Foi da boca destes que o dono da casa soube que aquela diligência era para prender um tal que no campo aparecera vendendo tabaco, fumo em folhas, cigarros e outras coisas destas; que o tal mascate assassinara no mesmo campo um moço de nome Juliano, muito querido do governador, e que fugira.

Estes quatro soldados aí estiveram três dias comendo e bebendo por conta do dono da casa, e se divertindo à sua custa. Entretanto Ligeiro e o seu camarada eram vítimas dos mosquitos, borrachudos e marruins, no rancho onde estavam, recebendo três vezes por dia uma ração que lhes mandava o dono da casa muito às escondidas dos soldados.

A notícia da morte de Juliano espalhou-se logo rapidamente.

Voltemos ao campo. Alguns soldados ouviram o eco do tiro e o grito de Juliano, e julgaram que eram os tapes, que depois de sua derrota, reorganizando seu exército, vinham acometer de noite o aliado!

O alarma foi então geral; a confusão reinou em todo o campo! Soaram gritos de "armas!" O vale estremeceu ao estrondo do rebate, e os topos das colinas mandaram o eco a retumbar nos ares! Os soldados corriam para suas barracas e se armavam. Uns tomavam suas armas, outros seus cavalos!

Estes corriam, aqueles gritavam, perguntando-se o que era; e nesta confusão terrível confundiam-se gritos de homens com estrondo de armas, e tudo isto com o tropel dos cavalos, que pelo campo desenfreados corriam.

Foi no meio desse alvoroço que o soldado que viera chamar Juliano apresentara-se a seu capitão e lhe contara o que se havia passado com o improvisado mascate; e ultimamente o assassinato do infeliz mancebo, que ele vira cair ao som do tiro.

O capitão foi imediatamente participar a seu comandante o que havia, e estes ambos foram ao governador.

A este tempo os dois generais já tinham mandado explorar o campo e suas avenidas; e sabendo o que acabava de suceder a Juliano, partiu Gomes Freire mesmo, acompanhado de seu estado-maior, sendo seguido do general espanhol, que a Juliano quis fazer honra, e por conseguinte foram os dois generais seguidos cada um de seu estado-maior, a ver o mancebo.

Diante deles alguns soldados levavam archotes. O soldado que acabava de revelar todo o acontecido foi indicar-lhes o lugar, e quando aí chegaram viram eles, com o coração cheio de dor, Juliano lançado por terra, no meio de um lago de seu próprio sangue, pálido e sem vida!

Gomes Freire de Andrade ao mesmo tempo que deu suas ordens para ser o jovem levado à sua barraca, as deu também para serem os assassinos perseguidos, o que logo se executou. O soldado que chamou Juliano a este lugar foi também preso.

A notícia desse acontecimento com tal presteza se espalhou, que um quarto de hora depois não havia no campo pessoa alguma que o ignorasse, afirmando todos a morte de Juliano.

Todos os cirurgiões do exército afluíram para a barraca do governador; e os oficiais que lá foram voltaram cheios de dor pela morte do desgraçado moço!

Na manhã do dia seguinte tinha de partir de Missões, ou antes, do campo, para o Rio de Janeiro, um correio mandado pelo governador: este tinha por ele sido despachado muito

antes deste funesto acontecimento, e devia partir do campo pela madrugada. O correio, pois, que devia partir, depois deste desastre passou por algumas barracas, e varios officiaes, que tinham familia no Rio de Janeiro escreveram por ele a suas famílias, e todos elles noticiavam a morte de Juliano. Uma razão para isso havia.

No mesmo dia do vencimento da batalha, Gomes Freire fez partir um próprio para o Rio de Janeiro dando esta notícia; e nas cartas que então mandou falava de Juliano com tanta distincção e louvores que era para o mancebo uma verdadeira glória, prazer e honra para os seus, e admiração para os estranhos. No dia em que chegaram estas cartas à cidade de São Sebastião ficou esta cheia do nome de Juliano. Não o soube porém Paulo, que nesses dias, doente de uma erisipela, lá não lhe chegou a notícia, que Roberto, e Leôncio cuidado tiveram de arredá-la de seu leito!

Também o não soube Clara, que quase sempre junto do leito de seu pai lá lhe não chegavam notícias desse grande mundo, a que ella estava inteiramente alheia. Roberto e Leôncio não se incomodariam com a glória de um homem, que, segundo seus planos, conforme elles pensavam, pouco devia viver.

O correio partido do campo para o Rio de Janeiro saiu de Missões no dia do vencimento da batalha. O segundo correio porém avantajou-se tanto a respeito do primeiro, que chegou ao Rio de Janeiro um dia depois do outro.

Ainda bem os amigos de Juliano não tinham bem saboreado a notícia de suas proezas, quando chegou a de sua desgraça! Juliano era muito conhecido no Rio de Janeiro, muito amado de muitas pessoas, que deviam sentir sua morte como a morte de um amigo. As mesmas pessoas que o não conheciam, mas que haviam ouvido falar em seu nome com tantos gabos, se encheram de pesar e de tristeza. O dia pois em que chegou ao Rio de Janeiro a notícia de sua morte foi um dia de sentimento e de dor.

Agostinho, amigo de Gomes Freire de Andrade, ouvindo uma tal notícia saiu da casa como um louco e foi à casa de algumas pessoas que haviam recebido cartas de Missões:

em três diferentes famílias, que tais cartas tinham recebido, achou o pobre velho confirmadas as mesmas notícias. As pessoas que escreveram (oficiais do exército português) contavam o caso quase da mesma maneira; e todos afirmavam a morte de Juliano.

Agostinho não tendo, como já disse, recebido carta do governador a esse respeito, entendeu que Gomes Freire muito de propósito o havia feito, não querendo por si dar-lhe uma tão desconsolada notícia.

Melhorou entretanto Paulo, deixou a cama, saiu e por sua vez soube também da morte de Juliano. Voltando para casa noticiou-a a sua filha. Clara, lembrando-se que tinha dito a seu pai que enquanto Juliano fosse vivo não se desposaria com pessoa alguma, quis supor que tal notícia seria algum enredo contra ela tramado, para assim haverem seu consentimento em favor de Leôncio. Todavia a notícia extrema: Clara ouvindo-a de seu pai ficou estática, olhando para ele alguns instantes, e, findos, ela disse:

— É possível, meu pai?

— Eu ouvi esta nova da boca mesmo de Agostinho, tio de Juliano.

— Sim, é verdade; eu sonhei com esta desgraça! É pois verdade!

— Sonhaste?

— Sim, meu pai, sonhei.

— Então o que sonhaste?

— Sonhei que Juliano estava montado em seu grande cavalo, rodeado de inimigos; e destes, uns o combatiam a peito descoberto, frente a frente com ele; outros porém lhe atiravam de longe, e ocultos: ele então esporcando seu cavalo e jogando a sua espada, lançou por terra a todos que o cercavam. Livre destes inimigos, triunfante deles, recebia parabéns, elogios e vivas de seus amigos, e todos que não lhe eram contrários: mas no meio de seus triunfos, um inimigo oculto, uma mão traidora, dispara sobre ele: o tiro soa, a bala o fere e ele ferido cai gritando que o matavam, e caído num lago de sangue expira!... Mas...

Clara parou aqui como perturbada de diversas idéias, que se agitavam em sua cabeça; depois fitando os olhos em um ponto, arqueou suas negras sobrancelhas, franziu a pele de sua larga testa, e uma vez por outra dava a essas pregas diversas direções, ora contraindo as pálpebras de seus olhos, ora dilatando-as, enfim, dando todos os sinais de quem se queria recordar, e fixar suas idéias. Seu pai disse:

— Mas o quê?

— Mas... — continuou ela — esperai, senhor... esperai que eu me hei de lembrar... Sim. Repentinamente o homem que era defunto tornou-se em homem vivente. Furioso, terrível e medonho levanta-se do chão, tão bom, tão são como nada lhe houvesse acontecido! E terrível como no meio da batalha ele pede vingança!

Uma mão desconhecida lhe descobre e lhe entrega seus inimigos, que, apesar do seu poder e de suas intrigas, são completamente aniquilados. Então uma nuvem preta se levantava da terra, e esta nuvem o envolvia todo; no meio desta nuvem pois desapareceu para sempre; tendo antes cingido a minha cabeça com uma grinalda de flores roxas, e enxugado minhas lágrimas para nunca mais chorar!...

Aqui ela calou-se, e duas lágrimas saltaram de seus olhos.

— São sonhos, minha filha — disse Paulo —, sonhos que nada significam. O que é verdade porém é que ele é morto.

Paulo assim falando saiu. Clara tomou papel e tinta, e escreveu o seguinte bilhete, a Agostinho:

“Sr. Agostinho.

Corre de boca em boca a mais infeliz de todas as notícias, que o sr. Juliano é morto. Não posso acreditá-lo senão ouvindo-a de vossa boca; eu vos rogo não me enganeis...

Vossa humilde criada

Clara”.

200
A moça fechou esta carta, e por um rapaz mandou-a ao seu destino, recomendando-lhe positivamente que a entregasse ao sr. Agostinho, e unicamente a ele. O portador assim o fez, e meia hora depois voltou com a resposta. Clara abriu, e leu o seguinte:

“Minha filha.

Tenho neste momento a minha alma traspassada de dor! Estou inconsolável. Hoje divulgou-se a notícia da morte de Juliano; fiquei como louco quando tal soube, saí imediatamente, e fui a duas famílias que receberam cartas de Missões; li essas cartas, e ambas são concordes no desastre de Juliano. As pessoas que escreveram afirmam que Juliano distinguiu-se no combate por ações dignas de imortal glória! E que no meio de todos os bravos do exército se fez digno de admiração e de subidos elogios, e que no segundo dia depois da batalha fora covardemente assassinado por um sujeito que aparecera no campo fingindo-se mascate. Persegue-se o assassino por ordem do meu amigo, o governador, e até agora sem fruto. Supõe-se no exército que o assassino era algum emissário dos jesuítas de Missões, para se vingarem da derrota que meu valente sobrinho lhes causou. Tal é o que li tanto numa como noutra carta. Isto pois não pode ser falso.

Sei bem o que perdestes: e vós não careceis de mais consolações do que eu. Enfim Deus nos console.

Entretanto dispõe de mim, como de vosso muito humilde criado.

Agostinho”.

A vista desta resposta Clara nada mais teve que duvidar. Entregue à sua veemente dor, deu livre curso às suas lágrimas.

Sua ama, aquela que a havia amamentado, que tanto tinha curado dela, que a amava do mesmo modo que uma terna mãe ama a sua filha, tomando igual parte em seus des-

gostos, confundindo com os dela os seus suspiros, juntava suas lágrimas às lágrimas dolorosas da sentida moça.

— Vedes vós? — dizia Clara. — Esta casa em que habito é quase um palácio; meu pai tem imensos cruzados e eu disponho do seu dinheiro como quero; uma multidão de escravos me rodeia, e estão prontos a executarem minhas ordens apenas forem ouvidas. E no meio de tudo isto eu me vejo forçada a gemer e a prantear, porque no meio de tudo isto eu sou bem desgraçada!

Vede vós essas mulheres, que tão pobres nascem e que tão pobres se criam e tão pobres vivem! Pois essas que vos parecem tão desgraçadas, que parecem vindas ao mundo só para sofrer são felizes e muito felizes! A pobreza de seus pais, um pouco de privação e um pouco de sofrimento estreitam os laços de amizade que unem toda a família! A filha desses pais tão pobres se um dia é amada, ela o é verdadeiramente, porque aquele que a ama não ama senão seus encantos e a sua formosura! Amando e sendo amada, seu amor é calmo e bonançoso, porque não é perturbado por um rival invejoso, que deseja enriquecer à custa de um avultado dote. Esta mulher, que assim é amada e assim ama, vê seus votos coroados, seus amores felizes, recebendo a mão de seu amante; e Deus abençoa seu amor, e sua união, porque nesta união há amor, e há virtude! E no entanto eu tenho tudo, e não sou feliz! Amei e fui amada! E este amor, que me devia tornar ditosa, faz hoje a minha desgraça! Aquele a quem eu amava, e cuja memória ainda amo, já não vive, e morreu por minha causa... Ah! Que se não fosse o meu amor ele não se alistaria no exército que partiu para Missões; partiu por minha causa, partiu para ser meu! Para me agradar, para oferecer-me um nome cheio de esplendor e de glória, encheu o campo da batalha de assombro; da fama do seu nome assim se fez conhecido dos inimigos, que não podendo vencê-lo frente a frente no meio do combate, à traição se livraram do seu braço invencível... e eu fui a causa!... Enfim Juliano é morto... tudo para mim está acabado, tudo, porque eu nunca mais serei feliz!...

— Nunca mais?!... — perguntou a ama.

— Sim, nunca mais.

— Apesar disto, eu conheço senhoras que se casaram, ficaram viúvas, e se casaram de novo, e são felizes com seus segundos maridos.

— Não duvido. Aquelas, que ficando viúvas pobres de seus primeiros maridos, casam segunda vez para terem um amparo.

— Não; algumas que enviuvaram dos primeiros maridos ficando bem arranjadas.

— E se têm casado?

— Sim, têm casado.

— É porque elas não amavam seu primeiro marido.

— Oh! não; têm amado, e amado muito.

— Não, minha mãe. Isto é impossível. Quando uma viúva rica se casa, ou o primeiro marido era enganado, ou o segundo o é.

— Se vós casásseis com Juliano, e ficásseis viúva dele não vos casaríeis mais?

— Não, sem dúvida, não. Isso nem era preciso perguntar.

— E se casásseis com Leôncio contra a vossa vontade, e ficásseis viúva, casar-vos-íeis depois?

— Então mudava o caso.

— Pois assim são muitas que ficam viúvas e ricas.

— Logo, é o que eu digo; o primeiro marido era enganado.

— Contudo, eu não vos acho razão.

— Em quê?

— Em dizerdes que nunca sereis feliz, porque morreu Juliano...

— E julgais que eu o possa ser?

— Sem dúvida, feliz, e muito feliz.

— Eu?!

— Sim, vós.

— Julgais então que eu possa esquecer Juliano?

— Isso é o que há de mais fácil.

— Vós estais zombando?

— Eu vos estou falando com toda a sinceridade.

— Mas se eu vos digo que nunca hei de esquecer Juliano ?

— E eu vos digo que o haveis de esquecer.

— Minha mãe, pois não conheço o meu coração e do quanto é ele capaz ?

— Não.

— Não conheço ?

— Não. O vosso coração é um coração como os de todas as meninas da vossa idade; isto é, coração terno, amante e generoso. No fogo de vosso amor, na vida de vosso amante julgais vosso coração capaz dos maiores sacrifícios em vosso amor, na vida de vosso amante ! Morto ele, chorais e chorais muito, sim, chorais como uma amante muito apaixonada chora por um bem que perdeu, e perdeu para sempre. Chorais durante um ano, dois e até três. Então uma de vossas amigas, em sua palavra de consolação, começa a fazer-vos sentir a inutilidade de vossas lágrimas; elas não podem dar vida ao vosso amante, elas não arranjam vosso negócio, elas vos não tornam feliz; ao contrário amarguram vossa existência e enlutam vossos dias. Estas verdades são de tal modo sabidas, que não precisam ser demonstradas. O desejo de ser feliz é natural, e quem vive em pranto não é feliz. Ora quem não é feliz, e pode sê-lo, o que faz ? Busca sê-lo. Estas considerações, pouco a pouco irão enxugando vossas lágrimas e ao passo que vossas lágrimas se vão enxugando, o tempo vai amortecendo em vosso coração a lembrança do amante. Os divertimentos do mundo vão convidando e seduzindo um coração ainda moço. Ninguém se ofende, nem julga ofendida a moral pública porque uma viúva honestamente se diverte: e quando uma viúva, dois, três anos depois da morte de seu marido chora ainda sobre a sepultura dele, ninguém se lembra de dizer: “Faz muito bem em chorar”. Olha-se para suas lágrimas com indiferença, porque até nenhum dever impõe a uma viúva uma vida amargurada. Se nessa vida de amarguras, dizeis vós que depois de vosso marido ninguém é digno de vós, seria isso uma soberbia, um egoísmo que ninguém vos quereria sofrer, quanto mais perdoar. E vós mesma conheceis que algum dos vossos adoradores quando donzela, ou até

depois de viúva, era muito digno de vós. Então vós já não tendes 20 anos, já não estais na idade de amar as flores, isto é, nessa idade em que se quer coisas mais reais que aparentes. E como em aliviardes, ou antes em largardes para sempre o luto nem é feio, nem mau, é antes bom e proveitoso, começareis vós a ter vossos desejos de o largar; e muito principalmente se aquele que vos perseguir para o largardes for moço belo, bem feito, bem conceituado, enfim um moço completo como o licenciado Leôncio...

— Nunca, nunca, minha mãe.

— Está bom: isto é hoje...

— Nunca, nunca. Ele é que foi causa de tudo.

— Ele não; de nada absolutamente.

— Ele foi quem caluniou Juliano.

— Estais enganada, filha. Feriram-no, supôs que era Juliano, gritou que ele o matava. Nada mais natural. Vós mesma dissestes que o vulto que corraera, tendo ferido Leôncio, estava vestido como Juliano, e até se parecia com ele. Não o dissestes?

— Sim, disse: mas ele bem sabia que Juliano era incapaz de tal.

— E por quê? Ele não era amigo de Juliano; Juliano é homem, e como tal capaz de todas as virtudes e de todos os vícios. Demais, atacado repentinamente gritou para que lhe acudissem; e num repente destes não há reflexão, nem prudência. Notai que depois o mesmo licenciado se mostrou arrependido de haver assim gritado, e se arrependeu só por vossa causa; isto prova muito não só a bondade de seu coração, como que muito vos ama.

— Sim, ama ao dinheiro de meu pai.

— Sois injusta, Clara. Com efeito, se Juliano fosse vivo, bonito seria que lhe guardásseis uma tal constância; mas morto ele, não lhe vejo razão alguma.

— Pois bem, minha mãe, como minhas lágrimas não ofendem a pessoa alguma, deixai-me chorar por Juliano.

— O céu me livre de embaraçar vossas lágrimas: mas quero-vos ver feliz, e quem chora o não é. Criei-vos, e vos

amo como se vos tivera dado à luz, e tudo quanto faço é para vosso bem.

— Deus vos pague.

Estas, e outras eram as conversas de Clara com sua ama, a qual não cessava de meter-lhe Leôncio à cara.

Quinze dias depois da morte de Juliano, ou antes, depois da notícia da morte, Paulo tocou a Clara sobre Leôncio para seu marido; a moça corou, e seus olhos se afogaram de lágrimas.



Tarde XII

Capítulo XXI

Do que aconteceu a Ligeiro

Passados três dias depois que o oficial da diligência dera busca à casa do compadre do peão, voltou o mesmo oficial, sem ter encontrado nem rastos do que buscava. Este oficial tinha de tal modo em sua memória os sinais de Ligeiro, que era impossível deixar de o prender no caso de o encontrar. A relação destes sinais fora dada ao governador pelos soldados que com Ligeiro haviam tratado no campo, e mui especialmente por aquele com quem Ligeiro fizera camaradagem.

O oficial jantou aí na taberna do dito compadre, e de tarde prosseguiu sua viagem, levando os soldados que na mesma taberna havia deixado. Antes de partir, porém, tornou a repetir ao dono da casa os sinais de Ligeiro dizendo:

— É um moço que poderá ter 20 e tantos anos, de boa altura, magrinho e bem feito; é claro, corado, cabelos um tanto louros e olhos azuis; a testa é pequena, os olhos também pequenos, a barba toda crescida, exceto por cima da boca; além disto tem um grande sinal preto, ou quase preto por baixo do olho esquerdo, que lhe toma quase toda a face: e é feio de cara. Se aparecer este homem por aqui, prendei-o por ordem do governador, levai-o ao mesmo, que vós tereis um grande prêmio.

O dono da casa prometeu fazê-lo no caso de aparecer o dito homem; e o oficial com todos os seus soldados pôs-se a caminho para o exército.

Nessa mesma tarde Ligeiro e seu camarada saíram do mato. No dia seguinte, ainda sendo madrugada ouviu Ligeiro

algumas vozes, prestou atenção e entendeu que era a mulher do dono da casa, que com seus filhos todos saía para ir passar o dia em casa de uma comadre e vizinha, que daí morava à distância de uma légua, pouco mais ou menos.

Ligeiro, que durante o tempo que esteve no mato com o camarada não dormiu por causa dos mosquitos, percebendo o motivo das diversas vozes que ouvia, não sendo coisa de cuidado, nem tendo de que temer, voltou-se para o outro lado, e continuou a dormir. O compadre do peão, que não era compadre senão porque assim se tratavam, saiu com sua família, a qual levou à casa da comadre, e voltou para a sua. Ligeiro acordou-se sendo alto o dia, e quando se levantou da cama não achou mais que seu camarada e o compadre, que numa varanda, da parte do interior da casa, conversavam. Logo que Ligeiro aí chegou, disse o dono da casa:

— Meu amigo, vós estais preso; e deveis vos aprontar para irdes em nossa companhia para Missões.

— Mas preso por quê? — perguntou Ligeiro muito assustado.

— Porque matastes o amigo do sr. governador.

— Mas quem o matou não fui eu, foi meu camarada. E vós não me dissestes — disse Ligeiro ao camarada — que nós aqui estávamos seguros? Como é agora que vosso compadre quer me prender?

— Eu já lhe pedi que não fizesse isso — disse o camarada; — ele não quer estar pelo meu pedido.

— E que ganhais vós em me prender? — perguntou Ligeiro ao dono da casa.

— Um prêmio, que me prometeram.

— Mas esse prêmio quanto será? Uma dobra ou duas! . . .

— Uma dobra ou duas me servem.

— Não seja essa a dúvida; eu vos darei duas dobras.

— E a mim quanto me dareis vós? — disse o peão.

— A vós! Pelo quê?

— Para não vos prender.

— Vós! Vós sois tão criminoso como eu, e me quereis prender?!

— Pois muito bem. Assim como assim vós estais perdido. Todos os caminhos, que de Missões vão para todas as partes,

estão cobertos de soldados para prender-vos. Todos eles têm vossos sinais, e assim é impossível que escapeis às mãos da justiça; e se fordes preso, sereis enforcado; portanto escolhei se quereis morrer na forca, ou aqui: não tendes mais que esta escolha.

— Mas vós, em quem eu me fiei?! Vós, a quem entreguei minha vida, e tudo quanto comigo trago! Vós, que me tendes acompanhado, em quem eu me fiei sempre, quereis me fazer isso!!

— Mas vós não vedes, homem, que estais perdido, e que não podeis escapar das mãos dos soldados?

— Pode ser que escape.

— Qual! É impossível. E qual é melhor, morrer aqui entre nossas mãos, ou morrer enforcado?

— Pois deixai que eu morra enforcado.

— Não; morrendo vós enforcado nós não somos vossos herdeiros.

— Mas se é por causa de algumas meias dobras que me quereis matar, eu vo-las dou todas.

— Isso não; que depois vós caireis em cima de nós.

— Mas vós não dizeis que estou perdido, e que não posso escapar? Logo, que receio tendes de mim?

— Mas aqui em todos estes matos há muitos quilombolas e soldados desertores; vós podeis vos fingir soldado desertor, podeis vos ajuntar com eles, e depois nos perseguirdes.

— Mas eu vos juro que não.

— Ora... esses juramentos ninguém cumpre.

— Mas eu cumprirei o meu; descansai.

— Não; estou muito resolvido a matar-vos aqui.

— Meu amigo, isso é uma crueldade.

— E vós não mandastes matar o moço, amigo do governador?

— Mas ele me tinha insultado.

— Mas foi uma crueldade que vós praticastes; que tem que eu agora pratique outra?

— Ora, meu amigo, pois vós não tendes pena de mim?

— Não. E vede de que quereis morrer, se de tiro, de facada, de corda no pescoço, ou afogado. É só o que vos posso fazer.

— Pelo amor de Deus; não me mateis.
— Escolhei, homem.
— Tende pena de mim!
— Se vós não escolheis, eu vos mato já.
— Pois bem. Vós me destes a escolher primeiro ou morrer aqui entre vossas mãos, ou entre as mãos da justiça na forca; não me destes?

— Sim, dei.
— Pois entregai-me à justiça.
— Então quereis morrer enforcado?
— Sim; mas entre as mãos da justiça.
— Aqui também há cordas.
— Mas eu quero entre as mãos da justiça: não me destes vós esta escolha?

— Mas vós dissestes ainda agora que tudo era morrer; e, se tudo é morrer, por que quereis antes morrer entre a justiça do que entre nós?

— É porque eu tenho muitos e grandes pecados... Ah! Eu estou em pecado mortal, morrendo sem arrepende-me, morrendo sem confessar-me, minha alma não se salva. Entre as mãos da justiça, a justiça mata meu corpo, mas busca salvar minha alma; a justiça me dá padre e meios da salvação de minha alma. Ao contrário, vós matais meu corpo e lançais minha alma no inferno! Por isso Deus até vos tomará mui estreitas e mui rigorosas contas! É preciso que eu morra? Pois bem, morra eu embora; morra este corpo, que depois de morto nada mais sentirá! Mas a alma, a alma, que tem de viver sempre, permiti que eu a salve, para não penar para sempre nas chamas do inferno!... Ah! se ao menos houvesse aqui quem me ouvisse de confissão, e em nome de Deus e dos homens me absolvesse... ah! eu morreria, e morreria contente!

Ligeiro, depois desta exclamação que ele fez em voz muito patética, começou a chorar como um desesperado.

— Mas eu tenho ouvido dizer — disse o peão — que quem está em pecado mortal, e em artigo de morte, pode confessar-se seja lá com quem for.

— Pois bem. Eu aceito tudo para bem de minha alma. Quem é que me quer confessar?

— Pois o compadre que lhe confesse. Que dizeis, compadre ?

— Ele... é bom que se confesse. Por nossa causa não vá ele para o inferno.

— Pois então, compadre, confessai a esse diabo e absolvi-o em nome de Deus.

— Pois sim: ele que venha para cá.

Dito isto, o peão retirou-se para o terreiro, e Ligeiro chegou-se para o dono da casa, que, assentado num banco, estava disposto a ouvi-lo de confissão. Logo que Ligeiro chegou-se a ele, ajoelhou-se, persignou-se, antes de recitar a confissão, disse:

— Ora, meu amigo, que mal vos fiz eu ? Por que me quereis vós matar sem motivo algum ?

— Homem, isso não é comigo — disse o compadre; — é lá com meu compadre, ele lá é que sabe.

— Mas eu nunca ofendi a vosso compadre.

— Mas ele precisa de dinheiro...

— Mas eu não lhe dou todo o dinheiro que comigo trago ?

— Mas ele tem medo de que vós depois venhais cair sobre nós.

— Pois bem: disse-me uma coisa: quanto ele vos paga para vós o ajudardes a matar-me ?

— Ele me dá seis dobras.

— Seis dobras ! Vede como ele é !...

— Então por quê ?

— Por quê ? Quereis vós saber quanto trago em minhas canastras em ouro ?

— Quanto ?

— Trago 90 e tantas dobras, e ele viu todo esse dinheiro ! Vede pois como ele é...

— Sim !... E ele viu todo esse dinheiro ?

— Ele viu todo esse dinheiro, perguntais vós ? Digo-vos que eu o contei à vista dele...

— E então quer me dar só seis dobras, e ele ficar com todo o dinheiro !

— E entretanto, no caso de vós e ele me matardes, quem deve ter maior crime sois vós, porque a morte é feita em vossa casa.

— E é verdade.

— E apesar disto ele vos dá seis dobras, e fica com 90, ou quase; e então ?

— Mas nós poderemos achar algum meio de o enganar ?

— Temos um meio bom.

— Qual é ?

— Ele vos dá seis dobras para vós me matardes !

— Sim, me dá...

— Pois eu vos dou 12 para vós matardes a ele.

— Doze só ! Mas vós tendes muito mais de 12.

— Pois quanto quereis vós ? Dizei.

— Vede lá quanto me dais, e nós podemos fazer algum arranjo.

— Pois bem; eu vos ajudo. Quereis vós matá-lo ?

— Conforme...

— Conforme o quê ?

— Conforme o arranjo que nós fizermos.

— Pois então, morto ele, ide às minhas canastras, deixai só quanto me for preciso para eu continuar minha viagem, e tirai todo o dinheiro que achardes. Quereis ?

— Pois então vamos a isso.

— Eu vos ajudo.

— Não há de ser preciso.

Neste tempo o peão, que passeava no terreiro, aproximou-se, dizendo:

— Compadre, vamos mais depressa; essa confissão leva muito tempo.

— É porque o homem tem muitos pecados.

E dizendo isto foi saindo para o terreiro. O peão vendo-o sair disse:

— Então está pronto o homem ? Pode morrer ?

— Está pronto, mas não pode morrer.

— E por quê ?

— Porque eu não quero.

— Mas então...

— Já disse que eu não quero que ele morra; e tenho dito.

— Vós sois um patife.

— Patife és tu.

O dono da casa respondeu isto tendo já na mão uma comprida faca, e sem mais nada dizer foi investindo contra o peão, que também desembainhou outra faca de igual calibre. Os dois campeões atacaram-se como dois demônios: mas Ligeiro tomando um grosso e forte manguá descarregou, por detrás, tão forte pancada na cabeça do peão, que o lançou por terra morto ou ao menos sem sentidos. O dono da casa com sua faca fez o resto, e o peão ficou completamente morto, se o não estava até ali.

Feito isto o dono da casa voltando-se para Ligeiro disse:

— E agora, vem o dinheiro?

— Sem dúvida, meu amigo — disse Ligeiro —, sem dúvida. Eu vos devo a vida, vós sois o meu salvador; e eu tudo vos devo. Aqui tendes as chaves de minhas canastras, abri-as e tirai todo o dinheiro que quiserdes.

Ligeiro, assim falando, deu as chaves ao dono da casa, que, (alegre como um macaco, ligeiro como um caxinguelê, lançou-se às canastras como uma onça sobre um bezerro.) Abriu uma canastra, e curvou-se sobre ela para tirar as meias dobras que estavam sobre o fundo. Apenas curvou-se ele, o velhaco Ligeiro, que habilmente se havia colocado por detrás, ergue o manguá com toda sua força e o descarrega sobre a cabeça do dono da casa, que, sem balbuciar nem o mais ligeiro som, ficou estirado no chão. Ligeiro, com a faca dele mesmo concluiu este assassinato.

Era esta pequena casa edificada no meio de um pequeno roçado, tendo à frente a estrada; o mato virgem a pouca distância circundava toda a casa. Beirando o roçado, sobre o fundo da casa, serpeava um rio, que engrossando suas águas na estação da chuva, rolava suas crespas ondas impetuosamente, negando ao mesmo tempo passagem a quem ousasse querer vadeá-lo. Para ali levou Ligeiro os dois cadáveres, um depois do outro, e a ambos precipitou no rio. Os dois corpos desapareceram submergidos pelas águas.

Ligeiro apagou quantos vestígios o crime havia deixado; lançou terra sobre o sangue, e, depois de arranjar tudo o me-

lhor que pôde, abriu a porta da frente da casa, isto é, a porta da taberna, tendo antes mudado de cara.

O leitor estará lembrado de que, quando o oficial deu ao donô da casa os sinais de Ligeiro, dissera que tinha a barba toda crescida exceto sobre o lábio superior, que tinha um grande sinal preto, ou quase preto sobre a face esquerda, e que era feito. Saibamos agora que, quanto à barba, Ligeiro muito de propósito a tinha deixado crescer, para rapá-la quando quisesse, e assim mais facilmente mudar de feição; quanto ao sinal, ele o não tinha; Ligeiro o havia feito com tinta, e tinha o cuidado, todas as manhãs, em repará-lo caso o suor ou qualquer outra coisa o tivesse desfigurado. Ligeiro era bonito, parecia feio em consequência deste sinal, que ele lavou cuidadosamente, e, barbeando-se, tornou-se um outro homem.

Ligeiro não era tão tolo que não compreendesse que aparecendo no campo, e tratando com soldados do exército, dado que consumasse seu crime, estes mesmos soldados dariam seus sinais, e assim seria ele perseguido por toda parte; por isso é que teve a cautela de disfarçar-se. Abriu a porta da taberna e começou a refletir, até que, assentando no que devia fazer, arranjou seu dinheiro, parte em um lenço de modo que o pudesse amarrar pela cintura, parte distribuída pelas algibeiras, e, deixando a roupa nas canastras, e os burros no pasto, meteu-se no mato, e colocou-se em um lugar donde pudesse ver o que se passava na taberna. Poucos instantes depois chegou um leigo de Santo Antônio, que para a religião andava esmolando, e se recolhia para o convento, no Rio de Janeiro. O frade vinha montado num burro trazendo um alforje de cada lado; e atrás um preto também em um burro com outros dois alforjes, e este preto puxava um burro, carregado com duas canastras. O leigo entrou na taberna bradando:

— Esmola... pra religião de Santo Antônio?...

Tudo era silêncio. A casa estava em completo abandono. O padre esperou alguns instantes e batendo sobre a mesa do balcão tornou:

— Esmola... pra religião de Santo Antônio?...

Ligeiro tomou imediatamente a estrada, e como viandante veio entrando também pela frente da casa. Apenas viu o leigo, saudou-o humildemente, e beijou-lhe a manga. O padre dirigindo-se a ele perguntou:

— Filho, sabeis me dar notícia da gente desta casa?

— Eu nada sei, meu padre, sou estranho nestes lugares.

— Então donde vindes?

— Eu sou filho de um lugarejo, que fica daqui a seis léguas. Um tio meu tomou-me, há 15 dias, para sua companhia, e aprontando uma tropa tinha tenção de ir para o Rio de Janeiro. Hoje, vínhamos pela estrada, quando nos saíram alguns ladrões, mataram meu tio; e a mim, depois de me tirarem tudo, cavalo, roupa, e quanto trazia, mandaram-me embora; talvez por milagre de Santo Antônio com quem me apeguei.

— Ó homem, isso está mau! E conhecestes algum dos ladrões?

— Como? Se eu por aqui não conheço pessoa alguma!

— Mas não reparastes neles? Não lhes tomastes os sinais?

— Dois deles se eu os vir hei de conhecê-los.

— Reparastes neles?

— Muito, sim, senhor.

— E quais são os sinais deles?

— Um é moço, de boa altura, magro, e bem feito; tem os cabelos meio louros, olhos azuis, e corado; a barba crescida, exceto por cima da boca e tem um sinal grande quase preto sobre a face esquerda; é feio. O outro é um caboclo alto, e cheio de corpo; tem o corpo redondo, e todas as feições de um caboclo. Enfim eles me deixaram do modo que me estais vendo, porque levaram toda a minha roupa, e deram-me esta camisa e esta ceroula de algodão.

Com efeito o velhaco do Ligeiro tinha tido a cautela de levar para o mato uma camisa de algodão e uma ceroula já muito usadas e por isso muito rotas.

— E qual foi a promessa que fizestes a Santo Antônio?

— De andar com o hábito da religião pedindo esmolas para ela durante alguns meses.

— Muito estimo, meu filho; e se quereis principiar já a cumprir vossa promessa podeis fazê-lo.

Era isto mesmo o que Ligeiro queria, e ele respondeu:

— Estou pronto, meu padre. Tendes vós aí algum hábito demais que me possa servir?

— Tenho.

— O padre mandou o preto abrir uma canastra e tirar dele um hábito. Entretanto, o leigo e Ligeiro resolveram-se a dar uma busca à casa, a ver se encontravam alguma pessoa; com efeito começaram a correr a casa, e chegando à varanda Ligeiro com grande espanto exclamou:

— As minhas canastras!

— Quais são? — disse o frade.

— Aquelas — tornou Ligeiro apontando para duas canastras, que na varanda estavam.

Em seguida Ligeiro relatou tudo quanto havia dentro das ditas canastras. O frade abriu-as e viu dentro tudo tal qual. Cumpre advertir que estas canastras não tinham por onde se particularizassem; que até aí Ligeiro não era tão tolo que caísse em as chamar suas, uma vez que foram vistas no campo do exército de Missões, conduzidas pelo assassino de Juliano. Não havia nas canastras nem cigarros, nem tabaco e nem fumo em folhas.

Por conselho o leigo, Ligeiro guardou sua roupa, vestiu seu hábito, cingiu sua corda do Seráfico, e o leigo deu-lhe um chapéu velho que trazia: o novo donato ou o irmão Rafael saiu com o frade, e começou as suas novas funções, pedindo para a religião de Santo Antônio.

Bem depressa Ligeiro se tornou fanático, pelo bem da religião: apenas via uma casa, ou um passageiro, tomava a dianteira ao leigo, e em tom coreiro, dando uma certa inflexão modulada às suas palavras, que firmava muito, dizia:

— Esmola... pra... religião de Santo Antônio...

Ora, as esmolas dos passageiros eram sempre dinheiro, mas as que recebiam nas diversas situações, já muito conhecidas do frade, essas eram em grãos, legumes, reses e aves. Como quase sempre o irmão pedinte da ordem mendicante traz poucos animais e não pode levar tanta carga, que faz? Troca estas pesadas cargas por coisas mais portáteis, e então comuta estes grãos, legumes, reses, e aves em dinheiro em favor da religião, e dele: da religião, porque é proprietária

destes objetos, por direito de dádiva; dele, porque tem o trabalho, por direito de gatunice.

Ligeiro, que era em extremo perspicaz, compreendeu logo tudo, e conheceu que o negócio não só era bom, como que o hábito do Seráfico não era tão pesado como entendiam os profanos. O novo adepto, dotado, como era, de muita memória, não precisou de mais para ficar lesto na coisa. Assim, Ligeiro, se recebia alguma esmola de algum viandante, sem detrimento da religião, fazia uma partilha com um fundo de justiça. Se recebia, por exemplo, uma pataca em cobre, ficava com meia e dava meia ao leigo, e assim por diante. Acontecia que ele também vendia algumas vezes algum mantimento, ou animais dados à religião, e do produto também fazia sua honrosa partilha. Assim, pois, iam esmolando para a religião de Santo Antôn'io, o leigo e o donato, e cada um por seu lado fazendo seu negócio por sua conta, sendo sempre o risco corrido por Santo Antônio, que era quem concorria com os fundos deste lucrativo negócio volante.

O leigo, que era frade franciscano, começou a notar o ardor e diligência com que o donato corria aos passageiros e aos sítios para esmolar.

Um dia, viajavam ambos, e num lugar onde a estrada era direita por um bom pedaço, aconteceu que vindo Ligeiro muito adiantado, e o leigo com o preto muito atrás, apareceu na estrada um viandante; Ligeiro correndo a ele apresentou-lhe o saco, bradando:

— Esmola... pra... religião de Santo Antônio?...

O leigo donde estava via Ligeiro e o viandante; este meteu a mão na algibeira, tirou alguma coisa que lançou no saco. Ligeiro continuou, e o viajor fez o mesmo; quando este se encontrou com o leigo, conheceu este quem era; era um seu conhecido: fizeram eles parar seus animais, e se saudaram. O donato, que ia mais adiantado, não viu isto. Depois de breve conversação, perguntou o leigo ao passageiro quanto tinha dado ao donato, ele lhe respondeu que um selo (assim chamavam vulgarmente as moedas de 640 réis). Despediram-se, e o leigo adiantou seu burro até alcançar a Ligeiro. Aí, para não ser suspeito, travou conversa com ele e toda ela versou sobre a falta de caridade na presente época, e frieza de fé, e mesquinheza da esmolas. Ora, dado que esta con-

versação fosse sincera, que se importava o leigo com a falta de caridade, e com a frieza de fé; a mesquinhez das esmolas é que era tudo. E pois o frade levando a conversação habilmente a seus fins perguntou a Ligeiro:

— Não pedistes esmola àquele sujeito que passou agora por nós ?

— Sim, pedi — respondeu Ligeiro.

— Estou que não vo-la deu.

— Oh ! Não desconfieis tanto da caridade dos fiéis.

— Que ! Pois deu esmola aquele susjeito ?

— Sim, deu.

— Pois admiro.

— E por quê ?

— Porque aquele homem tem cara de judeu.

— Mas quem vê cara não vê corações.

— Quase sempre, meu filho, quem tem má cara, tem mau coração.

— Ora, ele não é tão feio como isso.

— Não, mas é mal encarado. Aposto eu que vos deu uma ridicularia ?

— Não tão ridicularia, como pensais . . .

— Então quanto ?

— Uma moeda de prata . . .

— De prata ! Ah ! De 80 réis, ou de meia pataca ?

— Não; mas de pataca.

— De pataca ! Está bom, está bom.

O leigo calou-se, e os dois continuaram sua viagem. Pouco adiante receberam uma boa porção de mantimento; carregado o burro, era preciso vender-se este mantimento; na primeira casa que encontraram, Ligeiro quis ir logo negociar: mas o frade lhe teve mão dizendo que em outra situação adiante fariam melhor negócio. Queria pois o frade que a venda fosse feita numa casa com cujo dono se dava ele muito. Com efeito seguiram seu caminho até o lugar indicado pelo frade: e Ligeiro, segundo seu costume, adiantou-se a fazer o seu negócio. O leigo já de caso pensado deixou-se ficar atrás, de modo que quando chegou já o negócio estava concluído, e o dinheiro na algibeira do Ligeiro. O leigo conversou bastante com o dono da casa, e sem que Ligeiro visse perguntou-lhe por quanto tinha comprado o mantimento; o dono da casa respondeu-lhe

fielmente. Pouco depois despediu-se o frade, e seguiu com Ligeiro, que logo lhe deu o dinheiro, metade justamente do que era. O leigo calou-se ainda.

Poucos passos adiante os dois viajores tomaram pousada. Era em casa de um fazendeiro com quem o leigo muito se dava, onde costumava pernoitar, e cujo gasalhado, além de cómodo para um frade, era em extremo regalado. Lá por essas oito horas da noite apareceram dois vizinhos, e estes, com o dono da casa e o frade, assentaram-se a jogar uma manilha. Os parceiros não eram de graça, e jogavam forte; era a tostão ao tento, e cada um tinha diante de si um monte de moedas de prata de diversos valores desde a de quatro vinténs, até a de três patacas. Ligeiro em breve tempo familiarizou-se com todos os jogadores e uma vez por outra lhes vinha dar uma pitada de seu esturro. Tinha Ligeiro o seu tabaco numa boceta de chifre, que tinha menos de dois dedos de altura e quatro de diâmetro. Que fez ele? Tomou uma porção de cera amarela, e formando com ela uma lâmina que tomasse toda a superfície do fundo da boceta, estendeu-a no dito fundo: quando vinha dar tabaco a algum dos jogadores depositava a boceta sobre o monte de dinheiro daquele a quem dava tabaco, e carregando um tanto sobre a boceta, dizia:

— Tomai tabaco, amigo, tomai, que isto alivia o caco.

Ora, com o esforço que Ligeiro fazia sobre o dinheiro ficavam algumas moedas agarradas à cera, e Ligeiro, recolhendo a boceta com a delicadeza que o negócio exigia, fazia depois mui limpamente a sua colheita. Esta rapina foi feita a cada um dos jogadores por sua vez. Meia hora depois o delicado Ligeiro voltou, e com a mesma limpeza fez a sua linda operação. Daí a outra meia hora voltou, e principiou a operação de modo que o leigo devia ser o último: mas quando Ligeiro principiou a tal brincadeira, o frade, como distraidamente deixou cair um braço sobre o dinheiro, de tal maneira que não ficava espaço de dinheiro, para o donato pôr a boceta; este, sem se desconcertar, aproximou-se do leigo, dizendo distraidamente:

— Não quereis tabaco, meu padre?

— Não — respondeu o frade —, o vosso tabaco é muito forte.

Ligeiro voltou-lhe costas, e, segundo ele mesmo disse depois, murmurou isto: “Este diabo desconfiou!... Em verdade não seria ele franciscano se se deixasse embarçar por mim”.

Os jogadores jogaram até depois da meia-noite e por fim se retiraram. O frade dormiu até alto dia jantou aí, e depois do jantar prosseguiu sua viagem com o seu donatô. Já perto do Rio de Janeiro o leigo e Ligeiro se aboletaram numa casa do conhecimento do leigo; este tinha tal liberdade na família, que estava, entrava, e saía por onde muito bem lhe parecia. Era o leigo bem apessoado, não feio, apenas contava seus 30 e tantos anos de idade, ou 40, quando muito.

Entre as pessoas da casa havia uma rapariga cria da mesma, mas bonita como uma tal mulher podia sê-lo. Ligeiro não pôde vê-la senão com olhos pecaminosos; e desde que a viu nunca mais tirou dela os olhos e os sentidos. Assim começou ele a introduzir-se pelo interior da casa, como, segundo o nosso rifão, piolho por costura. Ligeiro, que andava com olhos sobre a rapariga, lá notou alguns sinais trocados entre ela e o leigo: ele calou-se, e não se deu por achado de tal. Reparou bem nos cômodos da casa, teve o cuidado de saber onde ela dormia e deixou-se ficar. Às horas de dormir foi-lhe dado um quarto vizinho ao quarto do leigo. Ligeiro recolheu-se a ele, deitou-se, e começou a velar. Passados alguns minutos, vendo que tudo estava em sossego, levantou-se sutilmente, e veio ao quarto do leigo, e puxando a porta trancou-a deixando o leigo preso em seu quarto. Feito isto, retirou-se, mas não para sua cama. Pela madrugada Ligeiro, pé ante pé, voltava ao seu quarto: ao passar pelo do leigo abriu mansamente a porta deste, e recolheu-se. O leigo nada disto viu.

De manhã muito cedo o leigo, meio arrufado, dizia à rapariga:

— Joana, por que trancaram a porta do meu quarto e me deixaram preso esta noite?

— Preso esta noite? — perguntou Joana admirada.

— Sim; dormi preso esta noite no meu quarto.

— Como, senhor? Vós nem estivestes preso, nem dormistes toda a noite...

— Joana, estais escarnecendo de mim!...

— Vós é que estais zombando comigo.

— Pois, Joana, não trancaram a porta do meu quarto, e não me deixaram preso toda esta noite?

— Como pode ser isto, se logo que todos se recolheram vós saístes de vosso quarto, e só voltastes para ele pela madrugada?!

— Asseveras-me que alguém esteve fora de meu quarto esta noite, e que andou vagando por esta casa?

— Não só vos assevero, mas também vo-lo juro.

— Bem. Já sei que isto foi peça deste maroto donato.

— Como? — disse Joana corando.

— Nada.

— Explicai-me isto.

— Ao depois.

— Não; quero saber já.

— Pois bem: eu vo-lo direi depois.

Era costume do leigo ficar nessa casa passando bem em todos os sentidos, uns três, quatro, e até seis dias, o que muito aprazia à dona da casa, senhora viúva, bela, fresca, que teria os seus 40 anos. O leigo, depois desta conversa com Joana, mandou preparar suas cargas para seguir viagem. Maravilhou-se a dona da casa desta pressa, mas o leigo lhe prometeu voltar de tarde.

Com efeito, prontos os animais, o leigo e Ligeiro, e o escravo de Santo Antônio seguiram viagem. Um pouco adiante tomou o leigo por uma picada, tendo deixado o escravo atrás, esperando-os em um lugar determinado, e seguindo por ela saiu num campestre, aí apeou-se o leigo, e disse a Ligeiro que fizesse o mesmo. Logo que ambos se apearam, disse o leigo a Ligeiro, apresentando-lhe uma pistola engatilhada:

— É ocasião de pagar-me quantos desaforos me tens feito, tratante.

— Que desaforos, senhor?

— Que desaforos? Pois ainda me perguntas, desavergonhado?!

— Eu não sei que desaforos. . .

— Não sabes? Pois eu tos digo.

— Pois dissei-me, que eu quero saber.

— Tu pedias esmolas para a religião, e quando mas entregavas tiravas para ti metade das esmolas: por exemplo, se te davam duas patacas, ficavas com uma, e me entregavas a outra pataca. É verdade?

— É verdade.

— Vendias mantimentos da religião, ficavas com metade do dinheiro. É verdade?

— É verdade.

— Quando estávamos jogando em casa do Pereira, não sei que tramóia fizeste na tua boceta de tabaco, e com ela saqueaste nosso dinheiro. É verdade?

— É verdade.

— Trancaste-me esta noite em meu quarto e saíste do teu e foste... tu bem sabes para onde... É verdade?

— Não é verdade.

— Não é verdade?

— Disse-vos tudo quanto fiz; o que não fiz não posso dizer.

— Bem. Por que motivo furtavas este dinheiro à religião?

— Não o furtei; guardei-o em meu poder para depois vo-lo restituir. Na verdade eu fazia o que dizeis; isto é, dividia as esmolas, e o produto dos mantimentos vendidos; e minha tenção era logo que chegássemos ao convento dizer-vos isto mesmo, dar-vos o dinheiro e propor-vos que ficásseis com o produto destas minhas economias, e que me desseis metade.

— E onde está esse dinheiro?

— No fundo da canastra que tem minha roupa.

— Por que fizeste aquela velhacada com a boceta quando estávamos jogando outro dia?

— Aquilo foi um confisco de estudante.

— E eu também entrei no confisco?

— Se fiz o mesmo com vosso dinheiro foi para os outros não desconfiarem, e até porque se algum percebesse a minha brincadeira, vendo que eu respeitava o vosso dinheiro, suporia que vós éreis entrado nela: mas eu fazia tenção de restituir-vos o vosso dinheiro.

— E onde está ele?

— Todo meu dinheiro está onde já vos disse.

— Por que me trancaste ontem no meu quarto ?

— Isto é o que não é verdade. Eu estava deitado no quarto, que me foi destinado: antes de dormir, alguém se chegou a mim, e me conduziu para onde me quis levar: fui, e não sei para onde; estive, e não soube, e não sei com quem. Bem vedes que foi ontem a primeira vez que em tal casa entrei, não sei seus cantos, e assim eu não podia sair do meu quarto e ir para outra parte sem guia.

— Restitui-me meu dinheiro, o dinheiro dos outros que estavam jogando, e o dinheiro das esmolas e dos mantimentos, que pertence à religião.

— Chamai o preto com as canastras.

Como estavam eles no campestre onde a picada desembocava nele, o leigo deu o andar para a picada gritando pelo preto, e como este não falasse foi entrando pela picada. Ligeiro apenas o viu encoberto no mato, tira um canivete da manga, e corta ambos os loros dos arreios do burro do frade, deixando-os apenas presos por uma tira de couro tão fina, que devia arrebentar-se na ocasião de montar-se. O leigo volta e diz:

— O preto está na estrada à nossa espera; vamos para lá.

— Vamos.

Dirigiu-se Ligeiro ao seu burro para montar, e o frade, desarmando a pistola, e metendo-a na manga fez o mesmo. Apenas viu Ligeiro a pistola desarmada, montou e largou o burro correndo a toda brida. O leigo vendo isto e supondo que o velhaco lhe queria escapar vai-se a seu burro para montar, e seguiu-o; põe o pé no estribo, e quando forcejou para ganhar a sela arrebentou-se o loro, e ele veio à terra. Com a queda espanta-se o burro, e deita a correr pelo campo. O frade desesperado começa a correr atrás do burro e este a fugir de uma para outra parte. Um quarto de hora depois chega o preto, ajuda a cercar o burro, e depois de apanhado pergunta-lhe o frade:

— Não viste o donato ?

— Ele saiu na estrada correndo, perguntou-me se eu tinha visto o burro, e eu disse que não; e ele disse que o burro tinha fugido; que tinha entrado por uma picada que ia sair

lá adiante; que eu viesse por esta picada para cercar o burro se viesse por ela; que ele ia cercar adiante na outra picada; e lá foi correndo.

— E tomou para a parte da cidade?

— Não, senhor; tomou pela estrada de São Paulo.

— Velhaco...

Ligeiro fingiu, é verdade, tomar pela estrada de São Paulo; mas apenas o preto se encobriu na picada tomou a estrada que se dirigia ao Rio de Janeiro.



Tarde XIII

Capítulo XXII

Do que houve no Rio de Janeiro depois da notícia
da morte de Juliano

Clara, a amante, a sensível, e saudosa Clara chorava pelo seu Juliano, como uma terníssima, e enamorada amante chora pelo seu querido. Não é que ela tivesse esperanças de ser sua esposa, pois ela a seu pai havia prometido não desposá-lo: mas a lembrança de que seu amor foi parte para sua morte amargurava seus dias, e penalizava seu terno coração.

Além disto há no coração humano alguma coisa de divino, que não entra na composição do circo da vida, que percorre a desgraça! Esse o quer que seja de divino, e por consequência de puro, de belo, e de elevado, não está debaixo do domínio de nossos infortúnios! Caídos uma vez no abismo da desgraça, vítimas de seus incompreensíveis caprichos, deve desaparecer diante de nós tudo quanto nos é caro: tudo isto a humanidade nos dá, e a humanidade nos tira. Por suas condições temos pois irmãos, esposa, filhos, amigos, e bens da fortuna; por suas condições perdemos tudo isto, e nos vemos isolados e pobres! É um capricho da desgraça exercida sobre a humanidade. Perdemos pois tudo quanto temos de condições da humanidade; mas aquilo que em nós é divino, isto fica tão intato nos seios de nossa alma, tão puro quase como a pureza de onde é emanado. E, pois, esse divino que há no fundo de nossa alma é a esperança!

Não foi sem grande razão que os teólogos chamaram a esperança uma virtude. Oh! Milagres da esperança! Abraão propõe-se a sacrificar seu filho esperançado de que o mesmo Deus lhe compensaria tal perda! Jacó serve sete anos ao pai de

uma bela, esperando em obtê-la, e iludido uma vez continua a servir outros sete anos a fim de obter o que mais desejava!

Ideal ditoso! Sacros prodígios da fantasia gerados nela pela esperança! Amortecem-se as saudades pelos prazeres, dissipam-se as lembranças dos desgostos passados; suavizam-se os males do presente; e no livro do futuro se lêem supremos gozos em linhas douradas! Como o tempo, dividido por espaços que se sucedem, nascendo este, apenas aquele morreu, assim a esperança sucede outra esperança! Aquela cai, perece, e se aniquila, esta nasce, cresce e vigora, até que por seu turno também tem a mesma sorte, para dar lugar a outra esperança! Sem ela a vida não seria vida. Como esta força espiritual que anima ao corpo, ela é uma força divina, suprema, ainda mais espiritual, se é possível, que anima a alma: a alma que não tem esperança não vive. Tirai a esperança do coração do homem, e vós vereis nele um autômato falante, e ambulante. Mas a esperança é sempre modificada por nossa crença religiosa, por nosso sistema filosófico, por nosso partido político, por nossa educação, por nossos amores e por nossas inclinações! É pois um prisma que há em nossa alma, e em nossa alma esse prisma nunca tem mais que uma face iluminada; e essas faces brilham alternadamente, até que a último lance brilha uma luz bem que não equívoca, mas todavia luz! É a luz da esperança junto do túmulo!

Quando na idade decrépita, junto da morte, a esperança das coisas mundanas tem brilhado nas diversas facetas do grande prisma dos cálculos, já um pouco fria, depois desse longo curso, apenas uma face lhe resta, onde brilha já com enfraquecida luz; é a derradeira esperança, a esperança de além-túmulo, a esperança sagrada, pela qual esperamos um descanso eterno, uma vida cheia de gozos místicos, e de descanso eterno! E pois, na derradeira quadra da vida, ainda a esperança não abandona a uma alma eminentemente cristã! E então nesta quadra de enfermidade, desgostos e de temores, que esperará o ateu, que esperará o materialista? Ai deles, porque não têm esperanças, nem lhe resta a menor consolação nos últimos dias de sua vida!

Triste do coração onde morreu a esperança! Era este o deplorável estado do coração de Clara, porque ela já não tinha

esperanças! Mas as de além-túmulo, essas tinha ela, que o espírito do mal não as havia aniquilado em seu coração!

Enquanto viveu Juliano essa virtude existiu no coração da donzela... Quem sabe? Não era ela amada, e ternamente amada por esse Juliano a quem ela queria, como pode querer um coração enamorado, todo perdido de amor, e esperançoso de felicidade? Quem sabe? Quem era a única pessoa que se opunha à sua união com Juliano? Seu pai... mas se um dia seu pai deixasse de viver... ela daria seu coração a quem muito bem quisesse. Oh! Às vezes um só traço da morte trans-torna, derriba, e aniquila os mais bem delineados planos da vida, onde sobressaem uns traços, que de tão bem lançados se não deixam desmentir pela certeza do matemático compasso! E a sorte, de caprichosa que é, ilude a todos os instantes os traços de nossos planos, enganados sempre e presumidos, que se ostentam!

E pois, quem sabe se Clara, apesar de seu pai, nutria ainda essas lisonjeiras esperanças a respeito de seu querido; esperanças que o melancólico amor de adrede sabe dourar no coração de quem ama? Quem sabe? Mas a notícia da morte do seu Juliano solapava pela raiz essa esperança consoladora, e arruinava, e destruía a maravilhosa e brilhante fábrica do seu futuro, que seu belo ideal, servindo-se dos males de amor, tinha com tanto afã, e com tanto prazer construído nesses supremos momentos, consagrados ao ardor sublime de uma fantasia ternamente enamorada de um tão doce amor!

Ah! Tudo estava para ela acabado, tudo, e para sempre! A primavera de sua vida, os dias felizes de seu amor, tudo havia para ela passado, tudo, e sem esperanças de volta!

Que importa tudo quanto em torno dela se revolvía, se nada para ela era feito? Alguma coisa porém para ela havia sido feita, essa coisa era uma pessoa, essa pessoa um homem, esse homem para outros homens se tinha chamado Juliano; mas para ela havia tido outro nome; esse nome era claro e misterioso, porque ele simbolizava o misticismo de seu coração! Abstrato, e ao mesmo tempo concreto e simples, e ao mesmo tempo complicado, só ela o entendia, só ela o sabia traduzir, porque esse nome se exprimia em linguagem do co-

ração! Mas esse nome tão doce que destilava em seu coração essas doçuras deliciosas, partes de um amor ideal, em que suavemente se banha a alma de quem ama, esse nome, digo eu, estava riscado, porque a morte tinha passado sobre ele, ensopada em pranto, a sua funesta esponja! E pois, a alma de Clara era uma alma sem esperanças, e sem temores, porque nada já esperava do bem, porque nada já temia do mal! Em sua soledade, sagrou por muito tempo suas saudosas lágrimas a seu amante: chorou pois; e 15 dias depois da morte dele chorava, como viúva amante chora pelo terno marido, que a morte lhe tem arrebatado! Deixemos entretanto a filha de Paulo em sua amargura, e vejamos o que tem feito o padre Roberto, depois da notícia da morte de Juliano.

Oito dias depois de se haver divulgado a morte de Juliano, Roberto, estando em casa de Paulo, lhe disse:

— Ora, parece, meu amigo, que Deus vos tem amado debaixo de sua imediata proteção, e que vela por vossa honra, e de vossa família, como um que vigia cuidadoso sobre um filho querido.

— Por que, padre?

— Porque a morte de Juliano, depois de ter ele adquirido tanta glória em Missões, fez, por assim dizer, com que seu crime, aqui perpetrado na pessoa de Leôncio, ficasse como esquecido. Hoje já se não fala no assassinio de Leôncio perpetrado por Juliano; e ninguém falava nesse nome senão com admiração, e com glória. Todavia isto é mui pouco para contentar um pai, que vendo sua filha ligada a um homem tão cheio de contradições, já tão valente praticando heróicas ações num campo de batalha, e já tão covarde assassinando traidoramente a um homem, sempre se encheria de tristeza vendo sua filha assim desposada; porque mais tarde o mundo se esqueceria do guerreiro, e só se lembraria do assassino! Entretanto Deus, que sempre faz o melhor, levou Juliano para si, e bem que vós podíeis dispor dela, como seu pai, com efeito entendia eu, e entendo que lhe devíeis fazer a vontade, que era que se não casasse enquanto tivesse Juliano; era isto um capricho da parte de vossa filha, mas caprichos em senhoras são coisas bem triviais; esse capricho porém parecendo justo até certo ponto, justo era igualmente que um pai a ele ace-

desse. Ora, Clara, deveis estar lembrado, quis ficar solteira, ao menos dizia ela, enquanto juliano fosse vivo. Esta condição foi satisfeita, porque ela não se casou durante a vida dele. As coisas agora têm mudado inteiramente. Juliano já não vive, Clara está solteira, assim ela desenvolveu toda fidelidade para com seu amante; fiel, não desposou outrem durante a vida dele: mas agora que ele não vive, ela não pode, nem deve pagar às suas cinzas uma fidelidade que ele não exigiu, e nem podia exigir; que nem as mesmas viúvas costumam pagar às frias cinzas de seus maridos; porque os mortos não a exigem, e se a exigissem era exigir o que não deviam, e nem a humanidade podia sujeitar-se a tal exigência!

Vós mesmo fostes o autor da idéia do casamento de Clara com Leôncio; e falando como amigo, dir-vos-ei que ela não poderá encontrar homem algum que mais digno dela seja. É muito de presumir que vós ignoreis o poder dos encantos de vossa filha; mas convém que vos diga que uma vez despertada em Leôncio a idéia de ser marido de Clara, essa idéia é de tal transcendência, que, tendo-se uma vez esposado com a alma de qualquer homem, era para permanecer eternamente nela. Daqui podeis ver o pesar de Leôncio quando soubesse que Juliano era um estorvo à sua união com tão formosa mulher! Mas que remédio? Resignar-se: e é o que fez. Eis que agora, contra nossa expectativa, esse estorvo desaparece, e tendo desaparecido, já vedes que Leôncio volta de pronto a essa idéia que vós mesmo lhe despertastes. É preciso pois dar alguma saída a Leôncio; que quereis que lhe diga?

— Há dias, meu padre, que me tenho lembrado disso, e estou de firme tenção a falar a minha filha: e posso afiançar-vos que Leôncio será marido de Clara.

— Pois bem; falai-lhe pois. Permitti que vos advirta sempre de que vossa energia neste negócio, e império de pai devem ter muita parte.

— Deixai o negócio a mim: já vos disse que Clara há de ser mulher de Leôncio.

— Eu nada mais desejo do que vê-la feliz; vós o sabeis.

— E disso não duvido, nem hei de duvidar um só instante.

O padre despediu-se pouco depois, e Paulo em consequência da sua palavra dirigiu-se a sua filha. Clara esperava

todos os dias por isto, assim não estranhou que seu pai lhe falasse no casamento de Leôncio com ela.

Paulo disse a sua filha quanto julgou dever dizer-lhe nessa ocasião, a fim de resolver a desposar-se com Leôncio. Clara, tendo-o ouvido com todo o sossego, respondeu-lhe:

— Quando uma filha achou, durante sua vida, meios para não só ser ditosa, mas também fazer a felicidade, a glória, e o orgulho de seu pai, esta filha, senhor, pode e deve considerar-se feliz. Não é porém que nessa filha houvesse sempre, e em tudo, e por tudo uma cega obediência aos decretos de seu pai: é que seu pai nunca exigiu dela sacrifícios, nem lhe impôs deveres superiores às suas forças. Sempre um filho é feliz, quando seu pai conhece os limites do poder paternal, e a extensão dos deveres filiais. Meu pai, a felicidade individual é uma coisa em que o coração tem tanto império, que não pode ser feita, nem modelada por outrem, sem o livre consentimento do coração: e ainda quando não nos achamos mal na felicidade que outrem nos ditou, sempre essa felicidade tem o que quer que seja de defeituosa, porque ela não é obra nossa!

Neste momento, o mais crítico, e o mais solene de minha vida, seja-me concedido, meu pai, que eu vos diga a verdade. Entre mim e a morte não há mais que um passo. Minha voz deve ser ouvida, porque é uma voz que se levanta de um túmulo!

Nunca, segundo me lembro, exigistes de mim coisa alguma, não obstante, podeis contar sempre com minha obediência. Não foram poucos os mancebos que enamorados de vosso dinheiro pediram-vos minha mão, e vós me consultando, ouvindo de mim uma negativa, nunca quisestes entrar com eles em conclusão: cumpre porém confessar que se o quisésseis acharíeis a minha obediência sempre disposta a sujeitar-se a vossos mandados. Eis senão quando eu fui pedida em casamento por Juliano, eu quis ser sua mulher. Longe a mentira, eu quis com toda a vontade de meu coração; e vós, senhor, deveis lembrar-vos, o quisestes com tanto ardor como eu. Tratou-se pois esse casamento em que eu punha toda a minha felicidade, toda a minha glória, todo o meu futuro; e certa de que vossa alma seria incapaz de uma mudança que mal vos assentasse,

comecei de então para cá a considerar-me como a esposa de Juliano. Fui pois feliz, vós mo fizestes, vós, meu pai, e o céu vo-lo pague. Um amoroso pendor, uma simpatia amante tinham é verdade falado em meu coração em favor de Juliano; mas vós vos encarregastes de velar sobre este pendor, de cultivar esta simpatia, e até, consenti que o diga, acendestes na minha alma a mais decidida paixão por esse mancebo a quem já olháveis como vossu

— E ele o seria hoje se não fosse seu crime.

— Crime! Qual crime, meu pai?

— Assassinato do licenciado Leôncio.

— Ah! É verdade! Nem já disso me lembrava; mas seria melhor dizer-se: ele o seria hoje se não tivesse invejosos inimigos, que o quiseram perder.

— Mas quem são esses inimigos? Eu de nada sei.

— Nem eu; mas há sobre Juliano mistérios que nem vós, nem eu sabemos, e nem jamais poderemos saber, porque ele já não vive; mas para que perturbar a paz dos mortos? Ele já não vive, e a mim nada mais pertence que orar por ele a Deus, e abençoar sua memória, se porventura isto vos não ofende, meu pai. Permitti porém que eu continue. Assim pelo que já vos disse, vós vedes, meu pai, que fostes vós o culpado de em mim desenvolver-se tanta paixão por Juliano. Que exigistes vós de mim, senhor, quando, supondo a Juliano criminoso, não consentíeis em que fosse eu sua mulher? Exigíeis que eu o não desposasse. Isto fazia a minha infelicidade, porque, consenti que o diga, Juliano está tão criminoso no assassinio do sr. licenciado Leôncio, como eu, ou vós estais...

— Mas quem foi o que correu tendo ferido ao licenciado?

— Eu não sei: mas fosse quem fosse, o certo é que não era ele.

— Ó rapariga... essa é boa! Se eu o vi correr!

— A ele não, meu pai.

— Pois a quem?

— A um homem vestido como ele, é verdade, e por isso o licenciado gritou que Juliano o ferira; não, não era Juliano.

— E tu como sabes que não era ele?

- Porque vi correr o agressor.
- E o conheceste?
- Conheci que não era Juliano.
- E como conheceste?

— Eis aí, meu pai, o que é para vós um verdadeiro mistério! Muitas vezes eu estava à janela, Chica também estava comigo (assim é que Clara chamava àquela que a tinha criado) e às vezes também Maria (era uma rapariga sua mucama, que com ela fora criada), muito longe aparecia um moço da altura de Juliano, e vestido como ele, seu andar, seu passo eram de Juliano, e elas diziam:

“Lá vem o sr. Juliano”. Eu olhava e dizia: “Não é ele”. Elas teimavam que era ele, e eu que não era; e com efeito não era. Outras vezes eu o via dirigindo-se a nossa casa, mas, porque vinha mais devagar, ou mais apressado, ao longe não parecia ele; não obstante, dizia eu: “Lá vem meu noivo”. E elas diziam que não era; havia então uma teima que era e que não era, e afinal eu vencia porque era ele. É um mistério, mas é verdade. Quando amamos nunca nos enganamos sobre o objeto do nosso amor; nunca tomamos a pessoa que amamos por outrem, nem outrem pela que amamos. Nosso coração adivinha, porque entre nossas almas existe uma relação íntima. Os gestos, as formas, os modos, as feições, o metal de voz, tudo da pessoa que amamos está representado em nossa alma de tal maneira que um disfarce qualquer nos não pode iludir! E pois o agressor de Leôncio seria tudo, exceto Juliano...

— Bem, bem: mas nós não tratamos aqui de Juliano, nem de sua inocência.

— É verdade, senhor; eu prossigo. Exigistes que eu não desposasse Juliano; era exigir muito, muito, porque era exigir o sacrifício de tudo quanto eu mais prezava sobre a terra, depois de vós. Vós o sabeis, meu pai! Vós sabíeis que consentindo eu em abandonar Juliano vos sacrificava minha felicidade, o sossego de meu coração, a tranqüilidade de minha alma, a minha mocidade, se alguns a natureza me deu, meus encantos, minha algeria, e todo meu futuro... Esse campo, onde me haviam sorrído todos os encantos da natureza! Esse campo, que vós mesmo, meu pai, havíeis coberto de flores

que eu devia colher, ao lado do mortal que vós me destináveis, e que o mesmo Deus parecia confirmar para meu esposo! Entretanto vós sabeis que nada sobre a Terra existe capaz de compensar-me tantos prejuízos! Mas vós exigistes, e consentindo eu em vossas exigências morria para o mundo. Consentiu pois, e deixei de viver; minha vida daí para cá não tem passado, não passa, e não passará de uma vegetação triste, e penosa, como a vegetação de uma árvore oprimida por arbustos parasitas!

Senhor, se vos eu dissesse que tendes cometido dois assassinatos, não mentia...

— Dois assassinatos, eu?!

— Sim, meu pai, dois assassinatos! Um moral e outro físico.

— Clara...

— Perdão, meu pai, mas vossa filha não mente.

— Mas como?! A quem assassinei eu??

— A vossa filha, e a vosso prometido genro.

— Como? Fui eu que mandei assassinar a Juliano?

— A mim vós assassinastes moralmente! Não vivo! Uma triste, uma lutuosa vegetação enche meu dias! Nunca, nunca mais serei feliz! Quanto a Juliano, fostes, perdoai-me, o autor de sua morte. Exigistes a sua ida para as Missões... se ele não fosse, viveria ainda!

— E podia eu embarçar aquilo que Deus tinha determinado?

— E com que condições, senhor, exigistes sua ida para as Missões? Vós as sabeis; para fazer esquecer a lembrança do ferimento do licenciado Leôncio e voltando... e voltando, minha mão seria dele! Havíeis dito, meu pai... vós o havíeis dito... Ainda mais: tudo vou percebendo... Houve tempo em que nada do mundo vos faria mudar de palavra... mas hoje...

— Hoje o quê?

— Passado pouco tempo, apesar da promessa feita a Juliano, exigistes de mim que o abandonasse, que me casasse com Leôncio. Sujeitei-me ao vosso primeiro pedido, porque

estava em minhas mãos consentir nele, ao segundo não, porque não era de minha alçada.

— Então de quem ?

— De Deus. Amarmos, e não pertencermos a quem amamos, sacrificando nossa afeição a nosso pai ou a qualquer respeito humano, isso faz uma mulher virtuosa; mas pertencermos a quem não amamos, isso faz qualquer dessas mulheres sem honra, sem timbres, sem caprichos e sem sentimentos nobres !

E pois, não casar com Juliano, isso me permitia; mas casar com o licenciado Leôncio, não. E que fiz eu ? Abandonei Juliano, isto é, abandonei meu sossego, minha tranqüilidade, meu amor, minhas afeições, minha felicidade, e o meu risonho futuro. E que pedi em troca disso ? Um convento, que então só me pareceu bom, e quis ser esposa de Jesus Cristo, já que não tinha podido sê-lo de Juliano, porque Jesus Cristo, e só Jesus Cristo podia, com vantagem, minha tomar o lugar destinado a Juliano ! Isto vós não me consentistes, meu pai. Eu havia nascido com sina de sofrer injustiças, e pressões ! Não sois vós o culpado; queixo-me de minha má estrela ! Por último supliquei-vos que consentísseis em que me não ligasse a outrem enquanto Juliano vivesse. Fui imprudente; devia dizer: “enquanto eu viver”. Mas minha carreira estava cheia, supus que meus dias o estariam, e em todo caso acreditei que Juliano não morresse tão breve que eu não sobrevivesse. Enganei-me. Juliano não vive já, e querendo eu ficar solteira, pela minha prudência, só enquanto ele vivesse, morto ele e concluída a condição do meu celibato, morto ele, devo eu, segundo a condição por mim mesma imposta, sujeitar-me a tomar um marido que vós me quizerdes dar. Senhor, tenho uma única palavra, nem contrário podia ser, sendo eu vossa filha ! Tenho uma única palavra, e não mudarei dela ! Eu o disse: Juliano é morto, e vós podeis dar-me o marido que vós quizerdes.

— Eu não te obrigo, Clara.

— Estou pronta a cumprir a vossa vontade.

— É se quizeres.

— De quem devo pois ser esposa ?

– Trato do licenciado.

– Sinto que não seja eu muito digna do sr. licenciado
Leôncio.

– És digna, e muito digna, minha filha.

– Serei esposa de Leôncio, senhor.

– Graças a Deus.

– Sim, meu pai, serei sua esposa.

– Hei de te ver feliz!

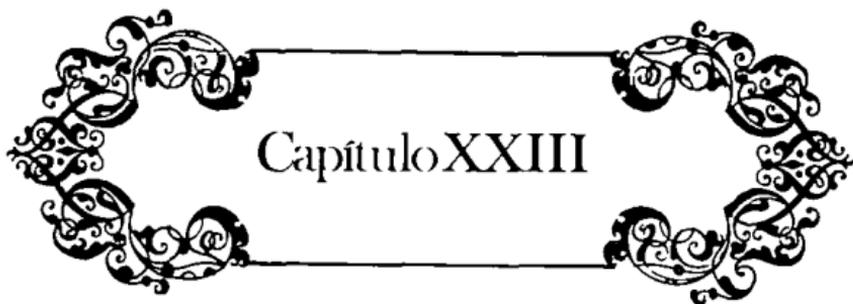
– Eu o conto de certo.

– O teu futuro será belo, e risonho.

– E seguro, e sem quebra de felicidade.

– Sim, sim: tu serás feliz – disse Paulo satisfeito.

– E eternamente feliz – disse Clara com um tom verdadeiramente trágico.



Capítulo XXIII

Como o licenciado Leôncio se aprontou
para receber Clara

A força de simpatia de Paulo para com Leôncio era tal, a afeição que este homem votava ao padre Roberto era tão forte, o desejo de agradar-lhe tão premente, que apenas obteve o sim da filha, consentindo em ser mulher de Leôncio, saiu imediatamente e partiu para o colégio dos jesuítas. Aí, em sua cela, achou ele a Roberto, e com um prazer, que lhe saía do coração, um prazer indizível, lhe deu para ele a mui faustosa notícia da resolução de sua filha! Os meus leitores bem podem ajuizar de qual seria o grau de prazer que inundou a alma do padre!

Tudo estava vencido, graças às suas medidas! Roberto devaneado, como o pavão contemplando a beleza, o colorido, e o radiante de suas penas, repassava, cheio de orgulho e de entusiasmo em sua escandecida mente, os meios infames de que se havia servido! E que lhe importavam esses meios, embora indignos como a alma do traidor, embora vis como o lixo do esterquilínio?! Que lhe importavam essas infâmias, essas indignidades, e essas vilezas, contanto que ele chegar pudesse a seus almejados fins? Que lhe importavam os seus desígnios?! Contemplava pois os seus feitos, como o pavão as suas plumas, porém mais feliz que a ave de Juno, passando do devaneio que lhe inspiram suas belas penas à tristeza em que se abate encarando seus pés, Roberto, da contemplação de seus feitos, não passava à dos meios de que se servira! Homem do presente, o passado não tinha sedução para ele, e o futuro era um fantasma da realidade, ou antes uma pa-

lavra oca de sentido, sem interpretação moral de qualidade alguma! Se algumas vezes porém a tarda e sufocada voz da consciência — porque o malvado também tem consciência de seus feitos — lhe dizia: “E o futuro?”, a voz do crime que tão poderosa imperava em sua alma lhe respondia: “No futuro novos meios!”

Como o político, que muitas vezes com uma simples dúzia de traços de sua pena decreta a ruína de alguns centos de famílias, e a morte de alguns milhares de pessoas, em nada se lhe dando que os meios que emprega sejam antípodas das leis da natureza, e a aversão da ordem social, contanto que sua bárbara, e inqualificável ambição, a que ele com escandaloso descaramento chama política, logre todos os fins, que ele dispôs, como consequência de seus meios, assim era Roberto em todos os seus planos! E o mais é que ele via esses meios coroados por um êxito feliz, que de tão longe havia previsto.

E qual era o êxito feliz! Roberto havia se enamorado de Clara: homem calculista, velhaco, e simulado, calculou seu estado; não obstante, tateou com mão de mestre, e com melindrosos dedos, o coração da jovem; ele era incapaz de um crime, mas o de Roberto era capaz de mil! O coração de Clara pois era puro como um coração de anjo, e inocente como um coração de pomba! Mas quem sabe! Uma sedução levada com tento, e arte, disfarçada com manha, e jeito, poderia talvez surtir seu efeito, e efeito desejado! E depois restava-lhe o tempo, esse grande meio com que ele contava, como mais seguro. Assim, como amigo de Paulo, como seu conselheiro, tirar-lhe-ia sempre da cabeça, como tirava da de Clara, o desejo de casá-la. Durante esse tempo, quem sabe talvez sua sedução tivesse já obtido alguma coisa, senão... Paulo não viveria muito; Clara ficava em liberdade, ele com ela, e da honestidade e segurança de uma mulher livre nem sempre há muito que recear, e quase sempre muito que esperar a tal respeito. Assim foi que Roberto empregou por muito tempo sua eloquência pregando a Clara o celibato. Eis senão quando aparece Juliano no princípio como amante, e logo como candidato à mão de Clara. Não fora ele sobrinho, e tão querido de Agostinho, talvez o proprietário mais rico do Rio de Janeiro, e tão conceituado como era, não fora ele sobrinho

desse homem tão rico, e cujo herdeiro ele seria, que Paulo não trataria um tal casamento sem o beneplácito de Roberto! E pois com tais auspícios Juliano era um rival para temer-se! Era, mas Roberto viu esse rival desmontado da opinião pública pelo assassinio de Leôncio, como ele pensava! Perdido no ânimo de Paulo, e por último morto, porque era o que ele mais desejava.

Roberto não era homem de meias medidas, e ele sabia bem que o amor de uma mulher a um rapaz feliz nunca se despedaça senão de encontro à lousa do sepulcro, debaixo de cujo peso descansa esse rival.

Livre assim de Juliano era mister uma de duas coisas, ou que Clara se não casasse, e ele continuar seu plano, ou que casando fosse com um marido que quisesse prestar-se a seus caprichos... militava a segunda em toda sua plenitude, porque Leôncio a tudo se prestava com o câmbio apenas de alguns mil cruzados: mas seria Leôncio sincero? E por que não, sendo ele infame, e ambicioso? Que restava então? Não abrir caminho a Leôncio no coração de Clara... Não isso, porque isso não queria Roberto. O que restava então? Impor-lhe um marido, e fazê-la aceitar: Paulo, o pai de Clara, inconsciente procurador de Roberto, inconsciente protetor de seu infame amor, cego instrumento das infâmias de Roberto, e de sua própria desonra, Paulo pois o havia feito! O que restava então? O futuro. E o futuro? No futuro novos meios! Tudo pois estava feito, graças aos meios do padre Roberto!

Eis aqui os feitos, que Roberto, tão cheio de si, repassava em sua imaginação, feitos de que ele com tanto gosto se aplaudia! Tudo finalmente estava feito e seus fins iam ser coroados com êxito verdadeiramente feliz! Clara havia se sujeitado à vontade de um pai; daí a 15 dias, pouco mais ou menos, Leôncio, como procurador de Roberto, receberia a mão de Clara; no seguinte dia o noivo se retirava, e Roberto ficaria como procurador de Leôncio! Tudo pois ia bem.

Quando Paulo se apresentou a Roberto, em sua cela no colégio da Companhia de Jesus, apenas viu o padre, ao entrar, exclamou com todo fogo de seu entusiasmo:

- Venho dar-vos um abraço.
- Pois eu aqui estou — respondeu-lhe o padre.
- E sabeis vós pelo quê?

- Não; mas pelo que vejo estais muito contente.
- Sim, muito contente.
- Trazeis pois uma boa notícia?
- Ótima: haveis de estimar muito.
- Ótima, dizeis?
- Sim, ótima.
- E que eu hei de estimar muito?
- Assim o creio.
- E então o que é?
- Ora, adivinhai.
- Não me consta que tivésseis alguma demanda...
- Que quereis dizer?
- Que se tivésseis demanda, vínheis dar-me notícia de que a tínheis vencido.
- Pois não tenho, nem nunca tive. Além disto a notícia que vos trago é melhor do que a do vencimento de uma demanda, se a tivesse.
- Melhor do que a do vencimento de uma demanda?
- Sim; sem dúvida melhor.
- Recebestes algum dinheiro, com o qual não contáveis mais?
- Melhor do que isso.
- Então não sei o que seja.
- Adivinhai pois.
- Não posso adivinhar, já vo-lo disse.
- Pois eu vos digo.
- Pois disse: bem vedes que eu estou impaciente.
- Aquele negócio está arranjado...
- Que negócio, homem?
- Ora, que negócio? Pois que negócio há de ser?
- Pois se eu não sei, como o quereis?
- Como sois esquecido, padre!...
- Meu amigo, estais zombando de mim.
- Com que não sabeis que negócio é?
- Não.
- Pois é o casamento da menina.
- Como! Vossa filha?!
- Sim, minha filha.
- Casa-se?
- Certamente.

— Com quem ?
— Não sabeis com quem ?
— Não. Nada me tendes dito ! . . .
— Com quem desejáveis vós que ela se casasse.
— A falar-vos verdade com ninguém.
— Como ? Com ninguém ? !
— Sim: antes quisera vê-la feliz, sendo solteira, que casada.

— Mas no caso de casar-se ela ?
— Vós mesmo me falastes em Leôncio.
— Ah ! bem, bem. Ora, graças a Deus que lembrastes.
— Que dizeis ?
— É o que vos digo.
— Vossa filha resolveu-se a ser mulher do licenciado ?
— Sem dúvida alguma.
— Muito me admira isso.
— Minha filha é uma moça de juízo.
— Contai-me isso; contai-me.

Paulo deu conta ao padre de tudo quanto se havia passado entre ele e sua filha, isto sem reflexão alguma, e com o maior contentamento possível. Finda esta narração, disse Roberto:

— E já participastes a Leôncio ?
— Inda não, nem o vi depois que tive a decisão de Clara.
— Parece-me que não seria mau avisá-lo já.
— Assim também eu entendo.
— Sim; porque isto de casamentos devem ser acertados e concluídos.

— Assim também eu o penso ! Estará o licenciado em casa agora ?

— Talvez.
— Vamos nós a sua casa ?
— Como quizerdes.
— Pois parecia-me isto bom.
— Então vamos.
— Sim, vamos causar-lhe uma agradável surpresa.
— E quando se verifica isso ?
— Quando o licenciado quizer.
— Pois vossa filha já está pronta ?

— Nada lhe falta. Bem sabeis que para o casamento contratado com Juliano fez ela o seu enxoval.

— Ah! Não me lembrava disso. Então pode com toda a brevidade?

— Com a brevidade que o licenciado quiser.

— Bem. Então é mandar correr os pregões.

— Sim. Entretanto o exército de Missões está a chegar...

— E o que tem o exército de Missões?

— Desejava eu que o governador Gomes Freire de Andrade fosse uma das testemunhas do casamento de minha filha.

— Quereis pois dar a este ato solene todo aparato possível?

— Bem sabeis que sou muito rico, e bastante conhecido; e quisera que o casamento de minha filha fosse com alguma grandeza.

— E se eu fora tal não faria.

— Por quê?

— Não: mas enfim... todos souberam que vossa filha estava para casar com Juliano...

— Mas Juliano já é morto.

— Dirão pois que vós estáveis só esperando pela sua morte para dardes vossa filha a Leôncio. E quem sabe se daí inferirão coisas odiosas.

— Que coisas odiosas?

— Pois não sabeis que quando a calúnia quer exercer seu venenoso dente, nunca lhe faltam objeto e meios?

— Bem sei: mas supunha que daqui nada de mau podia resultar.

— Assim parece; mas todas as ações têm dois lados, ou mais; e os malvados sempre as encaram pelo pior.

— Assim é.

— Ora, se assim é, convém que fujamos de interpretações odiosas. Dir-se-á que Clara casava com Juliano contra vossa vontade, e que apenas ele morreu vós a obrigais a tomar por esposo a Leôncio que era o vosso escolhido. Por outra, dir-se-á que Clara era obrigada por vós a casar-se com Juliano, e que, morto ele, ela casa-se com Leôncio, seu eleito: assim podem dizer que um dos dois não era do vosso gosto, nem do dela. Enfim, podem dizer muita coisa, e coisas odiosas, e então acho bom que tudo isso se evite.

- E como ?
- Muito bem. Fazendo-se este casamento sem estrondo algum.
- E apesar disto não se há de saber ?
- Valha-me Deus ! Mas quando se souber já estão casados, e então falar-se-á menos.
- Visto isso, em que assentais ?
- Em que se faça este casamento sem aparato algum.
- Pois seja assim. Vamos ver se encontramos o licenciado ?
- Vamos.

Dito isto, Roberto começou a aprontar-se para sair. Durante o tempo em que se preparava é que ele se entregou às suas meditações, repassando seus feitos por sua cabeça, e se aplaudindo deles. Enfim o futuro sogro, e o amigo de Leôncio partiram para a sua casa.

Leôncio vestido em hábitos caseiros, metido em um largo chame, estava sentado em um canapé meio recostado, tendo o cotovelo esquerdo firme sobre um pequeno travesseiro, e a face sustentada sobre sua mão. Ele estava mais vermelho do que de costume era; sua testa estava coberta de rugas, sobre cuja superfície parece que passavam umas após outras funestas idéias, que rolavam em sua cabeça, e oprimiam sua alma ! Seus olhos fitos em um ponto estavam imóveis, e nem pestanejavam. Leôncio era belo, mas neste momento estava mais sublime que belo ! Ele meditava e meditava muito. Angustiosas e pesadas eram as idéias que turbilhonavam em sua cabeça ! Dir-se-ia que um amigo sincero, com a mesma majestade com que um profeta argüia ao povo de Deus, o argüia tropejando com uma voz de ferro ! Dir-se-ia que este amigo lançava-lhe em rosto sua fraqueza, e suas indignas condescendências, e que Leôncio, oprimido, esmagado até, debaixo desta repreensão severa, nem ousava levantar seu rosto envergonhado, e nem tampouco encarar aquele, que tão asperamente o repreendia !

Seria talvez este um momento solene em que sua consciência lutava contra sua vontade, ou antes contra seu ânimo de escravo, e sua consciência reganhando quase seu império ia conseguir um triunfo, fazendo que sua vontade atingisse o supremo fim para que fora criada, isto é, o uso de sua liberdade ?

Quem sabe? O homem fraco, que se deixa levar por sugestões de amigos é tão suscetível de vício, como de virtude. Leôncio seria virtuoso, se um bom amigo o conduzisse à virtude, assim como era ele vicioso porque um malvado dispunha, por assim dizer, de sua vontade! Mas este momento de meditação em que o jovem estava envolvido era talvez um momento propício para que sua liberdade reganhasse seu império, e sua razão triunfasse de suas loucuras! Assim tivesse ele um bom amigo que habilmente soubesse aproveitar-se desta ocasião.

Solene pois era o momento, e Leôncio já via seus crimes e suas infâmias debaixo de uma forma horrível, e tão gigantesca, que já não lhe deixava lugar a ilusões!

Milagres do amor! Ele muda, por assim dizer, a nossa alma! Transforma nosso coração! Nos dá outro caráter, e nos reveste de outro ser! O vicioso começa a achar bela a virtude, se virtudes tem o objeto de seu amor! O virtuoso abandona a virtude se o objeto que ama é alheio à virtude! Destarte o inocente se torna criminoso, e o criminoso honrado. Milagres de amor! Sua força é um prodígio inqualificável, como seu poder um milagre indefinível. Essa misteriosa cadeia de prodígios, cujo primeiro elo atou-se tão forte no coração do primeiro homem a prender o último no coração do derradeiro homem, e forte, e inabalável, simbolizando a educação do universo, porque durará tanto como ele, prende em um círculo a natureza inteira! Milagres do amor! Eles podem tudo, e o que eles não puderem nada mais pode!

Leôncio tinha a princípio pretendido a mão de Clara por um efeito de cálculo, um motivo de ambição, querendo enriquecer-se à custa de seus bens; mas o moço era insensível aos encantos da beleza. Mas Clara era tão bela, que Leôncio não a poderia ver muitas vezes sem amá-la. Com efeito, o jovem pensara em Clara muitas vezes, e cada vez que a via uma voz interna falava em seu coração, e lhe dizia assim: "Esta mulher tão bela nasceu para ser feliz, e não vítima dos caprichos de uma padre apóstata, de um ateu maldito!" Então ele lembrou-se de Juliano; Leôncio o conhecia de perto, e sabia bem quantas e boas virtudes haviam adornado a alma desse moço honrado! Nestes pensamentos, as infâmias praticadas com Juliano lhe pareciam horríveis! "Juliano era digno

de Clara, dizia ele, e ninguém mais digno do que ele!" Agora o sangue de Juliano caía sobre sua cabeça! Agora sua morte enchendo sua alma de remorsos despedaçava seu coração! "Não, exclamava ele, Clara, esta mulher tão bela, esta mulher tão amável não será vítima desse malvado, deste infame padre!" Nestes pensamentos era mister, ou desfazer-se de Roberto, ou iludi-lo ou abandonar Clara! Terrível era qualquer dos meios. Para desfazer-se de Roberto era preciso um crime: para iludi-lo, isto é, desposando-se com Clara, e não a abandonando ao padre, segundo o tratado, sua ruína era infalível, sua morte certa, porque que importavam mais um, ou dois crimes para quem tantos já tinha, e uma ou mais mortes para quem não acreditava em Deus, nem na outra vida? Restava o abandonar Clara, mas abandoná-la? Abandoná-la, ficando ela exposta às intrigas de um ímpio, de um rival, porque ele já considerava o padre como tal, era cruel, era insuportável! E demais, abandonar a quem se ama é para um coração de ferro, cuja imperiosa vontade seja uma lei imutável! Leôncio? Não; Leôncio o não podia. Então o arbítrio mais fácil para ele era o desquitar-se de Roberto! Mau era ele, porque era necessário um crime. Que fará pois Leôncio? Ele queria reconquistar sua liberdade, e fazer sua vontade digna da mente do supremo árbitro que tão livre criou a vontade do homem; mas a conquistar sua liberdade, usar de sua vontade, como bem lhe aprouvesse à custa de um crime, era sempre mau. Que faria pois Leôncio?

Outro homem que não fosse ele acharia um meio nobre e decente para tirar-se de tal aperto: mas ele, cego instrumento de outrem, acostumado a servir a outrem, acostumado a servir sem vontade, sem expediente e sem forças, via-se embaraçado, e muito embaraçado. Resta-nos pois ficar sabendo que Leôncio ama Clara, que quer possuí-la, que está desgostoso com o padre, e que deseja livrar-se dele, seja como for. Aguardemo-lo pois, e vejamos então como se tira ele da posição arriscada em que ele próprio se havia colocado por sugestões de um mau amigo, e sua cega, e descomedida ambição.

Abismado assim em suas meditações estava Leôncio, quando lhe entraram pela porta dentro Paulo, seu futuro sogro, e Roberto seu amigo, que tão pesado era ao seu coração!

Leôncio, bem que apaixonado perdidamente por Clara, julgava que a ventura de possuí-la era tão grande, que em seus sonhos de felicidades jamais pensou que tal ventura se realizasse! É isto próprio de uma alma pequenina, e de um coração acanhado!

O leitor pode bem ajuizar qual sua surpresa, e seu contentamento quando Paulo lhe deu a notícia de que Clara não duvidava ser sua mulher! O prazer produzia no rosto de Leôncio efeitos bem diversos! Não era só prazer, como pensavam Paulo, e Roberto. Leôncio primeiro ficou pálido, os olhos pasmos, como tomado de um torpor: um leve sorriso estremeceu à flor de seus lábios, e após dele tornou-se rubro, como se todo sangue de suas veias afluísse a seu rosto. A palidez sim foi efeito de seu prazer, mas o rubro de suas faces não, que era efeito de sua vergonha. Ele estava adiante de Roberto de quem ele era infame procurador: ia casar-se, para logo no mesmo dia entregar sua mulher intata, bela, formosa, cheia de mocidade, de encantos, e de futuros, a um malvado, cujo indigno instrumento ele era! Foi esta terrível, esta lamentável idéia que fez com que sua vergonha assomasse a seu rosto. Roberto supôs que as várias mudanças do rosto do mancebo eram efeitos do prazer, vendo sua ambição satisfeita por meio desso casamento por ele facilitado! Mas não era! Era a vergonha, era a indignação que haviam subido a seu rosto! Assim pois um velhaco também se engana, e se engana muito: Roberto se enganou!

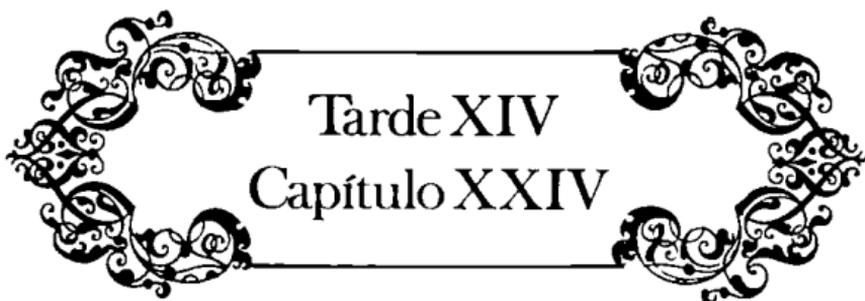
Ali os três personagens lavraram o pregão, concordaram no dia das núpcias, e findo tudo isto Roberto e Paulo saíram. Leôncio ficou, e tendo-os acompanhado até a escada, voltou ao meio da sala; aí parou, e cruzou os braços; parecia uma estátua, de tão firme, e de tão imóvel que estava! Quase cinco minutos assim esteve. Depois duas lágrimas caíram de seus olhos! Ele sentia! Ele amava! E seus olhos choravam! Esteve tão perto de corrigir-se. E quem sabe se de ser virtuoso até! Oh! Se ele tivesse um amigo virtuoso, um verdadeiro amigo, outro ente que soubesse de seus segredos, de seus amores, de seus padecimentos! Se esse amigo, obrigado a falar-lhe a linguagem da verdade, lhe dissesse: "Leôncio, recobra tua liberdade, arrepende-te de teus feitos infames; volta sobre o trilho da honra e da virtude! Tua esposa será

tua, e só tua! Se julgas que ainda não conquistastes seu coração, se julgas que seu consentimento em ligar-se contigo é mais um ato de sua obediência para com seu pai, que um ato de sua afeição para contigo; voa, cai a seus pés; aí confessa-lhe teu amor; fala-lhe, como amante, fala-lhe, que a ternura de um mancebo belo pode fazer milagres num coração de mulher! Quem sabe? Talvez que ela te ame, e que venha a amar-te muito. E para te saíres com honra do apertado passo em que te achas, casado, vai com essa bonita mulher viver noutra parte, onde um padre perverso não ouse perturbar teus amores, teus gozos, e a felicidade de teus dias...

Isto diria um amigo fiel, mas, ai de Leôncio que não tinha a ventura de o ter, e seu amigo mais íntimo era o mesmo Roberto!

Leôncio ficou, como já dissemos, a modo de uma estátua, com os braços cruzados meditando sobre sua posição, e talvez contemplando em sua alma os encantos de sua esposa: depois, como saindo desta espécie de torpor, exclamou:

— Ela, minha... minha para passar aos braços dele! Roberto, ambos nós somos malvados, a aliança dos malvados dura pouco... dura tão-somente o curto tempo em que eles mutuamente se precisam e se auxiliam, e depois... depois... Não, ela não será tua... nunca, nunca o será...



Tarde XIV

Capítulo XXIV

Como chegou Ligeiro ao Rio de Janeiro,
e do que se seguiu

Desde o dia em que Roberto soube que estava definitivamente tratado o casamento de Leôncio com Clara, não se tirou mais da casa de Leôncio. Leôncio sentia dolorosamente o peso de sua enfadonha presença, e de suas importunas visitas. Roberto parecia mais dono da casa do que ele próprio. Punha, e dispunha; mandava com império; fazia e desfazia; e o desgraçado noivo fazia tudo isto a seu pesar, mas com paciência verdadeiramente evangélica! Ele sabia que o contrário deste procedimento seria o sinal de sua perda. Entretanto corriam os banhos, e se dispunham todos os arranjos para o casamento de Clara com o amigo de Roberto.

Tinha então Leôncio uma clínica avultada, e entre seus doentes contava ele um moço, há pouco chegado da Bahia. Em uma tarde em que ele estava em casa do seu doente baiano recebeu estas cartas de seu pai, e com elas um escravo para o vender no Rio de Janeiro. Era ele um rapaz crioulo, bem feito, e que tinha apenas os seus 26 anos. Era bastante ajeitado, e trazia na orelha esquerda uma bicha; bem que isto seja uma coisa inocente, todavia muitas pessoas não gostam das tais bichas. Não obstante cumpre dizer que o Apolinário, que assim se chamava o rapaz, era esperto, ágil, e capadócio, título que também cabe aos escravos muito vivos.

O senhor de Apolinário possuía uma grande fazenda de açúcar na Bahia, e aí com outros escravos estava ele. Entre os escravos havia uma bonita crioula, que muito gostava de Apolinário, e ele não menos dela. O feitor tinha inveja, e que-

rendo desmontar o proprietário para empossar-se, começou re-questando a rapariga. Também nos pretos há suas constâncias, seus heroísmos de amor. A crioula meteu os pés à parede e mostrou-se firme, como uma matrona. O feitor com isto se foi pouco a pouco azedando, e à proporção que a crioula refinava em constância, e firmeza para seu querido, o feitor o ia tomando entre os dentes. Já se vê que o Apolinário era castigado pelo que fazia, pelo que não fazia, e pelo que os outros faziam! A posição era difícil, e até dura; mas o pobre escravo lá ia sofrendo. Um dia estavam os escravos limpando o terreiro, e algumas pretas tiveram entre si uma pequena rixa; coisa de pouca monta, e que se acabaria em paz, se o malfazejo feitor aí não chegasse, e logo se não intromettesse na pequena questão. Perguntou, e reperguntou, e um preto mais velho tudo lhe contou.

— E a Joana não entrou nessa briga?

— Eu não senhor — disse a querida do Apolinário, mas ele tornou:

— Eu ouvi a fala dela.

— Não, senhor; ela não entrou — disseram todos os pretos.

O feitor porém que tinha suas vontades de que a Joana entrasse, porque desejava provar-lhe que uma preta muito constante torna-se indecente, e que a constância mal lhe fica, disse:

— Entrou, entrou. Só este diabo não entraria? Quem me esconder...

— Eu não entrei não senhor.

— Fale mais mansa, grandecíssima atrevida...

E dito isto, apertou na mão o seu azorrague e começou a espancar a Joana, que a única resistência que opôs a essa injustiça foram seus gritos. Apolinário, que testemunhava esta escandalosa cena, não pôde suportar um tal procedimento, que além de duro, mais duro lhe parecia por ser por sua causa. Enquanto o azorrague tinha passeado sobre suas costas sofreu como escravo, e como homem paciente; mas quando passou a Joana, inocente e maltratada por sua causa, Apolinário como um rapaz brioso entendeu que isso era por demais, e esquecendo-se do seu mísero estado de escravo, e das funestas conseqüências de seu brio investiu contra o feitor com tal bizzaria e coragem que o lançou por terra com um brioso e estupendo

soco otimamente dado, como quem dava deveras! O feitor levantou-se espavorido; e a amostra do pano tinha sido tal, que ele prudente não quis questionar com o Apolinário em matéria de raciocínios sólidos, e deitou a fugir. Apolinário cego de raiva, desesperado, e anelando vingança, lança mão de uma pequena foice, segue o feitor, como um cão de caça atrás de sua presa. Bem hajam as pernas do feitor, e muito lhes ficou ele devendo, que se elas não fossem, o Apolinário o faria em postas! Findo este conflito Apolinário fugiu, e pouco depois voltou apadrinhado; e então em presença de seu senhor contou todo o ocorrido. Era muito diferente do modo por que o feitor havia contado; mas Apolinário, que se julgava perdido, tomou por melhor o revelar tudo a seu senhor. Todos os escravos a uma confirmaram as palavras de Apolinário. Bem viu o honrado fazendeiro que seu escravo tinha muita, e muita razão... mas o exemplo que devia a seus escravos o obrigava a tomar em consideração o feito de Apolinário, mas não lhe pôs nem um dedo. Quanto ao feitor despediu-o de sua casa. Todas estas circunstâncias o pai revelava ao filho na carta que acompanhava ao Apolinário.

Não sabemos pelo que, mas é verdade, Leôncio, vendo o crioulo Apolinário, simpatizou com ele, e o quis comprar. Debalde o senhor moço do preto lhe fez ver que aquele escravo lhe não servia por ser pimpão, e escravo de roça; nada moveu ao licenciado e comprou o rapaz: assim pois passou-se o papel, Leôncio pagou, e levou-o para sua casa, cu antes mandou-o.

Nesse mesmo dia voltando para casa, aí achou Roberto, que poucas vezes o deixava.

Apolinário estava sempre na cozinha, de onde não saía; e é para notar que dizendo sempre Leôncio tudo quanto fazia a Roberto, não só não lhe disse da compra que havia feito, como até escusou-se cu prevenia tudo para que Roberto dela nunca soubesse.

Meio deitado sobre um canapé estava Roberto conversando com Leôncio, que defronte dele ocupava uma cadeira, quando ambos ouviram alguém bater palmas no topo da escada:

- Entre quem é - disse Leôncio.
- Quem é vivo sempre aparece.

Isto dizia a pessoa que entrava; e entrou muito sem cerimônia.

— Ligeiro!... És tu? — perguntou o padre cheio de admiração. — És tu, Ligeiro?!...

— Vede lá se sou eu? Olhai, ou é o Ligeiro ou a sua alma.

— Como vieste tu, diabo!

— Em verdade é isso uma coisa extraordinária. Pois olhai, vim como fui; fui andando, e andando vim. E vós, senhor licenciado, nada me dizeis? Tão sério: é mau modo de receber os amigos... tão frio! Que tendes vós? Tão triste, agora que devíeis estar tão contente.

Leôncio, que com a chegada de Ligeiro enfiou-se e se fez vermelho, respondeu:

— E por que devo estar contente, Ligeiro?

— Porque estais para vos casar... e com quem... que peixão, meu licenciado, que peixão!

— Pois então sabes que eu estou para casar-me?

— Ora, se sei. Isto já não há quem não saiba, não só no Rio de Janeiro, como por todos esses lugares circunvizinhos. Mas por que ficastes tristes com a minha chegada, dizei, sr. licenciado?

— Não, Ligeiro, não fiquei triste; fiquei só admirado.

— Admirado! Sim, sim... Assim devia ser...

— Por quê? — disse o padre.

— Porque reputais a empresa em que me meti por tão difícil, que já não contáveis comigo. Vede pois como também ganhei as vossas 60 dobras. Devíeis, meu licenciado, dar-me cem; porque a não ser eu, não tínheis de receber, e breve, um par de mil cruzados bons, e uma moça... que moça, que moça. Mas vamos ao que serve; e as 30?

— Tu as receberás, Ligeiro — disse Leôncio. — Bem vês que estou para tomar estado...

— Ah! É verdade, é verdade.

— Estou para tomar estado...

— Tendes feito muitas despesas...

— Sim, tenho feito muitas despesas...

— Mas logo que receberdes a legítima da menina...

— Sim, logo que receber a legítima...

— Serei satisfeito?

— Serás satisfeito...

— E sem menor falta: porque... enfim, vós sois meus amigos, tendes razões para sê-lo, porque sois e deveis ser meus amigos, e muito amigos. Conhecemo-nos há muito tempo, temos razões para nos estimarmos mutuamente: todos os três temos o mesmo grau de honra, temos os mesmos sentimentos, a mesma crença, as mesmas esperanças, e o mesmo futuro...

— Como o mesmo futuro! — disse o padre. — Então qual é o teu futuro?

— O mesmo que deve ser o vosso.

— Mas qual é?

— Acabarmos na ponta de uma faca, ou na boca de uma espingarda, ou sacramentados, e ungidos, amortalhados em vida, no meio de padres, e tropa, com a barriga bem cheia de pão-de-ló e vinho, algumas galinhas sem ossos...

— Que estás aí dizendo, patife?

— Ah! Perdoai... havia me esquecido de que sois padre da companhia, e que portanto não podereis ter o gostinho de morrer de dependura, e à fresca, porque, segundo ouvido tenho, os vossos grandes entaipam os seus criminosos; mas... diabo leve; antes morrer enforcado do que metido vivo dentro de uma parede... Que morte! Metido entre quatro paredes, cosido com elas como com a camisa do corpo, e ali acabar pouco a pouco à fome e à sede, e com todos sentidos... irra! Antes não ser jesuíta, e morrer enforcado!

— Quem te disse isso, toleirão?

— Isso o quê?

— Que os jesuítas entaipam os seus colegas.

— Os seus colegas não; os seus criminosos sim.

— Pois então não é o mesmo?

— Não. Oh! Faz muita diferença. Eles não reputam os criminosos como colegas; são banidos da ordem, e como tal entaipados...

— És um tolo...

— Tolo, hein? Pois sim: deixa-me ser tolo, e livre-vos de que eles saibam de vossas tratadas... Que se sabem... aí quatro paredes, meu padre... e que morte! Que morte!...

— Ligeiro, parece que abusas da nossa bondade?...

— Oh!... nada, não vai a desconfiar. Desgosta-vos isso?

— Muito.

— Muito?... Vede que mudanças por cá tem havido depois da minha ida a Missões! Não éreis antes assim.

— É que não estou hoje de bom humor.

— É que julgais a obra concluída.

— Que obra?

— Ora, que obra há de ser?

— Mas que obra? Que obra?

— Do vosso casamento... Ah! Perdoai-me; do casamento do sr. licenciado Leôncio. Pois olhai, pode ser que ainda preciséis de mim.

— Estais enganado, Ligeiro; não falo assim porque não precise de ti; ao contrário, precisei, preciso, e precisarei: mas é que estou hoje de mau humor e muito mau.

— Ah! sim; estais com o vosso ataque hemorroidal.

— Justamente, adivinhaste.

— Pois então falemos de coisas alegres.

— Sim, falemos de coisas que divirtam.

— Sem dúvida haveis de querer em prosa?

— Ou mesmo em verso: anda lá.

— Não: será uma prosa porque sou mais eloqüente neste género que noutro. Quereis que vos conte belas aventuras da minha viagem?

— Pois conta-nos.

Ligeiro puxou uma cadeira, e assentando-se defronte dos dois, dispôs-se a dar a Leôncio, que bem lha dispensaria, e ao padre Roberto, uma soleníssima seca, ou maçada, como hoje tão elegantemente se diz.

Durante este pequeno diálogo entre Roberto, e Ligeiro, Leôncio, sempre calado, sofria os mais dolorosos tratos; sua alma estava completamente torturada ao som das palavras de Ligeiro! O pejo, a vergonha, e a indignação o atormentavam! Cruel situação de uma alma criminosa, e despedaçada pelos remorsos!

Ligeiro assentado pois defronte dos dois começou a narrar todos os seus acontecimentos durante sua viagem; e cumpre confessá-lo, em tudo falou verdade, exceto em dizer que dera 30 dobras ao assassino de Juliano. Mentiu também quando contou o que lhe aconteceu com o peão e compadre, a quem ele assassinou em sua taberna; isto é, Ligeiro contou tudo, como lhe aconteceu; com a diferença de que disse, que quando

foi à sua canastra, depois de ter morto aos dois, achou-se roubado, e que não soube que caminho levou seu dinheiro. Assim pois contou tudo quanto lhe sucedeu dès daí até abandonar o leigo; e continuou assim:

— Quando cheguei à estrada achei o preto, e disse-lhe que corresse para atalhar a besta do padre que tinha fugido; e eu fingi tomar a estrada de cima. O preto enfiou-se pela picada, e eu voltei imediatamente para trás, e vim para o Rio de Janeiro.

— E o dinheiro — disse Roberto — que disسته ao frade que estava no fundo da canastra, estava com efeito?

— Ora, essa é boa! Como é que eu o houvera pôr no fundo da canastra se eu precisava dele? Também não valia a pena.

— E quanto era?

— Ora, não chegava talvez a meia dobra.

— Então quando o leigo foi à canastra...

— Achou o fundo da canastra.

— Que velhaco!...

— A não ser isso, como chegaria eu aqui? Sem cinco réis, sem conhecimentos, sem proteção; que seria de mim?

— Com que fizeste tu o que ninguém ainda fez...

— Então o quê?

219 — Lograstes um franciscano. Estás pois passado por Índia, e Mina.

— Bem vedes que com um mestre como vós...

— Um mestre como eu?

— Pois não sou um dos vossos discípulos que vos faz honra?

— Ó maroto!... pois eu te ensinei a furtar algum dia?

— Não, não; nem eu vos digo isso: mas me ensinastes a ter as minhas honestas agências.

— Que agências?

— Vós sois muito esquecido.

— Se eu não me lembro.

— E não vos lembrais que me contratastes para vosso serviço?

— Quando?

— Quando precisáveis de mim mais do que hoje...

- Como assim, se eu hoje ainda preciso tanto de ti como precisei noutro tempo?
- Estais enganado.
- E por que estou enganado?
- Porque quando eram vivos Juliano, e Garcia de las Mercedes, vós careceis de meus serviços...
- Mas quem te disse que eu não careço mais de teus serviços?
- Mas já vos não lembrais de que me haveis tomado a vosso serviço noutro tempo, e que junto de vossa cela tinha eu o meu pequeno dormitório e apesar disto me recebeis hoje como que não fosse eu vosso antigo criado...
- Criado não, Ligeiro.
- E então o quê?
- Meu amigo, e protegido meu.
- Deus vos pague, e vos livre de quatro paredes. Mas não vos lembrais do que me dissestes quando me tomastes a vosso serviço?
- Ora! Eu disse-te tantas coisas...
- Mas me dissestes: “Ligeiro, eu dou-te tanto — dissestes a quantia; — tu serás o comprador de alguns outros padres — pouco mais ou menos — e com tuas agências arranjarás tanto”, e depois me ensinastes como me houvera de haver nestas agências. Ligeiro não mente.. diabo leve...
- Sim, Ligeiro, tu és um rapaz honrado, e que não mentes.
- E vós outros dois homens muito nobres, e muito cavalheiros...
- Podes acreditar.
- E portanto feito o casamento as 30 vêm sem demora alguma?
- Logo no dia seguinte.
- E mais alguma coisa além das 30?
- Mais alguma coisa além das 30?!
- Sim, além das 30.
- Pois tu não tratastes o negócio por 60 dobras?
- Certamente.
- Não recebestes 30 de corpo presente?
- É verdade.
- Não se te deve agora só 30?

- Sem dúvida.
- E que mais queres então?
- Mas notai que as 60 foi pelo negócio... negócio que vós bem sabeis: isso ajustamos, e metade disso recebi: quanto à outra metade me fio de vossa probidade que hei de receber.
- Nem tu deves duvidar disso.
- E nem duvido. Ora bem: quanto ao que me deveis, segundo o que ajustamos, bem está...

- Então o que te falta?
- A molhadura. Bem vedes que alguma coisa se deve dar a quem com tanta prontidão tem executado vossas ordens, e guardado escrupulosamente os vossos segredos.

- Tens razão, Ligeiro; descansa pois, que a molhadura te darei eu.

- E posso tomar outra vez conta do meu antigo aposento, ficando ao vosso serviço? Vós mo haveis garantido...

- Pois não; lá está o teu aposento: toma conta dele.

- Ora bem. Adeus, sr. licenciado.

- Adeus, Ligeiro - tornou-lhe Leôncio.

- Até logo, meu padre.

- Até logo, Ligeiro.

Ligeiro saiu; os dois continuaram a conversar na mesma postura em que antes estavam. Logo que Ligeiro saiu, disse Leôncio:

- Padre, este homem é um indiscreto.

- Também estava pensando nisto - disse Roberto - e é preciso que tome juízo.

- E como?

- Pondo-o tão seguro, que ele nunca abuse de nosso segredo.

- E de que maneira?

- Ele vai ocupar o antigo aposento que lhe dei no colégio.

- E depois?

- Não julgas que ele está meio louco, e que tu o deves curar?

- Não te compreendo.

- E será mister que eu seja mais explícito?

- Mas se eu não te entendo...

- Enfim, homem, a vida deste biltre nos compromete...

— Queres pois matá-lo?
— E o que tem isso?
— A um homem, que nos tem prestado tantos serviços, e que se tem arriscado tanto por nossa causa?

— Por nossa causa não; por amor do dinheiro sim.

— É uma ingratidão horrível!

— E tu és um tolo insuportável! A gente da qualidade do Ligeiro deve ser mui bem tratada, e mui bem compensada, enquanto nos podem prestar; e logo que seus serviços se tornam inúteis, deve ela ser igualmente inutilizada. Ama-se a traição, e aborrece-se o traidor.

— É uma horrível máxima!

— É uma máxima verdadeira, justa, eterna, e imutável!

Temos um incontestável direito tanto à nossa felicidade, como à nossa vida. Em consequência podemos e devemos sacrificar à nossa felicidade tudo quanto a ela se opuser, seja o que for. O verdadeiro homem prudente e calculista deve pesar bem o que quer fazer, e as consequências disto. Prevenido, deve calcular o ânimo daqueles com quem trata, e se estes se apartam do que deviam ou se havia calculado, o homem prudente deve estar precatado para derribá-lo antes de ser derribado. Ora, Ligeiro é imprudente, e indiscreto: é capaz de falar o que não deve, e, se fala, estamos perdidos. Que devemos pois fazer? Perdê-lo antes que fiquemos perdidos...

— Mas perdê-lo como?

— Tirando-lhe o dom da palavra para que não fale o que não deve.

— E então como? Cortando-lhe a língua?

— Não, cortando-lhe a vida. Cortando-lhe a língua pode ele escrever.

— Mas isso é uma crueldade. Talvez que Ligeiro aceite algumas dobras, e se vá daqui a viver noutra parte.

— E assim fica seguro o nosso segredo?

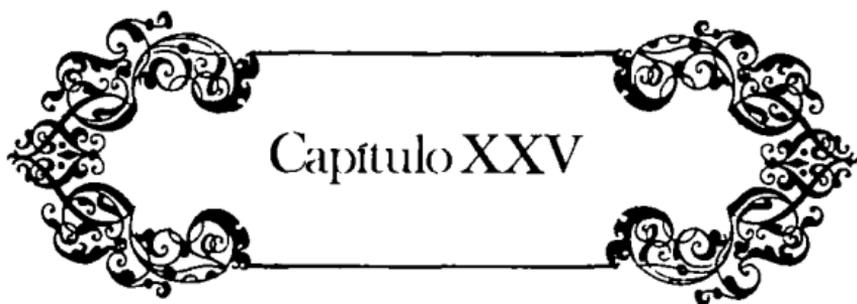
— Talvez...

— Não serve para prova. O melhor segredista que conheço é um túmulo cerrado, e bem cerrado. Os únicos que não falam são os mortos! É só deles que se pode fiar um importante segredo: um segredo de vida, ou de morte.

— Então quando empenhaste o Ligeiro em servir-nos já tinhas em mente o matá-lo?

- Conforme, conforme...
- Conforme o quê?
- O procedimento dele. Se Ligeiro se não tornasse indiscreto, vivesse embora, e vivesse sempre em afeição; mas imprudente, e indiscreto como é... não é possível.
- Em todo caso me parece ingratidão.
- Pois que caia ela sobre mim.
- Faze o que quiseres.
- Afirmo-te que daqui a três ou quatro dias este biltre há de saber guardar um segredo otimamente. E adeus; até amanhã.
- Adeus, padre: até quando quiseres.

Roberto saiu. Poucos instantes depois saiu também Leôncio, e chamou por um escravo para fechar a porta. Logo depois da saída de Leôncio, quando o escravo vinha fechar a porta viu este sair atrás de seu senhor um vulto, que não conheceu por ser já noite: mas este vulto não era Roberto, não era Leôncio, e entretanto desceu sutilmente a escada da casa do licenciado, e saiu. O escravo perguntou quem era, e nenhuma resposta teve. O vulto retirou-se com todo desembaraço. Quem seria ele?



Capítulo XXV

Como se dispôs o casamento de Clara com Leôncio

Não podia de maneira alguma familiarizar-se Paulo com a idéia de ser o casamento de sua filha feito sem estrondo. Entretanto já não havia no Rio de Janeiro, e até nos seus subúrbios, quem não soubesse que a linda filha de Paulo casava-se com o licenciado Leôncio.

A idéia de ser o governador Gomes Freire uma das testemunhas do casamento de sua filha era tão querida de Paulo, que ele não a tirava de seu pensamento, como até a afagava a todos os instantes. Era o seu pensamento dominante. Corria entretanto a notícia de que o governador vindo de Missões estava nas vizinhanças do Rio de Janeiro. Esta notícia foi confirmada; com efeito, o exército estava nos subúrbios da cidade, e contava-se de certo que no dia 12 de junho estaria o governador na cidade, porque, segundo se dizia, tinha ele de assistir no dia 13 à festa de Santo Antônio, no seu convento, e aí celebraria pela primeira vez um frade já ancião, que, sendo leigo, há não pouco tempo tomara ordens por fim.

Paulo, que, como disse, anelava a honra de ser o governador uma das testemunhas do casamento de sua filha, tendo Roberto a isto se oposto, consultou com sua filha a respeito. Clara estava por tudo quanto seu pai queria, fosse o que fosse; e pois ela aprovou. Paulo contente com esta aprovação da filha despachou um próprio ao governador com a seguinte carta:

“Senhor.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1756.

Achando-se minha filha, e vossa criada, próxima a receber-se em matrimônio com o licenciado Leôncio, cuja virtudes, cuja capacidade e cuja honra são notórias, ambicioso ardentemente que vós, senhor, sejais uma das testemunhas desta tão feliz união, e por mim tão cobiçada!

Minha filha muito se lisonjeou com esta idéia quando eu lha propus, e meu futuro genro ficará encantado de receber de vós tanta honra, se é verdade que lha quereis fazer.

Corre aqui por certo que vos achareis nesta cidade depois de amanhã, em que se contam 12 do corrente: o que sendo verdade, e querendo vós fazer-nos tão grande honra, nos fareis a graça de marcardes o dia em que quereis que este matrimônio se celebre.

Se vos não incomoda, e não vos desprezeis em mandar vossa resposta, com que muito me honrareis, o portador desta vai às vossas ordens.

Talvez tenhais ouvido dizer, senhor, que esta minha filha, que ora se recebe com o licenciado Leôncio, esteve para ligar-se com Juliano, sobrinho do meu amigo Agostinho: mas Juliano já não vive infelizmente; e como eu estou velho devo procurar para minha filha quem dela seja digno. Parece-me pois que na pessoa do licenciado acho todas as qualidades que um bom pai deseja encontrar num moço, que tem de ligar-se com sua filha: assim este casamento se faz, se não mandardes vós o contrário, por muito meu gosto, e de minha filha.

Vós sabeis bem que meu préstimo é nenhum; mas assim mesmo podeis dispor dele, como vos aprouver.

Aceitai minhas respeitosas saudações como

vosso muito humilde, e afeiçoado servo

Paulo”.

Sem que Roberto, sem que Leôncio o soubessem, o portador de Paulo partiu para Gomes Freire, e no outro dia trouxe a resposta do governador. Cheio de alvoroço abriu Paulo a carta de Gomes Freire, e nela leu o seguinte:

“Meu amigo.

Santa Cruz, 11 de junho de 1756.

Recebi a vossa carta, e acreditai-me que tenha grande prazer pela união de vossa filha, a quem muito respeito, com o sr. licenciado Leôncio, visto ter ele tão boas qualidades, como dizeis. Lisonjeia-me pois o ter eu o gosto de ser uma testemunha dessa tão feliz união; oxalá que seja para bem, que estes felizes consortes vivam muito, e muito felizes, isto testemunhado por vós.

Éreis vós quem me devíeis marcar dia, e hora; mas como me fazeis essa honra, poderá ser, se o quizerdes, no dia 13; mas como esse dia é para mim um tanto ocupado, poderá ser de noite, se isso vos parecer bem. Disponde tudo como quizerdes, na certeza de que logo que aí chegue estou sempre às vossas ordens.

Rogo-vos o favor de apresentar meus respeitos a vossa filha, e de oferecer meus serviços ao vosso futuro genro.

Quanto a vós, podeis contar com meu pouco préstimo.

Como vosso amigo, e muito afeiçoado que é

Gomes Freire de Andrade”.

Com efeito, Gomes Freire logo que saiu de Missões fez o exército marchar para Rio Grande, onde, embarcado, seguiu para o Rio de Janeiro; e ele veio por terra por querer passar por São Paulo. Estava pois na fazenda de Santa Cruz, em vésperas de seguir para a cidade.

Paulo, logo que o casamento de sua filha foi contratado, começou a preparar não só a casa de sua residência, como também a em que deviam habitar Clara e Leôncio. Tanto

uma como outra foram novamente pintadas, guarnecidas de mobílias; e para sua filha comprou não só importantes jóias, como baixela para sua casa. Depois de pintada a casa que devia ser de Clara e Leôncio, Paulo, para extinguir os ratos, pois que aí os havia em grande abundância, pediu a um seu amigo boticário um pouco de veneno; obtendo, o deu a sua filha para que o guardasse: ele depois o levou para o fim que lhe queria dar, e com efeito extinguiu os ratos!

Depois de pronta esta casa, Paulo levou sua filha para vê-la. É inqualificável, incompreensível até, o procedimento de Clara durante os preparativos de seu casamento!...

Clara mostrava-se tão alegre como quando amada e amando a Juliano estava em vésperas de ser sua mulher! Apenas comia menos! Diríeis que era uma virgem bela como suas esperanças; pura como seu amor; e inocente como sua infância, a qual longo tempo cheia de saudades, ausente, e temerosa, havia, constante, amado a mui predileto amante que em longes terras, alistado sob as bandeiras de seu rei, pelejava feridas pelejas, no meio de arriscadas, inimigas lanças, que depois de muito chorar de saudosa, e muito suspirar de amante, via entrar à casa paterna aquele por quem chorara saudosa, aquele por quem suspirara amante, sete anos, e um dia, ou mais, trazendo-lhe, com a mão de esposo, um coração constante, terno, e apaixonado!

E o amor de Juliano? Esse amor tão puro, tão meigamente sentido? Esse amor tão virtuoso, que se sobre a terra porventura existem virtuosos amores, aquele o era! Esse amor, que se há feito dele? Esse amor tão discreto, tão belo, e até tão santo, que seria feito dele? Porventura não havia sido esse Juliano tão sensível como o coração de poeta: tão amante como o esposo da primeira noite; tão apaixonado, como o canto do menestrel da meia idade, quem havia feito desabrochar no coração virginal dessa encantadora donzela esse amor tão puro, tão meigo, e tão esperançoso, tão puro como o amor da rola, tão meigo como o suspirar da brisa, e tão esperançoso como a flor?

E no entanto Clara já se não lembrava desse amor! Onde estão esses momentos tão doces, tão suavemente deslizados entre plácidos recantos, esse amor tão mágico e ao mesmo

tempo tão próximo, aquelas tardes com tanto devaneio passadas na chácara, ao lado dos virentes ramos dessa mangueira, que com Clara havia crescido, tão adornada de capelas de flores, doces recordações de seus belos anos, essas tardes tão bem-aventuradas, essas tardes amplas de supremos gozos, onde estão? Que é delas? Essas horas, perfumadas pelo bálsamo das flores refrescadas pelo hálito da brisa; protegidas pela folhagem dos arbustos; amenizadas pelo momento solene do cair do sol, momento tão amigo de amores, amenizadas enfim pelos sublimes e mágicos mistérios de amor, onde estão? Que é deles?

Ó Clara, quantas vezes o amor do zéfiro e da rosa havia invejado o teu amor! Quantas vezes o pássaro calara seus requiebrados gorjeios para escutar encômios, que teu doce bem com tanta ternura tecia! Quantas vezes a brisa calou seus suspiros, encolhendo suas asas para furtiva arrebatara dois beijos que, mais doces que o ático mel, ou tão doces como o néctar dos velhos deuses do politeísmo, se iam cruzar!... Quantas vezes o anjo que conduz a estrela da tarde quisera pertencer à raça humana, só para amar-te de tão amante, e de tão firme que tu eras! E entretanto teu amor passou! E passou como a fugitiva onda do rio! E passou, como o suspirar da brisa! E passou como a flor da primavera!

O zéfiro e a rosa ainda se amam, e tu já não amas a Juliano! O pássaro ainda modula suas cantilenas de amor, e tu já não lembras dos colóquios de teu querido! A brisa ainda adeja, e sussurra, e teus ósculos se têm murchado!

Vês tu, como em nós tudo é tão curto? Nossa vida poucas vezes chega a um século! Nossos amores, belos, como a flor, duram um dia como ela! Nossos prazeres, suaves como os dias que se escaam, apenas duram alguns dias! Mas a pedra sepulcral, que cerra a entrada de nosso túmulo, tem uma duração de séculos, e dali nos atesta o nada de nossa vida, o nada de nossos amores, e enfim o nada de nossos prazeres!

Cruel alternativa! Misera humanidade! E pois Clara parece inteiramente mudada! Seria produzida essa mudança pela beleza do rosto de Leôncio? Talvez: a beleza pode seus milagres, e milagres às vezes estunendos! O que é verdade é que para Clara nem parece que Juliano existiu! Tanto poderia

a beleza de Leôncio? Mas não foi essa mesma Clara, que, há bem pouco tempo, disse a seu pai: "Não é por ser formoso, nem belo que um homem é amado?"

Coração de mulher! Abismo insondável! Labirinto de incompreensíveis rodeios! Caos de contraditórios afetos! Santuário de tremendos mistérios! Coração de mulher, quem compreender-te pode?!

Mas, ah! É impossível que Clara se tenha esquecido de Juliano! Ela que o amava, que o queria tanto; ela tão pura, tão meiga e tão sincera... é impossível!

Como quer que seja, suspendamos nossos juízos, e sigamos os passos de Clara em seus novos amores.

O leitor sabe perfeitamente que o padre Roberto com o fim de ficar seguro o seu segredo, sentenciou Ligeiro à morte, e tal era sua tenção: saindo pois da casa de Leôncio não achou no colégio, como esperava, o seu criado; esperou-o até mais tarde, e nada de Ligeiro aparecer: foi só ao cabo de três dias que Ligeiro lá appareceu. Então o padre lhe perguntou:

— Ligeiro, onde tens andado?

— Visitando os amigos.

— Então não vens tomar posse de tua antiga morada?

— Sem dúvida. Bem sabeis que não tenho outra, nem outro protetor senão vós.

— Pois no dia em que chegaste esperei-te até as oito horas.

— Bem sabeis que a gente vem de longe, e gosta de visitar e de estar com os amigos e parentes.

— Tens razão.

— Deixai-vos estar que não faltará tempo. Até vos aborrecerei de mim.

— Não, Ligeiro; isso não; sempre te estimei.

— E eu vos pago na mesma moeda. Muito vos estimo. Haveis de me dar licença.

— Quê! Pois ainda te vais?

— Bem vedes que não tenho nada cá do que é meu.

— Pois vai buscar.

— Vou num pé, e venho noutro.

- Até quando?
- Até amanhã.
- Como! Pois por que não vens hoje?
- Porque ainda tenho muito que fazer. Amanhã, amanhã cá me tendes sem falta.
- Pois então, Ligeiro, até amanhã.
- Sem falta, meu padre, até amanhã.

Ligeiro retirou-se, e Roberto saiu, dirigindo-se para a casa do licenciado Leôncio: dois ou três minutos depois de sua estada aí, chegou Paulo. Depois das saudações, disse este:

— Padre, sai de casa para aqui, e daqui tinha tenção de ir ao colégio falar-vos.

— Pois aqui me tendes.

— Acabava eu agora de dizer ao nosso Leôncio que uma das testemunhas do seu casamento é Gomes Freire.

— Como! E por quê?

— Porque eu o quis, e Clara.

— Clara quis uma asneira, e vós lha concedestes.

— E por que é asneira, padre? Não sei que mal haja nisto!

— Mal nenhum, certamente: mas eu vos dei razões por que não convinha que o governador fosse uma das testemunhas.

— Isso é que é uma asneira; porque em todo Rio de Janeiro e seus arredores já não há quem não saiba deste casamento: e Leôncio mesmo não acha mau que o governador seja uma das testemunhas.

— Pois bem: seja.

Isto disse Roberto, fixando um olhar penetrante sobre Leôncio, que o não podendo suportar baixou seus olhos.

Paulo saiu pouco depois; os dois ficaram sós. Roberto disse então a Leôncio:

— Com que aprovaste que fosse Gomes Freire uma das testemunhas do teu casamento?

— Não tive parte alguma nisso. Paulo me fez saber que por uma carta havia convidado o governador para isso, e que ele havia accitado respondendo em outra carta, e esta Paulo me mostrou. Que queríeis que fizesse?

— A escolha das testemunhas ó do noivo.

— É verdade. Mas dado que Paulo andasse mal assim procedendo, que lhe havíamos nós fazer? Havíamos de fazer a desfeita ao governador de o recusarmos?

— Não; mas quero dizer que Paulo foi um imprudente.

— E tenho eu culpa de sua imprudência?

— Não falemos mais nisso.

Os dois conversaram a outros respeito até que Roberto se retirou. Nessa mesma tarde chegou Gomes Freire, que pelos seus amigos foi recebido não só como o homem que era, mas também como um homem de tantas virtudes e de tantos méritos! Havia pois um duplo festejo no Rio de Janeiro, era um pela chegada do governador, e outro por ser véspera de Santo Antônio.

A população da cidade composta pela mor parte de portugueses e seus filhos, festeja com entusiasmo o santo frade lisbonense. Assim, ardiam em frente de imensas casas fogueiras, barris de alcatrão, ao passo que subiam ao ar muitos foguetes, bombas etc.

Ao passar-se pelas ruas notava-se em muitas casas oratórios ornados com todo o luxo, onde diante de uma pequena imagem de Santo Antônio ardiam algumas velas. Aqui ouvia-se o gargantear da ladainha da Virgem; ali cantava-se o *Sub Tuum Presidium*. Nesta parte ouvia-se um belo capadócio oferecendo a ladainha, e entoando o *Gratiam Tuam quae Sumus*; naquela outra repenicava numa luxuriosa viola o requebrado fadinho, enquanto alguns gaiatos sapateavam e algumas raparigas se requebravam todas. Entretanto girava sempre pela companhia alegre por demais uma xícara cheia da branca, e às vezes também de vinho: e de espaço em espaço ouviam-se festivos brados de *Viva Santo Antônio! Viva o juiz! Viva a juíza!* etc. Enquanto nas ruas ardiam estas fogueiras, barris e cabeças, brilhavam nas frentes das casas alegres cordões de festivas luminárias; ou esclareciam as ruas ao través dos cordões das antigas rótulas. O convento de Santo Antônio estava alegre, e majestosamente coroadado dessas luminosas fitas. Estas luminárias da cidade eram pela chegada do governador. No meio deste alvoroço festivo ouvia-

se o solene repique dos sinos na torre do convento dos frades, enquanto o sino grande rodando sobre si anunciava o sermão do dia seguinte. Era uma bela noite!

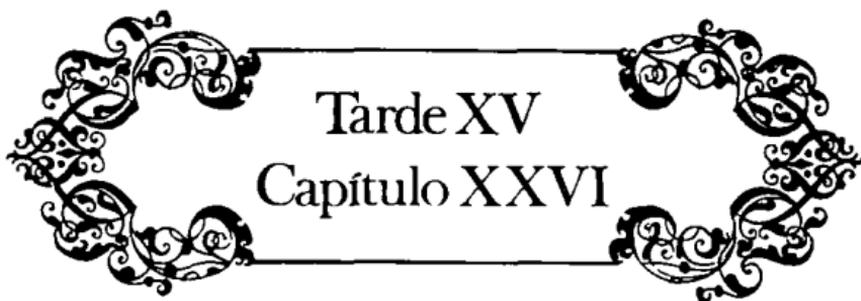
No outro dia, logo das dez horas em diante, o convento de Santo Antônio começou de encher-se de repente.

Este templo majestosamente assentado na coroa de uma vasta colina tem sua frente voltada para o lado do nascente. Os raios do sol, em sua ascensão, dobram-se sobre seu frontispício, e, escoando-se por entre suas portas e janelas, vão respeitosa-mente curvar-se sobre o pavimento da igreja, como adorando o Deus que no fundo do santuário se encerra em seu tabernáculo! Aí não notareis soberba arquitetura argiva, os primores de Corinto, as belezas dóricas, nem tampouco os vidros pintados dos templos góticos, deixando coar-se vagarosa no âmbito do templo a filtrada luz por ele embaciada. Todavia, essa luz, que das janelas cai no meio da igreja, não é tão livre de sombras que fique ela completamente esclarecida; não: há pois alguma coisa de luz, que se perde em sombras, e alguma coisa de sombras, que se perde na luz, donde resulta uma melancólica mistura de sombras e de luz, cuja mescla se torna propícia à majestade do culto e à solenidade do mistério! Para esta solenidade nota-se toda a igreja guardada de longos cortinados, isto é, sanefas de damasco, festões etc. Imensos vasos com soberbos ramalhetes ornam o trono, onde, em uma brilhante custódia de ouro ou metal que o parece, se expõe o sacrossanto pão eucarístico. Imensidade de brancas velas espalhadas por todo o trono difundem torrentes de luzes no meio de turbilhões de aromáticas nuvens de incenso, e outras odoríficas pastilhas. Tudo é pois pomposo, solene e enfático! O templo está quase apinhado de homens e de senhoras; estas assentadas sobre os bordados tapetes que alcatifam o pavimento sentem-se envolvidas em nuvens de fragrantas partículas que aos ares elevam as folhas de mangueira, que em espessas ondas se enrolam sob os pés das pessoas que passam, e sobre o pavimento do templo!

As 11 horas chega o governador; a cerimônia tem começo: imediatamente o solene cantochão dos frades faz retumbar o teto da casa da oração e a grave voz do órgão que majestosamente o acompanha faz abalar a colina desde sua

coroa até seu cerne. Finda a missa, o novo celebrante veio dar suas mãos a beijar; o povo aproximou-se, a cerimônia começou. No meio de um grupo que por último vinha, estava um mancebo, e este chegou-se ao novo sacerdote e beijou-lhe também as mãos; o frade fitou seus olhos sobre ele, ele corou, e depois empalideceu. Este mancebo retirou-se imediatamente.

O frade que cantara a missa era aquele que há pouco tempo, leigo e esmolando para religião, sofreu algumas peças pregadas por Ligeiro; o mancebo era Ligeiro.



Tarde XV

Capítulo XXVI

Como Clara se foi receber com Leôncio e o casamento
não pôde ter lugar

Eis-nos chegados à parte mais importante de nossa história. Parece até que estamos vizinhos de um desfecho. Estamos no dia 13 de junho, é o dia de Santo Antônio; é o dia marcado para o recebimento de Clara com Leôncio! Oh! Se o licenciado Leôncio visse Clara, se vendo-a a amasse, e soubesse inspirar-lhe amor, neste momento solente, nesta hora augusta em que ela perante Deus vai ser sua e para sempre sua, Leôncio como estaria altivo de feliz, como estaria belo de amante, como estaria satisfeito de amado!

Leôncio contemplava sobre sua posição, e se via tão vizinho do prazer, como da dor; e tão vizinho da dor, como do prazer!

Colocado entre a desgraça e a felicidade, ele se julgava numa só situação, e, no mesmo instante, o homem mais feliz do mundo, e ao mesmo tempo o mais desgraçado! Roberto, esse ímpio, esse mau Roberto funestava seus dias e amargurava sua existência como a presença do carrasco ante o condenado!

Pouco depois porém mais calmo e mais cordato ele fazia justiça ao funesto amigo, e lembrava-se com indignação de seu fraco procedimento, e de suas infames complacências!

Entretanto aproxima-se a hora, e às oito Gomes Freire devia estar na igreja paroquial de Nossa Senhora da Candelária para ser testemunha do casamento dos dois cônjuges

que se iam ligar. Leôncio começou a vestir-se ajudado de Roberto e de um escravo.

Ao entrar-se à casa de Leôncio, não se diria ser a casa de um noivo, mas sim de um homem que na manhã seguinte devia embarcar para longes terras! O leitor se se não esqueceu do infame contrato entre Leôncio e Roberto celebrado, terá presente que, segundo este contrato, Leôncio no dia seguinte ao do seu casamento deve embarcar para Lisboa, ou pelo menos deixar o Rio de Janeiro! Leôncio pois fiel a este pacto aprontou tudo para sua viagem, ou aparentou-a com tais preparativos.

Durante o tempo que gastou Leôncio em vestir-se, parecia ocupado de grandes e muitas idéias. Dir-se-ia que este jovem tinha concebido um extraordinário plano, que de grande que era quase que lhe não cabia na cabeça! Dir-se-ia que ele ruminava este gigantesco plano como uma primeira idéia de amor, porque esta idéia de tão grande plano lhe parecia querida como o objeto d'esse amor: bela como ele; e esperançosa como seus primeiros momentos!

Mas esse pensar tão grave, esse meditar tão longe, esse reflexionar tão sério não escaparam à aguda penetração do sagaz Roberto! Também ele nada lhe perguntou a respeito de suas meditações.

Roberto, conforme assentaram ele e Leôncio, acompanharia seu amigo à igreja, e daí voltaria, finda a cerimônia do casamento, a esperá-lo em sua casa; porque Leôncio (que nessa noite não dormiria em casa do sogro) viria com sua esposa para sua nova casa; e como então passaria pela casa, onde até então fora sua residência, aí tocaria, para levar em sua companhia o padre Roberto.

Somos enfim chegados talvez à parte mais interessante de nossa história, convém saber, ao casamento da formosa Clara, heroína dela. Parece que esta união deve fixar seu destino, e desatar o laço das intrigas que tenho narrado.

Vós sabeis que Clara, a todos os respeitos, é personagem mais interessante desta história; a não serem seus amores, não teria eu este assunto. E pois casada ela, parecem completos seus destinos, e minha história terminada. Com efeito assim

seria, e assim deveria ser, se não existisse o vergonhoso pacto entre Roberto e seu desgraçado, futuro esposo!

Soou enfim a hora fatal! Clara, no meio de duas graves matronas e acompanhada de suas mucamas, seguida de seu pai dirigiu-se para a igreja. Oh! Como era belo o vê-la então! Um tanto mais desfeita, e talvez mais pálida, nesse momento grave, ela estava também mais encantadora! Juntai agora essa palidez tão bela e tão voluptuosa a uma quebrada languidez de seus negros e belos olhos! A uma suave melancolia de seu feiticcio semblante! A um aspecto majestoso e linfático, misturado ao mesmo tempo de um sorriso fugitivo, que não deixaria de ser censurado por sardônico, ou que talvez fosse somado por uns olhos perspicazes pela tradução de uma idéia grande, mas incompreensível: por uma resolução atrevida, mas inqualificável; por um sentimento extraordinário, mas indefinível; a um passo firme e faceiro; e vós tereis em todos estes ares augustos uma criatura verdadeiramente solene!

Não dou a descrição de seus vestidos e de seus adornos, porque bem o podeis ajuizar. Remontai-vos a essa época, e vereis o trajar de então: quanto ao mais, figurai-vos uma filha única de um rico proprietário, e muito querida sua, e aí tereis uma donzela coberta de sedas, de ouro e de diamantes!

Leôncio estava também de tal modo vestido, que se tornava bem digno de sua noiva!

Antes de passar adiante, julgo de extrema necessidade informar ao leitor de uma cena que teve lugar em casa de Leôncio antes deste sair. Roberto saiu primeiro com fim de ir ao colégio da Companhia de Jesus para tomar uma roupeta mais digna do ato que ia ter lugar, e como era volta passar outra vez por casa de Leôncio julgou melhor ir esperá-lo na igreja. A outra pessoa, que ia ser testemunha do casamento, viria à casa de Leôncio, como estava assentado, e daí acompanhá-lo-ia à igreja. Gomes Freire lá os esperava.

Lembrado estará o leitor de uma compra que fez Leôncio, há pouco tempo, quero dizer, do escravo vindo da Bahia para no Rio de Janeiro ser vendido: pois bem. Logo que

Leôncio se viu livre de Roberto, chamou o seu novo escravo, que pela primeira vez veio à sala, e lhe perguntou se queria ser forro; o escravo respondeu-lhe que sim. Perguntou-lhe Leôncio que serviço lhe prestaria ele para em paga desse serviço obter sua liberdade: respondeu-lhe o escravo que o serviço que seu senhor quisesse. Leôncio insistiu nesta idéia, e o escravo foi firme em sua resposta. Então disse-lhe o senhor:

— E, se eu te mandar matar um homem?

— Eu o mato.

— E se ele for muito valente?

— Veremos quem pode mais.

— Pois quero que mates um homem.

— Sim, senhor. Quando?

— Hoje mesmo.

— Pois hoje mesmo o vou procurar, dando-me meu senhor minha carta de alforria.

— Dou-ta.

— Quem é o homem?

— O padre Roberto.

— Eu não o conheço, meu senhor.

Então lembrou-se Leôncio que seu novo escravo nunca tinha saído, e nem vindo à sala, e que portanto não conhecia o padre.

— É verdade que fui cauteloso demais.

Com efeito Leôncio quando comprou o Apolinário já foi com malícia, quero dizer, foi mesmo para este fim, e por isso teve sempre muito cuidado em que nunca Roberto o visse; mas esta precaução tão de antemão tomada agora lhe fazia mal. Outro homem habituado ao crime e cheio de expediente far-se-ia acompanhar do Apolinário, e na igreja mostraria a vítima ao assassino, e lha entregaria; mas Leôncio, que não passava de um frouxo, um indolente, não se lembrou desse alvitre, e seguiu outro meio; e pois ele disse ao Apolinário:

— Pois bem; não tens que saber, o único padre da companhia que aqui vier hoje é o padre Roberto; espera-o no corredor e mata-o.

— Não há de vir outro, meu senhor?

— Não, não há de vir outro.

Leôncio julgou isto bastante, e nem se deu ao incômodo de dar ao escravo os sinais do padre.

Dito isto foi à sua gaveta, tirou um papel, leu-o para o escravo ouvir, e deu-lho. Era certamente a carta de liberdade do Apolinário: ela estava em regra.

O escravo perguntou a que horas viria o padre à casa. Leôncio disse-lhe que às nove horas pouco mais ou menos.

Pouco depois entrou o outro sujeito que devia ser a outra testemunha do casamento, e Leôncio com ele saiu.

Quanto à encomenda de Leôncio ao seu escravo, cumpre advertir que, segundo o que entre Roberto e Leôncio se havia ajustado, certamente depois do casamento do último, Roberto devia vir esperá-lo em casa; assim pois era verdade que Roberto devia vir a sua casa, e era ele o único padre que devia vir. Aguardemos esse momento, e vejamos o como Apolinário se há de haver na arriscada empresa em que o meteu seu senhor. Igualmente veremos se é chegada a hora de Roberto, e se esse homem funesto e intrigante paga agora com a vida tantas infâmias e tantos crimes que tem praticado.

São quase oito horas da noite: a velha paróquia de Nossa Senhora da Candelária está quase cheia de gente, de todos os estados, de todos os sexos, e de todas as idades. Clara aí está no meio de suas madrinhas, e acompanhada de suas mucamas. Uma porção não pequena de mulheres curiosas aí estão, que vieram testemunhar este ato solene; entre estas mulheres há velhas e moças, e todas elas olham para o noivo com olhos enamorados, e para a noiva com sentimento de inveja! Há uma imensidade de moças, de velhos, que contemplam a noiva com certo ar de amantes; entretanto nem os homens nem as mulheres que aí estão dizem: “Mal empregados!”, nem desrespeito do noivo para com a noiva, nem desta para com aquele; sim, porque ambos são belos! Tudo quanto há de grande no Rio de Janeiro aí está, ou deve estar.

São quase oito horas; aí chega Gomes Freire, e com ele militares de altas patentes, magistrados, pessoas gradas, bons do povo etc. A sua entrada todos se agitam, há no meio do

templo um tal ou qual alvoroço: todos se movem para ir saudar o governador; enfim, ninguém fica quedo. Só um vulto, que há muito tempo está recostado a um canto da igreja, não se move.

Este vulto, rebuçado em seu capote, entrou logo cedo; foi o primeiro que se achou no templo; recostou-se a um canto, e não se lhe deu do quanto em torno dele se volvia. Entrou o noivo, e ele não se moveu; entrou imensa gente, a noiva, Gomes Freire, e ele não se moveu! Quem quer que ele é, não parece um curioso, não parece ávido de novidade. Estranho a tudo quanto se passa em roda dele, alheio a todo o movimento que há na igreja: imóvel, silencioso e estático parece até que não vive. Dirieis antes ser um mendigo, que um homem da sociedade. Quase todos o viram e ninguém fez caso dele. Todavia Gomes Freire ao entrar para ele lançou seus olhos; o governador pareceu ver o fantasma, mas pareceu também não lhe dar apreço.

Com a chegada do governador a agitação foi maior: o vigário apareceu paramentado como para obsequiar o governador, e os noivos, convém saber, de capa de asperges. Os noivos se levantaram, e caminharam para junto do sacerdote. Então o vulto pareceu sair de seu letargo: despertado, caminhou com passo firme e grave para o lugar onde a cerimônia ia começar.

O pároco aproximou os contraentes para junto de si e perguntou pelas testemunhas.

— São estes dois senhores.

Disse Paulo mostrando o governador, e um velho negociante, seu amigo. Mal acabava Paulo, quando exclamou uma voz desconhecida:

— São três!

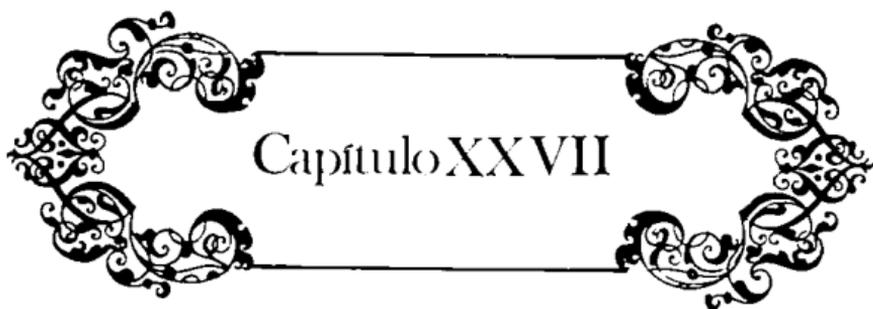
Todos se voltaram, e não viram mais que um vulto rebuçado em seu capote. O vigário então voltando-se para o vulto, que se avizinhou, sempre lhe disse:

— E quem é a terceira testemunha?

O vulto que já se havia aproximado, e que estava junto dos noivos e padrinhos, disse:

— Eu!...

Ele deu-se a conhecer; e todos o encararam com espanto! Paulo e Leôncio soltaram um grito de horror! Roberto recuou horrorizado. Clara soltou um grito indecifrável, e caiu sem sentidos. Todos os circunstantes foram feridos de espanto e de surpresa! Só Gomes Freire de Andrade ficou firme e imóvel!



Capítulo XXVII

Do que se seguiu a esta cena

Parecíamos chegados a um desfecho: parecíamos no ponto culminante de nossa história, donde desceríamos a um desenlace qualquer. O casamento de Clara nos havia prometido isto, e nós tínhamos de assim esperar: mas malograda foi nossa expectativa; e eis-nos aí mais envolvidos que no começo de nossa história. Um importuno, que não sabemos quem seja, aí aparece, transtorna planos tão bem delineados, e lança a confusão no meio de uma cerimônia pública, perturbando o prazer e a solenidade de um dia de bodas. E quem será esse importuno? Quem será esse mau ou bom demônio, que fez tremer de horror o velho Paulo e o jovem Leôncio? Quem será esse mau ou bom demônio, que fez recuar horro-rizado o célebre Roberto, e Clara cair sem sentidos?

Bom ou mau demônio, ele é um personagem extraordinário! Bom ou mau demônio, ele perturbou a cerimônia de um grande casamento, e transtornou o prazer de um dia de noivado! Bom ou mau demônio, ele anulou o curso das intrigas de Roberto! Bom ou mau demônio, enfim, o casamento de Leôncio não pôde ter lugar por sua causa! Quem pois será esse personagem, que tão desembaraçado, tão resolutivo e tão fiado em si próprio assim se apresenta? Quem quer que seja, valente, e muito valente deve ser! Quem quer que ele seja, brioso e denodado, não sabe temer a morte! Mas que há de comum entre esse personagem e Paulo, Leôncio, Roberto e Clara? Que tem ele com o casamento dos dois jovens que se iam ligar?

Como quer que seja, o que é verdade é que o casamento não teve lugar, porque o importuno vulto queria ser uma das testemunhas. E quem o convidou para isso? Paulo? Não. Leôncio? Menos. Clara? Nunca. Roberto? Não o podia fazer. Então quem o convidaria? Ninguém. E como se apresentou ele, e oferecendo-se para uma das testemunhas do casamento? Misterioso empenho!

E quem deu a tal demônio esse mágico poder de só com sua inesperada aparição encher de horror ao noivo, ao pai da noiva e ao mesmo Roberto? Quem deu a esse terrível — Eu! — por ele com tanta força pronunciado, um mágico poder, ou uma unção infernal, com a qual desorientou a quantos presentes estavam?

Enfim, seja quem for o novo personagem, viesse ele donde quer que viesse, seja qual for o seu poder, o certo é que o casamento não teve lugar por sua causa, e só por sua causa.

Quem sabe? Roberto, esse sagaz, esse desconfiado, esse mau Roberto, não estava meio desconfiado com Leôncio, se bem que ele a Leôncio nada desse a perceber a respeito? Seria essa aparição uma nova intriga de Roberto, para desmanchar este casamento? Quem sabe? Ele tem tanta arte, tanto recurso, e seu gênio intrigante dispõe de tantos meios que... Quem sabe?

Seja o que for, o casamento não teve lugar. Clara assim desmaiada foi conduzida para a casa de seu pai; Leôncio acompanhou-a, com quase todos que ali se achavam. Gomes Freire também fez esta honra à filha de Paulo. Roberto saiu da igreja, e sabendo que Ligeiro costumava estar em casa de seus parentes à rna dos Ciganos, para lá se dirigiu; a que, não o disse ele; a que, não o sabemos nós. Ligeiro aí não estava, e o frade voltou para a casa de Leôncio. Vá, mas mal vai ele, que lá o espera o ferro mortífero de Apolinário! Embora. E que tem que ele vá e que aí encontre a morte? Quem com mais justiça tem merecido? Vá, e Apolinário não erre seu golpe! A morte de um malvado bem vale uma alforria! Vá, e que Leôncio fique livre desse amigo funesto, e saiba se aproveitar da liberdade que vai gozar de então por diante! Mas o vulto?

Roberto pois caminhou para a casa de Leôncio. Tinha o padre um costume, e era que, quando entrava em algum corredor, cuja porta estava aberta, não entrava sem primeiro encostá-la toda na parede. Velhaco! Isto mesmo é próprio de um criminoso. Apolinário, quando viu que era chegada a hora de vir o padre Roberto, como seu senhor lhe havia dito, apromptou-se e postou-se detrás da porta. O padre demorou-se mais o que Apolinário pensou, mas enfim sempre veio. Chegou à porta, achou-a aberta na metade e conforme seu costume fez encostá-la. Com o impulso a porta foi levada até tocar ao corpo do escravo; Roberto forcejou, e logo entendeu que detrás da porta havia alguém. Mete a mão à sua roupeta, tira uma pistola, e engatilhada, mas às ocultas, avança um pouco de modo que ficou coberto pela porta, e vendo o preto, nessa postura falou-lhe:

— Rapaz, não veio aqui o sr. padre Roberto?

Apolinário, que já estava preparado para o bote, tendo a mão que apertava a faca detrás de si, fica estupefato e crendo que seu senhor se havia enganado, por isso que sem ser o padre Roberto outro vinha a sua casa na mesma hora. O espanto em que fica o rapaz, ouvindo falar em padre Roberto, a indecisão em que se acha sobre a resposta, fazem acreditar ao padre que havia alguma traição, e que era para ele. Firme nisto continua:

— Sempre são coisas de teu senhor!... Não conheces o padre Roberto?

— Não, meu senhor!...

— Pois se tu não o conheces como é que Leôncio te mandou esperá-lo?

— Meu senhor me disse que era o primeiro que houvera de vir aqui hoje.

— Então ele não se lembrava de mim, hein?

— Eu não sei, meu senhor; nem lhe conheço.

— Rapaz, fala sem susto. O que teu senhor mandou fazer por ti foi conselho meu; e é preciso que o sr. padre Roberto nos deixe em paz. Sem dúvida teu senhor se contenta só em mandar dar meia dúzia de pauladas no sr. padre Roberto, ou talvez uma forradinha pequena?

— Meu senhor... ele...

— Não tem ele, nem ele, homem... Eu e seu senhor nos interessamos na morte do padre Roberto e deve ser hoje. Quero pois saber se teu senhor mandou só espancá-lo ou matá-lo. E responde depressa que o padre não tardará por aí.

— Meu senhor disse que eu o matasse.

— Não sei como tal fez! Mas ele não te disse que antes de vir o sr. padre Roberto viria outro padre?

— Não, senhor.

— E nem te deu os sinais dele?

— Não, senhor. Só disse-me que era o primeiro que aqui viesse.

— Que louco! Que doido! Eis aí! Se eu não soubesse de tudo, e se não viesse com cautela, podia estar morto!

Não era preciso talvez tanto para Roberto ser acreditado por Apolinário, e até por outro mais velhaco.

Por fim, disse Roberto com um modo mais que muito pretensioso:

— Enfim o padre Roberto há de vir aqui daqui a pouco tempo, daqui a meia hora pouco mais ou menos. É preciso que o mates: nota que, se tu o ferires e ele ficar vivo, eu, teu senhor e tu seremos perseguidos por ele, porque tu serás preso: é pois necessário que tu o mates para que nenhum de nós fique perdido e nem seja perseguido. Agora te digo que o primeiro padre da companhia que vier aqui é o padre Roberto; nem outro pode cá vir. Tens entendido?

— Sim, senhor.

— Adeus.

— Às ordens de meu senhor.

Roberto saiu e dirigiu-se ao colégio; não andava, corria; aí tomou sua roupa do uso, embrulhou-a, e pondo-a debaixo do braço, saiu; e caminhou para a casa de Paulo. Clara tinha tornado a si; todos os que a tinham acompanhado e a seu pai se tinham retirado. Leôncio contava como certo o golpe de Apolinário, e apesar do contratempo havido na igreja por causa do vulto inesperado, nem por isso Leôncio se havia arrependido da encomenda feita a Apolinário; a amizade de Roberto já lhe era muito pesada, e um fardo muito incômodo. Assim pois quando Leôncio viu o padre Roberto ficou inteiramente interdito; mudou de cor, e sua surpresa foi tal que

nem soube esconder seu sobressalto. Era isto natural em um homem fraco e sem expedientes, não ainda familiarizado com o crime. Leôncio quase não podia falar; nem sabia o que dizer diante de um homem que àquela hora ele julgava morto, segundo havia determinado. Acreditou facilmente que seu escravo o tinha traído, fugindo com a carta de liberdade que lhe tinha dado. Nenhum de seus movimentos escapou a Roberto! O padre estava desesperado, e julgava atodo o negócio muito comprometido. Também ele já se não importava com a perda de Leôncio a quem ele julgava traidor para com ele. O pábulo, o pateta de Leôncio depois de sua surpresa lhe perguntou:

— Foste à minha casa ?

O sagaz Roberto respondeu-lhe tudo de uma vez assim:

— Fui, e achei um rapaz, que nunca vi em tua casa, mas que me disse ser teu escravo...

— E que te disse ele ?

— Que me houvera ele dizer, se eu o achei dormindo a sono solto deitado detrás da porta ? Mandei-o ao colégio, em teu nome, buscar esta roupeta, enquanto eu o esperava em tua casa; e disse-lhe que não deixasse lá entrar pessoa alguma senão eu, ou tu. Expliquei-lhe mais, que tu irias para casa vestido de padre como eu estava. Ele perguntou por que, e eu lhe disse que temia muito por tua vida hoje; e que por isso é que tu irias só, ou comigo, vestido de padre da companhia. Eu creio que esse teu escravo não me conhece.

— Por quê ?

— Porque ele me perguntou se era eu o sr. padre Roberto.

— E tu que lhe disseste ?

— Zombei dele. Disse-lhe que não era. Perguntou se o sr. padre Roberto lá iria hoje. Eu que sou desconfiado, como sabes, disse que não, porque o padre Roberto tinha estado no teu casamento e se havia retirado meio molesto. Perguntei-lhe por que me fazia tais perguntas; disse-me que era porque tu lhe havias dito que eu lá iria hoje pelas nove horas, pouco mais ou menos.

— É verdade, assim lhe disse eu.

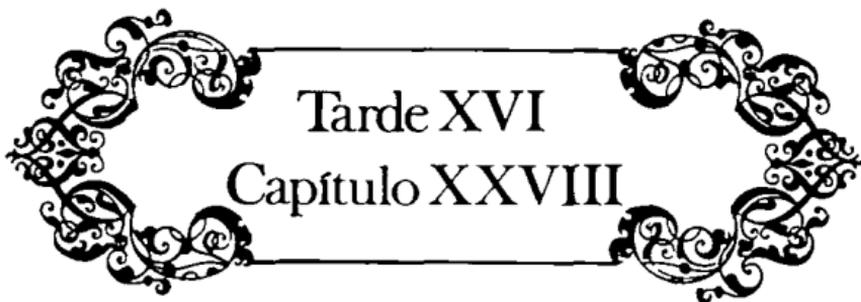
— Pretendes ir para casa agora ?

— Sem dúvida.

- Mas eu o não consinto.
- Por quê?!
- Porque temo muito por tua vida. Aquela aparição da igreja tem me incomodado um tanto.
- Mas que receias?
- Alguma cilada para ti.
- E crês que eu tenha medo?
- Não digo isso; mas um homem é para outro, e não para muitos.
- Pois deixa: hei de ir.
- Sim; contanto que vás disfarçado com esta roupeta, e acompanhado por mim.
- Não é preciso, padre...
- És um tonto! É melhor destruir os inimigos com tática que vencê-los em campo aberto. Por outra, é melhor destruir o inimigo ainda que seja com uma traição, do que ser derrotado com glória. Toma a roupeta.
- Mas para quê?
- Toma a roupeta; e eu te acompanho.
- Mas quem é que me quer assassinar?
- Lembras-te da aparição da igreja?
- Lembro-me, sim.
- Pois bem; os teus dias correm risco... Eu o sei. Toma a roupeta.

Com efeito Roberto e Leôncio despediram-se de Paulo; e Leôncio chegando ao corredor tomou a roupeta, e a vestiu por cima do fato que tinha; saíram ambos, e se encaminharam para a casa de Leôncio.

Ninguém testemunhou esta conversação, nem o disfarce de Leôncio. Todavia Roberto disse a Leôncio que revelasse a Paulo este disfarce, e ensinou-lhe como devia fazer.



Tarde XVI

Capítulo XXVIII

Como é que Clara ia casar com Leôncio

4 **A** ordem, que temos seguido em nossa história, nos obriga a deixarmos Roberto e Leôncio, que para a casa deste se encaminham, e voltarmos nossas vistas para Clara.

Clara, tendo perdido os sentidos, como sabemos, foi levada para a casa de seu pai em uma cadeira. Sabemos também que todos quantos na igreja estavam a acompanharam e a seu pai até a sua casa. Depois que chegaram, aí tudo era desolação, penas, lágrimas; e uma confusão em tudo. Leôncio tão aflito como Paulo, tão perturbado, ou mais do que ele; combatido de mil diversos afetos, nenhum socorro podia ministrar à jovem, porque seu estado reclamava os mesmos socorros que o estado dela.

Gomes Freire de Andrade, que também havia acompanhado a Paulo e sua filha, apenas chegou à casa pediu licença para retirar-se, suplicando a Paulo que lhe consentisse que no dia seguinte mandasse saber da saúde de sua filha. E pois o governador retirou-se; chegando à rua, despediu as pessoas de sua comitiva e ficou só. Pouco depois um vulto se lhe reuniu. Alguns minutos depois o governador entrou em palácio acompanhado de um vulto rebuçado. Eram quase nove horas. O governador e seu companheiro passaram pelas sentinelas de palácio, e se recolheram nele. Quem quer que fosse este rebuçado, ninguém o conheceu!

Antes porém da retirada do governador e de Leôncio, logo que Clara chegou à casa de seu pai, as senhoras que a

acompanharam a puseram sobre uma cama e aí a desapertaram; na ocasião em que a desapertavam, acharam-lhe no seio um pequeno vidro cheio de um licor, e uma carta dobrada, e fechada com obreira, com o seguinte rótulo: "A meu prezado pai, o sr. Paulo Germano.

Poucos instantes depois um médico, que se mandou chamar, chegou. Ele cuidou de Clara, e mais tarde a moça tornou a si.

Paulo apresentou ao médico o vidro, e este observando-o conheceu que era veneno! A dose era mais que suficiente para fazer morrer a quem a tomasse.

O leitor estará lembrado de que quando Paulo comprou um pouco de veneno para extinguir os ratos de sua casa, ou antes, da casa em que iam morar Clara e Leôncio, deu-o a sua filha para guardá-lo; e este embrulho ficou em mãos de Clara por alguns dias. Supôs Paulo, e com razão, que Clara deste embrulho que recebeu apartou uma pequena porção, que a dissolveu em água, e posta em um vidro a tal solução guardou-a para o que quer que fosse. A análise mostrou que este veneno dissolvido era do mesmo que Paulo havia comprado. Agora, para que havia Clara feito esta solução, e tinha este vidro guardado, tão bem guardado, que nem o deixou quando se foi casar, levando-o em seu próprio seio? Sem dúvida sua carta no-lo dirá. Nós o saberemos.

Paulo abriu a carta, e leu o seguinte:

"Meu pai senhor.

No momento em que esta minha carta chegar às vossas mãos, eu devo estar morta. Não se atribua porém a minha morte a pessoa alguma, eu mesma fui a autora dela, porque a vida me aborrece. Do veneno que me destes para guardar tomei um pouco, desmanchei na água, e esta muito bem guardada em um vidro andou sempre comigo, e durante o tempo em que tudo se dispunha para meu casamento. Ah! Este veneno era o meu refúgio, minha última esperança e derradeira consolação! Fui pois casar-me, isto para satisfazer vosso

gosto; e depois que cheguei a casa recolhi-me a meu quarto, onde bebi toda a dose que no vidro se continha! Quando me procurarem em meu quarto meu corpo estará sobre minha cama, é verdade, mas minha alma... esta estará na eternidade com seu senhor, isto é, com Juliano! Porque a alma que foi de Juliano, dele, e só dele, não pode, não deve, não é até possível ser de outrem!

Ninguém, meu pai, ninguém foi mais feliz que eu! Também hoje ninguém é mais desgraçado!

Desde que tive uso da razão até os meus 20 anos, a única dor por que meu coração devia padecer era a da morte da minha mãe, mas eu era tão menina que não soube avaliar toda grandeza dessa dor, nem apreciar toda profundidade desse sentimento augusto. O céu pois poupou-me, em minha tenra idade, a infinita pena de tão amarga dor! Hoje, porém, mais que pessoa alguma eu sei avaliar a perda de uma mãe, eu sei conhecer a falta que ela faz!... Perdoai-me, meu pai, mas é verdade. O momento vos deve ser solene, porque deveis supor que a voz que vos fala é uma voz saída do túmulo! A voz do túmulo não deve, e nem pode mentir... é a morte falando à vida! Perdoai-me, meu pai, mas é verdade. Se minha mãe fosse viva, eu seria esposa de Juliano, e nunca o seria de Leôncio! Porque uma mãe melhor que um pai conhece o coração de uma filha! Assim, uma mãe compreende as necessidades de uma filha; sabe de seus amores, aprova-os, ou condena-os; dirige-a, aconselha-a, insinua-se em seu coração, conversa com sua alma, e assim a mãe toda, inteira, identifica-se com sua filha em tudo, e por tudo! Este milagre das maternais carícias não pode obrar um pai, mais severo, mais rigoroso, e de um coração mais rígido de afagos, do que o de uma mãe!

Meus dias, até os 20 anos, vós o sabeis, meu pai, passaram tão suaves, como as águas serenas de límpido ribeiro, sem voltas, e sem pedras! Eu era tão feliz!... Que donzela aí houve que não invejasse a minha dita? Filha única, herdeira de uma grande fortuna, satisfeita em tudo e até nos meus caprichos, eu era verdadeiramente feliz porque nada temia, nada desejava, e tudo me era grato!

Quantas vezes passava eu alegres e suaves tardes à sombra deliciosa dessa bela mangueira, que comigo crescera, onde, num ramo a propósito, reunira eu as belas grinaldas consagradas a meus anos, e com tanto amor tecidas por mãos de minha mãe! Quantas vezes teci eu, cantando meus prazeres, lindas capelas de flores, que memoravam meus anos e nesse ramo dessa mesma mangueira as depus com a mesma alegria de meus inocentes dias! E eu, triste de mim! acreditava que essas felicidades nunca se me acabariam! Como me enganava! As flores que eu plantei ainda estão belas, minha mangueira ainda está viçosa e brilhante: os lugares onde brinquei em minha infância, onde corri nos dias de minhas venturas, ainda são alegres, suaves e encantadores!... E eu... eu murchei-me na primavera de meus anos.

Há em vossa chácara, meu pai, um lugar mais delicioso que todos; nesse lugar eu, com minhas próprias mãos, plantei e cultivei um jardim: as flores todas que aí crescem, esses arbustos que aí verdejam foram plantados e cultivados por mim! Cresceram, regados não com as minhas lágrimas; floresceram, não bafejados de meus suspiros; frutificaram, não no seio de minha dor! Cresceram à sombra de minha inocência, floresceram à sombra de meus prazeres; frutificaram à sombra de meus sorrisos. No meio desse jardim há uma mangueira, moça como eu, vós o sabeis: mas mais bela e mais feliz! Ó meu pai, abençoai-a, abençoai-a, porque seus novos e viçosos ramos abrigaram meus inocentes amores! Inocentes, sim, inocentes; posso dizê-lo perante vós; afirmá-lo perante os homens; jurá-lo perante Deus! Haverá sobre a terra amores cujo objeto seja mais formoso que Juliano; há sobre a terra muitos amores, e, quase todos, mais felizes que os meus; mas mais inocentes, mais puros, mais santos, e mais cheios de esperanças, não, nunca, mil vezes nunca! Junto ao pé dessa mangueira há dois assentos de pedra, eu os fiz ali colocar; assentada sobre um desses assentos passei... oh! quão doces e felizes tardes! Juliano, que vós amáveis, meu pai, que vós consideráveis já como vosso filho, ocupava o outro: dali ele me repetia suas canções amorosas, e seus versos apaixonados! Oh! Como era suave essa pequena, e tão bem-aventurada sociedade! Ali eu escutava essas canções, e esses versos que

me eram dirigidos! Ali eu escutava um terno e melancólico hino que ele quase inspirado à minha vista improvisava à tarde, ou à primeira estrela que brilha em nosso céu! Ah! que ele era tão belo, tão meigo e tão amável, que devia durar sempre, mas por ser assim durou tão pouco!

Entretanto esse Juliano, que foi meu, e unicamente meu; esse Juliano de quem eu fui, dele, e só dele, já não vive. Do alto do céu onde sua alma brilha ele vê, ele mede meus passos, contempla minhas ações! Do alto do céu ele abençoa minha resolução e recebe meu sacrifício! Deus perdoa meu suicídio, meu anjo conduz minha alma ao céu; e Juliano me espera! Quanto a vós, meu pai, deveis perdoar-me porque Deus me perdoa! Nem eu vos acuso, para que vós me perdoeis de bom coração.

Se me quereis fazer esta graça, meu pai, dissei ao sr. licenciado Leôncio que morro sem odiá-lo, ou antes o estimo; mas que como não pude fazê-lo feliz também não quis fazê-lo desgraçado! Qualquer marido de Clara que não fosse Juliano não poderia ser feliz com ela! Assim seja eu só desgraçada, morra eu, e sejam os outros felizes, e vivam longo tempo! Nasci para Juliano, não posso ser de outrem! Juliano foi o único que achou cabimento em meu coração; dele, nem a morte o pode arrancar; nenhum homem pode ocupar o lugar que ocupou Juliano.

Perdoai-me, meu pai, este orgulho é próprio de um coração de mulher que em algum preço se estima: não sou fazenda de tão pouco preço que vá correndo de mão em mão! Aquele que primeiro me possuiu grande soma de méritos devia ter, e para que eu passasse das mãos deste às de outrem seria mister que o segundo possuidor tivesse não tantos, porém mais méritos que o primeiro! Isso era impossível, porque mais méritos que Juliano... nem um anjo!... Deus me perdoe, se blasfemo!

Neste momento tremendo e solene, em que me considero junto do túmulo que me vai engolir para sempre, devo ser franca e sincera. Meu pai, morro, e morro pura, como tudo que há de mais puro! Nem por minha cabeça passou a idéia funesta de uma leve culpa! Morro vítima do amor, é verdade,

mas pura, inocente e casta. Morro, e meu coração morre digno de vós, ó meu pai! Minha alma Deus a julgue digna dele!

Meu pai, eu suplico pelo amor com que amastes minha terna mãe, eu vos suplico pelo amor de Deus que me não odieis, não amaldiçoeis minha memória, que vos compadeçais de minha desgraça, e que me lastimeis.

Adeus, meu pai... Perdão para vossa desgraçada filha.

Clara".

Ainda Gomes Freire estava em casa de Paulo quando esta carta foi aberta, e lida diante dele, e de quantos ali estavam. Qual a sensação que no ânimo de todos produziria a leitura desta carta eu deixo aos leitores ajuizarem, como o entenderem.

E que diremos agora de Clara, dessa mulher que tão contente parecia com o casamento de Leôncio?

É triste maneira de conciliar a obediência filial com as simpatias do coração! Triste, e muito triste! Morrer para não desobedecer a um pai, e para não se casar com quem se não ama, é um sacrifício desnecessário e talvez estupidamente oferecido às leis paternas e ao próprio amor! Mas esse sacrifício é todavia sublime! Há sempre no fundo desta ação desesperada um sentimento verdadeiramente supremo e uma virtude austeramente augusta!

Com efeito, a ação terrível e até bárbara de um suicídio é quase sempre olhada como uma fraqueza de uma alma pequena; como um rasgo de um coração mesquinho. Há todavia corações generosos que consideram esta ação como uma sublimidade digna de uma alma forte, e em tudo varonil! O que é porém verdade é que se encontram imensos Neros, que depois de praticarem mil funestas ações, depois de perpetrarem extraordinários crimes, depois enfim de uma vida de dissoluções e de infâmias, em um momento crítico não têm ânimo de acabarem consigo, querendo antes entregar essa vida tão cheia de horrores às mãos sanguinárias do verdugo público, ou ao punhal de frenéticos inimigos! No entanto,

quantos Catões aí há? Seja como for, o sacrifício de Clara deverá ser sempre considerado como uma ação sublime; como um heroísmo admirável superior a qualquer ação capaz de enobrecer um coração de mulher! Cada um pois pense como lhe parecer.

Depois da leitura desta carta endereçada por Clara a seu pai, quase todas as pessoas convidadas para o casamento se retiraram; o médico e Leôncio ainda ficaram.

Paulo dirigiu-se ao quarto de sua filha; Clara, tornada a si, estava sentada sobre sua cama. Quando esta infeliz moça tornou a si, parecia como se despertasse de um profundo letargo; com a vista espantada percorreu todo o quarto: parecia ter vagas lembranças do que lhe havia acontecido, e do que se lembrava era obscuro e indefinível em sua alma! Nesse estado miserável, parecia chamar suas recordações em auxílio de suas fugitivas reminiscências! Primeiro perguntou onde estava; responderam-lhe que em casa de seu pai. Ela continuou perguntando:

— Em casa de meu pai... viva?

— Sim, viva...

Clara franziu a testa rapidamente, levou a mão à cabeça, passou-a por sua testa, como querendo lembrar-se; e deste ato que exprimia um desejo de recordar-se, passou ligeiramente a outro que exprimia dor e aflição! Nisto desce bruscamente a mão a seu seio, e procura nele o que quer que seja. Parecendo não achar, sua dor aumenta-se e sua aflição redobra-se. Então ela exclama:

— Meu vidro?... Meu vidro que eu tinha aqui? Viva!... Casada!... Eu... Não, não, é impossível...

— Sim, impossível, vós não estais casada...

— Não estou casada?

— Não; não estais casada.

— É possível... não estou casada?

Um sombrio sorriso passou rápido sobre seus lábios. Ela fez esta pergunta mais calma, porém em tom mais doloroso. A pessoa que lhe falava tornou a dizer-lhe:

— Sim; não estais casada.

— Não estou casada!... Não estou casada. Mas levaram-me à igreja para me casarem...

— Sim; mas o casamento não teve lugar.

— E por quê?

— Porque sofrestes um desmaio...

— Um desmaio!... Sim, sim, eu me recordo. Um desmaio!... Ele... Era ele! Chamou-se pelas testemunhas do meu casamento, do meu casamento!... — Clara proferiu isto em um tom sarcástico, acompanhado de um sorriso doloroso, irônico, e funesto... — do meu casamento... “São três...”, disse ele! Ele tinha razão, porque as testemunhas do casamento de quem estava meio morta e meio viva, ou antes de quem ia casar-se e morrer, deviam ser dois vivos e um morto!... E ele não falou! Seu túmulo ficou vazio mas a cerimônia do meu casamento completa! Sim, completa... porque um casamento feito sobre as aras da morte, presidido pelas sombras dos túmulos, devia ser testemunhado por um morto... E ele veio ser testemunha de minhas núpcias e esperar-me à porta da eternidade!... Era pois ele!... eu o vi... ele!... Pálido como quem tinha morrido em campo de batalha! Sombrio como quem vinha tomar vingança! Descarnado como quem voltava dos reinos da morte! Medonho como um fantasma da meia-noite! Era pois ele...

— Mas ele quem?

— Ele, ele...

— Mas ele quem? Como se chama?

— Como se chama? Vós não o conheceis? Não o vistes?

— Não, não o vi. Cumpre que digais quem é.

— Pois vós não sabeis quem é que levantou da sepultura e vingativo, funesto e terrível me vem buscar?

— Não, não sei. O que creio é que vós delirais e que é preciso que repouseis.

— Então eu deliro?

- Delirais.
- Então eu não o vi na igreja?
- Mas a quem?
- A Juliano, a Juliano.
- Sim, o visteis, mas vivo.
- Vivo l...
- Tão vivo, como vós estais, e eu.
- É impossível! Ele havia morrido em Missões.
- Não; não morreu.
- Não?
- Não.
- Mas seu tio mo havia assegurado...
- Foi engano. Caiu ferido em Missões, é verdade, ficou sem sentidos, e por isso o julgaram morto, mas depois tornou a si, curou-se, e ficou bom, e ontem chegou com o governador.
- E quem contou tudo isso?
- O governador.
- Vivo, ela!... Não morreu em Missões! Estava vivo e não me escrevia... Ingrato!... Cruel!...
- Quem sabe? Talvez que ele escrevesse e as cartas fossem interceptadas no caminho; pode muito bem ser...
- Esperai, esperai... Vós dissestes a verdade! Vós sois um anjo! Eu o tinha dito... Inocente que eu era...
- O quê?
- O quê? Oh! É uma idéia horrível! Muito horrível!
- Mas o que é? Vós não estais em vossa razão?
- Oh! Não; estais enganada. Há pouco minhas idéias estavam confusas; eu de pouco me lembrava! Mas agora... agora... Eu vo-lo juro, nunca me senti tão lúcida, nem tão lembrada. Tudo, tudo quanto me tem acontecido está presente à minha alma, como se nesse momento... Eu o disse...
- E Clara proferiu isso tão baixo que a pessoa que estava junto

dela e que com ela falava não pôde bem ouvir — que se Juliano morresse... É uma idéia horrível! Sim, interceptaram suas cartas...

— Que dizeis?

— Nada. É impossível que ele não escrevesse, não vos parece?

— Sem dúvida, é impossível.

— Fingiu-se que Juliano tinha sido assassinado... Fizeram com que ele saísse desta cidade... Oh! Isto é horrível!

— Vós estais falando só? Que estais dizendo?

— Vós não me ouvistes?

— Não.

— Tanto melhor.

Clara, dizendo isto, levou de novo a mão ao seio e aí procurou alguma coisa que tivesse guardado; não achando perguntou:

— Uma carta que eu aqui tinha guardada?

— Tirou-se.

— Fizeram mal: não deviam meter a mão em meu seio...

— Mas foi preciso despertar-vos.

— Por quê?

— Por causa de vosso desmaio.

— Bem, bem: mas podiam despertar-me respeitando sempre meu seio: o seio de uma senhora deve ser sempre sagrado seja para quem for: só se deve aí tocar quando ela o consente...

— Fui eu, minha filha, que tirei a carta — disse a mãe de criação de Clara.

— Perdoai-me, se vos ofendi...

— Não tenho de que perdoar.

— E onde está minha carta?

— Nas mãos de vosso pai.

Foi neste tempo que Paulo apareceu exclamando:

– Minha filha . . .

– Meu pai ! . . .

E abraçaram-se.

– Querias matar-te, minha filha ? Querias matar-te !

– Perdão, perdão, meu pai . . .

– Querias matar-te ? E eu te poderia sobreviver ?

– Meu pai ! . . .

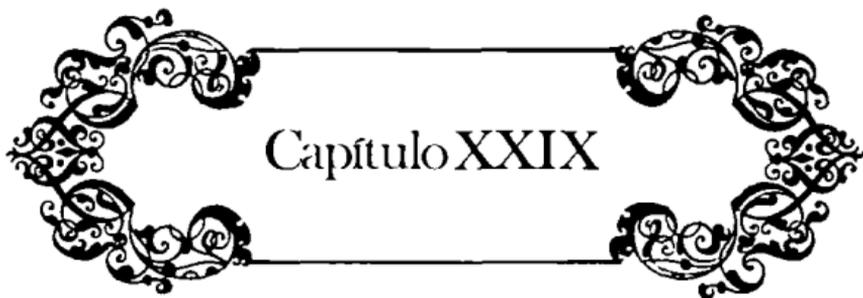
– E a vida . . .

– Agora me é cara, meu pai . . .

– Já não queres morrer ?

– Não, meu pai; não . . .

Nisto ouviram-se na rua diferentes vozes de “Matou, matou . . . Pega, pega esse assassino . . .”. Ouviram-se depois rápidos passos como de quem corria e estas vozes e este estrépito sumiram-se na distância !



Capítulo XXIX

Como o padre Roberto se vingou de Leôncio

A carta de Clara, lida perante um grande número de pessoas, havia desapontado completamente a Leôncio! Como se até aquele momento suas idéias estivessem envolvidas em um tenebroso caos de funestos erros, e que por efeito de uma virtude mágica este caos se aniquilasse e estas sombras caíssem dissipadas, Leôncio via todos os seus erros e deplorava suas loucas e tão fatais imprudências! Agora lastimava ele sua funesta ambição e amaldiçoava a triste complacência que para com Roberto havia tido! Pouco conhecedor de seu coração, extremo amator do ouro, havia acreditado que nenhum afeto teria império em sua alma, senão a cobiça do dinheiro! Havia acreditado que os encantos de uma mulher nunca poderiam sobre ele! E havia acreditado, enfim, que seu coração nunca seria suscetível das impressões do amor!

Na flor de seus anos, em uma idade imatura, julgava-se amadurecido em sentimentos e exemplo das sensações próprias de coração novo! Assim, no primeiro impulso de suas ambiciosas sensações, deixou-se arrastar pelas palavras de Roberto. Foi ele, na verdade, quem fez a Roberto uma tão infame proposta de abandonar-lhe sua mulher, levando em vez dela uma meia dúzia de mil cruzados! Certo não era isto novo, mas era extraordinário! Roberto tinha, tão fino, tão velhaco, tão simulado, quão falsário, o tinha em certo modo levado a isso; e é preciso dizê-lo, quando Roberto falou-lhe em Clara não foi com outro fim senão o de fazer com ele esse infame tratado, e se Leôncio se não antecipasse propondo-o,

Roberto o procuraria, porque sabia quanto seu amigo era fraco! É por isso que este velhaco lhe havia dito que era o enamorado de Clara, e que ela lhe correspondia. Leôncio, cujo fito era só adquirir dinheiro e mais dinheiro, que lhe importava abandonar uma mulher, que não amava, contanto que um par de mil cruzados fossem em sua algibeira para onde quer que ele partisse! Em qualquer parte onde pois se achasse teria sim vagas recordações de um casamento de peça, mas nunca saudades de uma mulher enganada a quem ele jamais havia amado! Se Clara fosse uma mulher velha, ou feia, tudo isso podia dar-se, tudo podia acontecer, e até mui naturalmente! Mas sendo Clara moça formosa, bela, espirituosa e encantadora, era, se não impossível, ao menos difícil! Leôncio, nos seus 20 e tantos anos, querendo obrar assim, pretendia não menos que um milagre! Porque abandonar uma esposa com as qualidades de Clara, e abandoná-la a outrem é um milagre para um mancebo! Iria pois acontecer o que aconteceu.

Bem depressa Leôncio conheceu o seu erro; bem depressa pesou os quilates de sua imprudência, e bem depressa mediu toda vasta e medonha extensão do abismo em que sua ambição o tinha precipitado! Ele havia, é verdade, visto Clara pela primeira vez com olhos enamorados; mas este prelúdio de amor recuou logo que Roberto lhe disse que a moça era sua enamorada, e então ele voltou-se para seu ouro! Feito o pacto, Leôncio, se o queria cumprir, cumpria o que fosse mais prudente, e como? Fugindo de ver Clara! Inexperiente, ignorante do seu coração, julgou que a podia ver impune e deixá-la de ver livre, como se não a tivera visto! Ainda assim tudo isto podia acontecer, se Clara, resignada a dar-lhe a mão de esposa, se mostrasse sempre triste e sombria; mas ao contrário a donzela, tendo-se resignado a morrer antes que a ser esposa de outrem que não fosse Juliano, começou de mostrar-se alegre, e até de tratar a Leôncio de um modo afável! Um homem experiente e costumado a lidar com senhoras compreenderia bem que esta afabilidade era filha de um cálculo, ou quando muito uma cortesia, e nunca amor. Leôncio tomou-a à melhor parte, supondo Clara enamorada dele; Leôncio era formoso, e sua formosura dava asas à sua crença!

Isto era até certo ponto desculpável. Então, ele deixou seu coração arrastar-se após de suas crenças; e suavemente deixou-se enamorar dos encantos da beleza que o enfeitava! Amando, se julgou amado, nem era para menos! Era mister que então Leôncio se arrependesse de seu pacto, e uma vez arrependido o quisesse de qualquer modo nulificar. A morte de Roberto foi o primeiro alvitre que lhe sugeriu seu ciúme!

Esse partido era desesperado mas Leôncio sem meditar sobre ele o abraçou: a morte de Roberto foi resolvida; mas Leôncio tão mal se houve abraçando esse partido e dando suas ordens para levar seu plano a efeito, que não sabemos como se tirará ele das dificuldades em que de novo suas imprudências o colocaram!

Vimos há pouco a farsa habilmente representada pelo padre Roberto com Apolinário; este espera uma vítima, mas quem é essa vítima? Roberto já sabe de tudo, e então não se há de ir entregar à faca matadora do assassino; e pois quem será a vítima? Esperemos.

Logo que Roberto chegou à casa de Paulo, aí, por boca deste e de Leôncio, soube da carta, e de sua resolução. O padre não pareceu dar a isto o apreço que merecia, como se estivesse preocupado de alguma idéia mais grave, como se o urgisse uma necessidade mais palpitante! Enfim Leôncio vestido de jesuíta e Roberto saíram. Ao chegarem à porta de Leôncio, Roberto encostando-se a um canto, com um pretexto bem justificável, se foi deixando ficar atrás; Leôncio foi se encaminhando para o corredor de sua casa: ali põe o pé sobre a soleira e entra; ao mesmo tempo que entrava, Apolinário salta sobre ele como leão sobre sua presa e crava-lhe a faca nas costas. Leôncio lança um grito abafado já pela morte, e expira. O assassino deita a correr, buscando salvar-se; Roberto, que tem observado tudo, grita:

— Matou... matou... Peguem esse assassino...

Os gritos se prolongam; alguns vultos perseguem o assassino, e ele buscando salvar-se corre sempre!

Assim pois acabou Leôncio vítima de sua ambição, e de suas imprudências!

O leitor sabe perfeitamente como Roberto teceu esta intriga e levou assim o infeliz Leôncio a ser vítima do ferro mortífero de Apolinário, que, sem saber, tendo morto a seu senhor, fugia impetuosamente às garras da justiça.

Aos gritos de Roberto acudiram algumas pessoas que se lançaram ao assassino, correndo-lhe ao encalce.

Eram quase dez horas: tenebrosa estava a noite e a natureza sombria! Um pesado turbilhão de nuvens erguendo-se do horizonte havia obscurecido toda a amplidão do céu, interpondo-se entre o céu e a terra uma muralha sombria fabricada pelas mãos da tempestade! Era densa, e de tão densa que era não deixava que os astros filtrassem sua trêmula luz por entre seus infinitos poros, nem ao través de suas centuplicadas dobras! Longe, bem longe ouvia-se abafado rolar de um trovão, como o surdo roçar de pesado carro sobre o pavimento de elevada ponte. Como o rápido serpear de faminta cobra no alcance de sua presa, assim tremulava um relâmpago, que descosido das dobras do manto da tempestade lá ia soltar o derradeiro soluço abaixo do horizonte, crespo dos horrores da iminente borrasca!

O matador de Leôncio, cravando-lhe a faca, não pôde logo retirá-la, e assim a deixou pregada no corpo da vítima, e correu desarmado. Ao mesmo tempo que ele foge um vulto descose-se da parede, mesmo junto da porta, e corre-lhe no encalço. Apolinário correndo sempre chega ao cais de Brás de Pina, e aí atira-se ao mar, prendendo entre os dentes a carta de liberdade; o vulto que o persegue chamando sempre por seu nome, e dizendo-lhe que parasse, lança-se ao mar atrás dele. Apolinário dirige-se a nado para a ilha das Cobras, e o perseguidor nada também ao seu alcance. Quando o matador pôs pé em terra, o perseguidor estava junto dele, e pôs-lhe mão na gola da véstia, dizendo-lhe:

— Apolinário, eu não quero te prender.

O rapaz tirando o papel da boca disse-lhe:

— Então por que me persegue?

— Para perguntar-te por que razão mataste a teu senhor.

— Eu?!

— Sim, tu. Fala a verdade; já disse que te não quero prender.

— Não foi o meu senhor que eu matei.

— Supões então que foi ao padre Roberto?

— Foi, senhor.

— Estás enganado. Quando estavas no corredor a quem esperavas?

— Ao sr. padre Roberto.

— Quem te mandou esperar?

— Meu senhor.

— Que te disse ele?

Apolinário contou tudo quanto entre seu senhor e ele tinha ocorrido: depois o que teve lugar entre ele, e o padre, que lhe falara na porta. Depois de tudo ter ouvido, disse o vulto:

— Bem. Podes te ir embora.

Apolinário continuou sua fuga. O vulto retirou-se.

Contrastes de uma única hora da vida! Clara, viva apesar de suas intenções, perguntava por suas últimas palavras, isto é, por sua carta, que segundo suas determinações, seriam os últimos pensamentos de sua alma revelados ao mundo! Leôncio vítima do golpe, que a outrem havia preparado, expirava pelas intrigas de Roberto! Juliano meditava e escrevia o que meditava!

Juliano, era ele o vulto que acompanhava o governador, chegando ao palácio com ele, recolheu-se ao quarto, que por então ocupava; sua cabeça estava pejada de mil gigantescas idéias, porque sua alma estava prenhe de mil diversos afetos! Compreendendo por demais, e sentindo demasiadamente, descarregava as idéias de sua cabeça, e desabafava os sentimentos de seu coração sobre uma folha de papel, que sobre uma mesa estendida tinha diante de si. Ele tinha escrito isto:

*Lá sobre os topos de elevados montes,
Saído o sol de um dia amarguroso,
Esse dia de luto o adeus esquivo,
Um triste desmaiar, mandado havia,*

*Das sacras torres às douradas grimpas!
Todo círculo, que a esfera em partes duas
Divide além descendo, um frouxo raio
Do antípoda hemisfério aos outros povos
Com duvidosa luz saudar mandava!*

*Do plumoso cantor de amena selva,
Nesse dia azedado de amarguras,
Foi doloroso o derradeiro acento!
Acendendo as asas taciturna a brisa
O regaço da flor gemeu sombria!
Morno rolou dos céus nocivo orvalho,
E sob o peso seu murchas as flores
Pesarosas seu cálix contraindo
Em vão as auras perfumar quiseram!
Da tarde, o astro tenebroso, e opaco,
Abafado nos céus em luz sanguínea
Desde quando brilhou correu tremendo
A luz de agouros a ocultar nos mares!
Melancólica a lâmpada do templo
De luz funérea derramava triste
Duvidoso clarão, que apraz aos mortos;
Entre sombras, e luz se equivocava!
Sombrio o altar do Deus aguarda o crime,
Que a virtude apadrinha, afaga, e doura!*

*Entre as linhas do mapa da virtude
Negrejam traços, que lançara o crime!
Ao sacrifício atroz não assombravam
Teu medonho aparato, ó sepultura!
Nem teixos funerais, nem teus ciprestes!
Orna à mirrada morte ovante c'roa
De verdes mirtos, de fragrantas rosas!
E contente, e jocunda a ilustre vítima,
Com virgínea grinalda erguendo a frente,
Como em dia de bodas preparada
Para o esposo, desposada virgem,
Parte alegre a libar sobre os altares
Amargo fel da morte em taça d'ouro!*

É hora do tremendo sacrifício!...
Hora... não: eis a hora do consórcio!
Amor não veio ao templo! E do Deus vivo
O anjo de himeneu deserta as aras!
Padrinhos do consórcio são demônios!
O feliz pretendente, o esposo a morte!
O toro nupcial a sepultura!
Mas tu não morrerás; não, minha amada!
E como em amorosos teus delírios
Te deu acerba dor que assim ligasses
Amor à morte; e a virtude ao crime?
No terno coração amor, virtudes!
Na combatida idéia o crime, e a morte!
Mas tu não morrerás; não, minha amada!

Se a peçonha letal, que tanto amavas,
Dileto empenho seus funestos votos,
Tábua de salvação de amor infausto,
Nafragado entre as ondas do infortúnio
Em céu tempestuoso única estrela,
Querida angústia de insofrível mágoa,
Presa da morte te arrojasse ao túmulo,
Evaporando em vascas dolorosas,
E diluindo em transe angustiioso,
Em lágrimas, em ais do extremo arquejo,
Em lágrimas, a vida que idolatro,
Em ais, essa alma, que eu chamava minha...
Que fora em tanta dor teu doce amante,
Se em lúgubre sudário de sepulcro
Te contemplasse a desbotada face,
Sem luz os tristes, macerados olhos,
E sem sorrisos a gelada boca?

Chamaria a tua alma, em vão chamara,
Que viajara então lá d'outros mundos
Luminosa, fugaz, gentil correria
Sobre essas ondas de cristal, que rolam,
Nesse seu perenal fluxo, e refluxo,
No vasto campo azul do mar, que eterno,
Vê brilhantes passar na etérea face

*Luzentes turbilhões de argênteas ondas
Mil torrentes de luz vibrando ao longe!
Luz, que de uma onda trêmula ondulando
Em outra onda batendo é refratada!
Assim torrentes mil quebradas todas,
Lá vão cair num campo sem medida,
Onde de tanta luz efeito eterno
Ano de luz sem fim derrama-se!
Se pois te esperava a eternidade,
Os degraus são raios luminosos.
As ondas coruscantes, que flutuam
Cristalizadas já nessa urna imensa,
Lindos sóis, estrelas fulgurantes!*

*Aqui eternas sobre os mundos velam
Em soberanos entes transformadas,
Sorrisos imortais antes dos orbes,
Plenas idéias da suprema idéia,
Antes de glória, produções de um jato,
Gloriosos esp'ritos!... Mas quem sabe*

*Se de teus olhos turva, incerta vista,
O transe extremo de ansiada pena,
Vaga buscando duvidosos vultos,
Vendo equívoca luz se lhe escoando
Após dessa visão fora embeber-se
Na noite eterna de imutável sombra
Caindo perenal entre essas trevas
Com férreo sono de marmóreo peso!*

*Quem sabe pois se além da idéia augusta
Que arrojada, de nós galga sublime
A climas, produções dessa alma idéia,
Maior idéia, mais suprema existe?
Quem sabe? E então que seja a eternidade
Perene sono, sempiterna noite!*

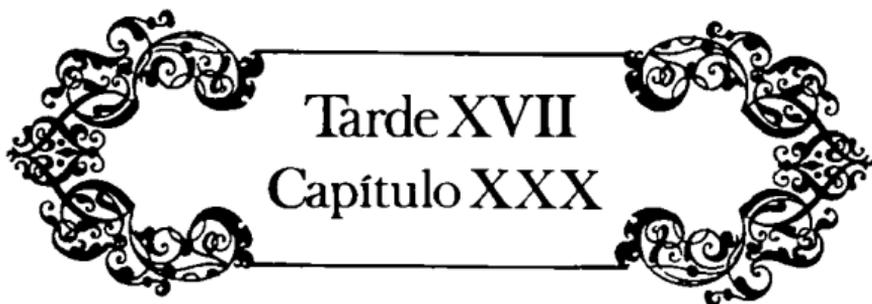
*E tu nas raias desse clima ignoto
Voavas a abraçar-me? Oh! sim, são puras,
Fiéis, suaves criações dos anjos*

*As virgens crenças de inocentes virgens!
Lá, se morresses tu contigo eu fora,
Nem temas erro de tão doce crença,
Que sem que a idéia nossa alcance altiva
Um só vislumbre da primeira idéia,
Grandiosa, qual é, suprema existe!*

*Crê pois. Existe tu; deixa que eu morra!
Vive; e contente em mágico transporte
Nos braços do prazer feliz te lança!
Por último favor, suprema graça,
De teus divinos, adoráveis, olhos
Sobre o do amante miserando túmulo
Uma pérola só deixa que role!*

*Qual, na aurora, os do céu puros aljofares
Fecundam docemente a flor mimosa;
Assim tua de amor saudosa lágrima;
Como da aurora as lágrimas propícias,
Irá no túm'lo meu ermo, e sombrio
Fecundar as de amor memórias gratas!...*

Apesar desta reticência, não sabemos se estes versos terminavam aqui, ou se continuavam; porque o poeta tinha escrito o último, quando em palácio se deu notícia da morte de Leôncio.



Tarde XVII

Capítulo XXX

Como Roberto quis imputar a Juliano
a morte de Leôncio

Ai temos uma nova e imensa mutação sobre este nosso teatro, bem que continuem a representar nele os mesmos principais personagens afora um, que, quando menos esperava, este drama tornou-se para ele ensangüentada tragédia!

A morte de Leôncio era o sinal de uma revolução em todas disposições até ali pelo padre Roberto feitas! Tantas linhas lançadas sobre o mapa de seu amor, o destino havia passado sobre elas a esponja de seus caprichos! Tantos planos tão bem concebidos e melhor meditados em tantas noites de vigílias; tantos esforços empregados com toda força do coração; tantos empenhos feitos, apesar de tantas morais dificuldades; tantos riscos empreendidos, e vingados com sobre-humana coragem; tanto dinheiro profusamente dado a assassinos para por meio deles obter-se o desejado fim, isto é, a morte de Juliano; tudo isto se havia aniquilado em um só dia pela aparição de Juliano, como se aniquilam as neves da manhã ao primeiro raio de um sol brilhante!

Era de presumir que à vista de tantos e tão inesperados contratempos, Roberto abandonasse sua perigosa empresa, porque contra ela se levantava tudo quanto levantar-se podia. Clara suspeitava de alguma coisa; ela o havia dito tendo tornado a si; e bem que nenhum dos circunstantes entendesse o sentido destas palavras: "É uma idéia horrível... muito horrível!...", palavras que pareciam produzidas pelo seu delírio, todavia Roberto deu-lhes uma interpretação, e o mais é que essa interpretação era verdadeira! Clara desconfiava

pois que o ferimento de Leôncio fora uma trapaça entre ele e Roberto: Roberto assim interpretou as palavras da moça! Sim, Roberto via erguer-se contra seus planos o ódio de Clara, conseqüência necessária de sua suspeita. O amor de Clara por Juliano agora crescia (se crescer podia) com mais veemência e mais tenacidade, como as águas de rio, retidas pelas paredes de um tenaz dique, que desmoronando uma de suas barreiras, borbulha impetuoso rolando espumosas ondas em borbulhantes cachões, que em sua voraz impetuosidade levam após de si não só enormes madeiros, mas também quase matas inteiras! E apertado em seu furor entre as paredes de seu leito, tímido voltejando em remoinhantes vórtices sobre as várzeas, que bordam suas longas margens, suas ondas vencedoras, entre batalhões de flores sorrindo, como de contentamento espriam-se-lhe! No ponto em que havia chegado, tal era o amor de Clara! Eram estes os quase invencíveis embaraços que se opunham à empresa de Roberto: deveria ele recuar? Isso faria qualquer homem vulgar e Roberto o não era! Não se pode ser muito mau e ter ao mesmo tempo recursos para desenvolver e encobrir maldades sem ter-se talento, e muito talento!

Roberto sentiu bem a necessidade de comprar silêncio de Clara, custasse isso o que lhe custasse, pois que de sua desconfiança poderiam lhe sobrevir males que talvez fossem irremediáveis!

Tudo isto calculou este homem feroz, e dispondo-se para novos assaltos, jurou a perda de Juliano.

Vimos por suas intrigas cair Leôncio assassinado: ele o havia merecido, é verdade, já pelos seus crimes, já pela falta de habilidade!

Roberto, vendo consumado este ato de sua vingança, afastou-se do lugar da tragédia, e, em um lugar que mais apropriado achou, despiu a roupeta, e a meteu embrulhada debaixo do braço, e assim transformou-se em secular, para o que tinha vindo pronto, desde que voltou do colégio para trazer a roupeta de que se serviu Leôncio... Sob o disfarce desta mudança caminhou para o colégio. Pouco adiante do lugar onde Leôncio expirara, um vulto envolto em um esfarpado capote, encostado ao canto da rua, se conservava imó-

vel. O assassinato, há pouco perpetrado, os gritos, a carreira do assassino em sua fuga, enfim todo esse movimento não o tirou dessa postura estática em que este vulto estava (se é que ali já estava nessa ocasião) e nem levemente perturbou sua impassibilidade de pedra! Passando por esse vulto, Roberto parou, e depois de contemplá-lo um momento, lhe disse:

- Não sabeis o que acabou de acontecer, amigo?
- Não.
- Nem ouvistes daqui os gritos?
- Não.
- Pois mataram o licenciado Leôncio.
- Deus lhe dê o céu.
- E não acudistes quando se gritou: “Aqui del-rei?”
- Não.
- Todos devem acudir a este grito.
- E por que não acudistes?
- Porque outros deveres me chamam a outra parte.
- Também a mim.
- E não sabeis quem foi o assassino?
- Não.
- E não quereis saber?
- Não.
- Um assassino é um mal para a sociedade e todos devem concorrer para sua destruição. Que dizeis a isto?
- Nada.
- Conheceis-me vós?
- Não.
- E nem me quereis conhecer?
- Não.
- Contudo quero sempre dizer-vos o nome do assassino.
- E que me importa um nome?
- Chama-se Juliano.
- Podia chamar-se Julimez.
- É o que veio de Missões.
- Viesse do inferno.
- Pois vos não interessa saber isso?
- Não.. Interessa-vos dizer-mo?
- Certamente.

- Pois dissei-o.
- Já vo-lo disse.
- Pois continuai vosso caminho.
- Sois intratável.
- Deus vos acompanhe.
- Mas...
- Vós me irritais... Ide-vos com Deus.

Roberto continuou seu caminho. No canto oratório de Nossa Senhora do Bom Sucesso, isto no cruzamento das ruas da Quitanda e do Cano, outro vulto estava recostado; Roberto dirigiu-lhe a palavra:

— Meu amigo, não ouvistes há pouco uma grande gritaria?

- Não, certamente.
- Pois agora mesmo perpetrou-se um assassinio.
- Um assassinio?!
- Sem dúvida.
- É possível, senhor?
- É como vos digo.
- Conheceis o que morreu?
- Foi o licenciado Leôncio.

— O licenciado Leôncio? Tão bom moço! Será possível!...

— É verdade! Apesar de ser tão bom moço foi assassinado agora mesmo.

— E quem foi o matador?

— O Juliano.

— Que Juliano?

— Aquele sobrinho de um velho muito rico chamado Agostinho.

— Não conheço.

— Haveis de conhecer. É o que foi para Missões com o governador, e lá dizem que obrou ações de valentia.

— Ah! já sei... Mas ouvi dizer que esse tinha já morrido...

— Pois não morreu, e aí está.

— Que malvado!

— Sim, dizeis bem; malvado, e muito malvado.

— Enfim os bons são os que a morte leva. E a justiça já sabe que foi ele ?

— Creio que não.

— Devíeis o ter denunciado.

— Ainda não encontrei a quem.

— Pois eu o farei apenas encontre alguma ronda.

— Fazeis muito bem.

— Eu assim o penso.

— É um serviço à sociedade que ides prestar.

— E não me demoro mais.

— Pois ide; e Deus vos acompanhe.

— As vossas ordens.

O homem que estava recostado desceu buscando a rua detrás do Carmo, e desapareceu. Roberto seguiu seu caminho buscando a rua de São José. No canto desta, ou antes cruzamento com a rua detrás do Carmo estava postada uma patrulha de soldados que faziam o serviço policial desta noite. Logo que ele se aproximou da patrulha gritaram-lhe:

— Quem vem lá ?

— É de paz — respondeu ele.

— Aproxime-se.

— Aqui estou.

— Onde vem ?

— Da rua Direita, da casa do negociante Paulo.

— Para onde vai ?

— Para minha casa.

— Onde ?

— No morro do Castelo.

— Corra-se este homem.

Disse o comandante da patrulha a seus soldados, que imediatamente cumpriram a ordem; e não achando arma alguma disseram ao comandante. Este perguntou a Roberto:

— Ouvistes falar de um assassinio perpetrado há pouco ?

— Sim, ouvi dizer que um moço de nome Juliano, que chegou ontem de Missões com o governador, havia assassinado ao licenciado Leôncio.

— A quem ouvistes dizer ?

— A dois sujeitos, que encontrei há pouco.

— Nesse caso deveis acompanhar-nos.

- Para quê ?
- Para fazerdes esta declaração diante do sr. ouvidor.
- Mas a minha declaração vale tanto como a vossa.
- A minha não, que nada sei.
- Nem eu.
- Mas não o dissestes há pouco ?
- Disse-vos que tinha ouvido dizer que foi esse moço o matador. O que ouvi dizer também vós o estais ouvindo, e nesse caso a vossa declaração serve tanto como a minha.
- E onde estava esse vulto ?
- No canto do Bom Sucesso, e lá o deixei há pouco.
- Mas já se terá retirado ? . . .
- Creio que não; porque espera um companheiro, que, segundo me disse, não deve ter ainda chegado.
- Nesse caso vou ver se o encontro.
- Entendo que cumpris com o vosso dever. Adeus.
- Às vossas ordens.

Tendo assim falado os dois, o comandante da patrulha dirigiu-se para o canto do oratório de Nossa Senhora do Bom Sucesso, e Roberto começou a subir a ladeira do Castelo. Ao chegar ao adro da igreja dos jesuítas encontrou ele outro vulto; ao passar por este disse Roberto:

- Deus vos dê boas noites, amigo.
- Deus vos dê as mesmas. Mas é mentira — disse o sujeito.
- Mentira o quê ?
- Não sou vosso amigo, nem vós nunca me vistes.
- Tendes razão; mas isto é um modo de dizer.
- Logo mentis *pro formula* ?
- É isso trivial na sociedade.
- Seja. Mas que vos importa quem aqui está ?
- Estais enganado, meu caro, não me importei convosco.
- Mais duas mentiras.
- Como ?
- Acabais de chamar-me meu caro, e isso não é verdade.
- Sois muito rigorista.
- Dizeis que vos não importastes comigo, e quando passáveis me falastes.

— Os homens bem criados não negam a salvação a pessoa alguma.

— Pois deixai-vos desta criação para quem anda tarde pela rua.

— Pois ofende-vos isto ?

— Mas há pessoas que andando tarde não querem ser conhecidas, por isso não falam a quem passa, e quem passa também lhes não fala.

— Nesse caso perdoai, mas como o que ocorre na sociedade toca a todos, por isso julgava dever dar-lhe uma notícia.

— E que notícia ?

— Acaba de acontecer uma desgraça.

— Pois dizei; que desgraça ?

— Há pouco foi assassinado o licenciado Leôncio.

— Deus lhe dê o céu; mas não acho lá grande novidade.

— Não achais grande novidade ?

— Não. Vós vos importais muito com isso ?

— Certamente; e entendo que todos se devem importar.

— E eu não. Quem o matou ?

— O Juliano, sobrinho do Agostinho, e irmão do jesuíta Jerônimo.

— Deus lhe dê saúde. Foi preso ?

— Por ora não.

— Pois que fuja, e Deus o acompanhe.

— Que dizeis, homem ?

— Aos mortos sepultura, aos vivos escapula.

— Se o morto fosse parente, ou amigo vosso ?

— Estava morto do mesmo modo.

— E quereríeis que o assassino ficasse impune ?

— O seu castigo não ressuscitava o morto.

— Sois um homem insensível !

— E vós um importuno.

— Temei que vos aconteça a mesma desgraça.

— E vós que vos não aconteça.

— Que me não aconteça ? !

— Sereis muito feliz se acabardes na ponta de uma faca, ou na boca de uma boa espingarda.

— Por que crimes ? Que tenho eu feito ?

— Por nenhum crime; nada tendes feito; mas se morrerdes assassinado haverá mais um santo mártir a quem nos encomendemos em nossas santas orações. Talvez que digam que morrestes no santo serviço de Deus, e isto será bem glorioso para vós.

— Não vos compreendo.

— Vós mentis.

— Por que minto eu ?

— Por dizerdes que não me compreendeis.

— Afirmo-vos que vos não compreendo.

— Pois seja assim. Entretanto torno a dizer-vos: notai bem estas minhas palavras: temei que tal desgraça vos não aconteça... Adeus, senhor; nós nos tornaremos a ver.

— Vós me conheceis ?

— Muito.

— Quem sou eu então ?

— Quereis que vo-lo diga ?

— Fazei-me esse favor.

— Sois o velhaco do Ligeiro: e algum dia pagareis as ligeirezas feitas com o leigo franciscano, que encontrastes na estrada de São Paulo.

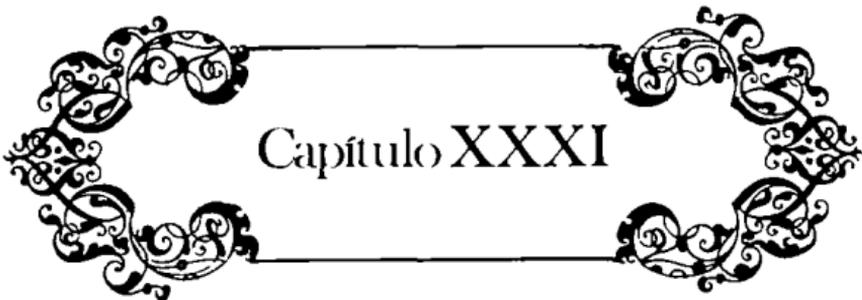
— Está bom. Adeus.

— Ide; que não gostastes desta.

Roberto continuou seu caminho, recolheu-se ao colégio, rindo-se da simplicidade do sujeito, e dizendo talvez consigo: "Que toleirão !"

O sujeito, depois que o viu retirar-se, disse:

— Vai, assassino ! Escândalo do sacerdócio ! Vai, que teus crimes cairão um dia sobre tua criminosa cabeça !



Capítulo XXXI

Como Paulo consultou Roberto sobre acordo
que devia tomar, e do que ele lhe disse

Apareceram no capítulo passado dois personagens misteriosos: um seguiu a Apolinário, e não sabemos quem seja; o outro é o sujeito que muito bem conhecia a Roberto, pelo que ouvimos depois da retirada deste, e que fingiu não o conhecer, dizendo ser Ligeiro.

Lembremo-nos de que o mesmo que disse Roberto aos três sujeitos com quem se encontrou, disse ao comandante da patrulha; isto é, que o matador de Leôncio fora Juliano. Esta espécie de denúncia era de algum peso atenta à circunstância de haver sido atribuído a Juliano o primeiro ferimento de Leôncio. O comandante da patrulha pois dirigiu-se ao ouvidor da comarca, e lhe fez saber o que tinha ouvido. O ouvidor, que sabia bem dos serviços que Juliano, em Missões, tinha prestado ao rei e ao Estado, julgando que um jovem tão bravo era incapaz de cometer um assassinato por tal maneira, e sabendo além disto que o governador tinha a Juliano em grande estima e reputação, julgou de seu dever entender-se com Gomes Freire de Andrade, antes de dar ordem alguma. Com efeito naquele mesmo momento dirigiu-se ao palácio a falar com o governador. Eram mais de 11 horas. O ouvidor entrou e, dizendo que negócio de urgência o obrigava a falar já com o governador, foi imediatamente admitido à sua presença. O ouvidor conhecia bem a Juliano, e quem não conhecia o herói de Missões! Entrando pois recuou maravilhado, vendo Juliano em companhia do governador: este, notando o seu espanto, disse-lhe:

— Aconteceu alguma coisa ?

— Senhor, tive uma notícia que o matador do licenciado Leôncio fora o sr. Juliano, que aqui está. . .

O governador, bem que não soubesse dos misteriosos acontecimentos de Juliano, contudo não pôde conter o riso e disse:

— É na verdade maravilhosa essa denúncia, porque o sr. Juliano saiu comigo sendo oito horas, e comigo voltou perto das nove; o assassinio foi perpetrado junto das dez horas, e estando aqui o sr. Juliano, como pois podia ser ele ? Conheceis o denunciante ?

— É o comandante de uma patrulha.

— E a quem ouviu ?

— Um sujeito que passou foi quem lhe deu essa notícia.

— Devia imediatamente trazê-lo à vossa presença.

— Isso quis ele fazer: mas o sujeito disse-lhe que aquele a quem tinha ouvido essa notícia estava num canto da rua, um pouco mais adiante; o comandante dirigiu-se a esse lugar mas já o não achou.

— Nesse caso cumpre então com o vosso dever, devassai.

— É isto o que vou fazer, senhor.

Dito isto, o ouvidor despediu-se, e retirou-se. Juliano ficou só com o governador. Este lhe disse:

— É admirável, senhor Juliano, que tendo chegado vós de Lisboa há pouco tempo, e não tendo ofendido pessoa alguma, tenhais um ou mais inimigos que com tanto furor e encarniçamento assim procurem a vossa ruína !

— Sim, senhor — respondeu o mancebo —, é admirável o que dizeis; mais admirável porém achareis, se vos eu contar quanto me tem acontecido: talvez seja assunto para uma bem enredada novela. /

— Não sei de coisa alguma.

— Assim deve ser; porque só sabem meu tio e meu irmão, tendo antes de o saber prometido um inviolável segredo.

— E julgais que eu também seja capaz de guardar ?

— É porque vou revelar-vos tudo quando me tem acontecido: e depois dissei vós mesmo quem é o meu inimigo.

Dizendo isto, Juliano começou a contar todos os seus acontecimentos, principiando pelos seus amores para com Clara.

Contou como tendo-lhe escrito, e ela recebido sua carta, respondeu-lhe, e que esta resposta da moça não veio às suas mãos, tendo todavia alguém, que ele não sabia quem era, recebido a carta e a resposta da mão de uma escrava de Clara, fingindo-se esse alguém portador por ele mandado.

Continuou contando como foi esperado no Campo de Santana para ser assassinado por um espanhol, e por outro na estrada do Engenho Velho. Revelou a Gomes Freire as declarações de d. Estêvão de las Cruzes. Enfim tudo quanto havia ocorrido a respeito de tal negócio, e que o leitor já sabe. Depois disse:

— À vista de tudo isto, senhor, quem será o meu encarregado inimigo?

— Sem dúvida o jesuíta Roberto.

— Sim, sem dúvida ele.

— E que fizestes tendo tantos dados para o acreditar vosso inimigo?

— Nada: acautelei-me apenas. Antes porém dirigi-lhe uma carta de desafio, que não aceitou, e respondeu-me protestando-me sua inocência. Fingi acreditá-lo, e conservei-me observando o curso de seus crimes, porque só assim poderia eu colhê-lo em alguns deles.

— E que pretendeis a respeito de Clara?

— Ligar-me a ela, se ainda estiver desse acordo.

— E do padre Roberto?

— Por ora nada.

— Sim; nada por ora. Entretanto o vosso casamento fica por minha conta. Quanto a Roberto, depois cuidaremos dele.

O governador retirou-se; e Juliano deitando-se em sua cama procurou no seio do sono esquecer as amarguras do dia.

No dia seguinte o sossego estava restabelecido em casa de Paulo; Clara já não queria morrer, mas Paulo estava aflito não só pela morte de Leôncio, como por considerar que sua palavra estava comprometida para com Juliano: este casamento o penalizava, mas só por insinuações de Roberto, quero dizer, insinuações passadas. Demais o aparecimento de Juliano tinha causado ruído, e o caso ocorrido na igreja fora estrondoso. Oprimido destes pensamentos, Paulo resolveu-se

a ir com sua filha para sua chácara, e lá ficar alguns meses, até que se desvanecesse a impressão de tantos acontecimentos, e o ruído popular se amortecesse um tanto. Costumado porém a nada obrar por si mesmo, pois que era Roberto quem o aconselhava em tudo e por tudo, e quem o dirigia, resolveu-se a ir consultá-lo a respeito de suas últimas resoluções. Com efeito o homem foi ao morro do Castelo, e quando Roberto menos o esperava bateu-lhe à porta da cela, e apresentou-se.

— Não é sem grande motivo que aqui vindes, agora — disse Roberto admirado.

— É verdade — disse Paulo — que alguma coisa aqui me traz, mas não é grande.

— Como passastes de ontem para cá ?

— Sofrivelmente. E vós ?

— Não muito bem: bem vedes que com tantos incômodos...

— Sim, tendes razão. E vossa filha ?

— Está contente e tranqüila.

— Assim deve ser.

— Padre, vim ainda consultar-vos a este respeito. Sabeis tanto como eu o estado em que param os negócios a respeito de Clara: assim deveis saber tudo quanto me aflige. É muito de presumir que Juliano reclame o cumprimento de minha palavra, querendo absolutamente ser marido de Clara: que julgais que eu deva fazer ?

— O negócio está muito melindroso.

— Vós o julgais assim ?

— E todo mundo que pensa.

— E que devo fazer ?

— Vós comprometestes a vossa palavra.

— Mas...

— Dissestes a Juliano que fosse para Missões, que se lavasse da mancha do assassinio de Leôncio, a ele imputado, que voltasse sem essa mancha, e então receberia a mão de vossa filha. Não dissestes ?

— Eu o disse e não posso negar.

— Se o dissestes, e não podeis negar o que dissestes, que quereis fazer ?

— Mas não fostes vós mesmo que primeiro aconselhastes que não cumprisse minha palavra, porque Juliano não era digno de minha filha ?

— Fui, e não nego.

— E então ?

— Quando assim vos aconselhei, supunha que fazia um serviço a vossa filha. Supus que sua alma deslumbrada pelo fogo do amor não via seus interesses, sua reputação, e sua glória, e que diminuindo eu a intensidade dessa deslumbrante luz que devorava a sua alma ela poderia ver claramente o que lhe convinha, e devia convir-lhe. Vossa filha pareceu ceder, mas cedeu para morrer ! Clara compreendeu toda a força de meus raciocínios, e conquanto amor dê força, coragem, e eloquência a seus escolhidos, contudo vossa filha não achou em si força, coragem, e eloquência para destruir meus argumentos. O objeto de seu amor a seduzia com todo brilhantismo de uma ilusão pomposa ! Como a pirausta enamorada da luz que a deve aniquilar, se em seu louco amor se lhe aproximar, que a investe, recua, até que abrasada na chama cai, e expira, vossa filha sentiu em si uma força imperiosa, irresistível e fatal que a inclinava, a atraía, e arrastava-a para aquele que a devia perder ! E, pois, viver com Juliano foi nela uma necessidade, mas necessidade que filha do crime pugnava com a vida, e a morte, contra a morte, e a vida ! Pugnava com a vida contra a morte, porque ela morreria se não fosse esposa de Juliano ! Pugnava com a morte contra a vida, porque ela sabia que a união com Juliano a devia destruir !

Desentronizando de seu coração a sábia rainha do universo, a razão, vossa filha colocou em seu lugar o déspota do mundo, isto é, o capricho ! E não ouvindo mais que suas funestas leis, cedeu ao empenho que ela em si havia feito uma absoluta necessidade ! E à vista dessa necessidade horrível passou ela um traço em tudo quanto havia de mais sagrado, e que para ela devia ser ! Deus, natureza e humanidade foram para ela quimeras ! Surda à voz suprema da augusta religião atentava contra seu dias ! Esquecida do autor de seus dias, deixava-o sobre a terra abandonado ! E sem se importar com o juízo que o mundo faz do suicida, afrontou

buscando a morte todo horror da opinião pública! A verdade, a razão, e a justiça, que ficam sendo contra um capricho tão cego, tão inflexível, e tão déspota? Nada, e absolutamente nada! Quereis pois lutar contra o capricho de vossa filha? Como? Onde? Em que tempo? Como; as armas da ternura são fracas para domar tão altivo coração! As ameaças irritam seu amor, e o colocam na suprema altura da paixão! Onde; ela goza de sua suprema liberdade! Nem vós tendes meios para a privar dela e nem o deveríeis fazer! Em que tempo; tudo quanto intentardes contra seu amor é já intempestivo! Seu amante vós deveis considerar a seu lado!

No fim de tudo, vós não podeis lutar com vossa filha sem serdes completamente derrotado, porque vossa filha tem seguro o seu triunfo no seio de sepultura! Que quereis pois, vê-la esposa de Juliano ou morta?

— Não sei o que vos diga!

— Não digais. Um filho amante jamais será capaz de apagar as obrigações que deva a um pai desvelado! E o coração de um pai terno perdoa e acaricia a cem filhos ingratos. É vossa filha, perdoai-lhe. Ainda ela tem feito muito em não ter abandonado a vossa casa, em não ter-se desposado com Juliano contra vossa vontade. Entretanto permiti-me que o diga, receio que Clara abandone vossa casa, porque a paixão pode mais nela que a razão! Seja porém qual for seu procedimento, sede vós generoso. A vossa obrigação está feita: mostrastes-lhe o caminho da virtude, aclarastes-lhe a razão, pintastes-lhe a verdade; agora deixai que siga ela o caminho que lhe aprouver sua vontade, que faça de si o que bem lhe parecer; se for feliz dê parabéns à sua fortuna, e aplauda-se; se for desgraçada, não terá direito de culpar-vos. Lavai pois as mãos a respeito de seu procedimento!

— Se ela quisesse ainda entrar para o convento...

— Para que quereis ser mau? Se arrastada por seus caprichos perder ela seu corpo, perca-o, perca-o muito embora; mas não perca sua alma! Seja infeliz na vida, mas que a infelicidade não passe além do túmulo, e cesse sua desgraça cessando sua vida! Que empenho tendes de que aquela que não foi boa filha não seja também uma boa religiosa? Deixai-a. Deus vela sobre vós e dela fará o que julgar melhor.

- Então que julgais que eu deva fazer ?
- Não vos opordes a vossa filha.
- Dou-a pois a Juliano.
- Dai-a, se ela assim o quiser.
- Pois bem; eu o farei... sim, eu o farei: bem a meu pesar, é verdade, mas faça-se o que ela quiser.
- Sim, fazei o que ela quiser.
- Mudando agora de assunto; que me dizeis da morte do licenciado Leôncio ?
- Que vos hei de dizer ?
- Nada sabeis a respeito ?
- Nada; nem eu ainda hoje saí. E o que se diz por aí ?
- Muita coisa, mas nada com fundamento.
- Nem falam quem foi o matador ?
- Não, certamente.
- É admirável.
- O quê ?
- Que não se saiba ainda quem ele foi.
- Mas como não houve testemunhas...
- Há outras coisas que se passam clandestinamente, e sabe-se; porque aqui sabe-se de tudo quanto se passa.
- Também lá acontece o mesmo.
- Não em Lisboa, que é uma grande cidade.
- Mas nos lugares mais pequenos.
- Não duvido.
- O que tem feito grande bulha é o ter-se achado a Leôncio com roupa de jesuíta.
- Mas vós sabeis a razão.
- E a todos tenho explicado.
- E como tendes explicado ?
- Como Leôncio me havia dito.
- Leôncio ?
- Sim; ele mo disse.
- Então que vos disse ele ?
- Que saindo de minha casa para ir para a sua temia por sua vida.
- E depois ?
- Ofereci-lhe minha casa para que ficasse.
- E não aceitou ?

- Não, não aceitou.
- E o deixastes sair?
- Como não, se ele me disse que era de absoluta necessidade o ir a sua casa?
- Que loucura! Também fostes imprudente!
- Eu de nada sabia...
- Mas era de reçar.

— Mas disse-me ele que tinha em casa uma roupeta vos-
sa, que a tinha mandado buscar, e o portador esperava à mi-
nha porta; que disfarçado com esta roupeta não tinha de que
reçar. E não querendo aceitar os meus oferecimentos reti-
rou-se.

— Pobre Leôncio! — disse Roberto com os olhos rasos
d'água. — Era a morte que te buscava!

— Enfim a morte leva os bons!

— E é verdade!

Os dois conversaram longo tempo, até que Paulo se des-
pediu. Roberto vendo-se só entregou-se às suas meditações.
Segundo seus planos era assim que ele discorria:

“Bem, há só um homem sobre a terra que sabe dos meus
segredos! Dois eram eles, Leôncio, e Ligeiro! Fácil, e mui
fácil fui em fiar-me deles; não importa. Leôncio prometen-
do-me ontem de eternamente guardar meus segredos! Sim,
prometeu-me, e ele os guardará!... Estou seguro de sua
discrição! Ninguém pois guardará hoje um segredo como
Leôncio, ninguém será tão discreto como ele! Ora, em ver-
dade se há verdadeiros amigos é certo que só o túmulo é que
os sabe conservar! Só o túmulo é que sabe guardar, e religio-
samente, um segredo!...

É-me preciso assegurar-me da fidelidade, e discrição de
Ligeiro do mesmo modo. Sete palmos de terra em comprimento,
três em largura, e quatro em profundidade asseguram
melhor que a mais construída masmorra a discrição e fide-
lidade de um amigo. É pois preciso que Ligeiro me seja fiel
e discreto: ele o será... Todavia este velhaco não me apa-
rece, há tempos, e nem dele notícias tenho! Mas ele há de
aparecer... oh! se há de!... então será discreto e fiel.

Quanto ao sr. Juliano... Enfim tudo isto se deve ao sr.
Ligeiro... Tratante... que se ele assegurasse o golpe tal não

aconteceria!... E quem sabe se é verdade o que ele nos disse? Qual verdade... Comeu o dinheiro, e pôs-se a caminho, mas há de pagar-me...

Quanto a Juliano, está coberto de glória, e tem a proteção do governador!... É o mesmo. Como quer que seja, Juliano nunca será o marido de Clara! Já agora o abismo está aberto! Para faltar a minha vingança embora não seja ele a única vítima! Embora no abismo que lhe tem cavado minha raiva caia ele, Clara, e eu mesmo, morramos todos... morramos muito embora, contanto que nunca Juliano se chame o marido de Clara! E nunca se chamará! Não, não se há de rir de meus esforços! Chore, e chore lágrimas de sangue. Onde Roberto é desgraçado seu rival não pode ser feliz! O objeto do meu amor não pode ser a esposa de outrem, pertencendo-lhe inteiramente! O belo ideal de Roberto não pode ser a encantadora realidade de Juliano!...

Paulo está resolvido a levar sua filha para a chácara... tanto melhor! A força dar-me-á o que não me deu minha prudência! Agora jogarei minha derradeira carta. É um assalto de morte! Vamos".

Assim discorria o ímpio! Pouco depois vestiu-se e saiu. Passada uma hora ele estava em casa de Paulo; aí soube que daí a dois dias Paulo ia para a chácara com sua filha. Roberto depois desta notícia retirou-se sem ver Clara, que lhe não apareceu.

Principiou-se o processo sobre a morte de Leôncio; devassou-se minuciosamente e ninguém foi pronunciado. Talvez que Roberto dissesse então consigo que o comandante da patrulha não cumpriu com o seu dever, e que os três vultos a quem disse que Juliano fora o assassino de Leôncio foram prudentes demais. É porém notável tanta prudência em três diferentes personagens!

Como for, não mais voltaremos a este assunto, basta que digamos que na devassa ninguém foi pronunciado.

Roberto depois que saiu da casa de Paulo foi ao Engenho-Velho, à fazenda dos jesuítas; ao que lá foi não o sabemos, nem ele o disse: mas foi e voltou no mesmo dia.



Tarde XVIII
Capítulo XXXII

Por que razão Juliano havia sido julgado morto

Sabemos que Ligeiro, por meio de um soldado, havia atraído Juliano ao lugar onde o peão o esperava com uma pistola; sabemos também que quando Juliano se avizinhou desse lugar o malvado disparou sobre ele sua mortífera arma, e que não errou seu alvo; e sabemos mais que Juliano caiu ferido, e que ficou como morto. Pois bem.

Juliano, fora de si, parecendo mais um defunto que um homem vivo, foi levado em braços do lugar em que caiu ferido até a tenda do general, isto é, até a tenda de Gomes Freire, que o estimava como filho!

Todos que acudiram ao ruído deste acontecimento o julgaram morto; e aqueles que assim desmaiado o viram saíram da barraca do general noticiando pelo campo a sua morte. O primeiro cirurgião que acudiu, a primeira coisa que exigiu foi que todos se retirassem: acudiram mais dois cirurgiões, e estes facultativos com Gomes Freire foram os únicos que ficaram em companhia do ferido.

Com efeito Juliano tornou a si já tarde, e quando o campo estava cheio da notícia de sua morte. De manhã, como sabemos, partiu para o Rio de Janeiro um próprio vindo de Missões, e vários oficiais que tinham que escrever às suas famílias não só o fizeram, como em suas cartas noticiaram aos seus amigos a morte de Juliano.

No dia seguinte ao do assassinato de Juliano já no campo sabiam todos que ele vivia, e com esperanças de escapar; mas a notícia de sua morte já corria longe. Acresce que o

mesmo governador em uma das cartas que mandou, tendo de despachar o correio, antes de Juliano tornar a si, tomando o seu letargo por uma verdadeira morte, em um pós-escrito, também dizia que Juliano aquela noite fora assassinado: verdade é que não assegurava de sua morte, e até nem de sua vida; mas a pessoa que leu esta carta tomando a palavra assassinado por verdadeiro sinônimo de morto, o foi dizendo a quantos encontrava!

Ora, dois dias depois deste acontecimento, o exército se pôs em marcha para o Rio de Janeiro; ninguém mais foi ter com o exército; também ninguém do exército dele saiu. Assim pois não se pôde saber notícia alguma em contrário. Ignora-se se Juliano escreveu ou não a seu tio a tal respeito, mas dada a circunstância da falta de portadores é de crer que não.

Além disto, tendo Gomes Freire se avantajado em marcha a respeito do exército, que atrás deixou, e trazendo consigo seu estado-maior, e entre ele Juliano, certo devia este chegar ao Rio de Janeiro sem que notícia alguma a seu respeito o tivesse precedido.

Eis por que a aparição de Juliano no Rio de Janeiro foi inesperada, admirável, e estrondosa.

Ainda mais; como Juliano tinha na peleja obrado prodígios de valor, persuadiu-se Gomes Freire, e quase todos os officiaes do exército, que os jesuítas de Missões haviam sido os autores de seu assassinato. Isto fez com que sua ressurreição, permitam-me que fale assim, ficasse como misteriosa, e abafada no exército!

Juliano pela sua parte a ninguém attribuía tal malvadeza, pois não lhe podia ocorrer que Roberto, de tão longe, mandasse um próprio assassiná-lo no seio do exército de Missões.

Paulo pensando bem a resolução funesta de sua filha, sentindo que todos diriam que o casamento dela com Leôncio fora obra sua, e que para ela havia exigido de Clara uma obediência cega, dava mil tratos à sua imaginação, e rolavam em sua cabeça mil amargos pensamentos, sem saber como se livraria das increpações de Juliano... mas felizmente lembrou-se da notícia da morte do mancebo, e esta lembrança foi como uma estrela que lhe brilhou na noite tenebrosa de suas ofuscadas idéias. Tranqüilizou-se, pois.

Juliano, que depois do acontecimento da igreja guardou-se bem de aparecer a Clara, todavia no segundo dia depois desse acontecimento endereçou-lhe uma carta nos seguintes termos:

“Senhora:

Arrancado de junto de vós, e privado das mais supremas delícias que uma união augusta me prometia, por vós, aceitei a minha partida como uma espécie de degredo ou antes como uma expiação de um crime, que nem por pensamentos perpetrá-lo pude! Assim estive ausente de vós; isto é, ausente do que sobre a terra mais amo; sabeis vós o que é estar ausente do que se ama?

É, durante o dia, não pensar senão nesse objeto; e durante a noite sonhar sempre com ele! As sombras da noite recordam a cor de seus olhos, e de seus cabelos; as rosas da aurora suas faces, e seus lábios; o suspiro da brisa o hálito de seu peito; a serenidade do céu a beleza de seu rosto; a harmonia da natureza as graças do seu corpo! E a imaginação? Tudo isto é obra sua quando lançando grandes traços em páginas do futuro assegura o porvir de amor, dissipa seus temores, e diviniza ternas inspirações no celeste quadro de um tão belo ideal, que, de tão encantador, não seriam talvez capazes os próprios anjos do céu! A imaginação! Ela porém se não contenta de uma criação tão bela! Tão fácil de criar, com tanto amor, e encantos, como os do céu, como fácil em abandoná-los; bem depressa foge às mimosas produções de seus feiticeiros devaneios, e segue após da lei geral das compensações, e, enamorada de uma compensação horrível, engolfa-se em profundo abismo, aonde já farta de gozos se vai fartar de tormentos, aonde negrejam os mais refinados tormentos pintados por ela mesma, com cores tomadas de empréstimo ao inferno! Oh! Que mais horríveis que os do próprio inferno folga de traçar horrores, que ela traçar poderia de tão horríveis que são, e por cúmulo de inqualificável tormento parece deleitar-se nos hediondos quadros de sua mesma obra! A imaginação! Céu, e inferno da ausência, faz as delícias, faz os tormentos de um amante ausente! E

a saudade? Sabeis vós comprehender todo fundo dessa idéia representada pela palavra saudade! Sabeis o que é saudade? Pois é a consequência dos mais opostos afetos! É um prazer que começa em dor, e em dor acaba, uma dor que começa em prazer, e acaba em prazer! É uma consolação filha de uma angústia, e uma angústia filha de uma consolação! É uma esperança que se perde num desespero, e um desespero que se perde numa esperança! É uma lembrança quanto ao presente, uma recordação quanto ao passado, e um desejo quanto ao futuro! Três tempos distintos, e não são mais que o presente! Três afetos diferentes, e não são mais que o amor da ausência! Três diversos modos de sofrer, e não são mais que um único sofrimento! Milagre de amor! Trindade do coração, que ama ausente! Saudade! Saudade, quem poderá dignamente definir-te?!

Clara, considera todas as angústias da ausência, e todas as penas da saudade, e sentireis bem de que tormentos foi vítima!

Longe de vós, e por vós, a glória foi cara ao meu coração! Mais que a vida, é verdade, porém menos que vós! Afrontando as lanças, e inimigas elas, abri a meu nome um caminho até o templo da glória, adquiri uma reputação, conquistei uma fama, para um dia este nome, esta glória, esta reputação e esta fama vos pertencerem, como propriedades minhas, e dignas de vós! Quando porém cercado de aplausos, de amigos, e de honras, meditando em prazeres até hoje por nenhum humano meditados, sonhando delícias, que ninguém sonhara, e antolhando-me um futuro, qual ainda nenhum mortal gozou tão belo, me predispunha a vir receber de vós louros entrelaçados de mirtos, e de rosas! Louros para mim mais brilhantes que ensangüentados louros de sanguinolenta vitória ganha após feridas batalhas! Louros, que por tão belos nunca adornar poderiam a fonte altiva do feroz Mavorte, se colhidos não fossem pela linda mão da encantadora Vênus nos feiticeiros vergéis da amena Citera! Quando enfim cuidava vir escutar os hinos da vitória cantados por amor, rolou junto de mim o trovão da perfídia, e vítima de seu raio sucumbi em sombras de morte! O demônio do assassinio, numa página do grande livro da natureza ia traçar meu nome!... Ia... mas ainda não... trovejou-lhe o anjo da vida! Ao som tre-

mendo do anjo da vida das mãos lhe saltou a férrea pena, e o semimorto foi revocado à vida! A morte gemeu, e abandonou a vítima! E tu, santa amizade, tu fizeste o resto!

Cheio de glória, ardendo em amor, cobiçoso de delícias, e pleno de esperanças, parto, chego, e te encontro...

Com a mão na ara, um pé na sepultura...

Ah! Corramos um véu sobre tão heróica, mas tão dolorosa cena! Milagres de amor! Prodigios da constância, que mais podereis, quando adoçastes o amargo fel da morte! Quando dourastes as sombras da sepultura! Quando aclarastes com divinos sons a noite da eternidade, até esmaltando-a com sorrisos de amor!

Mulher, quanto não podes! Mulher, quanto não vales, quando de santa virtude celestes prodígios coroam com angélicas rosas os divinos milagres de teu endeusado amor!

Ó morte! Tu matas o corpo, mas a alma não morre! Folga o amor, exulta a constância, e triunfa a virtude! O mundo treme! Mas ele admira e aplaude a vitória!

Nem sempre em alcíoneos dias veleja tranqüilo baixel por bonançosas vagas, porque nem sempre a brisa amorosa se deita suave no seio de brancas velas! Rola o trovão, lampeja o corisco, tolda-se o céu, enegrecem os mares, e o noto com asas das fúrias batendo as ondas joga às estrelas tímidos rolos de embranquecida espuma!

Arriscado, incerto, por entre as cavernas da morte, arfa o quase alquebrado pinho até que redemoinhando num vórtice engolido some-se; ou ileso rompe pacíficas ondas, em prado azul matizado de brancas flores convertidas às negras cavernas da morte!

Raios mais belos, e mais brilhantes, após da borrasca o sol faz tremular nos topos das ondas, que meigas brincando rebentam em flor na proa do lenho, que sem medo oscila cingindo de nevadas rosas: e em porto amigo lançando a âncora em propício fundo, sauda o nauta a terra que hospitaleira lhe oferece mais belos, mais doces, mais descansados dias!

E pois, eu sou o nauta que salvo de procela horrível surjo esperançoso em hospitaleiro porto, onde embriagado de

amor cobiço venturas em dourados dias! Clara, qual noutra tempo fantasia ardente de apaixonado amante dourava futuros, que endeusava sublime um belo ideal de amor, não será hoje o mesmo? Não. Era preciso que amor já não pudesse fazer milagres, ou que mudado, como volúvel amante de outros encantos que vossos não fossem me deixasse arrastar, ou indiferente aos dons da beleza cessasse de queimar-lhe incensos nas aras do meu coração, ou que tu me tivesses traído!... Não. Prodígios de amor; amor sempre pode! Eu... se Deus não permite a traição é impossível que eu seja traidor! Tu... os anjos não podem trair! Em milagres de Deus não cabem perfídias!

Mulher sublime! Mulher anjo! Mulher divindade, já vês que, qual foi teu amante, assim volta ele.

A ausência, os perigos do combate, os horrores da morte, que tão perto de mim medonhos negrejaram, jamais puderam, nem poderão mudar minha alma! Tu podes, podes, que razões te sobram, timbrar de bela, de firme, e amante! Mas firme, e amante também sou, também serei!

Tenho sido tão difuso... mas tu tens de sobra tempo para ler uma, e muitas vezes esta minha carta... e como não ser difuso se contigo falo! Oh! Possa eu sempre falar-te! É-me tão grato dirigir-me a ti! Mas é preciso acabar. Olara, que devo achar em ti? A vida, ou a morte me esperam, de teu coração uma delas vai cair sobre o meu!

Grato, corresponde ao teu amor, e à tua firmeza o

teu:
Juliano”.

Esta carta que pela sua redação e idéias bem patenteia o estado da cabeça poética do jovem, foi entregue a Clara.

Não se enganou Juliano, tempo havia, e a bela a leu muitas vezes. Seus beijos murmuraram, suas lágrimas sussurraram sobre este tão querido papel! Lágrimas da constância, beijos da beleza, só vós podíeis, e vós divinizastes as tão apaixonadas letras de amor!

Clara deu toda expansão possível aos seus fogosos afetos; depois escreveu a Juliano respondendo à sua carta, e o fez do modo seguinte:

“Senhor:

Apolo não presidiu ao meu nascimento, as musas não ungiram minha língua, e assim não sou poetisa, mas tu presidiste à nascença do meu amor, ungieste minha língua em seu doce e amargo licor; por graça tua posso pois dizer-te, senão pensamentos como os teus, ao menos coisas bonitas próprias de quem ama e quem muito amar sabe! Não te admires... e nem o podes tu, quando já me ensinaste a morrer sem temor dos rigores da morte!

Pintas a tua ausência, pintas a tua saudade, como as devias pintar porque és poeta; permite, e não te ofendas que te diga que novas são as tuas cores, mas velhos os traços de teus quadros, velhos, porque eu os conheço e conheço bem! Falas de tua ausência... cruel, por que partiste? Quem te mandou? Pedi-to eu? Atribuíram-te um crime!... E que importava que todo o mundo te julgasse criminoso, quando meu coração te reputava inocente como a rola, e puro como um anjo! E um coração que te amava puro e inocente como foste, e puro, e inocente, como és, ainda te ama! Julgar-te criminoso, e amar-te, como pudeste acreditar em tal contradição? Tu, que amas como te amo, tu, que de tão virtuoso até me podes inspirar virtudes! E tu partiste!... Tu me deixaste! Oh! Eu sofri tanto na tua ausência, tanto... martirizaram-me tanto... Ah!... Se tu soubesses todos os padecimentos... O que exigiram de mim... Oh! não, não quero dizer-te, porque eu sou tua, e hei de sê-lo sempre! Pertencer a outrem... a outrem enquanto tu vivesses!... Ó Juliano, se todos os homens fossem como tu, poucas mulheres seriam falsas!

Entretanto nunca um só instante duvidei do teu amor, e tu do meu! Ingrato! E atreves-te a perguntar o que deves achar em mim? E o que, senão meu apaixonado amor, e minha inabalável constância! Queres mais? É impossível. Possuis meu coração, és senhor de minha vida, e se mais tivesse mais te daria...

Mas eu não te quero enganar; eles queriam... mas não. Um dia tu o saberás, um dia eu te contarei: hoje porém sabe tão somente que sempre te amei, e te amo; e quero ser tua, e o quero por força: quero, e hei de sê-lo.

Adeus. Pensa sempre em tua constante

Clara”.

À vista desta resposta tão apaixonada, quão positiva, não restava a Juliano a menor dúvida a respeito do amor e da constância de Clara. Primeiramente consultou a seu tio sobre o casamento, e depois a seu irmão, os quais cientes da constância e amor da moça aprovaram as intenções do mancebo.

A história da resolução de Clara, isto é, a respeito de seu pensamento de envenenar-se foi sabida por toda a cidade, e esta história era contada pelos moços com todo o entusiasmo de mocidade; os velhos porém ouviam-na com indiferença, e diziam por fim: “Pobre rapariga!”

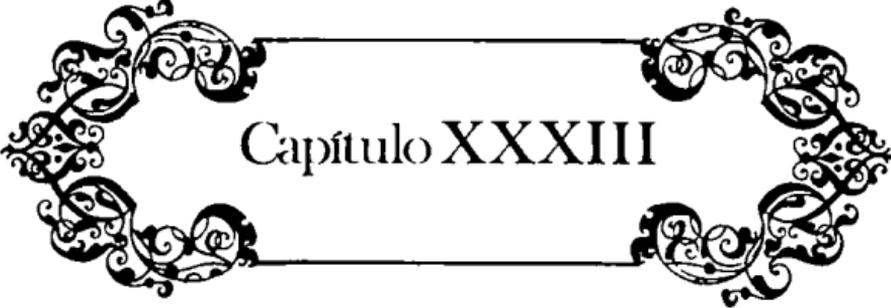
Quanto a Paulo, quando os amigos lhe perguntavam alguma coisa acerca desta história, dizia mui simples e sinceramente que nunca quis violentar a vontade de sua filha: que com a notícia da morte de Juliano propôs-lhe, é verdade, o casamento com o licenciado Leôncio; que mostrando-se sua filha descontente com essa união, lhe observava que fazia mal, visto que o casar-se ela com o licenciado era-lhe um bom partido, já porque tinha boas amizades, e já por ser mui boa pessoa além de mui bem apessoado: que considerasse que estava velho, e que, morto ele, aí ficava ela sem experiência e sujeita a caprichos de advogados, e procuradores, e talvez ao de algum que lhe quisesse comer o que tinha. “É verdade”, continuava Paulo, “que mostrei desejos de que minha filha fosse mulher do licenciado Leôncio, mas só por estas razões, nem outras tinha e nem podia ter, pois que todos sabem que Leôncio não era rico; e por este lado, então mais devia eu esperar de Juliano, pois geralmente se diz que Agostinho o deixa por seu herdeiro, e nós todos sabemos que fortuna possui ele; tanto tivesse eu. Ora, pelo lado de probidade também nada tenho que dizer a respeito de Juliano; sempre

o conheci honrado, e cheio de merecimentos: no meu entender ele teve tanta parte no ferimentos do licenciado Leôncio como eu tive; e estou que algum inimigo foi que lhe armou aquela traição.”

Era assim que Paulo se defendia quando era perguntado a respeito da história de sua filha, e sempre terminava dizendo que supunha que sua filha se quis envenenar apaixonada pela morte de Juliano.

Era muito calva, mas também ele não estava obrigado a dar satisfações a pessoa alguma. Como seja, ele e a todos que lhe perguntavam dizia isto, e isto mesmo disse ao governador quando este falou-lhe a tal respeito.

Paulo, para roubar-se a estas perguntas e explicações, começou de aligeirar sua ida para S. Cristóvão.



Capítulo XXXIII

Como Paulo de novo contratou o casamento
de sua filha com Juliano

Não se pode dizer, sem uma grave calúnia, que Paulo não amava sua filha; amava-a, e muito: amava-a, e lhe desejava um futuro feliz; mas Paulo era um homem fraco, falto de resolução, mesquinho de boa educação, sem consciência em suas próprias crenças, e sem consciência em própria vontade. Paulo não sabia o que queria, e por isso supunha que um amigo a quem ele acreditava fiel, melhor que ele mesmo representaria sua vontade. Não era porém por bondade de alma que Paulo desejava contentar a todos; e o hábil Roberto tal pintura lhe havia feito dos teres de Leôncio, dos quais o padre afirmava que ele sabia, que a alma fraca e estúpida do homem voltou-se completamente em favor de Leôncio.

Entretanto a amizade de Paulo para com Roberto não era um destes bruscos rasgos de uma simpatia absoluta incompreensível e indecifrável: ele sabia bem o que era a Companhia de Jesus, sabia o quanto ela valia, e podia quando queria. Roberto bem que não fosse eminente na ordem, contudo sabia dar-se importância, o que é muito em um homem agumentado de méritos: ele fazia valer seu talento, e com tanta habilidade se havia em suas intrigas, e tão temido era, que os padres que o conheciam não o queriam ter por inimigo, mas também nem por amigo. Paulo bem entendeu que a amizade de Roberto lhe poderia servir de alguma coisa, e eis aqui o motivo de tanta afeição.

Cumpre porém dizer que a viveza de Paulo cifrava-se em medir e calcular seus interesses, sem pensar nos dos outros;

a não ser isto Paulo teria talvez previsto as intenções do padre: é verdade que Roberto não era para deixar-se surpreender facilmente!

A vista de tudo isto não nos devemos admirar em ver Paulo fazer até o que não julgasse bom, uma vez que lhe fosse exigido, ou insinuado pelo padre. Vimos há pouco que este disse a Paulo que devia concluir o casamento de sua filha com Juliano: nisto assentou o velho.

Voltemos entretanto a Roberto, e vejamos quais são suas afeições entre seus colegas no seio de seu colégio.

Sabem todos que chuiveiros de escritos derramou na Europa o filosofismo dos enciclopedistas, e todos sabem o efeito que difundiu nos ânimos os escritos de Voltaire, Diderot, Holbach, Dupuis etc. Assentada sobre a incredulidade de tais personagens a alavanca da revolução, e movida contra o altar e o trono, todos sabem quais seus esforços para derribá-los e até completamente aniquilá-los! Grandes foram seus esforços, é verdade, mas estes esforços depois de amontoarem horrores sobre horrores caíram de exauridos despedaçando-se tão frágeis instrumentos, deixando o altar sem o menor senão, porque o altar de Jesus Cristo tem de durar até a consumação dos séculos, para que se cumpra o que está escrito, porque o que está escrito por força se cumprirá!

Não obstante, como vemos ao toque de um insulto, que pousa sobre um de seus ramos, estremecer toda, e contrair suas melindrosas palmas a mimosa sensitiva, assim vimos operar-se na religião um estremecimento, não de medo, não de vacilação, mas sim de horror ao crime! Por toda a parte apareceram, é verdade, ousados insetos, que ávidos de estragos se aferraram aos ramos dessa misteriosa e grande árvore, a cuja divina sombra se sentaram nossos pais, passageiros de um dia, no desigual vale da vida e, aí meditando sobre sua eterna raiz, firmada no trono de Deus, deixaram seus nomes em seus majestosos ramos que, apesar dos embates do filosofismo, durarão até o escoar do último dia, no qual em tremendo epílogo resumir-se-á a história da humanidade! Esse dia fechará o último século das eras contadas, porque esse dia resumirá os tempos que o Senhor vê firmes diante de sua face!

Mas a sensitiva depois de um repouso estende as suas palmas, e recobra sua beleza; assim a religião de Jesus Cristo estremece dolorosamente vendo rebeldes filhos erguer contra ela punhais, que de embotados jamais poderão feri-la! Mas ela estremece porque se vê obrigada a anatematizar filhos ingratos; como a estremosa mãe, que forçada a castigar o travesso filhinho chora em seu coração enquanto sua destra fere mimosas carnes, que por geradas em seu ventre são suas próprias!

A religião pois lança de seu seio os rebeldes que a combatem; e tranqüila e bela, continua a viver uma vida de santidade, de glórias, e de celestiais gozos!

Era pois Roberto estudante de filosofia quando a incredulidade começou de assolar os jovens corações. O moço leu com avidez os escritos a tal respeito até então publicados, e lançando a barra além de alguns escritores audazes, abraçou o ateísmo com uma convicção robusta e inteiramente arraigada em sua alma! Tendo o jovem chegado a este ponto, que muito era que se arrojasse ao medonho abismo, em que negrejam, e redemoinham os mais hediondos crimes! A inquisição tinha, é verdade, decaído de seu terrível e ardente meio-dia, tocava no seu acaso, mas ainda não estava inteiramente atufada em sombras: Roberto era pois cauteloso.

Um dia reuniram-se em sabatina em um grande salão do colégio dos padres mestres da Companhia: ela os tinha, de que bem se podia jatar, e investigadores, e profundos eram alguns deles.

A questão para ser debatida era: se a análise tinha precedido à síntese, ou a síntese à análise.

O padre Bartolomeu, que passava no colégio por grande retórico e profundo filósofo, foi o proponente dessa espinhosa questão. Os estudantes de retórica e filosofia puseram-se a olhar para os outros, e nenhum resolveu-se a tomar a palavra, o que vendo, o padre Bartolomeu disse:

— E pois que vós outros não vos resolveis a dizer alguma coisa, direi eu o que entendo: entendo pois que a análise precedeu à síntese. . .

— Nego — bradou Roberto.

Gozava o padre Bartolomeu de tanta reputação como filósofo, e como retórico, que quando o “nego” de Roberto atroou

no salão, todas as vistas caíram sobre ele espantadas de tanta audácia.

Bartolomeu, que, como homem, não tinha talvez outro defeito senão o de ser vingativo, era verdadeiramente instruído, prudente, modesto e por cima de tudo isto sábio; ele pois sem se alterar perguntou a Roberto:

— Poderei continuar?

— Terei grande prazer de ouvir-vos — disse Roberto.

— Darei a razão — continuou Bartolomeu — em que me fundo para acreditar que a análise precedeu à síntese. Entretanto por mais bem fundada que seja minha opinião descartar-me-ei dela, e abraçarei outra que eu julgar melhor que a minha.

Antes da criação nada: Deus só existia; sua palavra criou tudo; e onde era o nada, colocou Deus a criação. Deus não reuniu matérias dispersas para com elas formar o universo; porque antes da criação só Deus existia; se pois Deus tivesse reunido matérias dispersas teria tido lugar a síntese; é o que não aconteceu, e por isso não houve então síntese. Depois da queda do primeiro homem a nova ordem que Deus havia prescrito à criação, isto é, à natureza, destruindo corpos que o pecado do primeiro homem havia tornado desorganizáveis, por meio dessa organização apresentou a análise.

Os químicos mesmo não podiam começar seus trabalhos pela síntese, isto seria o mesmo que em álgebra procurar-se um número conhecido por meio de um incógnito! Seria reunir o que se não conhecia buscando-se um resultado, que nem se poderia imaginar. Pelo contrário é a análise que faz conhecer a composição de um corpo, porque conhecidas suas partes integrantes conhece-se sua composição, sua natureza, e suas relações. Não se pode operar a síntese sem se haver feito a análise, e quando a análise é bem feita o resultado da síntese é perfeito; o que não acontece se a análise é imperfeita.

Fundado pois nestas razões, entendo que a análise precedeu à síntese: se me engano, engano-me com razões mui plausíveis.

— Nego — disse Roberto.

— Dai a razão por que negais.

— Antes da criação — nada, dizeis vós, e conhecendo a contradição dos termos omitis a palavra por excelência, que

denota existência, seja qual for a sua modificação. Podíeis ter dito: "Antes da criação nada existia", porque nenhum idioma pode exprimir o que só existia na cabeça de alguns homens, e todos podem exprimir este fato da natureza, isto é, uma existência de toda a eternidade.

Se diz que Deus tirou o mundo do nada, sede lógico. *Ex nihilo nihil fit...*

Roberto suspendeu aqui sua argumentação. Ele conheceu que o fio de seus raciocínios o levava ou a negar Deus ou a criação. Hábil, recua, lança mão dos sofismas, e do ridículo, e com estas duas armas, terríveis por certo em suas mãos, começa a bater a Bartolomeu. Não obstante sua destreza o ateu apareceu em toda sua extensão!

Era seu pensamento que a matéria existia de toda a eternidade; que a criação não era uma produção instantânea, mas sim o fruto de muitos séculos, que a criação era um trabalho sintético da natureza operado de toda a eternidade...

Bartolomeu arrepiou-se ante esta argumentação, e acusou a Roberto de materialista: o atrevido padre respondeu-lhe com o ridículo, e a questão acabaria bem funesta se alguns padres mais idosos não os apaziguassem. Desde então Roberto e Bartolomeu ficaram inimigos jurados.

Quando Roberto, apaixonado por Clara, envolvia-se em suas intrigas, Bartolomeu foi feito provincial: Roberto nem por isso viu contra si armada tempestade alguma, e por isso não a conjurou: ele era atrevido; mas Bartolomeu vingativo.

Deixemos agora Roberto, e seus padres, e voltemos a Juliano. Tendo o jovem recebido a carta de Clara, aprontou-se, e dirigiu-se para a casa de Paulo. Aí chegando foi por ele recebido como um amigo saudoso, como por um pai terno, que estremoso chora a ausência de um filho: Paulo abraçou-o, chorou, e fez tudo quanto fazer-se pode para persuadir amor, saudade, e prazer da vida. Depois de todos estes transportes, que Juliano acolheu como sinceros, disse ele:

— Eu creio, senhor, que deveis estar contente de mim. Quisestes que eu partisse, fui para Missões; quisestes que me assinalasse, afrontei os inimigos; quisestes que voltasse para vossa filha, ressurgi do império da morte, e todo dela aqui estou. Tudo quanto vos prometi fiz: cumpri minha palavra; agora venho exigir-vos o cumprimento da vossa.

— E tendes todo direito — respondeu Paulo —, sim, meu filho, vós o tendes; e não penseis que pela minha cabeça passasse, nem um só instante, idéia de vo-la faltar.

Bem sei que quando chegastes minha filha ia ligar-se a outrem em matrimônio, mas não foi por perfidia minha, nem falsidade dela; eu vos afianço, e vós podeis crer-me.

Tinha corrido a notícia da vossa morte; cartas vindas de Missões aqui a confirmaram, e eu vi essas cartas. Ora, vós vedes que eu, já velho, estou com os pés para a cova, e é desejo de um pai deixar seus filhos arrançados antes de sua morte. Pouco tempo depois o licenciado Leôncio ma pediu em casamento; Olara a princípio opôs-se, mas por fim, persuadida por mim e pelo padre Roberto, boa criatura, muito meu amigo, e que muito deseja as felicidades da minha Clara, cedeu. É na verdade inexplicável o seu procedimento de querer envenenar-se, porque ninguém a obrigava a casar-se com Leôncio; vós sabeis quanto amo a minha filha, e, se ela não quisesse desposar Leôncio, ou outrem qualquer, não haveria forças humanas que a obrigassem! Não posso pois explicar o capricho de minha filha: só se ela supôs que o pedir-lhe eu para casar-se com ele porque me fosse pesada... enfim juízos de mulheres. Seja como for, eu desejo ver minha filha feliz; eu vos estimo, como a meu filho, e nada mais tenho que dizer-vos senão que cuideis nos papéis de vosso casamento, e o ultimeis o mais breve possível. Isto desejo e isto vos peço.

— Por que pois tanta pressa?

— Porque o procedimento de minha filha tem dado que falar, e é por não estar dando explicações, e ouvindo perguntas importunas que me resolvi a ir passar alguns dias em nossa chácara de S. Cristóvão. Creio que não levareis isto a mal, que até aprovareis; e que lá nos ireis visitar todos os dias.

— Bem, sr. Paulo, entendo que obrai com toda a prudência. E quando tencionais ir? /is

— Esta tarde.

— Pois amanhã, se me permitis, irei visitar-vos.

— Com todo gosto.

Dito isto Juliano despediu-se, e saiu.

Nesse mesmo dia um escravo de Paulo, por quem Juliano tinha sempre notícias de Clara, e por quem lhe escrevia foi

à casa de Juliano que já estava em companhia de seu tio, Depois de outras coisas, Juliano acertou com ele para que lhe contasse a história do casamento de sua senhora com Leôncio: com efeito o escravo estava em dia, e contou ao mancebo tudo quanto sabia; não como Paulo havia dito a Juliano, mas a coisa como tinha sido. Ficou pois Juliano inteirado de que apenas partiu ele para Missões o velho Paulo, firme em que o ferimento de Leôncio fora obra sua, havia trabalhado com sua filha para que ela o esquecesse pintando-o como um assassino. Era uma idéia bem cruel! Juliano da mesma maneira soube que Clara havia dito a seu pai e ao padre que enquanto fosse ele vivo não se desposaria com pessoa alguma... e tanto tempo depois quanto foi bastante para ir um próprio a Missões, foi ele lá assassinado! Era um pensamento horrível!... mas natural!

Nessa mesma tarde Paulo dizendo a sua filha que se aprontasse para partir, e que ele já voltava, saiu. Clara aprontou-se, pôs seu chapéu e começou a esperar por seu pai. Meia hora depois uma sege pára à porta de Paulo: Clara chega à janela, e vê o bolieiro enfiar-se apressadamente pelo corredor; ele era desconhecido; a moça veio ao topo da escada. O bolieiro apenas a vê e diz-lhe:

— Minha senhora, venho buscar-vos nesta sege. O sr. Paulo está sem fala, é preciso acudi-lo já...

— Onde? — bradou-lhe a moça assustada e trêmula.

O bolieiro indicou-lhe a casa onde Paulo costumava ir jogar.

— Mas sem fala por quê? — continuou ela.

— Não sei, minha senhora, só sei que lhe deu um ataque, e ficou sem fala.

Clara desce imediatamente a escada, mete-se na sege dizendo ao bolieiro que fechasse a cortina. O bolieiro fechou-a, montou e partiu a toda brida.

Já no céu do Ocidente lutavam as sombras com a luz, e esta era por elas levada de vencida, quando a sege que levava Clara partiu. Poucos minutos depois era noite: cinco minutos depois chegou Paulo! Apenas este entra em sua casa a ama de Clara corre a ela bradando:

— Como vós aqui, senhor?!

— Estás doida, mulher?!

— Doida? Doida, me perguntais vós? O que tivestes? O que tivestes?

Paulo contempla por um pouco a boa mulher, nota suas feições alteradas, seus olhos espantados e diz:

— Mulher, que tendes? Que vos aconteceu?

— E esta!... O que tivestes vós, senhor? Que ataque é esse que vos deu?

— Isto é insuportável! De que ataque me falais vós? De que ataque? Explicai-vos; eu não vos entendo.

— E então! E a sege que aqui mandastes?

— Que sege?

— Dá-se um caso como este?! Vossa filha? Onde está vossa filha?

— Minha filha?...

— Sim, vossa filha.

— Pois Clara não está em casa?

— Pois não a mandastes buscar numa sege?

— Eu?

— Sim, vós mesmo.

— Quando?

— Neste instante.

— Para onde?

— Vós é que deveis saber...

— Mas não me ponhais doido: explicai-me tudo isto.

— Chegou aqui uma sege; o bolieiro disse que vinha buscar a vossa filha, porque vós estáveis com um ataque, e sem fala...

— Se eu estava sem fala, como poderia mandar buscar minha filha?!

— Mas algum amigo vosso...

— E para onde?

— Para onde costumais ir vos divertir às cartas.

Nisto batem a escada; Paulo, apesar do desconcerto em que se achava, manda subir: entra um rapaz, dá-lhe uma carta, retira-se sem dizer de onde vem, e quem manda. A sobrecarta é endereçada a Paulo, mas a letra lhe é estranha. Ele abre e lê o seguinte:

“Senhor:

Esta tarde vossa filha será roubada em uma sege: o seu raptor chama-se Juliano: vós bem o conheceis.

Um vosso amigo”.

Paulo apenas leu isto caiu em uma cadeira, como desfalecido, bradando:

— Ah! Traidor! Ah! Pérfido! Homem sem fé! Homem vil! Um raio te parta! O inferno te engula!

— Que tendes, senhor? — acudiu a ama. — Que aconteceu?

— Juliano... foi ele...

— Ele o quê?

— Foi ele quem roubou minha filha!

— O senhor Juliano?

— Sim, sim: esse diabo mesmo...

— Não pode ser...

— E por que, tola?! Não vês que me mandam dizer nesta carta... nesta carta, que aqui tenho.

— E eu não me fio nesta carta.

— E por quê?

— Porque o senhor Juliano não tinha precisão de roubar o que é seu, e que ninguém lhe pode tirar. Ele está seguro do amor de sua filha; e vós mesmo lhe assegurastes que seu casamento se faria o mais breve possível. Para que pois houvera ele furta vossa filha?

Nisto bateram palmas na escada; Paulo mandou subir, e apresenta-se Juliano. Paulo apenas o vê brada-lhe com furor:

— Que viestes aqui fazer?

Juliano contemplou o velho com espanto, e bem que não pudesse entender, nem traduzir o desconcerto desta fisionomia alterada, todavia conteve-se, e, para compreender este mistério, respondeu:

— Disseste-me que ias para S. Cristóvão a esta hora, e vim ter a honra de assistir à vossa partida e da senhora vossa filha...

— Minha filha, dizeis vós?... Sois um malvado! Sim, um malvado!

— Sr. Paulo, perdestes a razão...

— Ide-vos com mil diabos... Sois um impostor.

— Sr. Paulo... vede que vossa idade não vos dá direito de insultar-me...

— Sai de minha casa... sai...

— Sr. Paulo, que dizeis?...

— Sois um pérfido... um traidor... sai, sai... já vos disse...

Juliano, cada vez mais embaraçado, voltou-se para a ama de Clara, e disse, ainda com tranqüilidade ou ao menos afetando-a:

— Boa mulher, fazeis-me a graça de explicar este enigma?

Todavia a ama em poucas palavras explicou a Juliano todo o negócio. O jovem tendo ouvido esta história voltou-se para Paulo e disse:

— Senhor, se não fosse o serdes vós um homem com idade para serdes meu pai: se não fôsseis o pai daquela que amo, como na terra pode amar-se; daquela que enlevada em meu amor deu a mais solene prova do mais puro amor, e da mais suprema constância; eu vos diria que éreis o mais ardiloso, o mais malvado, o mais infame, e o mais vil de todos os homens!... Julgais, sr. Paulo, que vossos cabelos brancos sejam capazes de iludir minha mocidade? Julgais que ignore eu alguma coisa que sobre meu casamento com vossa filha se tenha passado? Senhor, vós sois um homem sem fé, um pérfido, um homem sem honra, porque não tendes palavra! Sois velho em anos, mas não português velho em honra! Sois um malvado...

— Sr. Juliano...

— Ah! É muito! Muito tenho sofrido! Sofrido de vós o que de ninguém sofreria, graças às virtudes de vossa filha! Mas agora sou eu quem vos digo: basta! Até aqui vós; agora eu! Ouvi-me: quando pedi vossa filha em casamento, se o partido não vos agradava, se não era eu de vosso gosto, se não enchia a medida de vosso desejo, não era melhor, mais honroso e até mais belo que me dissésseis que não vos fazia conta um tal casamento?

— Eu não me opus a ele...

— E por quê?

— Porque o vosso casamento com minha filha era de meu gosto.

— Não dizeis a verdade; não era de vosso gosto; que fizestes? Tratastes o casamento comigo; logo depois dois assassinos, um depois de outro, procuraram assassinar-me; por ordem de quem bem o sei eu... quem sabe se vós também entrastes nessa infâmia?...

— Estou inocente! Agora é que sei disto!

— Meu Deus, que vela sobre meus dias, desviou os ferros dos assassinos, porque eu devo viver para arrancar a máscara de um impostor malvado! Viram que não era muito fácil assassinar-me no Rio de Janeiro, e que fizeram? Assalariaram talvez um homem para vestir-se como eu estava em certo dia; esse homem feriu o licenciado Leôncio saindo de vossa casa, mas uma leve ferida, um arranhão, que fizesse sangue para assim me incriminarem, e Leôncio que bem devia saber quem o feriu, e vós também, gritou que eu o matava, porque era preciso que eu ficasse criminoso; não fiquei, mas não ficando era necessário, para que os planos traçados não abortassem, que saísse do Rio de Janeiro; e vós, a quem minha retirada fazia conta, me propusestes a minha ida para Missões...

— Estou inocente, estou inocente...

— Eu, pobre de mim! Sincero e honrado, não sabendo destas infâmias, acreditei-vos honrado como eu, e escrupuloso como um homem de honra! Inocente que eu era! Aceitei minha partida, como expiação de um crime que eu era incapaz de cometer, e parti... mas antes de minha partida vós me destes vossa palavra que vindo eu o casamento de vossa filha comigo seria concluído...

— E inda o digo...

— Perdoai-me, sr. Paulo; é porque pensais que eu ignoro tudo quanto se passou em minha ausência! Enganais-vos; de tudo sei. Ausente eu, que fizestes? Falastes a vossa filha para casar-se com o licenciado Leôncio...

— Depois da notícia de vossa morte...

— É falso: antes. Vossa filha resistiu, e quis antes um claustro; mas o padre Roberto tinha aliás funesta eloquência para pintar os horrores de uma clausura, e vossa filha para salvar-se às vossas importunações, e aos argumentos do padre,

declarou que enquanto eu vivesse não seria esposa de outrem! Infeliz Clara! Ela ignorava que um próprio podia daqui ser mandado a Missões para lá assassinar-me!

— É possível isso, sr. Juliano?

— Não sei com certeza; mas era mister que fosse eu muito tolo para não suspeitá-lo, e minha suspeita verificar-se-á um dia!... Clara tinha tido a desculpável imprudência de declarar que enquanto eu vivesse ela não seria de outrem; e como o único embaraço à sua união com outrem era a minha vida, decretou-se talvez minha morte. Não foi preciso mais tempo que o que é preciso gastar um próprio para ir daqui a Missões! Como seja, lá fui eu assassinado!... Vós deveis melhor que eu saber por quem...

— Juliano!... Julgais-me capaz de vos ter mandado assassinar?

— Não sei, sr. Paulo, conto-vos o que sucedeu. O golpe do assassino não foi em vão; mas Deus não queria ainda a minha morte. Todavia, correu aqui a notícia dela, o que para meus inimigos foi uma felicidade. Clara, que, infelizmente para ela, se preza de ter mais palavra que seu pai, sujeitou-se a ela: seu casamento com Leôncio aprestou-se por seu pai, e seu íntimo amigo, o sábio padre Roberto, e a desgraçada virgem ao mesmo tempo aprestou a morte para ela! Morta estaria se a tempo não chegasse eu! Cheguei e tudo mudou de face. A paciência de vossa filha torturada por tantas injustiças tocou a desesperação; e ela declarou que seria minha, e o seria por força. Agora dizei-me: tendo eu a mais cabal certeza do amor e constância de vossa filha, tendo vós dado essa palavra que meu casamento com ela se concluiria o mais breve que eu quisesse, por que cometeria a indignidade de um rapto, e de um modo tão odioso? Julgais que teria eu a infâmia de abater vossa filha, torná-la desprezível, para depois elevá-la ao grau de minha mulher? Por que não dizeis antes que meu inimigo sempre, que sempre oposto ao meu casamento com vossa filha, a roubastes vós mesmo, para que tal casamento não tenha lugar? E vindes agora representar comigo uma ridícula, uma indigna farsa! É muito! É muita indignidade!

— Juliano, meu filho, acreditai-me: ignoro tudo quanto acabais de me dizer; juro-vos por tudo quanto há de sagrado,

que se tudo quanto dissestes é verdade, como creio, eu de nada sabia, nem sei; e desgraçadamente tenho sido um cego instrumento de paixões e caprichos de outros! Juro-vos que nunca tive o menor motivo de queixa contra vós, e que o único motivo por que retardei o vosso casamento (e perdoai-me, não vos ofendais comigo, mas quero falar-vos a verdade), o único motivo por que eu não tinha vontade que fôsseis o marido de Clara era por causa do assassinio de Leôncio, porque em consequência de ele gritar que vós o matáveis, acreditei que éreis vós mesmo. Quanto ao mais ignoro tudo...

— Acreditastes que era eu o autor do ferimento de Leôncio, porque vos fizeram acreditar...

— Deixemos isso: tratemos de minha filha, vós a amais: pois bem, empenhemo-nos ambos, e procuremos descobri-la.

— Sr. Paulo, que estais dizendo?

— Que não sei de minha filha, e que morrerei se ela não me for restituída.

— Vós não sabeis de vossa filha?

— Juro-vos por Deus.

— Oh! É preciso que minha alma esteja ligada a meu corpo por funestos e odiosos laços de bronze para que eu não morra neste momento! Oh! Meu Deus... meu Deus...

— Agora, sr. Juliano, o que é preciso é cuidar-se em descobri-la — disse a ama de Clara, que em vão reprimia suas lágrimas.

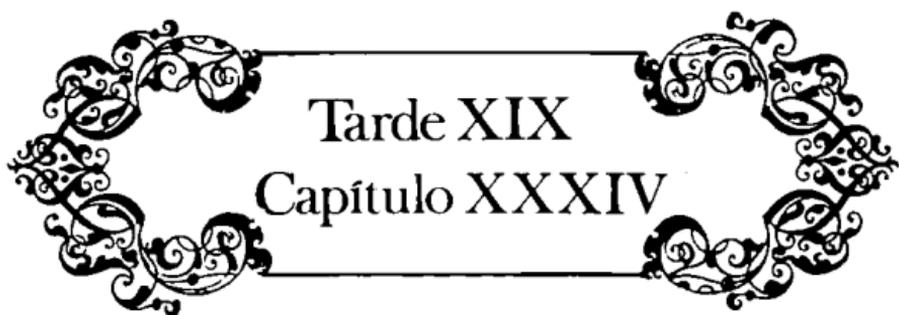
— Sim, boa mulher — tornou Juliano —, é preciso descobri-la... É preciso... Fazei-me obséquio, deixai-me só com o sr. Paulo.

Todos saíram, e Paulo e Juliano ficaram sós. Juliano disse:

— Sr. Paulo, prevejo todo o enredo deste funesto drama, que sem dúvida acabará em uma ensangüentada tragédia! Como for, peço-vos que quando o padre Roberto aqui vier que o trateis muito bem, que vos não mostreis desconfiado de pessoa alguma, que sondeis suas palavras, que decoreis, e me deis conta delas...

— Que quereis fazer?

— Morrer, ou restituir-vos vossa filha...

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, framing the title text.

Tarde XIX

Capítulo XXXIV

De que modo apaixonou-se Paulo pelo
rpto de sua filha

A noite ostentava sobre a natureza todo o rigor de seu império de trevas! A tempestade havia duplicado a escuridão da noite com seu pesado manto tecido de horrores! A luz dos astros tinha cedido o espaço às sombras da borrasca! Como vemos em nossos teatros cair repentinamente um medonho pano, e seguido de negros bastidores, e bambolinas, roubar-nos uma bela e voluptuosa vista de jardim, deixando-nos uma hedionda vista de negro cárcere, assim à força de impetuosos tufões, cujas asas quebravam-se com feroz zumbido umas de encontro a outras no meio do espaço, a tormenta havia desdobrado seu terrível manto sobre os astros! A noite era três vezes mais negra que as noites sem luar!

A procela bramia com a voz do trovão, e suspirava suspiros de fogo! Mas áridas e ressecadas suas entranhas não gotejavam uma só lágrima! Era uma noite medonha!

O ladrão e o assassino amam estes horrores, e gostam de folgar, e de rir quando a humanidade combate com a natureza! E vós, magnatas do império do amor, por que folgais com eles? Porque roubais como ladrões, e matais como assassinos! O amor vo-lo ensina, e vós, dóceis a seu ensino, roubais corações, e assassinais vontades! Mas vossos roubos são ternos, e vossos assassinios doces! Oh! Nunca tivesse o amor funestos suplícios com que pune ele próprio tais roubos e tais assassinios, e quem não quereria ser sempre assim roubado, e sempre assim morrer!

Era pois uma noite de roubos, de assassínios, e de amor! Quão própria para um rapto! Sim, porque era medonha!

É esta pois a funesta noite em que Paulo foi privado de sua querida filha! O infeliz, àquela mesma hora, despachou diversos portadores em busca de sua filha. Mandou à casa onde costumava jogar, à sua chácara e a todas as casas conhecidas. Em nenhuma destas partes a moça foi encontrada. O que é notável é que o cãozinho de Clara, que o leitor já conhece, também não aparecia!

Juliano saiu de casa do Paulo como um homem louco! Naquela mesma noite percorreu todos os lugares onde seu coração lhe dizia que a moça seria encontrada; e todas as suas diligências foram baldas, e seu coração enganava.

Eram oito horas, talvez, da mesma noite, quando o padre Roberto entrou à casa de Paulo; entrando, achou o triste velho abismado em um fundo de melancolia.

— Que tendes, meu amigo? — disse ele.

— Minha filha... — disse Paulo.

— Vossa filha!... Pois o que tem vossa filha?

— Desapareceu de casa...

— Como? Quando?

— Como, não sei: mas hoje, sendo quase noite.

— Mas o que houve? Contai-me...

Paulo contou em poucas palavras todo o acontecimento; e Roberto rangendo os dentes de raiva bradou:

— Ah! É muito! E não suspeitais de ninguém?

— De ninguém. Vede este escrito.

Roberto, antes de ler o escrito, disse, recebendo-o:

— Não conheço esta letra; mas vejamo-lo. — Ele leu-o e bradou depois:

— Era para vós um sacrifício este funesto casamento! Mas o sacrifício não foi concluído sem ser manchado pela infâmia! Desgraçado pai, onde estão agora os sonhos de ventura, que vossa fantasia devaneando em afetos paternos havia sonhado nos futuros de vossa filha? As carícias distribuídas a vossa filha em sua infância, tantos cuidados, e tanto amor, quem vos paga hoje? Sem dúvida as lágrimas que vossa filha vos faz hoje derramar, ou a vil astúcia de um infame sedutor... Mas, ah! Não nos queixemos de vossa

filha, não! Assaz se havia ela conhecido; ela bem sabia que só os ferrolhos de sua clausura podiam conter sua paixão; ela o sabia, e ela o pediu! Eu... pobre de mim! Por causa do amor que votava a essa ingrata dissuadi-a... Desgraçado de mim, que crendo vos fazer um serviço tanto mal vos fiz! Mas sabe o céu, e tomo o céu por testemunha de que no que fiz não tinha em vistas mais que vosso sossego!...

Quando Roberto assim falava as lágrimas de Paulo jorravam sobre suas faces. O padre, abraçando-se com ele, continuou:

— Ah! Vós chorais! Chorais, e eu sou o causador de vossas lágrimas. Mas, meu amigo, perdoai-me! Perdoai-me! Eu não tinha em vistas mais que vossa tranqüilidade!

— Ah! Basta! Não despedaceis mais meu coração!...

— Mas um amigo é outro nós. O roubo de vossa filha não é coisa unicamente vossa, é também minha. Acreditai-me, o asilo de vossa filha será descoberto, ela vos será restituída; e seu raptor, oh! seu raptor, ai dele!...

— Padre, se descobrisseis minha filha...

— Hei de descobri-la.

— Vós seríeis um anjo!

— Tranqüilizai-vos.

— Já não há alegria para mim sobre a terra. Minha filha é um anjo: se ela fugiu de minha casa se à força, ou por meio de engano! Por sua vontade? Não, é até impossível! Minha filha é honrada, tem virtudes; aquela alma pura e inocente não conhece o crime! Minha filha!... Oh, minha filha!

— Não choreis mais...

— Vós que a tendes conhecido tão pura, tão bela, e tão inocente; dizei-me, não me enganeis: Clara seria capaz de um crime?

— Nunca.

— Nunca?

— Nunca seria capaz de um crime!

— Dizei-me, dizei-me isto muitas vezes!... Consolai um pai desventurado. Clara se saiu de minha casa foi iludida, ou à força, não é assim?

— Certamente, certamente, meu amigo.

— Ah! Vós sois um anjo!

— Tranqüilizai-vos.

— Mas eu era tão feliz quando tinha minha filha...

— Ela vos será restituída.

— O céu vos ouça.

— Há de ouvir-me. Adeus; até amanhã.

— Voltai; não me abandonéis...

— Nunca, isso nunca. Amigo na prosperidade, sei sê-lo estremoso na adversidade. Até amanhã.

O padre saiu. Paulo ficou só.

No outro dia de tarde o padre voltou à casa de Paulo, mas sem levar notícia alguma de Clara. Paulo tomou tanto a peito o rapto de sua filha, e de tal modo apaixonou-se que caiu doente, e uma febre lenta consumia seus dias. O padre demorou-se pouco, e retirou-se. A noite passou-se sem novidade.

Na madrugada seguinte um vulto todo de negro discorria como ao acaso pelo campo da fazenda do Engenho Velho. Pouco depois uma porta da casa de vivenda dos padres abre-se, um vulto sai e escoando-se por entre as senzalas dos escravos dirige seus passos para uma pequena casa coberta de sapé, que estava mais apartada; chegando aí mete uma chave na porta e entra. O vulto que divagava ao acaso corre, como se quisesse introduzir-se na mesma casa, mas quando chega já a porta está fechada. Embora; o vulto aí fica, e encostando o ouvido ao buraco da fechadura parece não perder palavra alguma da conversação, que dentro se sustentava. Aí pois duas pessoas conversam. Se pela fala o vulto de fora as conheceu, ao menos ele o não disse. A conversação que o vulto ouvia era a seguinte:

— Aqui estou, porque não posso estar longe de vós.

— Pois deixai-vos estar.

— Nada tendes resolvido?

— Que quereis que resolva?

— Compreendestes vós bem tudo o que vos disse ontem?

— Ontem dissestes-me alguma coisa?

— Oh, meu Deus! Onde tínheis a cabeça?

— Também não sei.

— Pois torno a repetir-vos.

— Repeti.

— Digo-vos que é mister que vos resigneis. Tranquilizai-vos pois; comei, bebei; e ficai na certeza que daqui não saireis...

— Já tenho essa certeza.

— No poço há um navio sobre ferro que parte para Europa dentro em três dias. Tenho um narcótico que vos fará dormir o tempo que eu quiser; na ocasião da viagem far-vos-ei dormir; assim dormindo vos conduzirei numa sege à cidade, e daí em um bote para o navio: o capitão dele é meu amigo, e tudo quanto quero tenho dele. Assim já vedes que nada vos poderá salvar de minhas mãos. Tendes ouvido?

— Tenho.

— Que resolveis?

— Nada.

— Desde que para aqui viestes tenho sofrido vossas repulsas; mas hoje tenho resolvido o triunfar delas seja como for...

— Fazei o que entenderdes.

— Consentis que me aproxime de vós?

— Não.

— Por quê?

— Porque não quero.

— Vedes que me irritais!

— É o mesmo.

— Não vedes que posso esmagar-vos entre meus braços?

— Talvez.

— Duvidais?

— Não.

— E então não me temeis?

— Não.

— Pensai bem.

— Tenho pensado.

— Eu não quero recorrer à força!

— Pois recorrei.

— Se me obrigais...

— Recorrei...

— Ah! Isto é muito sofrer. Temei o meu furor...

— Se vos aproximais um só passo mato-me com esta arma.

— Oh!...

— Retirai-vos pois.

— Quem vos deu essa arma?

— Não é da vossa conta.

— Dizei-me, quem vo-la deu?

— Não quero.

— Tendes razão. Sois uma criatura incomparável! Acreditai-me, nunca, nunca terei forças contra vós! E como contra vós terá forças quem só deseja ter agrados, e mimos, porque vos ama? Ah! eu vos amo muito, muito! Quis só ver o efeito que em vós produziam minhas palavras. Ficai em tranqüilidade, e nada receeis.

— Pois bem, retirai-vos.

— Sim, eu me retiro. Vós o mandais, e eu obedeço. Até a noite. E o céu vos esclareça a respeito de vossos interesses, e felicidades. Eu o espero.

— Há de esclareccr-me sem dúvida.

— Até a noite.

O vulto que estava à porta, pelo ruído dos passos, entendeu que quem os causava se dirigia para ela, e persuadido disto retirou-se para outro lugar.

Era quase dia. A chave rolou na fechadura, a porta abriu-se, e o vulto saiu; ele se dirigia para a casa de vivenda dos padres da Companhia de Jesus. Pensativo e melancólico vinha ele, e parecendo abismado em profundas idéias; e como assim vinha, o vulto que esteve recostado à porta atravessou-se diante dele, dizendo:

— Viva, viva! Furtou sua moça, e não me convidou para ajudá-lo...

— Quem sois? — disse o sujeito parando.

— Quem sou? Pois já não conheceis o vosso Ligeiro?

— Oh, Ligeiro! És tu?

— Sim, senhor, é o Ligeiro mesmo.

— Então que fim levaste?

— Pois eu não estou aqui?

— Ó Ligeiro, sabes que mais...

— Que mais?

— Preciso muito falar-te.

— Pois eu não estou aqui?

— Não: é no colégio.
— No colégio?!
— Sim, no colégio.
— Lá não vou eu.
— E por quê?
— Porque lá vós me podeis fazer o que fizestes ao licenciado Leôncio.

— Estais doido! Pois que fiz eu ao licenciado Leôncio?
— Pois já vos esquecestes?
— Mas se eu nada lhe fiz...
— Não o mandastes matar pelo Apolinário, não?
— Ó Ligeiro, se não te deixas de graças castigo-te...
— Castigar?!... Sou vosso escravo?... Miserável, agora nós. Pensas, infame, que não sei de tudo! Pois eu vim aqui muito de propósito para vingar-me por minha vez, porque, como diz nosso rifão: Quem tempo tem e tempo espera, o demo vem que o leva...

— Ligeiro, que é que dizes?
— Que me venho vingar de vós.
— Mas de quê? Que te fiz eu?
— Eu vos digo. Empregastes-me em vosso serviço, e vos fiz tudo quanto quisestes. Mandastes-me a Missões por um ridículo dinheiro, e fui; e se aquele a quem fui assassinar não morreu, não foi culpa minha. Vós, e vosso infame amigo, de quem vós mesmo me vingastes, destes por isto uma diminuta quantia, e me passastes uma obrigação pelo resto. Ambos vós mais vis, mais tratantes, mais velhacos, e mais ladrões que eu, passastes-me um papel, datastes, e assinastes; com que tinta? Não o sei eu, mas o que sei é que a data e assinatura hoje não aparecem, ó padre de mil diabos, mais ladrão que 30 corsários! E não contente de me roubardes o que de direito tinha eu ganho, me querias matar.

— Quem, Ligeiro, eu?
— Sim; vós mesmo.
— Estais enganado.
— Lembrais-vos quando, em casa do licenciado Leôncio, dissestes-lhe que para segurança do vosso segredo e dele que era preciso dar-me cabo da pele? Ora vede se vos lembrais!

Vedes que ninguém me disse: eu ouvi. Entrei pelo corredor, pé ante pé, e assim fui até acima, e lá ouvi toda vossa conversação. Com que, patife, querias fazer-me o mesmo que fizestes a Leôncio, hein? Pois isto não há de ir com duas razões e meia. Eu podia ter-vos esperado e rebentado a cabeça com uma pistola; mas sei de todas as vossas patifarias, e por último do roubo da filha do Paulo; sei onde ela está; ali naquela casinha; vou já daqui ao governador pôr-lhe tudo em pratos limpos...

— Ligeiro, tu és um covarde...

— Covarde, eu! Covarde, eu que vos falo assim a peito descoberto?!

— E fiado em quem me falas tu assim?

— Em mim, em mim só.

— Mentas, Ligeiro...

— Então fiado em quem vos falo eu?

— Agradece ao teu guarda-costas...

— Que guarda-costas?

— Então que vem fazer aqui aquele que ali vem?...

Ligeiro volta-se para olhar para o lugar que Roberto lhe indicava; ao mesmo tempo o padre tira uma pistola, e rápido como o relâmpago, arma-a, e a dispara sobre Ligeiro, dizendo:

— Aprende mais esta.

Ao estrondo do tiro Ligeiro cai bradando:

— Ai que me matam...

Roberto de boa vontade cairia sobre ele para dar-lhe cabo da casta; mas dois cavaleiros que da estrada ouviram o tiro e o grito, acudiram ao lugar do conflito, que era mesmo no meio do campo. O assassino foge de junto da vítima, e um tanto retirado espreita o negócio.

Os dois cavaleiros dirigiram-se para onde tinham ouvido o eco do tiro e o grito, e como as trevas da noite cedendo à luz começavam de recuar, a favor da pouca luz que principiava a desabrochar-se no oriente e de alguns movimentos que o moribundo fazia puderam eles descobri-lo. Ligeiro ouvindo passos soltou um ai, e nem um movimento mais fez. Os dois apearam-se, e chegando junto dele, vendo-o sem fala, e sem movimento, um disse:

— Está morto!

— E expirou agora mesmo, ainda está quente — disse o outro.

— Está morto, e bem morto.

O padre que um pouco distante ouviu tudo isto, foi-se afastando do lugar desta tragédia, dizendo:

— Agora sim, está meu segredo seguro.

Pouco depois o moribundo respirou; já estava muito claro.

— Está vivo! — disse um dos viandantes.

— Está, está vivo! — repetiu o outro.

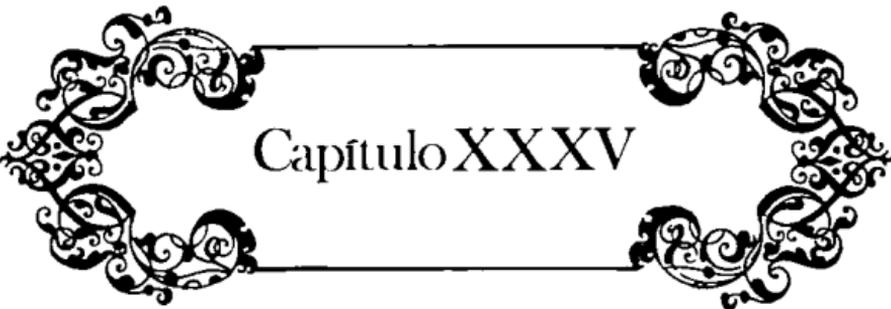
O moribundo revolveu-se, estando até então com a face voltada para terra, voltou-se, de modo que ficou com o rosto à vista.

O viandante apenas o viu, exclamou:

— Rafael!

Ligeiro, encarando-o, exclamou também:

— Frei João!



Capítulo XXXV

Como se agravou a enfermidade de Paulo

O leitor sabe que Paulo apaixonou-se pelo rapto de sua filha ao ponto de cair de cama; sua enfermidade agravava-se a olhos vistos. Juliano, sem abandonar as diligências que fazia por Clara, curava também de Paulo, e quando não estava ocupado nas pesquisas de Clara, estava ao lado do velho. Este disse a Juliano que queria um confessor; Juliano mandou ao colégio dos jesuítas pedir um padre, este veio: eram nove horas do dia em que Roberto tinha assassinado Ligeiro, quando o jesuíta se apresentou em casa de Paulo: em verdade ele estava mal. O jesuíta chegou, e a pessoa que o recebeu foi a ama de Clara; antes de ser levado ao quarto do enfermo falou com ela, e perguntou-lhe:

- Como está o doente?
- Está mal, senhor.
- Assim o penso. Está só?
- Não, senhor.
- Quem está com ele?
- Um moço da amizade de casa.
- É seu parente?
- Não, senhor; mas estava para ser.
- Como então?
- Porque estava para casar com a menina.
- E já não casa?
- Não se sabe... A menina não aparece...
- Como não aparece?

A ama em poucas palavras contou-lhe o rapto de Clara, com todas as suas circunstâncias. Depois do que perguntou-lhe o padre:

- E o doente não tem mais filhos?
- Que se saiba, não.
- Nem pai, nem mãe, nem outros parentes?
- Não, senhor.

Esta conversa foi no topo da escada, e o padre disse à ama:

— Ide dizer ao doente que aqui está o confessor que mandou vir.

A ama foi dizer ao enfermo, e voltou dizendo ao padre que podia entrar. Com efeito, o jesuíta, com os olhos baixos, ar compungido, passo vagaroso e grave, avançou até a porta do quarto do enfermo; aí parando, perguntou de um modo enfático e pretensioso:

- Como estais, meu irmão?
- Para dar contas a Deus, meu padre — disse o doente.
- Assim o creio, porque quando subia vossas escadas encontrei o diabo que descia.
- Ai de mim! — exclamou o enfermo.
- Há de haver engano, meu padre — disse Juliano sorrindo-se.
- Engano em quê?
- Não houvera ser o diabo...
- E pois quem!
- Talvez a vossa própria sombra...

O padre lançou sobre Juliano um olhar penetrante, e disse:

- É preciso que vos retireis, meu filho.
- Sim, meu padre: aí vos entrego sua alma; mas lembrai-vos de que seu corpo pertence aos cuidados de sua família — disse, e saiu.

O enfermo ficou entregue ao confessor; este vendo-se a sós com ele disse:

- Homem do pecado, para que me mandastes chamar?
- Para me ouvirdes de confissão, meu padre.
- E sabeis vós, meu filho, o que é um sacerdote junto de um penitente?

— Não, meu padre.

— Pois eu vos digo; ouvi-me: é um Deus que nas atri-
bulações do enfermo se aproxima dele para consolá-lo! E
Deus vê tudo; nada se lhe pode ocultar! É um pai, que
abraça seu filho, que chora, que suspira, e que sofre com
ele! Um pai que tudo daria pela salvação de seu filho! Um
pai que divide consigo os males de seu filho, e por ele volun-
tário se vota ao sofrimento: e a um pai nada se oculta, e nada
se deve esconder! Um ministro de Deus neste momento sole-
ne é pai, é amigo; e até Deus! Fazei pois vossa confissão
santa, e cristãmente! Fazei-a digna de Deus pela sua miseri-
córdia, e digna de vós pelo vosso arrependimento! Por mais
enormes que sejam vossos pecados não temais confessá-los;
não temais, que Deus deixou em sua igreja remédio para toda
sorte de pecados! Uma confissão verdadeira e contrita abre-
vos a porta do paraíso, enquanto uma confissão falsa e uma
contrição fingida abre-vos a porta do inferno! Quereis pois
fazer uma verdadeira e santa confissão?

— Quero, padre.

— Pois estou pronto a ouvir-vos.

Paulo começou sua confissão; e se o leitor se não esqueceu
do segundo capítulo desta história, deverá prever a base fun-
damental dos remorsos de Paulo: com efeito ele confessou
minuciosamente o roubo feito a André, seu antigo patrão, e
como este morreu apaixonado por isso. O padre depois de
uma breve pausa disse:

— Sois viúvo, não é assim?

— Sim, sou.

— Tendes uma filha?

— É verdade.

— Onde está ela?

— Ai de mim! Foi enganada, e ma roubaram...

— Apaixonado por isso quereis pois morrer?

— Sim, sim; não posso viver sem minha filha!...

— Desgraçado... vossa filha não foi enganada! Saiu de
vossa casa porque quis, e muito por sua vontade, para que
se cumpra o que está escrito! Roubastes a fortuna de vosso
benfeitor; vossa filha roubou-se aos olhos de seu pai! Fizestes
vosso benfeitor morrer apaixonado; vossa filha faz seu pai

morrer também apaixonado ! Servistes-vos de uma riqueza que vos não pertencia; um homem se apodera de vossa filha, e possui uma mulher que lhe não pertence ! Desgraçado... a destra do Senhor vos pune... temei e tremei debaixo de seu peso ! Feristes e sois ferido do mesmo modo, porque o Senhor disse: "Aquele que ferir com ferro com o ferro será ferido !" E que pretendeis fazer dessas riquezas ?

— Minha filha...

— Vós já não a tendes ! Que ela abandonando o solar paterno perdeu o direito sagrado de vossa filha ! Lançada no seio do grande mundo, abismada no poço do vício, prostituiu com o seu o vosso nome ! Uma filha que abandona o lar paterno cobre de opróbio o seu nome, enche de vergonha os seus parentes, e perde o doce título de filha ! Assim não deveis contar com essa filha ingrata; esquecei-a; ela é indigna de vós, e vós deveis deserdá-la: e até porque estas riquezas vos não pertencem.

— Deserdar minha filha, padre ?

— Sim. E as riquezas que possuíis são vossas ?

— Ai de mim !

— Sabeis vós se vossa filha vive ?

— E caso esteja morta, a quem deixarei o que possuo ?

— Vós não deixais, restituíis.

— A quem ?

— Aos herdeiros de André.

— Mas se ele os não tinha, nem os há ?

— Nesse caso fazei bem à vossa alma. Testai em favor de alguma corporação religiosa, para que faça sufrágios por vossa alma.

— E minha filha, padre ?

— Vossa filha !... Homem insensato, pecador rebelde; pertence, ou pode pertencer a vossa filha o que roubastes ? Não se pode entrar no paraíso tendo um encargo de consciência por muito leve que seja. Quem tira e goza um real contra a vontade de seu dono jamais verá a face de Deus sem se levar dessa mancha, restituindo ao seu dono, o que lhe tirou: porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um avarento salvar-se ! Deus já começou a descarregar sobre vós a espada tremenda de sua justa

e sábia justiça! A morte com todos os seus horrores já talvez negreja junto de vosso leito; a vossa filha aí não aparece nem aparecerá para receber o vosso derradeiro suspiro, nem para cerrar vossas pálpebras! Castigo do Senhor aos vossos pecados! Os demônios, em formas de medonhos e terríveis fantasmas cercarão o leito de vossas dores, desculpando vossos pecados, fazendo até que vos esqueçais deles para que vos não arrependais, porque eles anelam vossa alma! E estes fantasmas, estas larvas medonhas vos farão esgares até o momento de vossa morte, sem que vosso anjo vos possa valer!... Ai de vós! que cortado de dores, atribulado, aflito de remorsos, maldito dos homens, e condenado de Deus, acabareis uma vida de pecados, e de vergonhas!...

Vossa alma será levada pelo vosso anjo à presença do Senhor, que a julgará para todo o sempre! Ali, perante esse tribunal tremendo se apresentará vosso anjo triste, desolado, e cheio de confusão! E vós não podereis suportar a presença tremenda de Deus que vos julgará por toda a eternidade! O Senhor perguntará ao vosso anjo: "Anjo, por que não defendestes esta alma?" Vosso anjo trêmulo, aflito, e desconsolado abaixará seu rosto, cobrindo-o com suas asas, e apenas em lamentosos sons dirá: "Misericórdia, Senhor!..." Mas o anjo da divina justiça bradará: "Não há misericórdia para o que roubou o alheio, que não o restituiu, podendo-o, e que se não arrependeu! Esta alma é condenada!..." Os demônios bradarão por sua vez: "Ela é nossa, porque roubou o alheio, e não o restituiu, e não se arrependeu; não pode gozar da face de Deus!..."

O Senhor pronunciará a vossa sentença "*I, maledicte, in ignem aeternum!*..." Vai-te, maldito, para o fogo eterno! Imediatamente ao mar de luzes, em que nadava vossa alma, sucederá um abismo de trevas! Após, uma chama sem luz, mas que arde, mas que queima sem consumir! Ai de vós! Caído para sempre no sempiterno fogo do inferno! Assentado numa cadeira de ferro ardendo em brasas, de repente saltarão sobre vós negras, horríveis serpentes, que cevando em vós seu funesto dente se enlearão em torno de vossos membros! A todo instante vereis diante de vós essas moedas que roubastes! A cobiça do ouro vos atrairá a elas, mas

apenas lhes ponhais a mão sentireis um fogo violento abrasar vossas entranhas! Largais essas moedas infernais, mas o esquecimento vos rouba da mente este suplício horrível; e de novo tentais as moedas do inferno, mas de novo lá vos espera o fogo abrasador! De espaço a espaço pára o vosso suplício; cuidareis então que ele vai ter fim, mas o demônio dos suplícios vos brada então: "Ide, maldito, para o fogo eterno! Este suplício jamais terá fim, e ardereis, e pensareis no fogo do inferno para toda a eternidade, porque...

— Basta, basta, padre... Misericórdia.

— A misericórdia de Deus é grande quando o pecador busca alcançá-la.

— Pois bem, meu padre, que devo eu fazer para alcançar a misericórdia de Deus?

— Já não vo-lo disse? Fazei bem a vossa alma.

— Estou pronto, estou pronto.

— Pois bem; venha um tabelião, e fazei o vosso testamento.

— Pois sim, venha, e ditai vós.

— Não: vindo o tabelião dissei-lhe vós a vossa última vontade.

— E minha filha aparecendo não anulará este testamento?

— Fazei vós o vosso testamento, e deixai vossa filha.

— Então quereis que mande chamar o tabelião?

— Mandai.

O padre chamou a ama, e lhe disse que mandasse logo e logo chamar um tabelião. Mandou-se, e meia hora depois ele era chegado. Paulo declarou ao tabelião, segundo as instruções do padre, que não sendo seus os bens que possuía, mas sim de um amigo, que em sua mão deixara a quantia de 50 mil cruzados, com os quais tinha negociado e até adquirido mais; por desengargo de sua consciência, entendendo que nem o principal e em os lucros lhe pertenciam, para livrar sua filha de algum trabalho depositava a dita quantia em poder dos padres da Companhia de Jesus, com a condição de restituí-la a seu legítimo dono logo que aparecesse, dando ele os sinais; sinais que ele, testador, depunha em mãos do provincial da dita Companhia. Acrescentava mais que supunha ele, testador, que o legítimo dono desta quantia em breve

apareceria, pois que dois meses antes havia recebido carta dele etc.

Neste sentido redigiu-se o testamento, aprovou-se, foi assinado, e solenemente fechado.

O leitor compreende bem a velhacada: ela encerrava-se nisso. Morto Paulo, a Companhia de Jesus tomava conta dos bens; se Clara aparecesse e anulasse o testamento, eles não tinham que restituir-lhe senão 50 mil cruzados, e os lucros prováveis de 50 mil cruzados em tantos anos; se Clara nunca mais aparecesse, e a fazenda real tomasse o negócio a peito, e vencesse, estamos no mesmo caso; e isto é encarando o negócio pelo lado pior para os jesuítas. O fundo da velhacada estava em que todo dinheiro que Paulo tivesse em moeda corrente, pois que era de supor que possuísse, ficava para sempre no tesouro da Companhia, porque Clara, se dele sabia, não podia provar que os padres haviam ficado com ele; a fazenda real o ignorava. O leitor deve estar lembrado que a quantia roubada a André por Paulo era 100 mil cruzados, e não 50. Mas montassem a quanto montassem os bens de Paulo, vê-se pela íntegra do testamento que nada era seu, que tudo quanto possuía era ganho com dinheiro alheio, e por isso pertencia tudo que tinha ao dono do dinheiro; o que não parece muito líquido, mas os jesuítas arranjariam, e este dinheiro era 50 mil cruzados, isto é, metade justamente da quantia. E pois estes 50 mil cruzados, metade dos 100 mil cruzados, é o que a Companhia devia restituir. Mas dirá um leitor esperto: "A velhacada funda-se em ter Paulo dinheiro em moeda, que a Companhia possa sonegar, e se não tiver? Se todo dinheiro de Paulo estiver empregado em bens?" Dirá o jesuíta que ditou esta idéia a Paulo: *Frusta laboravi*. Assim é, mas o jesuíta na confissão teve cuidado de pôr-se em dia sobre os negócios de Paulo, e então soube que ele tinha quase tanto em bens, como em dinheiro.

Enfim, o negócio era não menos que deserdar uma filha, ou lançar mão de metade de seus bens.

Ora, os velhacos nem sempre podem acudir a tudo. Paulo não se lembrou dos bens de sua mulher, que sendo grande parte em moeda corrente, estavam em ser, e o padre esqueceu-se de lho perguntar.

Os bens de Paulo montavam a uns 300 mil cruzados, porque só cem lhe trouxe sua mulher: o padre supôs que os duzentos, além dos cem roubados a André, eram lucro destes mesmos cem, postos em giro há tantos anos, e no caso da Companhia perder ficava sempre com 150 mil cruzados, que havidos sem trabalho nem risco não era lá coisa que se desprezasse! Se porém Clara saiße pela proa, os 100 mil cruzados que sua mãe levou certo não pertenciam à restituição que seu pai devia. Além disto, Paulo tinha só em bens mais de 50 mil cruzados. Como seja, o negócio era inteiramente jesuítico; e a Companhia tinha tudo a ganhar, e nada a perder em tal negócio!

Concluído o ato e retirado o tabelião e testemunhas, pediu o padre o testamento a Paulo para levá-lo e guardá-lo para bem de sua alma, alegando que ninguém o guardaria melhor que a mesma Companhia de Jesus e assim era; mas Paulo entendia que com seu testamento tinha mais que muito descarregado sua consciência, e que dar o testamento à Companhia de Jesus para o guardar em nada aumentava sua contrição, nem o desincargo de consciência, o que era verdade; o padre porém não se fiava muito em Paulo porque já tinha uma vez roubado 100 mil cruzados, e não era muito que agora roubasse trezentos: e ele tinha razão. Os jesuítas eram homens sábios, e não acreditavam muito em contrições, ainda até apesar do seu inferno tão horivelmente traçado.

Com efeito não era Paulo, quase moribundo, que dava que entender ao padre; mas esse mancebo que estava em seu quarto quando ele entrou (Juliano), e que com duas palavras revelou ao padre que não se assustava muito com seu inferno, não deixava de incomodá-lo um pouco; por isso o padre insistiu em levar o testamento, e Paulo, que já não tinha diante dos olhos o tal inferno jesuítico, teimava por não dar-lhe: os dois escandeceram-se e teimaram; aqui o padre esqueceu-se de sua santa missão; deslembrou-se de seu caráter de sacerdote, de homem de Deus, e de paz; e olvidou, o que mais era, o seu posto de jesuíta! Mas tinha em lembrança o dito de Jesus Cristo: "Aceitai o que vos derem". Ele tinha, pois, dado o paraíso ao doente e o doente por uma justa compensação lhe deu o que possuía, e como esta dádiva era em consequên-

cia do testamento, o padre entendia, e entendia muito bem, que o testamento era seu. Juliano, que acudiu ao motim, não entendeu, como o padre, e dirigindo-se a ele disse-lhe:

— Entendo que o testamento, sejam quais forem suas disposições, deve ficar em poder do testador, ou no de quem ele quiser. Deixai-o pois ficar e não tendes susto: o testamento será pela minha parte respeitado como uma arca santa. Sejam quais forem suas disposições, seja quem for o lesado, juro-vos que se alguém tocá-lo, nunca serei eu. As últimas vontades do sr. Paulo serão por mim respeitadas, como se fossem as de meu pai. Ficai pois tranqüilo.

Assim falou Juliano, e o padre retirou-se: logo que chegou ao colégio dos jesuítas participou ao provincial o que tinha feito; e desde então o provincial contou com as riquezas de Paulo, como já pertencentes à Companhia de Jesus.

Apenas o padre saiu, Paulo, em quem a impressão do inferno já não atuava, descobriu a Juliano o que tinha feito no testamento, confirmando todavia que um amigo lhe havia deixado aquela quantia em sua mão. Juliano entendeu tudo, e previu o fim da velhacada do padre.

Roberto, tendo assassinado Ligeiro, partiu logo para a cidade, e antes de ir ao colégio foi à casa de Paulo; quando aí chegou o padre tinha saído, o confessor, e Paulo revelava a Juliano o segredo do testamento. Tinha Juliano pois ouvido o que Paulo lhe disse, quando foi anunciado o padre Roberto. Juliano, como bom calculista, disse a Paulo:

— Revelai tudo isto ao padre Roberto: presumo que ele há de vos aconselhar para que queimeis esse testamento, e façais outro em favor de vossa filha: se assim for, segui seu parecer. Eu me oculto, e não lhe digais nem que eu sei disto, e nem que eu estou em vossa casa.

Dito isso o mancebo ocultou-se. Roberto entrou e perguntou a Paulo:

— Então, meu amigo, como estais ?

— Aflitíssimo.

— Por quê ? Por quê ? Contai-me.

Paulo contou a Roberto tudo que acabava de acontecer-lhe.

Quando o padre ouviu a história do testamento exclamou irroso:

— Como? Pois vós assim deserdaís vossa filha?

— Mas ele... o meu confessor...

— Qual confessor, nem meio confessor. Dai-me esse testamento.

Paulo lho deu, e o padre entre suas mãos frenéticas fê-lo em pedaços. Ele mesmo chamou um escravo de Paulo, e mandou, por ele, chamar o mesmo tabelião já, e já. Enquanto este vinha, disse o padre a Paulo:

— Vós não precisais testar, porque tendes uma herdeira necessária que é vossa filha, mas se quereis testai; mas testai contando com vossa filha. Nem vós podeis deserdá-la sem ofender a Deus.

Com efeito o tabelião chegou e Paulo faz novo testamento em favor de sua legítima filha, e apenas fazendo algumas esmolas em favor de alguns pobres. Fechou-se e guardou-se o testamento.

Enquanto isto se passava em casa de Paulo, o confessor no colégio dava conta de sua missão, como já dissemos, e o provincial determinava-lhe que voltasse, e ficasse sempre à cabeceira do enfermo até que ele expirasse. Assentaram pois o provincial, e o confessor, que de quatro em quatro horas iria um padre da Companhia para estar efetivamente junto do enfermo. Concordes nisso escolheram-se três dos mais sábios, com o confessor, quatro, que deviam sitiar o leito de Paulo e não levantar o sítio senão depois dele morto, e aberto e lido o testamento. O lance era seguro, e o golpe de mate; mas Roberto tinha voltado muito a tempo e posto seu rei muito bem guardado!

Assim, quando o confessor voltou para fazer o seu primeiro quarto já o testamento estava em postas, outro em seu lugar: isto porém foi com tanta presteza feito, que o confessor nem em tal pensou. Porque Roberto, apenas viu o negócio arranjado, retirou-se para o colégio. Juliano ficou.

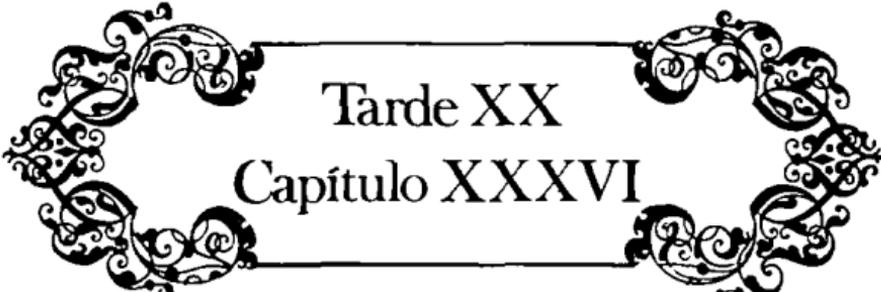
Logo que o escrivão chegou e ficou no quarto de Paulo com Roberto, Juliano chamou o escravo que havia ido chamar o escrivão pela segunda vez, e, trancando-se com ele num quarto de seu vizinho, disse-lhe que escutasse tudo quanto

no quarto de seu senhor se falasse: o rapaz, se bem Juliano o disse, melhor o fez. O escravo pois ouviu tudo quanto Roberto disse ao tabelião para que fizesse novo testamento como devia ser feito.

Ficamos por ora ignorando o fim de Juliano: e deixemos os padres da Companhia com suas esperanças.

Quanto a Roberto, tinha ele até aqui só pretendido os encantos de uma mulher amável; mas, esperançado que podia interessar essa mulher em favor de sua paixão e vendo Paulo às portas da morte, assentou que era ser tolo o abandonar tantas riquezas à discrição dos padres da Companhia, e melhor era, que, sendo ele algum dia pacífico possuidor da herdeira, o fosse igualmente da herança que lhe pertencia: e depois, adeus roupeta, e adeus ordens.

Roberto é pois uma potência em seus planos, mas agora vai ele embarçar-se com outra potência, talvez mais forte que ele!



Tarde XX
Capítulo XXXVI

Como foram os últimos momentos de Ligeiro

Deixamos há pouco Ligeiro caído no campo da fazenda do Engenho Velho, e tão malferido que pouco poderá viver.

Um dos que o haviam acudido, encarando-o, exclamou: "Rafael!" E o desgraçado Ligeiro, fixando o rosto daquele que proferia seu nome, exclamou também por sua vez: "Frei João!" Pois bem.

O leitor lembrar-se-á talvez do leigo que esmolava para a religião de Santo Antônio, a quem como donato Ligeiro se agregou. Lembrar-se-á mais que no dia de Santo Antônio uma missa nova em seu convento foi celebrada, e que na ocasião de beijar-se as mãos do novo sacerdote, Ligeiro também quis ter essa honra, mas que, encarando o frade que pela primeira vez celebrava, recuou com espanto, e o frade fazendo gestos de conhecê-lo sentiu o que quer que fosse. Certos nisto sabemos que o frei João que acudiu a Ligeiro era o mesmo, que sendo leigo sofreu de Ligeiro tantas peças, e era o mesmo que em dia de Santo Antônio tinha pela primeira vez celebrado. O frade pois disse-lhe:

— Meu filho, que é isto ?

— Ah! Meu padre, Deus é justo.

— Por que vos fizeram isto ? Sem dúvida por causa de alguma de vossas extravagâncias, não é assim ?

— Ah! Meu padre, mil vezes tenho merecido a morte, vós o sabeis: mas hoje é quando menos a mereci.

— E então por que vos fizeram isto ?

— Por querer fazer um bem.

— Por quererdes fazer um bem ?

— Sim, meu padre, sim; e disto tomo a Deus por testemunha.

— Então, meu filho, feliz de vossa alma!

— Vós o acreditais, meu padre?

— Sim, eu o acredito. Do rebanho do Senhor a ovelha desgarrada pelo mal, nunca o bem vos conduziu a ele um só instante em todo o decurso de vossa vida! Mas houve um dia feliz em que a graça do Senhor desceu sobre vós; vossa alma se encheu dela, nessa plenitude de graças, nessa enchente de celestes dons vossa alma achou graça diante do Senhor, o Senhor, que quer vossa alma, vos chama ao seu santo reino. Alegrai-vos pois em Jesus Cristo, que hoje a vossa alma será com ele.

— Meu padre, não podeis ouvir-me de confissão?

— E por que não, meu filho?

— Não me aborreceis vós?

— Aborrecer-vos eu! E por quê?

— Pelo que vos fiz durante os poucos dias que andei em vossa companhia.

— O que fizestes nada mais foi que extravagâncias do vosso gênio.

— E vós mas perdoais?

— Já nem disso me lembrava.

— Eu vos dou graças! Como sois bom!

— Aqui não há bondade, há dever. Devemos perdoar, para que Deus também nos perdoe.

— Pois bem; ouvi minha confissão.

— Dizei.

— Padre, a minha educação foi pessimamente dirigida, e minha mocidade o mais desregrada possível; todavia durante esse tempo nunca matei pessoa alguma, mas furtei tudo quanto pude apanhar. Há pouco tempo o padre Roberto da Companhia de Jesus, conheceis?

— Muito; continuei.

— O padre Roberto tomou-me a seu serviço; eu tinha-lhe afeição: como me pagava bem fazia eu tudo quanto ele queria. Eu tocava um pouco de viola, eu cantava; um dia levou-me ele para baixo de uma janela, e aí, acompanhando com minha viola, fez-me cantar uma modinha que ele me ensinou;

a princípio não soube o que isto significava; mas depois soube que era para desmanchar um casamento; porque ouvindo o noivo a modinha devia supor que era um namorado de sua noiva que cantava, e era de crer que a desprezasse. Não aconteceu assim; e o padre resolveu acabar com o noivo, que se chamava Juliano, conheceis?

— Muito. É sobrinho de um velho muito rico e benfeitor do meu convento. Prossegui.

— Fui o encarregado de procurar o assassino, como com efeito procurei; mas este não pôde dar conta da mão, e eu procurei outro, que com o padre Roberto contratou assassinar Juliano pela quantia de 30 dobras. Eu as recebi para lhas dar, mas vendo em minha mão tanto dinheiro tive vontade de o possuir. Firme nesse desejo fui ter com o assassino, que era um espanhol, e lhe disse que naquele momento ia buscar o dinheiro para dar-lhe, mas que eu duvidava de que ele pudesse cumprir com o prometido, porque Justo era um cigano a quem o moço Juliano havia feito uma esmola, e por isso Justo o tinha defendido do primeiro assassino, e defenderia do segundo, que já sabia de tudo e o iria defender. O assassino era um espanhol, e quando ouviu isto ficou um pouco incomodado, mas eu lhe disse que havia um bom meio, e era que como Justo tinha medo de aparições extraordinárias, nós arranjáramos um fantasma, a cuja vista o cigano correria, deixando Juliano exposto a seus golpes: assegurei ao espanhol que Juliano não correria porque não acreditava, nem temia tais aparições. Afirmei depois ao espanhol que apenas tivesse cumprido o trato receberia as 30 dobras: com efeito o homem conveio em tudo e eu arranjei o fantasma.

Feito isto, fui ter com Justo, contei-lhe tudo quanto se passava, e o predispus para ir em socorro do seu benfeitor. À hora contratada com o espanhol levei-o ao lugar próprio onde o nosso fantasma devia aparecer, e depois de industriá-lo, deixei-o ficar, dizendo que o vinha esperar um pouco adiante, e marcando-lhe o lugar onde esperaria. Assim pois o deixei, e oculto no mato, espireitei tudo. Chegou a hora. Juliano veio, e o espanhol começou a mover seu fantasma. Contra minha expectativa Justo não vinha com Juliano: pouco depois um vulto correndo passa por mim, eu o conheço, é Justo! Ele

sobe pela árvore acima, e desde então não duvidei de que fosse o espanhol vítima da faca de Justo. Deixo imediatamente meu posto e venho pôr-me um pouco distante, oculto em uns ramos, mas muito à beira da estrada. Pouco depois ouço um tropel de quem corre; olho, e à claridade da lua conheço o espanhol. Entendi que havia fugido à furia de Justo; eu que já tinha a minha pistola na mão, e pronta para o que desse e viesse, e como atirava bem, quando ele se emparelhou comigo disparei a pistola e dei com ele em terra. Juliano e Justo chegaram pouco depois, e vendo o corpo lançado por terra reconheceram bem que era o corpo do espanhol: eles continuaram seu caminho para a cidade, e eu pouco depois fiz o mesmo. No outro dia fui ter com o padre Roberto, e contei-lhe o sucedido, dizendo-lhe que as 30 dobras havia eu dado ao espanhol.

Desenganou-se o jesuíta que era difícil assassinar Juliano, e então recorreu a melhor alvitre. Um dia, saiu ele logo depois do jantar, e disse-me que pelas quatro ou cinco horas fosse falar-lhe em casa do licenciado Leôncio. Fui com efeito e aí disse o padre: "Ligeiro, vai ver se descobres o Juliano; se o descobrires em casa do velho Paulo, melhor; vendo-o, repara bem como está ele vestido, não percas nada, e vem dizer-nos". Parti; eram as horas de ave-maria quando o moço entrou em casa do velho Paulo, reparei bem como estava ele vestido, e fui dizer-lhes. Logo que eu lhes disse, trouxeram um fato completo e vestiram-me do modo por que estava Juliano vestido. Deram suas instruções e saíram: saí eu também pouco depois. Eles foram para a casa de Paulo; Juliano, que ali estava, demorou-se mais cinco minutos e saiu. Eu então aproximei-me da porta, aí comecei a passear, imitando em tudo o modo de Juliano. Passaram algumas pessoas e saudaram-me pelo nome de Juliano; eu contrafazendo a fala e arremedando a do mancebo respondia-lhes. Daí a pouco saiu Leôncio. Lancei-me a ele e feri-o; ele gritou que Juliano o matava, e disto se fez um crime ao moço, que estava tão inocente, como eu culpado, e se o governador não se metesse no negócio ficaria talvez perdido. Como quer fosse Leôncio conveio que ele saísse do Rio de Janeiro, o que efetivamente fez. Não sei miudamente tudo quanto se passou, o que

sei é que o padre Roberto e Leôncio convieram em mandar assassinar a Juliano ainda em Missões, para onde havia partido em companhia do governador com o pequeno exército que devia lá bater os índios comandados pelos jesuítas.

Fui eu o encarregado de ir fazer esta morte, para o que me prometeram dar 60 dobras. Com efeito recebi 30 antes de partir, devendo receber as outras 30 quando voltasse com a obra concluída. Deram-me eles um crédito; e vos afianço, meu padre, que quando o recebi estava todo ele muito e muito inteligível. Algum tempo ao depois não se viam nem a data, nem os nomes de Leôncio e do padre Roberto; aquele como devedor e este como fiador. Aqui está o crédito, vede — dizendo isto o penitente depôs nas mãos do sacerdote o crédito em questão, e continuou. — Parti, e no caminho fiz quantas extravagâncias me vieram à cabeça, mas não matei nem roubei. Antes de chegar a Missões tomei a meu serviço um amansador de burros, que por lá como sabeis chamam peões. Foi este quem por minha ordem disparou um tiro de pistola em Juliano. Eu o vi cair, e imóvel ficou sobre a terra: como vive ele não sei; o que me parece é que quem com Deus anda com Deus acaba. Creio firmemente que esse moço é guardado por um anjo.

Feito o assassinio, deitamos a fugir e o tal peão levou-me para aquela casa em que me encontrastes. Aí estava oculto no mato para escapar-me aos soldados que procuravam os assassinos de Juliano. Livre deles saí do mato e fui para aquela casa, cujo dono, dizia o peão que era seu compadre. Na manhã em que chegastes vi sair a família do dono da casa, e quando me levantei da cama achei-me só com o peão e seu compadre. Para abreviar, eles me quiseram matar, sem que me valessem os meus pedidos, rogos, promessas, e oferecimentos! Por último lhes disse que então me deixassem confessar: não havia padre, mas um deles disse que, como eu dizia que estava em pecado mortal, qualquer deles me podia ouvir de confissão. Aceitei esta proposição, e fui confessar-me com ele; a confissão que fiz foi interessá-lo em meu favor, e seduzi-lo para que matássemos o peão: prometi-lhe o quanto tinha e o quanto não tinha. Ora, como o fim deles era assassinar-me para me roubarem, o compadre do peão conveio em

quanto eu quis, e finda esta confissão o homem partiu contra seu compadre, e ambos nós matamo-lo. Logo que o compadre se viu livre do peão dirigiu-se a mim pedindo-me o dinheiro; eu o conduzi a minha canastra e disse-lhe que tirasse quanto quisesse. O homem curvou-se sobre a canastra para tirar meu dinheiro, e eu aproveitando-me disto descarreguei-lhe uma forte paulada sobre a cabeça, e dei com ele em terra: acabei de matá-lo enfim. Depois disto escondi os corpos, limpei e lavei o sangue, e tomando aquelas roupas com que me vistes, fui para o mato. Vendo-os entrar, saí, e fui falar-vos. O resto, desde que vos encontrei até que vos deixei, vós o sabeis.

Depois que cheguei procurei o padre Roberto e o licenciado Leôncio para me darem o dinheiro que me ficaram devendo, e eles caçoaram de mim!

Retirei-me, e como eu conhecia bem o padre, fiquei no corredor ouvindo o que se falava: com efeito não foi má lembrança a minha, porque logo que saí a conversa foi toda a meu respeito. O padre dizia que para manter-se o segredo deles era mister a minha morte. Ouvindo eu isto retirei-me, e fugi sempre dele, ou antes de ele me ver.

Dáí por diante, sem que ele o soubesse, eu o seguia como sua sombra; assim todos os seus passos eram por mim sabidos.

No dia em que o licenciado Leôncio se devia casar com a filha de Paulo, vi eu sair o padre da igreja da Candelária, e dirigir-se para a casa do licenciado; aí parou no corredor, falou com um rapaz de nome Apolinário, escravo do licenciado, e com a finura que lhe é própria soube deste que tinha ordem de seu senhor para matar o padre Roberto. Certo disto assegurou ao rapaz que o padre não tardava; já vedes que o rapaz não o conhecia. Dito isto, ele saiu. Pouco tempo depois voltou e como se arranjou com Leôncio não o sei eu, o que sei é que depois voltou com ele metido em uma roupeta de jesuíta. Junto da porta de Leôncio o padre deixou-se ficar atrás, o licenciado adiantou-se para sua casa, e Apolinário, que vendo vir um jesuíta supôs ser o padre Roberto, saltou sobre ele, e cravando-lhe sua faca o lançou por terra sem vida! Assim acabou Leôncio, atraído e atraído, vítima da cilada que ele a outrem armava!

Morto Leôncio, o assassino, para evadir-se à justiça, deitou a fugir; no cais de Braz de Pina atirou-se ao mar, vindo que o perseguíam. A pessoa que o perseguia era eu; atirei-me também ao mar, e perto da ilha das Cobras o segurei: aí, da boca do Apolinário soube de todas essas coisas. Leôncio mandava matar Roberto por seu escravo, prometendo-lhe carta de liberdade.

Sabendo eu disto deixei o Apolinário, e voltei, porque eu não queria senão enfronhâr-me nos crimes do padre, para depois voltar-lhe à carga com seus próprios crimes. Com efeito, pouco tardou que o padre não se assinalasse com um novo crime; e pois ele roubou a filha de Paulo.

Há dois dias, sendo quase noite, vi o padre ir à casa de um seu amigo; este tinha sege, ele pouco demorou-se, saiu, depois dele saiu a sege: segui-a e a vi parar à porta de Paulo. Ignoro o que aí se passou, o que sei é que pouco depois a filha de Paulo desceu e subiu para a sege. O boleeiro partiu, e eu segui a sege. Posso afiançar-vos quase que corri da cidade até aqui, onde a sege parou. Apenas ela parou vi aproximar-se o padre, que creio que tinha vindo antes. O padre abriu a porta de uma pequena palhoça, e para ela o boleeiro e ele levaram a moça quase fora de si.

Logo que eu vi isto voltei para a cidade com tenção de comunicar tudo ao velho Paulo ou a Juliano; mas antes de fazê-lo fui ter com um amigo meu e revelei-lhe tudo. Era porém preciso verificarmos se a moça havia abandonado a casa de seu pai por seu gosto, ou enganada: vim esta noite verificá-lo.

— E que achastes ?

— Que foi enganada por qualquer maneira. Como for, ela não veio por seu gosto.

O amigo a quem isso comuniquei também me acompanhou nesta diligência; mas não sei onde se meteu...

Neste lugar a morte parecia avizinhar-se de Ligeiro. As rosas de suas faces iam desmaiando gradualmente substituídas por uma mortal palidez; seus lábios estavam já desmaiados, como a rosa da tarde ludibriada pelo sol do meio-dia; e o brilhantismo dos seus olhos embebia-se num clarão sombrio,

que lentamente brilhava! Eram as graças do dia da vida, que se perdiam nos horrores da noite da morte!

À força de seus sentimentos, e de tão diversas emoções parecia que sua ferida se havia dilatado mais e seu sangue jorrava com força: ele já estava muito enfraquecido. Com voz pausada e desfalecida continuou:

— Eis aqui, meu padre, toda minha vida, meus erros, e meus desvarios! Mas vós que sois o depositário de meus segredos, vós que assistis meus últimos momentos, vós que recebereis meus derradeiros suspiros, vós que não só perdoareis o que vos fiz, mas que em nome de Deus perdoar-me-eis o que fiz aos outros, vós que enviareis ao céu uma prece, um sufrágio pelo bem de minha alma, já que sois o único que me assistis na hora da morte, sede, eu vos rogo, o depositário de minha última vontade. Podeis sê-lo, meu padre?

— Falai, filho.

— A minha consciência não fica desencarregada nem pela minha confissão, e nem pelo meu arrependimento, podendo eu fazer mais. É preciso restituir a honra alheia. Vós pois declarareis às autoridades competentes e a todos estas minhas confissões, devendo ser esta a minha vontade.

É absolutamente preciso, meu padre, que todo o mundo saiba que quem feriu ao licenciado Leôncio não foi Juliano; mas sim eu, por convenção entre mim, o mesmo Leôncio e o padre Roberto.

Entendo também que é necessário que as autoridades tomem conhecimento dos feitos do padre Roberto, para que este homem malvado seja punido.

Quanto à minha morte, pois morro assassinado por ele, eu lha perdôo.

— Sim, filho, deveis perdoá-lo, para que Deus vos perdoe. Perdoai-o e entregai vossa vingança a Deus.

— Sim, meu padre, eu o perdôo, para que Deus perdoe-me as que fiz... Eu o perdôo... e perdôo de todo meu... coração.

Neste momento a alma do infeliz despedaçava já os laços que a ligavam ao corpo: e à proporção que sua alma livre dessas cadeias ia subindo a seus lábios para dali remon-

tar-se a seu criador, sua vida se abatia e abismava no golfo do nada!

Neste lance um homem aproximou-se do pajem que acompanhava o religioso, e perguntando-lhe o que fazia aquele frade ali no campo com aquele homem, por boca do pajem soube do acontecido. Este homem encaminhou-se para o penitente e o frade, no momento em que este o absolvía. O penitente vendo-o estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe com voz moribunda:

— Perdeste-te de mim?

— Sim... Mas que vejo! Quem te fez isso? — disse o homem.

— Ele... o padre...

— Roberto!?

— Sim. Confessei tudo... a este religioso... e pedi-lhe que tudo revele às autoridades... E tu... fazes o mesmo... A luz me vai faltando... Isto há de ser fraqueza...

— Mas Clara? Descobriste alguma coisa?

— Sim... ela...

— Onde está? Onde está ela?

— Sim, onde está ela? — disse o frade.

— Ali... ali... naquela... naquela...

Ligeiro quis estender o braço e indicar a casa onde estava Clara; quis, mas já não teve forças para fazê-lo. Sua voz morreu em seus lábios, e seus dentes se cerraram. Todos os seus membros pareciam despedaçar-se à força de horríveis convulsões! Pouco depois expirou!

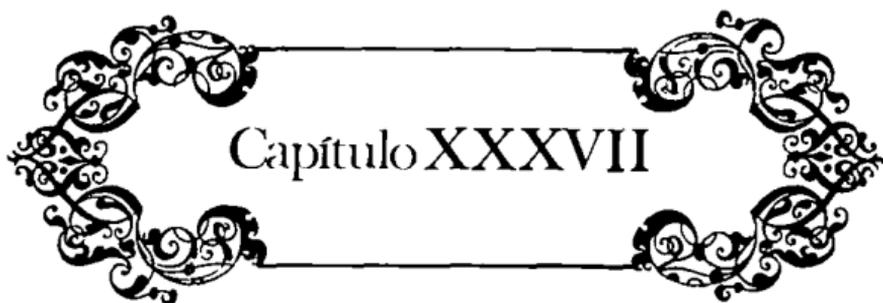
Assim acabou Ligeiro uma vida de erros e de crimes, expirando às mãos de um malvado, que o tinha feito praticar alguns!

Todavia, seus últimos momentos foram contritos. Ele revelou todos os seus erros e todos os seus crimes: mas o mais necessário não o disse, porque a morte lho embargou; era a casa onde se achava Clara.

O homem que por último havia aparecido cuidou de dar sepultura ao corpo, e o frade, tendo concluído sua augusta missão, retirou-se.

O cadáver ficou abandonado sobre o campo, enquanto o homem foi dar ordem ao seu enterramento.

Enquanto o cadáver aí esteve exposto, appareceu no meio do campo um cãozinho; cle caminhou direito ao cadáver de Ligeiro, parou perto dele, como assustado; depois aproximou-se receoso, cheirou o corpo do defunto, e não tocou, nem de leve, em seu sangue! Depois recuou, como medroso, e voltou-se, dirigiu-se para a casa, a cuja porta estivera Ligeiro escutando; ali demorou-se muito: arranhou a porta, latiu, isto por muitas vezes; diríeis que o cãozinho pedia que o deixassem entrar. Cansado deste exercício fez-se na volta, e desapareceu pelo caminho que do Engenho Velho vem à cidade!



Capítulo XXXVII

Morte de Paulo

Amor! Sentimento tão doce, e tão amargo! Oh! Como tu despedaças um coração terno em que derramas tua funesta peçonha!

Amor! Que suave, que ameno és tu, quando sem contradições desfrutas na Terra, que transformas em céu, de supremas delícias, extremados afagos de diletos gozos, que só no céu se encontram, e só no céu desfrutar-se podem!

Oh! E por que teus voluptuosos leitos de enamorados mirtos, matizados de suaves lírios, e de fragrantes rosas, mais tarde, deverão ser transformados em leitos de espinhos, onde a dor espreme de suas negras taças as derradeiras fezes de seus mortais tormentos?!

Oh! Por que tuas magras belezas, que vencem as graças todas da natureza não hão de resumir em si um céu de felicidades, em vez de um inferno de suplícios?!

Amor! Tu não tens uma só ventura! Não, que tuas supremas venturas são gemidos, que retumbam sob um céu puro, sereno, e belo! São lágrimas que tu, sorrindo, recolhes em taças de diamantes! São gotas de sangue, que tu, cantando, reúnes em urnas de ouro!

Assim amam e são amados os virtuosos! Mortais, que faremos pois? Embora, amemos, que Juliano e Clara assim se amavam e virtuosos eram! Amemos, pois! Pelejado de amor puro e virtuoso, Juliano amava como se pode amar! Poderia haver amores felizes, mais puros, porém, mais santos, não, é até impossível!

Amando pois com tanta perfeição, o mancebo não se podia persuadir de que Clara lhe fosse traidora, e nem de que ela abandonasse por vontade a casa paterna. Sim, que desde o momento em que ele de tal se capacitasse, fazia a sua amada uma grave injúria, acreditando-a pérfida! E então seu amor já não era um amor puro e sublime!

É assim que amam os virtuosos! O pesado e impuro respirar de ciúme jamais empana o brilhante espelho que reflete seus virtuosos afetos!

Juliano, apaixonado por Clara ao último ponto, nem abandonava o penalizado leito em que sofria o desditoso Paulo; porque quando não estava procurando Clara estava à cabeceira de Paulo, e quando aí não estava, estava procurando a moça!

Todas as diligências que se possam imaginar estavam esgotadas pelo infeliz mancebo. Procurava, indagava, prometia, ameaçava, e tudo era de balde; nem a menor notícia da filha de Paulo!

Juliano não comia quase, nem dormia. Seus sofrimentos começaram com o desaparecimento de Clara. Continuamente gemendo, vítima de uma cruel incerteza a respeito de sua querida, retalhado de saudades, passava as noites em claro, suspirando e derramando lágrimas de amor, de saudades e de dor, e passava os dias do mesmo modo. Suas faces estavam desfalecidas, seu rosto descarnado, seus olhos lívidos e inchados; era ele pois uma verdadeira imagem de um sofrimento cruel!

Haviam se passado já três dias depois da morte de Ligeiro e frei João não tinha ainda cumprido a última vontade do desgraçado Ligeiro.

Na noite desse terceiro, estava frei João em sua cela, e deitado sobre seu catre pensava sobre o pedido de Ligeiro, e meditava seriamente se devia ou não ir às autoridades delatar o seu colega. Frei João hesitava sobre o partido que devia abraçar, meio inclinado porém a não delatar o jesuíta. A noite ia avançando em sua carreira; era quase meia-noite.

O frade abriu a janela de seu cubículo, e dali esprou suas vistas sobre a barra do Rio de Janeiro, e por todos os lugares que esse ponto dominava. O céu estava puro, o ar

sereno, e a natureza tranqüila. A brisa dormia sossegada nos regaços das flores; não se ouvia nem o ligeiro estremecer de uma folha, nem o suave respirar da aragem. Milhões de estrelas com tremulantes luzes brilhavam na face plácida de um céu limpo e gracioso: a noite pois tinha toda a sublimidade do grave aspecto de uma noite de luar!

Pouco depois soou meia-noite. Os antigos criam, e inda hoje muita gente crê, que a hora da meia-noite é hora má! Nessa hora o inferno borbota demônios sobre a terra! Ao través das sombras da meia-noite passeiam fantasmas, e divagam larvas. Almas penitentes, que pagam pecados na terra, condenadas a fadários de alguns anos, nessa hora tremenda erram em seus cemitérios, ululando em torno de sepulcros que encerram cinzas que haviam animado! Diziam nossos antigos que essas almas não podiam entrar no céu sem certas restituições de bens, ou de honra, e que não podiam entrar no inferno, porque por alguns anos as valia a misericórdia divina: mas que se em cem ou duzentos anos, segundo era o tempo do fadário, não faziam essa restituição, eram condenadas sem remédio: e é por isso que a qualquer alma penitente sempre acompanha um demônio, causando medo àquele com quem a alma quer falar; de mim nada digo a tal respeito, mas conto o que tenho ouvido.

E, pois, a meia-noite é a hora das almas penitentes e dos demônios! Os feiticeiros também prezam essa hora para seus encantamentos. Os lobisomens deixam nessa hora a forma humana e a tomam de qualquer animal irracional, e vão farejando por imundos monturos. As bruxas, nas formas que querem, transportam-se de um pólo do mundo a outro em cinco minutos! Os anhangás, ou almas dos indígenas pagãos, apavoram os bosques! E alguma indígena encantada, como as mouras de outro tempo, nessa hora desperta de seu encantamento, para imediatamente recair nele!

E, pois, a meia-noite é a hora tremenda dos encantos, e dos mistérios! Hora má.

Mas todos esses mistérios não se prolongam muito pela noite; ao terceiro cantar do galo tudo se desvanece e a natureza recobra suas leis, suspensas em algumas partes pelas conjurações tremendas. E, pois, ao terceiro cantar do galo os

demônios desaparecem temendo o assomar de anjos, que velam sobre as leis da natureza que esses mesmos demônios por um instante interrompem, e porque Deus mesmo lhes consente!

Como dizia, estava frei João à janela de seu cubículo; soou meia-noite; apenas ela soou um repentino furacão, mais forte que a rajada do vento da tempestade, abalou a colina em que se assenta o convento de Santo Antônio, e pareceu abalá-la até seus fundamentos! O frade tremeu a um tal fenômeno, porque o céu estava claro e belo, como o de uma noite serena! Depois uma luz fosfórica, como a luz do pirilampo, começou a aparecer dentre a espessura de alguns arvoredos da colina. A luz desaparecia e reaparecia maior; e assim se aumentou até o tamanho regular de uma roda de carro. Assim, fazendo diversos giros, aparecendo e desaparecendo, à maneira de um fogo-fátuo foi se aproximando da janela em que estava o frade. Este, assustado com estes dois fenômenos, fechou a janela e recolheu-se: apenas deitou-se, viu, sem saber como e nem por onde entrou, a luz dentro da sua cela. Aí sua duração foi instantânea; mas o que é notável é que com a extinção da misteriosa luz, extinguiu-se uma luz que o frade tinha em sua cela! A escuridão foi completa, o silêncio era de túmulos!

Um instante depois, sem que o religioso visse o foco donde se partia, um pálido clarão vislumbrou na cela! Era uma duvidosa luz abafada por trevas, donde resultava uma luz equívoca por trevas, e trevas equívocas por uma luz! Dir-se-ia que era uma claridade produzida por uma luz sulfúrica! Era uma luz medonha! O religioso não a pôde suportar: ele cobriu a cabeça, e tremia de medo!

Depois um fortíssimo tremor começou a agitar a cama do frade! Já pelo movimento da cama, já pelo próprio susto, frei João tremia como o enfermo acometido de febres intermitentes na ocasião do frio!

Então o religioso ouviu passos, como de quem passeava em sua cela, e pouco depois começou a cair sobre o seu corpo uma chuva de areia; no meio dela um corpo frigidíssimo, mais frio até que o gelo, se é possível, pousou-se sobre seu peito, e aí o oprimia, como um peso enorme; era um peso de morte!

Nesta aflicção o pobre franciscano se sentia morrer, e era-lhe preciso morrer sufocado, ou pedir socorro! Nisto um gemido doloroso feriu seus ouvidos! Ele animou-se, e disse:

— Da parte de Deus te mando que fales.

Apenas assim falou, ouviu um estrondo tão grande e tão medonho, que acreditou que todo o convento desabava sobre ele! Então fugindo da cama com um grande salto ao mesmo tempo que soltou um extraordinário grito, achou-se sem saber como, no meio de sua cela! Um vulto aí estava diante dele: este vulto dirigiu a palavra ao frade, e entre eles houve um breve diálogo: o que disse o vulto ninguém o soube; o que lhe respondeu o frade não o disse ele; sua conversação foi misteriosa, e abafada ficou nas sombras de mistérios! O vulto retirou-se, deixando a cela radiante de uma luz viva e intensa, e o frade deslumbrado no meio de tanta luz. Pouco depois desvaneceu-se o clarão, e tudo estava tranqüilo! Mistério! A mesma vela que o padre tinha antes acesa, e que se havia apagado, estava outra vez acesa, sem que mão humana a tivesse apagado, ou acendido!

No dia seguinte frei João estava pálido como se tivesse desertado das fileiras da morte! Todos souberam de uma aparição misteriosa na cela do frade, todos disseram que frei João falara com a alma de um morto, mas o que houve entre os dois interlocutores não o sabiam, nem frei João o disse!

Logo pela manhã o frade vestiu-se e saiu; chegando ao colégio dos jesuítas mandou pedir ao provincial uma audiência; com efeito foi admitido à presença do provincial, e aí revelou frei João tudo quanto ouviu da boca do moribundo Ligeiro; finda uma tal revelação, disse:

— Este penitente me pediu quase expirando que tudo isto revelasse eu às autoridades competentes. Vós sabeis que provadas todas estas coisas o padre Roberto tem de ser entregue às justiças, e é o que eu queria evitar por honra do sacerdócio. Entretanto é mister que se justifique a honra de Juliano; e em todo caso não podendo vós justificá-la, é absolutamente preciso que eu revele ao mundo toda esta história.

O provincial dos jesuítas, que ouvira calado toda esta história de crimes, de escândalos e horrores, disse, depois de alguma reflexão:

— Meu padre, demorai-vos aqui um pouco, que já volto.

Disse e saiu. Pouco depois voltou com outro padre da Companhia: era um delegado do geral, que visitava o colégio, vindo de Roma. Em presença deste tornou o franciscano a contar a história: finda ela disse o padre visitador:

— Meu padre, nós vamos dar todas as providências, mas seria bom que todo este negócio ficasse entre nós.

— E a reputação de Juliano? — disse o frade.

— Esse moço, segundo ouvido tenho, é de tanta probidade que ninguém certamente acreditará que fosse ele capaz de um assassinato.

— Apesar disso eu devo cumprir com o que prometi ao moribundo a quem ouvi de confissão.

— Mas é preciso que isto fique entre nós.

O franciscano compreendeu bem a posição em que se achava, e que as palavras do padre visitador encerravam uma ameaça; para que sua resposta não parecesse o efeito de uma escolha assaz calculada, mas antes efeito de sua simplicidade, disse:

— Pois bem; ficará isto entre nós, contanto que vós, que também sois sacerdote, tomeis toda a responsabilidade moral deste negócio. Eu não quero senão que minha consciência fique pura para com Deus.

— Não tenhais susto: toda responsabilidade deste negócio fica sobre nós.

O franciscano retirou-se.

Enquanto entre o franciscano e os dois jesuítas se passavam estas coisas, outras não menos importantes tinham lugar entre Justo e o ouvidor da comarca.

O leitor sabe que Ligeiro, seguindo sempre Roberto, sabia de toda sua vida. O leitor lembrar-se-á de que a ocasião do assassinato de Leôncio, Ligeiro foi, por assim dizer, presente a quase tudo: pois bem. Ligeiro não foi só.

Quando Ligeiro veio ao conhecimento de que Roberto se queria desfazer dele, projetou vingar-se do padre, e para que seu golpe fosse mais seguro tratou de associar Justo à sua vingança. O cigano aceitou com gosto a parte que Ligeiro lhe oferecia em sua vingança, porque, no seu entender, era

mais um serviço que fazia a Juliano. No dia da morte de Leôncio, Ligeiro não estava só mas sim acompanhado de Justo, que por boca de Ligeiro sabia de todos os segredos de Roberto, Leôncio e do mesmo Ligeiro, a respeito das pretensões dos dois primeiros.

Depois do assassinato, o leitor sabe que Ligeiro seguiu o assassino, Justo tomou outro caminho. O leitor também se há de lembrar que Roberto, depois da morte de Leôncio, seguindo para o colégio encontrou por três vezes um vulto em três diferentes lugares; cumpre que o leitor saiba que esses vultos não eram mais que a mesma pessoa, que tendo falado com o padre a primeira vez em um lugar, fazendo voltas por outras ruas o ia esperar em outro, e assim falou com Roberto ultimamente já a entrar no colégio. Basta agora que o leitor saiba que essa pessoa era Justo.

Desde a morte de Ligeiro, Justo fitou suas vistas no padre que o havia confessado, e começou a esperar por suas declarações; assim se passaram três dias, e o franciscano nada fez. Justo vendo isto deliberou-se a ir por si mesmo ao ouvidor da comarca, e relatar quanto sabia; ele o fez, e, notável coincidência, na mesma hora em que o frade contava aos dois jesuítas o quanto sabia sobre Roberto, também Justo o fazia à dita autoridade, com a diferença que o padre por ser mais breve terminou a sua declaração, e saiu, dirigindo-se para a casa do ouvidor. Apenas Justo viu o frade, exclamou:

— Ei-lo !

— Quem ? — perguntou o ouvidor.

— O religioso que assistiu os últimos momentos de Ligeiro.

— Sim — disse o frade —, fui eu, e venho fazer-vos, senhor, as declarações de que estou encarregado.

— Permitis que me retire, senhor ? — disse Justo.

— Não; ficai — disse o padre — porque tudo quanto venho relatar vós sabeis.

Com efeito Justo ficou, e o franciscano declarou ao ouvidor tudo quanto soube da boca de Ligeiro, e que por pedido dele devia declarar. As declarações do frade coincidiam com as de Justo.

Depois de escritas todas estas declarações e de tomada a morada de Justo, despediu-se o ouvidor, e sem perder tempo dirigiu-se ele para o palácio a consultar com o vice-rei a respeito do negócio, porque tratando-se de crimes de um jesuíta era o negócio bastante sério.

Voltemos a Juliano.

Já perdia ele quase as esperanças de reencontrar Clara, quando na manhã seguinte ao dia das declarações de Justo e do franciscano, Paulo amanheceu melhor, ou ao menos assim o parecia. O velho enfermo assentou-se sobre seu leito, perguntou por várias coisas de sua casa, pediu comer, e no meio de tudo isto seu rosto tinha algum tanto de radiante e alegre! Todos acreditaram em suas melhoras, e até o mesmo Juliano.

Fiado pois o mancebo neste belo aspecto que representava o doente, saiu a ver se descobria alguma coisa a respeito de Clara. Desta vez deu-lhe na cabeça o ir à chácara de Paulo, e para melhor o fazer tomou um cavalo, montou e partiu. Chegando à dita chácara apeou-se; e assentado debaixo da bela mangueira tão venerada de sua querida, pousou a face sobre a palma da mão direita, e assim se conservou meditando.

Entretanto o ouvidor da comarca organizava o processo do padre Roberto, e para isso se havia oficiado ao provincial dos jesuítas, que conservasse o padre Roberto retirado até segunda ordem. A resposta do provincial foi que o padre Roberto não havia dormido no colégio, e que até aquela hora não aparecera.

Vejamós o que tem feito Roberto.

No dia em que assassinou a Ligeiro veio para a cidade como sabemos, e fez a mudança que vimos no testamento de Paulo. Ocupado nestas coisas não voltou ao Engenho Velho neste dia. No dia seguinte lá foi ter, e achou sua prisioneira tão intratável como nos mais dias. O padre tinha vontade de retirar-se com ela do Rio de Janeiro, mas para algum país estrangeiro, onde largando a roupeta pudesse viver a seu cômodo; mas parecia-lhe asneira o perder Clara as riquezas de seu pai, visto estar ele a ponto de expirar; mas a estada no Engenho Velho não era lá muito de seu agrado, visto que ali se reuniam muitos padres. Lembrou-se pois de passá-la para

a Praia Grande, e até porque ficava mais à mão, no momento do embarque. Firme nisto no dia seguinte quase pelo meio-dia embarcou-se numa falua, e dirigiu-se à Praia Grande com desígnio de procurar lá alguma casa retirada e para ela fazer conduzir sua prisioneira. Depois de lá estar e de ter procurado a casa, que achou, quando quis fazer-se de volta foi-lhe impossível, por causa de uma tempestade horrível que se deixou cair. A baía de Niterói tornou-se medonha: nenhum arrais dos pequenos barcos que aí navegavam, se atrevia a afrontar tão temerosa tormenta. Era alta noite, e a procela bramia com todos os seus horrores! Forçoso foi a Roberto o ficar na Praia Grande nessa intransitável noite! Mas com o raiar da aurora escampou-se a borrasca; e Roberto passou imediatamente para a cidade. Era no dia em que frei João e Justo revelaram os segredos de sua vida. Roberto antes de ir ao colégio foi à casa de Paulo, e achando-o melhor, conversou com ele largo tempo: despediu-se, eram quase dez horas, e foi para o colégio dos jesuítas.

Nada havia até então soado sobre Clara. Justo sabia sim que ela estava em uma casa no Engenho Velho, mas qual casa não sabia ele. Todavia, esta mesma revelação queria fazer a Juliano, mas havia dois dias que o procurava em vão.

Tornemos a Juliano.

Assentado debaixo da mangeira de sua bela, aí meditava ele sobre esses belos dias que tão gostosos lhe haviam sido ao lado da mais bela de todas as mulheres. Depois levantou-se e começou a passear pelo jardim de Clara, esse lugar tão belo, tão apazível outrora, e hoje quase abandonado! Tudo aí era destroço! Essas flores ainda há pouco tão queridas, tão mimosas de sua dona, agora lânguidas e abatidas se murchavam saudosas na ausência daquela que tão desvelada as queria.

Essas flores, esses arbustos, plantados e cultivados pela inocência, em dias de seus prazeres, e que mais belos se haviam tornado pelos sorrisos do amor, vestiam agora o luto de um jardim abandonado!

Diríeis que aí haviam entrado inimigos e assolado as belezas dessa habitação de encantos; e que seus habitantes, medrosos da morte, para salvarem suas vidas a tinham aban-

donado, deixando nela a solidão e o horror dos estragos! Era só ver tudo isto!

Juliano regou ainda estas flores com suas lágrimas de amor, de saudade e de penas! Mil vezes beijou as rodas de juncos e grinaldas murchas pendentes da querida mangueira! Relíquias preciosas de tão idolatradas flores, vós escutastes seus enternecidos suspiros, e seus dolorosos ais, e envoltos nos derradeiros aromas que então exalastes vós os mandastes ao céu! Suspiros de um virtuoso amor, gemidos de uma saudade santa, vós voastes ao céu e lá acolhidos fostes pelo anjo de amor! Pois bem; descansai no céu, descansai que os suspiros e gemidos de quem assim ama com tão eminente virtude têm lugar entre os anjos do céu!

Enquanto Juliano assim estava, ouviu aproximar-se dele um tropel ligeiro, de quem pisava mui leve; volta-se, e vê um cãozinho junto de si. O pequeno quadrúpede apenas o reconhece começa a correr em torno dele, a latir, a bater seus flancos com sua cauda, a dar todos os sinais de prazer e a festejá-lo a seu modo. Juliano conheceu-o, era o cãozinho de Clara. O mancebo vendo-o, deixando cair uma torrente de lágrimas, que se dependuravam ao longo de suas faces, começou a afagá-lo também. O animalzinho, depois que deu toda expansão à sua alegria, voltou-se e caminhou; Juliano ficou parado, mas seguiu-o com a vista: o cãozinho em vez de tomar para casa, como pareceria natural, caminhou para a estrada, aí parou, e voltando-se começou a olhar para o mancebo; vendo este imóvel, seguiu outra vez para ele, e de novo o afagou; depois tornou a caminhar para a estrada, a parar no mesmo lugar, a voltar-se e a olhar para Juliano; e vendo a este ainda imóvel, repetiu o mesmo que da primeira vez: ao vê-lo dir-se-ia que o cãozinho pedia ao mancebo que o seguisse. Com efeito, a terceira vez que o cão fez a mesma negaça o moço tomou seu cavalo, montou, e seguiu-o. O cãozinho seguiu adiante, olhando para trás uma vez por outra, e vendo que o jovem o seguia sempre, foi sempre caminhando. Juliano, entendendo que nisto havia algum mistério, fosse qual fosse, deliberou-se a acompanhá-lo, até onde parasse. Para experimentar o seu condutor, no lugar em que a estrada se dividia em três, isto é, a que vem de S. Cristóvão, a que

vem para a cidade, e a que vai para o Engenho Velho, Juliano parou fingindo hesitar, porque o cãozinho tomou para o Engenho Velho. O animalzinho vendo isto parou, e começou a latir. Juliano voltou seu cavalo, e o seguiu. O cão continuou seu caminho. Chegando ao Engenho Velho dirigiu-se para uma pequena casa coberta de sapé. Aí parou à porta, e começou de arranhar e de latir, olhando sempre para o moço.

Hesitava Juliano sem saber o que fizesse, quando dois homens, que pareciam divagar pelo campo ao acaso, se dirigiram para ele. Estes, chegando à porta e vendo os movimentos do cãozinho, perguntaram a Juliano o que significava aquilo. Juliano em poucas palavras contou-lhes tudo. Os dois como pasmos olharam um para o outro, até que um disse ao seu companheiro que fosse saber do administrador quem era que morava naquela casa. Com efeito um deles partiu. O que ficou disse a Juliano que eles eram meirinhos, e que vinham mandados pelo ouvidor da comarca a verem se obtinham notícias dessa senhora roubada: e então contou a Juliano o que sabia sobre as revelações do frade e de Justo.

Pouco depois chegou o outro meirinho seguido de um padre da Companhia, era este o administrador da fazenda dos jesuítas. O padre chegando declarou que não lhe constava que aquela casa fosse habitada por pessoa alguma; à vista do que os homens da justiça resolveram arrombar a porta.

Efetivamente o fizeram, e apenas a porta foi dentro, Juliano precipitou-se no centro da casinha, acompanhado do cão: logo que ele entrou, os outros ouviram uma voz lânguida exclamar:

— Juliano! . . .

Clara, oprimida pela dor e pelo desespero, sufocou as leis do pejo: vendo o manco, atirou-se aos braços dele, como uma vítima sentenciada à morte, que se vendo salva atira-se ao pé de seu salvador! A desgraçada lançou-se pois aos braços de seu libertador, exclamando seu nome, e ficou sem sentidos.

Juliano, voltando-se para um dos meirinhos, disse:

— Devemos levá-la para a cidade?

— Sim, sem dúvida — respondeu ele.

— Pois ide buscar um sege: ide, que eu vos compensarei.

O meirinho partiu. O padre administrador perguntava em vão a Juliano o que queria aquilo dizer, e o mancebo lhe tornava:

— Descansai meu padre, logo sabereis.

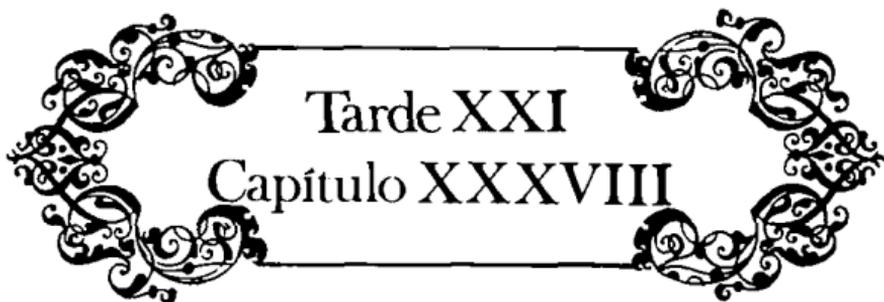
Pouco depois chegou a sege. Clara já tinha tornado a si, embarcou e veio para a cidade. Chegando à casa de seu pai tudo aí estava em movimento. Paulo estava nos paroxismos.

Juliano chegou-se ao leito do velho, e disse:

— Sr. Paulo, vivei, aí está vossa filha.

— Meu pai! — exclamou Clara caindo de joelhos junto do velho, e cobrindo sua mão de beijos e de lágrimas!

— Minha filha! . . . — balbuciou o velho. Ele não pôde mais abraçá-la; seus olhos se fecharam, para nunca mais se abrirem diante dos homens!



Tarde XXI
Capítulo XXXVIII

Do que foi feito de Clara

O leitor estimará saber como as personagens que entraram na cásinha de palha acharam Clara.

Quando entraram à dita palhoça e ouviram alguém bradar "Juliano!" procuraram ver quem era; e não viram, por entre o sombrio da pequena casa, senão um vulto, que lhes pareceu uma mulher, que no acesso de um delírio se lançou a Juliano, perdendo logo os sentidos.

Chamada à vida pelas diligências dos circunstantes, pouco depois a infeliz tornou a si, e com dois grandes olhos negros, mas encovados, contemplou os que estavam, e estendendo os braços para Juliano arrastou trêmula estas palavras:

- Salvai-me, salvai-me.
- Estais salva, salva... Não temais.

Clara ainda estava vestida como tinha saído da casa de seu pai; seus cabelos estavam confusamente caídos sobre suas costas. Dir-se-ia que desde o dia de seu infeliz rapto não tinha comido, nem dormido: seus olhos encovados, suas circumferências lívidas, e eles inchados; suas faces estavam macilentas e descarnadas; dir-se-ia uma enferma consumida e atenuada de longos sofrimentos e de desabridas dores, já tocando às portas da eternidade! Inda assim, havia nesta imagem de dor e de sofrimento alguma coisa de belo, e muito de sublime!

O meirinho, ouvindo o padre perguntar duas vezes o que significava aquilo e Juliano dizer-lhe que depois saberia, voltou-se para Clara e disse:

— Senhora, como viestes aqui parar ?

— Como ? — respondeu ela. — Como ? Oh ! Enganaram-me, enganaram-me horivelmente ! É uma infâmia ! Uma infâmia ! . . .

— Mas como, senhora ?

— Quereis saber ? Ouvi.

Clara contou como a enganaram, fazendo-a deixar a casa de seu pai, o leitor já sabe, e depois prosseguiu:

— Metida eu dentro da sege, o boleeiro partiu a bom correr. Admirada de ter andado tanto sem chegar, abro as cortinas, olho, e desconheço o lugar ! Chamo pelo boleeiro, e, ou não me ouvia, ou se ouvia não me queria atender; depois deste longo correr parou; vi abrir-se a cortina, e alguém me convidou para descer. Era o padre Roberto. Perguntei-lhe por meu pai, me disse que estava perto. Nada receava, e por isso desci: apenas o fiz lancei olhos em redor, e vi um grande campo; perguntei que lugar era aquele e o padre disse-me que era uma estrada além de São Cristóvão, que meu pai tinha vindo ali e ali lhe havia dado um ataque. “E onde está meu pai ?”, perguntei eu. “Naquela casinha”, disse-me ele. Dirigi-me para ela, e o padre seguiu-me. Eu estava quase fora de mim. Apenas entrei, ele entrou comigo, e fechando a porta achei-me só com este monstro. Perguntei-lhe por meu pai, e vede qual seria a minha admiração quando o padre Roberto me disse que eu já não tinha pai ! “Como ?”, perguntei-lhe eu. Então o padre com o maior descaramento possível declarou-me um amor indomável ! Falou seguramente meia hora de seu amor ! Supus que o padre estava gracejando, e lho disse. Fiquei fora de mim quando ele me assegurou que eu era sua prisioneira, que dali sairia para embarcarmos para a Europa, e que se eu queria ser feliz amasse a ele como ele a mim ! No meu primeiro ímpeto concebi o desejo de lançar-me a ele, e largá-lo senão expirando . . . mas eu era uma fraca mulher ! E como lutar com um homem, e com um homem disposto a todos os crimes ?

Recorri às armas das mulheres fracas, e deixei cair meu pranto, chorei, e se lágrimas de sangue eu pudesse chorar, lágrimas de sangue choraria em minha dor. Ele viu tudo isso com uma impassibilidade horrível ! Por fim disse: “Aí tendes

cama, comida e tranqüilizai-vos. E voltarei logo, quando estiverdes mais sossegada". E saiu!

Fiquei sepultada neste abandono, nesta solidão e horror! E chorava sempre! Mas lágrimas não serviam, era-me preciso tomar uma resolução, fosse qual fosse. Experimentei estas paredes, elas estavam muito seguras! Forcejei sobre aquela porta, e ela não cedeu! Minha fuga foi impossível! Era pois preciso morrer, ou acautelar-me contra qualquer violência! Descobri a toalha que cobria este tabuleiro com comida, e aí nem talher havia! Ele se tinha bem acautelado. Tomei a luz que me tinha deixado, e com ela corri toda a casa: nem um pedacinho de pau havia! Depois comecei a alumiar miudamente as paredes, e a espreitar greta por greta; felizmente em uma delas pareceu-me ver um prego; tirei-o, era um prego fino; quase de um palmo de comprimento, mas estava muito comido de ferrugem, e por isso pouco agudo. Que fiz? Fui àquela bacia, quebrei-lhe um lado, e nela comecei a aguçar o prego; com efeito, consegui fazê-lo tanto agudo quanto fosse preciso para ferir-me com ele. Feito isto, o meu primeiro movimento foi o de matar-me logo! Mas um interno sentimento me mandava viver. Alguma coisa me dizia que vós, Juliano, viríeis em meu socorro! Resignei-me pois a viver, acreditando que minha honra estava amparada por minha resolução, porque eu me mataria, se ele tentasse contra mim alguma violência!

Era já um pouco tarde quando ouvi abrir a porta; Roberto entrou: agora só me falou de venturas e de encantadores futuros; por último intentou tranqüilizar-me, e retirou-se.

Em uma madrugada porém... eu nem já me lembro de que dia, e nem há quantos dias aqui estou... Sei que foi em uma madrugada. Roberto veio, falou outra vez de seu amor, de seus planos; ameaçou-me, e por fim quis aproximar-se de mim. Então tirando eu o meu querido prego, que sempre tinha no seio, disse-lhe que se ele se aproximasse matava-me. O padre recuou cheio de horror e perguntando-me quem me havia dado aquela arma. Não lho disse, e ele se retirou furioso! Entretanto meu corpo sucumbia ao cansaço, e à fraqueza; eu não comia, não dormia temendo que ele me

surpreendesse no meu sono; passava, é verdade, por breves modorras, mas assentada sobre esta cama, e ao menor rumor estava desperta, e de pé com o prego seguro para minha defesa! Assim pois tenho passado desde que aqui estou! E acreditai que não ouvistes senão parte dos meus sofrimentos!

— Que monstro!!! Que malvado!!!

— E vós conheceis o padre Roberto, senhora? — perguntou o jesuíta.

— Oh! Antes o não conhecesse!...

— E estais certa de que foi ele o vosso raptor?

— Meu pai, senhor, é amigo íntimo do padre Roberto, e este aí a nossa casa todos os dias. Poderei pois conhecê-lo?

— Bem, bem.

— Infeliz Clara, quanto tendes padecido! — disse Juliano.

— Contudo — disse Clara —, dou por bem empregadas minhas vigílias e meus receios, porque estou pura e posso aparecer diante de Deus!

Pouco depois chegou a sege, e a moça voltou nela para casa de seu pai onde apenas assistiu os seus derradeiros momentos!

Apenas Paulo expirou, Clara caiu sem sentidos e assim foi levada para seu leito. O jesuíta, que assistiu os últimos momentos de Paulo, seguro de estar ele morto, disse a Juliano que mandasse chamar a quem competia abrir o testamento. Juliano o fez, e ao tempo que se abria o testamento um médico também chamado por Juliano tratava de Clara.

O leitor bem pode ajuizar do decaimento, e confusão do jesuíta ouvindo ler o testamento. Era de supor que perguntasse a alguém da casa o como aquela metamorfose se havia operado, e era de supor que para o saber se dirigisse a Juliano, ou à ama de Clara, ou àquele escravo, que Juliano pusera no quarto vizinho ao de Paulo para ouvir o que dissesse o padre Roberto! A Juliano não, porque era interessado na herança, segundo pensava o jesuíta, que era o mesmo que confessara a Paulo. À ama não, que lavada em lágrimas só atendia ao chorar a morte do velho. Ao escravo sim, porque chorava por satisfação aos outros, e porque este escravo quase sempre estava no quarto de Paulo, pronto para o quanto era preciso. Com efeito o padre tomou o rapaz à parte, e per-

guntou quem tinha vindo ao quarto do seu senhor, e quando. O ingênuo escravo tudo lhe contou a respeito de Roberto, e do novo testamento. O padre saiu e foi à casa do tabelião, que lhe confirmou tudo quanto o rapaz dissera.

Com esta notícia, retirou-se o padre para o colégio, onde fez uma formidável carga a Roberto.

Juliano, sem se esquecer de Clara, dispôs o enterramento de Paulo, que foi feito com extraordinária pompa; e numa das sepulturas escolhidas do convento de Santo Antônio descansa o pai da mais bela de todas as mulheres.

Voltemos a Clara.

Aflita por tantos desgostos, retalhada por tantas dores, fraca por falta de alimento, abatida por tantas vigílias, e alquebrada enfim por tantos sentimentos, não estava certamente preparada para este derradeiro golpe! Golpe cruel, que despedaçava seu coração, porque Clara amava seu pai, como uma boa filha podia fazê-lo!

Como morta, em braços de Juliano foi levada de junto do leito em que seu pai expirara para seu leito; aí por cuidados de um hábil médico tornou à vida, mas não à sua razão! Clara estava completamente louca! Causava dó e horror o vê-la!

Ora se figurava mulher de Juliano e gozando as doces, as venturosas e supremas ditas que de um virtuoso enlace uma alma terna pode colher!

Umaz vezes chamava por seu pai, e derramava um dilúvio de lágrimas! Outras amaldiçoava o padre Roberto, e repetia todas as tristes e dolorosas cenas da palhoça em que estivera!

Ao terceiro dia de sua enfermidade perdeu a fala e o conhecimento. O venerável padre Jerônimo, irmão de Juliano, era quem assistia junto do leito de seus padecimentos, e quem confortava ao infeliz Juliano! No quarto dia a enferma cerrou seus olhos, e os restos dessa beleza insigne apagaram-se aos ruídos dos passos da morte que já dela se aproximava! No quinto dia, pelas dez horas da noite, um rubor celeste cobriu suas faces! E seus lábios tornaram-se outra vez de um belo e delicioso carmim! Suas feições se animaram e ela tornou-se bela, e até encantadora! As 11 horas abriu seus grandes olhos negros, correu com a vista toda a casa, e deparando com

Juliano sorriu-se para ele, e pareceu estender-lhe a mão direita... o mancebo, caído de joelhos junto deste santo e doloroso leito, tomou esta mão tão cara, chegou-a ao peito sobre seu coração, e depois cobriu-a de ardentes e piedosos beijos! O sorriso de Clara conservou-se sempre em seus lábios; era um sorriso divino! Seu rosto tornou-se radiante e alegre, e por um derradeiro, mas milagroso esforço da natureza, ela levantou sua mão esquerda, e com o dedo índice, olhando sempre para Juliano, apontou para o céu! Depois fechou seus belos olhos, estendeu seu braços, soltou um surdo suspiro, e uma lágrima escoou-se ao longo de sua face! Mas lágrima saudosa, essa lágrima... quem sabe que lágrima é essa?...

É uma lágrima chorada pelo próprio Deus no coração do homem, no momento em que o punia no seu primeiro crime! No momento em que o degradava de seu primitivo esplendor, no momento em que o sujeitava à miséria, à morte, e à condenação eterna! Porque Deus amava os homens, antes de sua queda, como o melhor de todos os pais ama ao mais virtuoso de todos os filhos. E essa lágrima guarda-se no coração do homem até que o homem, no momento da mais tremenda expiação desse pecado, no momento da morte, a chora no meio de uma dor maior que todas as dores!

E pois essa lágrima gelada pelo bafo da morte deslizou-se sobre o rosto de Clara: não fez mais nem o menor movimento! Mas seu rosto tinha um fulgor divino, o sorriso angélico estava sobre seus lábios, e seu rosto tinha uma expressão celeste! E estava morta!!! Mas essa morte era bela, como a morte de um santo! E de tão bela que era, encantadora parecia nas faces de tão mimosa virgem! Era uma morte misteriosa!

Estava morta, mas estava bela! Diríeis que repousava em um sono tranqüilo e doce, e que nesse dormir sonhava, e belo era seu sonhar, porque era sonhar com anjos do céu, porque celeste era o mimoso sorriso que divinizava seus lábios, tanto a santidade de sua vida e as graças de seu rosto haviam embelezado os horrores da morte, que não apareciam sobre os traços de seus encantos!

Clara expirou sem fazer o menor movimento, como disse; e estava pois morta! Mas a morte quando tem de ceifar a vida de um santo aproxima-se dele tímida e respeitosa, porque

ela sabe que seu golpe é um verdadeiro triunfo para a virtude. Assim pois a morte se avizinhou dela tão mansamente, e tão mansamente desfechou seu golpe, que ninguém deu dele fé! E estava morta, e ninguém o sabia!

Junto do leito em que tinha expirado Clara estava o padre Jerônimo, e Juliano de joelhos regava a mão de sua amada com copiosas e sentidas lágrimas. Da parte dos pés estava a ama contemplando sua filha de criação e chorando. Algumas senhoras amigas de Clara, um pouco mais afastadas, faziam o mesmo. Mais adiante estavam alguns escravos tristes e melancólicos.

Entre todas estas pessoas reinava o mais profundo silêncio. Era o silêncio da morte! Ninguém se atreveu a perturbar a gravidade religiosa desta agonia santa!

Era passada meia hora depois que Clara expirara e ninguém se havia apercebido disto. A ama olhando atentamente para ela disse então para Jerônimo:

— Senhor padre, ela está morta...

Juliano largou de repente esta bela mão, já quase fria de todo, e recuando, como diante de uma visão medonha, exclamou:

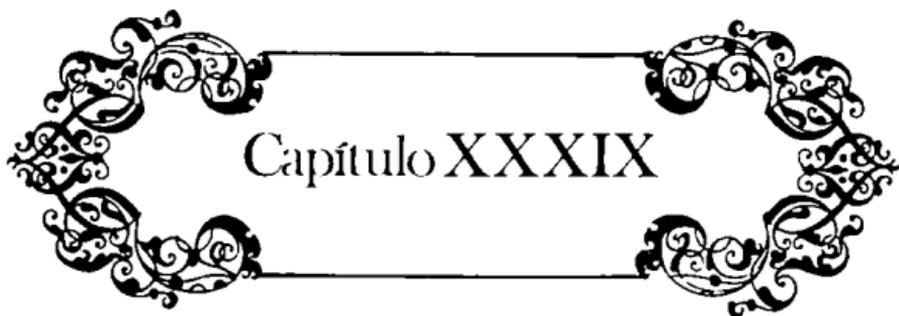
— Morta?!

Todos se aproximaram então, e depois de várias experiências, como a do espelho e outras, conheceram que Clara estava morta.

Juliano em um acesso de dor, reconduzido ao leito de Clara, caiu de joelhos e tomando outra vez aquela mão que a morte lhe arrebatava, daí ficou pranteando sobre ela. Ninguém o pôde arrancar daí, nem um conselho, nem uma palavra de consolo queria ouvir o mancebo. Só ao raiar da aurora, quando foi preciso levar-se o corpo da finada, foi que tiraram a Juliano desse estado de dor e abatimento.

Entretanto o padre Jerônimo havia rezado por três vezes algumas orações sobre a defunta, e espargido sobre ela algumas gotas de água benta.

O padre Jerônimo e alguns amigos de Paulo determinaram o enterro, que teve lugar nessa mesma tarde, e no convento de Santo Antônio, junto da sepultura de seu pai, Clara, a mais bela, a mais virtuosa de todas as mulheres, teve o seu derradeiro leito!



Capítulo XXXIX

Conclusão

Depois da morte e enterramento de Clara o padre Jerônimo levou em sua companhia seu irmão Juliano para o colégio dos jesuítas, onde esteve três dias sob o cuidado de seu virtuoso irmão, que lhe ministrava toda sorte de consolações.

No terceiro dia de sua estada na cela de seu irmão foi Justo visitar a Juliano; este disse a seu irmão que desejava fazer algum bem àquele homem, e pegando na pena escreveu uma carta a seu tio, de que foi portador o mesmo Justo; na ocasião porém deste despedir-se, o padre deu algumas moedas de prata e ouro, que montavam a 12 dobras. Justo despediu-se e foi levar a carta a Agostinho. Nela dizia Juliano a seu tio que se retirava, mas que não sabia para onde; e depois pedia-lhe que fizesse algum bem ao portador, dizendo-lhe quem ele era.

Com efeito Agostinho deu a Justo 20 dobras, com que o cigano se retirou mais que muito contente.

Nessa mesma noite, sendo meia-noite ou pouco mais, Juliano, estando acordado e pensando em seus dissabores, ouviu um som fúnebre, de uma triste campainha, que perturbou terrivelmente o silêncio dessa hora tremenda: Juliano fingiu dormir. Jerônimo levantou-se sutilmente, assegurou-se se seu irmão dormia e crendo que sim tomou sua roupa, vestiu-se e saiu, deixando a porta encostada.

Juliano, que estava meio vestido, tomou apressadamente sua véstia, e mansamente saiu atrás de seu irmão. Os corredores estavam às escuras, e o mancebo não pôde seguir Jerônimo senão pelo som de seus passos.

O padre atravessou alguns corredores, desceu por uma escada de alguns 50 degraus de cantaria, e deu consigo em uma pequena sala. Juliano seguiu-o sempre. Jerônimo tomou para uma parte desta sala e aí sobre uma porta bateu, mas de uma maneira misteriosa: a porta abriu-se, e Juliano notou que o lugar para onde entrava seu irmão estava alumiado.

Entretanto que Jerônimo entrava e a porta era fechada, ouviu o mancebo alguns tropéis sobre a escada por onde havia descido. Ora, como ao lado da escada havia um vão, aí meteu-se ele, e esperou que os tropéis passassem. Alguns passavam, é verdade, mas novos tropéis se faziam ouvir na escada: isto durou talvez um quarto de hora. Passado ele, um profundo silêncio começou a reinar no meio desta escuridão medonha! Juliano então pé ante pé aproximou-se da porta; aí aplicou o olho pelo lugar da chave, e viu que a sala estava armada de negro! Pouco depois ouviu um tropel junto da porta, e para não ser surpreendido correu sutilmente e foi esconder-se no vão da escada. A porta abriu-se, e uma procissão começou a desfilar por ela afora.

Adiante rompia a cruz, onde brilhavam as armas da Companhia de Jesus, ladeada por dois ciriais. Seguiam-se duas alas de padres, e todos eles mostravam ter de 40 anos para cima. No coice dessa procissão vinham os principais padres da Companhia, o provincial e o visitador. Aí, um padre moço e bem feito vinha manietado, tendo entre o amarradilho de suas mãos um crucifixo. Atrás destes, fechando a procissão, era carregado por quatro padres um esquife coberto por um pano negro bordado de ouro, tendo em cima as armas da Companhia. Todos estes padres, exceto os que carregavam a tumba, traziam velas ou tochas acesas, e todas elas pretas.

Com um passo lento a procissão desfilou por esta sala, caminhando todos os padres com a frente baixa, e rezando o salmo *Miserere mei, Deo*.

Atravessando a sala seguiram por um corredor. Juliano saiu de seu esconderijo e seguiu os passos desta pompa fúnebre. A procissão tinha parado em um salão, o qual era o termo do seu caminho. Felizmente para o mancebo, do lugar em que o corredor fazia um canto com o salão, podia ele ver tudo sem ser visto.

Apenas Juliano aí chegou viu uma rotura feita na parede em forma de catacumba, com a diferença de que era praticada ao alto.

Tendo parado a procissão, os que carregavam o esquite o depuseram sobre a terra: depois dois padres tomaram o que estava manietado, deitaram-no sobre o esquite, e todos os padres começaram a rezar sobre ele as orações dos mortos. Findo isto, os dois padres tomaram o que estava amarrado, e, tirando-o da tumba, collocaram-no na abertura da parede, e aí o ligaram a algumas pontas de pedras para isto adaptadas.

Ora, se Juliano conheceu o padecente não o sabemos nós, nem o disse ele.

Logo que o infeliz aí ficou, dois padres armados de colheres e trolhas, com tijolos aí amontoados e cal, que já estava pronta, começaram a edificar uma parede, cerrando a abertura, em que tinham collocado o padre que estava manietado. Durante isto os outros rezavam diversos salmos. Quando a parede esteve a chegar ao fim, rezaram o *Memento*.

O padre que oficiava lançou sobre a parede nova água benta pela última vez, e dizendo: *Requiem aeternam*, deu fim à cerimônia!

Juliano retirou-se para a cela de seu irmão, porque ele sabia quase todos os cantos, e corredores do colégio; e quando Jerônimo lá chegou já ele deitado em sua cama fingia dormir.

No outro dia havia no colégio uma parede nova e um padre de menos. O nome desse padre não o sabiam senão os maiores da Sociedade de Jesus.

Juliano nesse mesmo dia deu a seu irmão seu adeus, e se despediu para partir.

- Aonde vais? — perguntou-lhe o jesuíta.
- Não sei; mas é preciso que eu parta.
- Vais fazer alguma asneira?
- Não; eu te juro.
- Juras?
- Por Deus.
- Mas aonde vais?
- Tu terás notícias minhas.
- Tu mas prometes? . . .
- E te juro.

— Vê o que dizes, Juliano ?

— Tranqüiliza-te. Adeus.

— Adeus.

Eles se abraçaram, e Juliano partiu.

Depois que ele saiu Jerônimo achou sobre a mesa um papel escrito, tomou-o, e viu que eram versos; leu e diziam assim:

*Tu imperas em tudo, e de um só passo
De um pólo a outro a imensidade vingas;
Debaixo de teu peso onipotente
Estremecem os céus, e os céus se curvam;
Ao teu aspecto os querubins tremendo.
Com as asas de luz as faces cobrem;
Nuvens em turbilhões rolam no espaço,
Horrorosos trovões vomitam raios,
Raios, que cruzam na amplidão dos ares;
Tu passas... e os átomos se agitam
Em torno de teus pés volvendo em vórtices;
E qual poeira, transportados, tombam,
Reluzindo na esfera estrelas novas,
Tu olhas... desse olhar vacilam mundos.
Aniquilam-se globos, globos surgem,
Se consomem nações, se acabam povos,
Gemem, perecem reis, se abismam tronos;
Sobranceiro tu só, só impassível
Dos altos vês o universal naufrágio.*

*Milagre teu da criação empenho,
Augusto tipo de exemplar beleza,
Mago ideal de cândidos amores,
Minha amada, meu bem, meu ser, meu anjo,
Prodígio que tu só formar podias,
De tuas mãos o tipo mais perfeito...
Como pudeste ver sem luz, sem vida
Abandonada aos vermes do sepulcro ?!
Podias desviar-lhe acaso o golpe,
Que a ia despenhar na sepultura ?
Es Deus, és criador, tu podes tudo !
Uma palavra tua importa mundos
Criados novamente, ou destruídos !
Podes o quanto queres, podes tudo...
Mas dar-me aquela, que eu chamava minha
Podes tudo, porém... não podes tanto !
O verdor com que os prados embelezas;*

O rio, que a teus olhos se desprega;
A fonte a que tu dás caudais riquezas;
A flor, que abre seu seio ao teu sorriso;
Tudo perece, nem salvá-los podes!
Esses sóis, esses mundos, esses globos
Perecerão também! Essas belezas
Com que a face do céu sublime encantas
Perecerão também! — Só tu eterno
Tudo verás passar! — Que belos seres
Reservas algum dia à glória tua?
Mas tu me hás prometido, por teus santos,
Após de ressurgir de entre ruínas,
Outra vida melhor, vida sem termo,
De puros gozos, de prazer eterno,
E tarde, mas que importa se é perene?!
E que é preciso então? Viver tão puro,
Como Clara viveu; como na terra
Invernos trinta e três passaste justo!
Pois bem. Eu viverei, qual viveu Clara,
Morrerei qual morreu, para algum dia
Ambos nós gloriosos ressurgirmos
E vivermos sem termo entre prazeres!
Mas enquanto não chega essa hora extrema,
Na qual de um jato à eternidade eu voce, - *voce!*
Para me ligar, ligar pra sempre,
Ó Clara, ó minha luz, meu ser, minha alma,
As nossas puras relações amantes
Interromper não possa a mesma morte!
Sim, eu do teu sepulcro à eternidade,
E tu da eternidade ao teu sepulcro,
Conservemos, até que a ti me ligue,
De nosso amor as relações tão santas!
Seja a tua memória a minha vida!
E o meu universo o teu sepulcro!

Durante muitos meses nem Jerônimo, nem Agostinho souberam de Juliano, nem posso até assegurar se depois souberam dele.

Anos depois deste acontecimento soube-se haver na religião franciscana um homem, que se fez notável por sua vida penitente e contemplativa. Este frade escrevia algumas poesias, mas sempre místicas. Logo que amanhecia rezava sobre a sepultura de Clara um responso, e outro sobre a de

Paulo. Todos os dias passava uma hora rezando de joelhos sobre a sepultura da virgem. O motivo de tal devoção ninguém o sabia, nem o dizia ele!

Dois anos depois da morte de Clara, em 1759, pelo alvará desse ano de 19 de janeiro, foram os jesuítas banidos de Portugal; e pelo de 13 de setembro, publicado na chancelaria a 3 de outubro, tidos por traidores, rebeldes, e agressores, atentando contra a pessoa del-rei d. José; e por isso declarados proscritos e desnaturalizados.

Em consequência da carta régia de 21 de julho do mesmo ano, Gomes de Andrade fez prender os jesuítas no Rio de Janeiro e nas outras capitanias do Sul, no mês de novembro, mandando-os sair de todas as partes em que existiam. Com o mesmo segredo e prontidão o mesmo foi feito nas capitanias do Norte.

Outro alvará de 25 de fevereiro de 1761 mandou que os bens dos jesuítas, excetuando os que pertenciam ao culto divino e os bens que possuíam como encargos pios, fossem, como os bens vacantes, incorporados ao fisco: e revertessem para a coroa os que em favor da Companhia haviam saído da coroa. Tudo isto se praticou em Portugal e seus domínios.

Doze anos depois deste último alvará o breve do santo padre Clemente XIV (*Ganganelli*) dado em Roma em Santa Maria Maior, debaixo do Anel do Pescador, no dia 21 de julho do ano de 1773, quinto de seu pontificado, extinguiu e supprimiu a Sociedade de Jesus em todo o orbe!

Em 1797, 40 anos depois da morte de Clara, fazendo-se algumas obras na casa que havia sido colégio dos jesuítas, botando-se uma parede abaixo, descobriu-se em uma abertura na mesma parede um cadáver mirrado, pelos fragmentos de seu vestido, já muito corrompido, se veio ao conhecimento de que era um padre da Companhia; notou-se mais que fora amarrado com grossas cordas, de que ainda havia restos.

A fama destes acontecimentos souu bem depressa em toda a cidade, e grande número de pessoas foi ver o cadáver mirrado.

O franciscano que costumava rezar sobre a sepultura de Clara, que tinha então seus 70 anos, também, acompanhado de dois frades, seus amigos, foi ver o dito cadáver. Apenas o

viu, lançando uma vista curiosa pela sala, pareceu lembrar-se de alguma coisa. Ele suspirou, e duas lágrimas geladas se escoaram lentamente de seus olhos. O franciscano rezou um responso sobre o cadáver, e lançou sobre ele algumas gotas de água benta!

— Meu padre — disse um de seus companheiros —, conhecestes este jesuíta?

— Sim! E oxalá que eu nunca o conhecesse!...

Assim respondeu o velho franciscano. Seus companheiros o contemplavam com admiração, porque suas feições tinham tomado um ar divino! Parecia que em seu coração havia um importante segredo, que o despedaçava, e que ele continha a seu pesar! Era um mistério tremendo, envolvido no véu de uma dor, que o mortificava! Mas ninguém ousou tocar neste véu de tão doloroso que era!

Pouco depois um dos franciscanos perguntou ao velho religioso, mas com algum receio:

— Meu padre, e como se chamava este jesuíta?

— Roberto!!!...

Disse ele com explosão, e no arrebatamento de um delírio deixou o lugar funesto em que estava o cadáver!

O velho franciscano que rezava sobre a sepultura de Clara e de Paulo; o velho franciscano que disse que o jesuíta que ali se via mirrado era o padre Roberto, chamava-se frei Juliano de Santa Clara!!!